



NANA SIMONS

VOL II

"O JOGO COMEÇOU.."

MONSTRO

Rendido

SÉRIE NO BERÇO DA MÁFIA



O MONSTRO RENDIDO

SÉRIE NO BERÇO DA MÁFIA

VOL. II

Nana Simons
2º Edição – 2017

Copyright © 2017 Nana Simons
Todos os direitos reservados.

Revisão: Margareth Antequera
Capa: Lety Azure

AVISOS

Os primeiros capítulos serão alternados entre Antes/Agora. A história dos dois começou no passado. No "Antes" será o passado, resumindo situações que os vimos no livro 1 pelo o ponto de vista dela. No "Agora" mostra o presente (depois do epílogo do livro 1). Portanto, é importante a leitura do primeiro livro “O Monstro em Mim” para o melhor entendimento deste.

Este é um romance Dark contemporâneo, nada tradicional. Ele contém assuntos polêmicos, incluindo um anti-herói, linguagem imprópria, conteúdo sexual gráfico e abuso sexual (não romantizado). Esta é uma obra de ficção destinada a maiores de 18 anos, público adulto somente. A autora não apoia e nem tolera esse tipo de comportamento. Não leia se não se sente confortável com isso.

DEDICATÓRIA

Para Z, que deu vida a minha Anita. Todo o meu coração foi jogado nessa personagem, todo o meu amor. Obrigada por me inspirar em tantas coisas.

E para minhas leitoras, minhas Monstrinhas, por todo o carinho e apoio.

Que você se encante com Luigi, que foi o cara mais engraçado, amoroso e cafajeste que visitou minha mente.

E que Anita te de forças, pois ela foi a menina mulher mais amável que habitou meu coração.

Com muito carinho, Nana

COMENTÁRIOS DAS LEITORAS

“Ao contrário do primeiro livro, no qual o monstro certamente era o Lucca, neste, as nuances da personalidade dos dois dividem a qualidade "monstro". A Abriela definitivamente era uma santa. Mas aqui temos dois personagens cheios de complexos, medos, ódios, rancores... Pessoas que, definitivamente existiriam no contexto da máfia. Ambos sentem na mesma proporção, tudo à flor da pele. Achei que o primeiro foi f*da, mas esse... Se seguir essa linha, não sei o que vai sobrar de mim quando conhecer Alessa e Dante. Nana, parabéns! Adorei sua maneira nada poética e nada hipócrita de contar uma história. ” – **Quelita**

*

“Por muita vezes fiquei indignada com a Anita. Xinguei horrores o Luigi e falei todos os palavrões possíveis. Mas também me emocionei demais. Muitas vezes as lágrimas caíam involuntariamente ou até mesmo sem eu perceber que eu estava chorando. Tive que diversas vezes responder as pessoas ao meu redor o porquê de estar daquela forma. Lembro que lhes respondia que estava em um mundo mágico e que as vezes confundia meus sentimentos. Seu livro é isso: magia e amor.

Magia porque me transportou até onde os personagens estavam e me fez sentir o que eles sentiam. Já o amor... esse sim foi o mais lindo que tive. Foi algo memorável e eterno. Sobre sua decisão de deixar a cicatriz da Anita foi incrível, me senti representada de uma forma tão grande que me fez chorar muito e amar ainda mais esse livro. ” – **Maria Luisa**

*

“MARAVILHO. Essa é a palavra que define esse livro. Parabéns por esse trabalho incrível que me deu um misto de sentimentos, que me fez chorar e sorrir ao mesmo tempo, e que me fez amar e odiar tudo junto. Que me ensinou que quando tem amor, podemos superar tudo, que beleza não é tudo e que amarmos a nós mesmo nos faz amadurecer. Obrigada por me proporcionar todos esses ensinamentos e uma incrível leitura. ” – **Carina Beli**

*

“Mais uma vez obrigada por ter compartilhado essa montanha russa comigo. Eu viajei na sua imaginação e estou com as malas prontas para o próximo destino ou livro! Esse livro foi além de qualquer coisa que já li. Mais uma vez, obrigada. Nada que eu pense, conseguirá descrever minha gratidão pela autora incrível e maravilhosa que você é. Boas histórias não terminam com felizes para sempre, porque não é um conto de fadas, mas sim personagens fictícios que nos passam ensinamentos e como na vida nada termina em felizes para sempre. Mas ensinam que com o amor é possível enfrentar todos os obstáculos para encontrar a felicidade. Foi isso eu aprendi com você e a mente mirabolante por trás dessa triste, linda e emocionante história. ” – **Fernanda M D**

*

“Eu sinto a dedicação e o amor da autora, além do prazer de fazer mais do que simples personagens e trazê-los para dentro de seus livros. É como se ela tivesse contando a história de uma pessoa na sua própria história. Com uma crueza e sentimentos tão intensos que nem sei expressar meus sentimentos para descrever o que eu queria. Amo cada um dos personagens, com

cada defeito e qualidade. Fica complicado explicar esses livros espetaculares e a mente que os criou. Obrigada por fazer esses livros. Eu percebi, Nana, que isso é mais que um simples hobbie para você. ” – **Larissa Muniz**

Prólogo

“Nós na batida, no embalo da rede

Matando a sede na saliva...

E se eu achar a tua fonte escondida

Te alcanço em cheio, o mel e a ferida

E o corpo inteiro feito um furacão

Boca, nuca, mão...”

Cazuza – Todo o Amor que Houver Nessa Vida

Eu poderia facilmente pegar uma arma e dar um tiro na cabeça de Lucca.

Bastardo filho da puta.

Eu não podia e não queria controlar a fúria que estava queimando dentro de mim. Ele tinha todo o poder para livrar minha irmã daquele casamento ridículo, mas não. Ela seria forçada a se casar com um dos maiores assassinos da Itália. Estava tudo uma merda.

Assim como Alessa, eu tinha 15 anos quando papai se sentou conosco e falou sobre a importância de proteger nossa honra. De nos guardar.

Abriela tinha apenas 13.

Na época, eu pensei que era legal que papai estivesse cuidando de nós e nos protegendo. Aquela fantasia não durou muito tempo. Eu logo percebi que o discurso “Guarde sua honra”, era basicamente o mesmo que, “não perca sua virgindade antes da hora certa, ela é importante para os negócios da família. Sem ela, você não vale para nada”.

Quando eu fiz 16 anos, dei o meu primeiro beijo. Era um soldado do meu pai e se ele descobrisse, o cara seria morto. E não importava que tinha sido eu a seduzi-lo. Foi apenas quando eu coloquei a mão dentro de suas calças que ele congelou. Então me empurrou de lado e correu do meu quarto como o diabo corre da cruz. Depois disso eu apenas brincava ao redor. Não queria ser culpada pela morte de alguém.

Mas aquela noite... Aquela maldita noite.

Tudo o que eu queria era que minha irmãzinha tivesse alguma diversão antes da sua vida se tornar oficialmente um inferno.

Ela já tinha tomado algumas doses a mais, e estava dançando na pista com Alessa como se nada mais importasse. Ela estava com sede, então me ofereci para ir buscar algo, afinal, eu tinha

ido àquele clube tantas vezes e conhecia todo o lugar.

Estava quase conseguindo ser atendida pelo garçom do bar quando senti um puxão brusco em meu braço. Virei-me pronta para dar um soco na cara do imbecil que ousou me tocar, mas congelei.

– Luigi? – Rezei para estar tendo uma alucinação. Mas quando ele sorriu torto eu sabia que não era.

– Olá amore.

Revirei os olhos. – Não me chame assim, idiota.

– O que está fazendo aqui?

– Você sabe... não é da sua maldita conta.

– Bem... você trouxe a inocente noiva do meu irmão para este lugar, o que torna da minha conta. E automaticamente... de Lucca também.

– Não seja um estraga prazeres! Seu irmão filho da puta vai ter o resto da vida para infernizá-la. Deixe-a ter essa noite.

– Você sendo gentil soa quase fofa, amor. Mas eu prefiro sua versão bocuda.

– Você vai ver minha versão bocuda quando eu enfiar a mão nessa sua cara!

– Eu adoraria sua boca para muitas coisas, mas não isso.

– Você é nojento. – Cuspi pra fora porque ele de fato, era.

Ele deu de ombros. – Já fui chamado de coisas piores. Avise suas irmãs, nós estamos indo.

Eu parei e virei para ele novamente. – Eu pensei que nós concordamos que ela podia se divertir hoje?

– Você falou e eu ouvi. Mas não houve um acordo.

– Não pode nos arrastar para casa a força.

– Não?

Eu o encarei. Gostoso pra cacete naquele terno caro. Mas a fachada não me enganava, o assassino criminoso estava lá dentro, era apenas um disfarce. Eu sabia que ele poderia ser tão ruim quanto seu irmão mais velho, tinha ouvido as histórias.

Mas sabia que tinha uma coisa que talvez o distraísse.

Um belo par de pernas em uma saia.

Movi meus olhos dele, para a pista de dança, onde minha irmãzinha estava tendo sua

primeira e última noite de liberdade. Eu não poderia tirar isso dela, eu não queria. Na verdade, poderia ser acusada de ter todos os defeitos do mundo, mas faria qualquer coisa por elas duas.

Voltando minha atenção para Luigi, lhe dei meu melhor sorriso sacana, aquele que fazia os soldados do papai pedirem transferência e coleí meu corpo no dele. Seu corpo ficou tenso, mas ele sorriu. E eu odiava admitir, mas parecia ainda mais bonito sorrindo.

Enrolei meus braços em seu pescoço e puxei para baixo, colando meus lábios em seu ouvido. – Pare de se preocupar demais com as coisas da Família e apenas se divirta.

Senti seu corpo balançar numa risada, então sua boca estava no meu ouvido desta vez. – Sei o que está fazendo. E não vai funcionar. – Sua voz rouca arrepiou minha pele.

Ele segurou minha cintura para me afastar, mas eu fui mais rápida. Desci minha mão, indo direto para suas calças e o apertei.

Porra...

Chupei o lóbulo da sua orelha e soprei. – Parece que já está funcionando. – Apertei mais forte, o que o fez gemer. – Esqueça minhas irmãs e o que você viu Luigi, e eu vou cuidar do seu problema.

Sua mão agarrou a minha e ele se afastou. – Vadia manipuladora, eu posso cuidar do meu pau depois.

Ele deu um passo pra longe, mas minha voz o parou. – Eu sempre desconfiei que você fosse gay.

Lentamente, ele se virou. Seus olhos azuis grudados em mim. – Foda-se. – Pegou meu braço e me puxou pra longe de lá.

Eu sabia que insultar o ego masculino idiota dele seria um golpe certo. Mas quando ele me empurrou numa parede dentro de uma sala escura, comecei a repensar minha tática.

Ele me olhou de cima a baixo. E levou as duas mãos a bainha do meu vestido. Subiu o pano até minha cintura, e quando menos esperava, empurrou minha calcinha de lado, enfiando um dedo com tudo dentro de mim.

– Apertada pra caralho. Você vai ser incrível em torno do meu pau.

Ele se abaixou passando a língua molhada pelo meu mamilo depois de ter abaixado as alças do vestido. Minha boceta se apertou e começou a encharcar, me fazendo gemer, ele sugou o bico enrugado fazendo choques correrem através de mim.

Eu nunca tinha pensado em como ia perder minha virgindade, até porque não era uma grande coisa pra mim. Então Luigi ser o primeiro não fazia diferença. Eu ia entregar minha honra ao *Consigliere*^[1] da máfia, na parede de um clube. Papai ficaria tão orgulhoso...

Seus lábios subiram, tocando meu pescoço, e outro gemido alto escapou, inclinei a cabeça

para lhe dar mais acesso, porque sinceramente... o cara me arrepiava.

Sua boca desgrudou e ele me encarou. Olhei para baixo percebendo que ele já tinha aberto as calças e colocava a camisinha no seu pau grosso.

Jesus, grosso e longo.

Ele levantou minhas pernas, fazendo-me envolver no seu corpo, e automaticamente segurei seus ombros. Ele começou a esfregar lentamente a coroa na minha abertura molhada.

– Vai ser tão estreita. Como conseguiu manter essa boceta tão apertada? – Perguntou quando empurrou a cabeça pra dentro e eu preendi a respiração.

Ótimo. Ele pensava que eu era uma vagabunda que saía dando por aí. Isso era bom, pelo menos não ia desistir por medo de me desonrar.

Eu estava com uma resposta atrevida na ponta da língua quando ele empurrou num impulso tudo para dentro.

Eu gritei. A dor me sufocava, não tinha nada prazeroso naquilo.

Luigi aparentemente pensou que fosse de prazer, porque começou a se mover rápido, entrando e saindo do meu corpo dolorido. A velocidade aumentou cada vez mais. Não consegui segurar as lágrimas de pura dor que escorreram fora. Droga, eu não queria chorar.

Ele jogou a cabeça para trás, fechando os olhos e meteu mais forte ainda.

Meu vestido tinha escorregado, estava preso na minha cintura. Meus peitos balançavam livres enquanto minhas costas arranhavam na parede gelada a cada investida.

Eu sabia que perder isso tinha dor. Mas porra, não tinha nem mesmo a famosa pitada de prazer. Ele continuou metendo e metendo até o punho para dentro por não sei quanto tempo. Estava quase perguntando se podia andar logo quando ele rosnou, cavando seus dedos em minha carne, ele enfiou a cabeça no meu pescoço e mordeu.

Eu ignorei, apenas mais dor para acrescentar ao pacote.

Luigi tremeu e gemeu se esvaziando no preservativo.

Eu quase agradei aos céus.

Ele não esperou para sair de mim, a dor súbita dele arrancando de dentro foi afiada. Mas me recusei a demonstrar. Só queria ir encontrar minhas irmãs e esquecer a maldita noite.

Ele se afastou e eu quase caí no chão. Minhas pernas tremendo demais pra permanecer de pé. Apoiei-me rapidamente na parede e arrumei meu vestido.

– Mas que porra é essa...

Luigi acendeu uma luz e encarou seu pau. Eu fiz também.

O olhar em seu rosto era impagável. Meu sangue estava no preservativo, mas não importava mais, estava feito.

Abaixei-me para pegar meus saltos e sumir dali, mas ele me puxou em pé pelos cabelos. Gritando na minha cara. – QUE PORRA VOCÊ FEZ MENINA?

- Nada que você aparentemente não gostou.
- Você era virgem! Está querendo me foder?
- Eu já fiz. Agora me deixe sair.
- Sua...
- Olha só... eu não estou preocupada com minha ex-virgindade, e você também não deveria estar. Fizemos um trato, você não vai contar ao seu irmão que nos viu aqui e em troca disso, teve seu pau molhado. Aproveite a noite.
- Você tem noção do que acabou de acontecer aqui?
- Luigi... Esta me irritando! Você não se preocupou em perguntar se eu era virgem ou não.
- Como eu ia desconfiar disso? Você é oferecida e fácil, imaginei que já tinha tido muitos por aí. Foi você que veio se esfregando em mim.

Suas palavras doeram, mas ele não precisava saber disso. – Só porque uma mulher não abaixa a cabeça para você e os homens estúpidos, não significa que seja uma vagabunda!

- Não pode falar...
- Eu o cortei. – Eu não quero que ninguém saiba. Agora deixe-me ir.
- Ele me soltou e eu sai de lá. Andar era um inferno de um incômodo.

Encontrei minhas irmãs desesperadas atrás de mim e tentei acalmá-las. Sabia que devia parecer horrível e tinha consciência de que não acreditaram na minha “desculpinha” meia-boca. Mas não importava também.

Suspirei aliviada quando descemos do táxi em frente de casa. Mas durou pouco tempo. E quando eu vi Lucca DeRossi na sala de estar, parecendo louco de raiva, eu quis matar Luigi.

Não deveria ter ficado surpresa. Afinal, ele não só tinha quebrado nosso acordo, ele tinha mentido pra mim.

Até a hora que minha doce irmãzinha disse sim, eu estava pensando em mil e um planos

para tirá-la das mãos daquele monstro.

Mas falhei. Ela era dele.

Eu deveria ter tentado mais, ter convencido o meu pai de não a fazer se casar com ele, mas como? Agora ela estava condenada a uma vida de miséria ao lado daquele porco.

Um pouco mais tarde, a festa estava fluindo perfeitamente como fora planejada. Eu apenas me sentei e troquei uma taça de champanhe pela outra, cada vez que esvaziava.

Desejando secretamente uma garrafa de Bourbon. Nem mesmo conversar com Marcos, que era meu melhor amigo, e com minha gêmea me animou.

Levantei-me para ir ao banheiro, desviando das rodinhas de conversas e ignorando os olhares sobre mim. Estava mais do que costumado a ter as pessoas falando as minhas costas.

Pelo menos eu era eu mesma. Recusava-me a me moldar e ser o que nosso mundo nos forçava desde o nascimento.

Os banheiros estavam vazios, fui até o último e entrei. Tanto champanhe acumulou xixi para uma semana. Terminei e estava prestes a dar a descarga quando uma porta bateu fechando.

A risada inconfundível de Evangeline biscateira Berlot soou pelo lugar.

– Oh, *Dio mio*... Não posso esperar pra sentir esse pau enorme me rasgando!

Eu tapei a boca, impedindo uma gargalhada de sair. Jesus! Queria estar com meu celular para gravar isso.

– Você é uma gulosa, não é? Teve essa boceta fodida por toda a noite e ainda quer mais.

Meu sangue gelou na hora. Eu conhecia aquela voz. A risada a pouco, já não existia mais.

Ela riu mais alto e gemeu. – Oh... tão grosso. Sim! Foda-me Luigi, como só você sabe fazer!

Eu o ouvi rosnando. O mesmo barulho que fez ontem comigo. – Cale a porra da boca. Que boceta do caralho!

Sim... exatamente o mesmo que fez comigo.

Eu não podia ficar nem por mais um minuto ouvindo eles dois gemendo e ofegando.

Silenciosamente puxei a tranca da porta e sai correndo de lá. Recompondo-me antes de entrar no salão de novo.

"Teve essa boceta fodida por toda a noite."

A mesma noite que tirou a minha virgindade, cretino!

Estava quase vomitando quando olhei para todos aqueles rostos no salão.

Falsos, mentirosos e hipócritas.

Se algum dia tivesse alguma chance de escapar eu faria. *Dio...* eu faria.

Eu odiava a máfia. Odiava a Família. E mais ainda... eu odiava Luigi DeRossi.

Capítulo 1

ANTES

*“...atravesso o travesseiro, te reviro pelo avesso
Tua cabeça enlouqueço, faço ela rodar
Mas não sou beata, me criei na rua
E não mudo minha postura só pra te agradar”*
Ana Carolina - Garganta

Eu gostaria de dizer algo como a vida ficou melhor com o passar dos dias, ou que eu não pensei naquela noite desastrosa. Piada. Na verdade, eu pensei mais do que gostaria, e mais do que deveria.

E meus pensamentos não foram sobre como ele era gostoso, ou como eu estava com ele impregnado no meu corpo, que podia sentir seu cheiro a cada respiração. Absolutamente não. Na verdade, eu só sentia raiva. Raiva não... desgosto, nojo. Pegue todos os sinônimos dessas palavras e tente imaginar.

Raiva de ter me entregado, e ele não ter tido nem mesmo a decência de cumprir com a parte dele no trato. Porra, o cara me comeu em troca da palavra dele e volta atrás? Minha irmã poderia estar muito enrascada pela falta de palavra dele. Homem honrado era a puta que pariu. Mentiroso, covarde e dissimulado.

Durante toda a cerimônia do casamento de Ella naquele dia, eu pedia a todos os santos, a Deus, a lua, o sol, os astros, a tudo que fosse possível para que aquilo não tivesse deixado Lucca muito irritado com minha irmã. Mesmo me culpei por ter insistido em sairmos, mas o rosto feliz dela vinha a memória todas às vezes que eu me arrependia.

Eu não pude nem fazer meu discurso e tinha certeza que Alessa tinha algo a ver com isso, minha gêmea me conhecia bem demais para entregar um microfone na minha mão naquele momento. Eu não hesitaria em falar algumas verdades.

Luigi não me pediu desculpas.

Na verdade, ele foi muito bom ator em fingir que nada tinha acontecido.

O único momento que ele me deu alguma pista de reconhecimento, foi quando nós dançamos — muito obrigatoriamente — na festa. Lucca tinha acabado de sair da pista com Ella,

então Giorgia dançou com papai, Alessa com Luigi, e eu com Dante, e depois o contrário. O desgraçado segurou minha mão forte demais e a mão que deveria estar no meio das costas, estava diretamente no meu quadril. Eu estava me coçando para perguntar se ele tinha pelo menos lavado aquela mão que a pouco estava em Evangeline, antes de tocar em qualquer pessoa.

Ele sorriu, dançou, fez piadas, ironizou cada coisa possível e agiu como se não tivesse quebrado uma regra da Família algumas horas atrás.

Nunca desonre uma mulher, a menos que seja sua esposa, ou que vá ser num dia próximo. Apesar que depois do que presenciei no banheiro, desconfiava que ele era bem acostumado a fazer aquilo. O pensamento me dava mais ódio ainda, porque eu era mais uma.

Aquilo não me incomodava, afinal, minha "honra" não me servia de nada útil mesmo. Foi até bom, porque papai não conseguiria me casar sem minha virgindade, o máximo que podia acontecer, era eu viver com os olhares tortos e sendo um exemplo negativo. As mães das meninas diriam a elas "Você quer ser como Anita Bonucci? Ela se deitou com um homem que não era seu marido, agora passará sua vida sozinha e atraiu vergonha para o nome de sua família." Ponto para mim, eu já estava acostumada com isso.

Pensando por esse lado, eu deveria agradecer a Luigi, afinal, ele me livrou de uma boa.

Marcos não conseguiu me animar, nem com bebidas, nem com danças e nem com suas conversas insanas. Eu estava muito puta de ódio e louca de preocupação com Ella para conseguir me divertir.

Quando depois de algumas horas, minha irmã se despediu de nós prestes a ir para sua "lua de mel", eu queria socar alguma coisa, gritar, matar alguém. Jesus. Eu teria feito qualquer coisa só para não ter que ver minha inocente irmãzinha ser arrastada com aquele diabo.

Por isso, eu quase tive um AVC quando o telefone de Alessa vibrou na manhã seguinte, o nome "Ella" brilhando na tela.

— Por que você está ligando para Alessa e não para mim? — Eu estava irritada agora, e nem fiz questão de falar oi.

— Por que você está com o celular dela?

Eu bufei. — Porque ela não me deixou te ligar ontem à noite, então tive que pegar o dela essa manhã, eu sabia que você ligaria uma hora, mas não sabia que seria traíra a ponto de ligar para ela.

Ela riu e aquilo foi como uma lufada de ar. — Tudo bem, então por que você não vai chamá-la agora? Eu gostaria de falar com as duas.

— Ela vai ficar muito brava comigo, mas vou fazer isso por você.

Era a verdade, Alessa não se importava de dividir suas coisas, mas seu telefone era algo sagrado.

Sai do meu quarto, indo direto para o dela e dei uma batida antes de entrar. Ela estava aplicando uma máscara facial e eu resmunguei sobre ela ser uma safada e não me chamar para o tempo de beleza.

Estendi o telefone. – É nossa irmãzinha.

Ela arregalou os olhos e pulou na cama ao meu lado, então franziu a testa encarando a capinha customizada do aparelho.

– Você apenas pegou meu telefone sem minha permissão?

– Você não queria me deixar ligar para ela!

Ela apertou os lábios. – Jesus, Anita! Às vezes ainda me pergunto porque não assassinei você no útero.

– Sua cretina! – Minha boca foi ao chão com aquilo e Alessa riu.

Então ela ficou séria e colocou o telefone no viva-voz. – Ele te machucou muito?

— Irmã, ele foi bom para mim. – Ella garantiu e parecia estar sendo sincera.

– Não minta para nós Abriela Bonucci! – Alessa repreendeu.

Eu assenti concordando, porque minha irmã precisava ser sincera e nos dizer a verdade. – Diga a ela que vou cortar o pau dele e enfiar na própria bunda se ele a machucou.

– Diga a Anita que não há necessidade de ser tão sanguinária. – Ela riu, então suspirou. – Ele foi bom, não me fez juras de amor, mas posso andar. E não estou mijando sangue, acho que isso é um bom sinal.

– *Dio Santo*, Abriela! Que linguajar! Anita não é uma boa influência. – Nós tentamos, mas não conseguimos segurar a risada.

No meio disso, ouvimos um barulho do outro lado da linha e um grito de Abriela, algumas palavras desconexas para nós, então ela estava de volta. – Eu oficialmente odeio Luigi DeRossi.

– Era Luigi? – Alessa exalou. – Eu já estava pensando em chamar papai. Você me... – Não deixei que ela terminasse e arranquei o celular de sua mão.

Minha cabeça ainda girando ao redor de Luigi e minha irmã num cômodo sozinhos e ela nua.

– O que está fazendo com Luigi?

Ela não respondeu de imediato. — Ele entrou no banheiro porque me ouviu gritar, eu estava rindo. Agora vou sair e ir garantir que Lucca saiba disso pela minha boca, não quero morrer hoje. Você tem um problema irmã?

– Não! – Eu respondi mais rápido do que deveria. – Qualquer coisa nos ligue ou mande

mensagem, sim? Fique bem, amamos você.

Desliguei o aparelho e levantei da cama, muito ciente dos olhos de Alessa em mim.

– Eu ainda queria falar com ela. – Ela bateu.

Sem a encarar, sai do quarto. – Ligue novamente.

Fui para o meu e fechei a porta. Meu corpo todo tremia de raiva. Eu queria dar um soco no desgraçado.

Sabia que talvez tenha deixado uma impressão errada para minhas irmãs, mas me preocuparia com aquilo depois. Meus pensamentos foram de volta para Luigi estar sozinho com minha irmã. Não era isso que me incomodava, ele poderia ficar sozinho com quem quisesse, eu não ia dar uma merda.

Mas não o queria perto de minha irmãzinha, já era uma missão de bosta ela ter que conviver com o irmão dele. Então era isso. Eu estava preocupada com Abriela, mesmo porque ele foi apenas o homem que tirou minha virgindade e fodeu com outra a noite toda depois. Nada contra isso também, não era da minha conta. Só minha irmã era.

Apenas o bem-estar dela. Luigi DeRossi não era nada para mim.

Alguns dias depois a minha raiva estava quase esfriando e isso era ruim. Eu queria sentir raiva, porque se não fosse isso, começaria a pensar na situação e consequentemente nele de outra forma. A raiva e o ódio eram mais seguros de se sentir.

Fora isso, a vida continuou a mesma, eu falava com Marcos pelo telefone até dormir, lia muito, e passava o tempo perturbando meus irmãos. Só não estava saindo.

Antes do casamento, eu conseguia fugir constantemente para algum clube, mas estar diretamente ligada com o Chefe, nos trouxe mais guarda-costas, ou seja... monitoração vinte e quatro horas por dia.

Eu me contentava em ler e usar meu celular para me comunicar. Pelo menos por enquanto.

Naquele momento mesmo, lia sobre um doutor quente como o inferno, e já estava começando a ter sonhos o imaginando como Chris Hemsworth. Tão sexy...

– Não está ouvindo eu te chamar?

Eu pulei assustada, joguei uma almofada com tudo em Bernardo e o idiota riu.

– Por que está tão distraída?

– Eu estou lendo. Saia.

Fazendo o oposto, ele entrou, pisou no meu tapete de sapato e pulou em cima de mim. Rotina normal de quando queria me irritar.

– O jantar vai ser servido. – Ele disse, e passou o dedo pela tela do meu tablet.

Tirei do alcance dele e o empurrei. – Então vá comer e me deixe em paz.

Virei para que não visse meu sorriso, mas ele sabia que eu sorria. – Ah, por favor irmãzinha. Qual a graça do jantar em família se você não vai estar lá para irritar Leon e Lorenzo?

Há muito tempo Bernardo não chamava nosso pai, de pai. Não que papai fizesse questão ou se incomodasse, Lorenzo estava do lado dele, então bastava.

– Bem, você vai ter um jantar tedioso, Lorenzo tem sido infernal comigo, não vou me sentar à mesa com ele.

Bernardo parou de sorrir e me encarou. – O que ele fez?

Eu dei risada e beijei seu nariz. – Ele respirou.

Meu irmão quase riu. – Não brinque com isso, se o idiota tocar em você, importunar você, você me fala. Entendeu?

Eu assenti.

Bernardo foi aquele que cuidou de mim em uma das vezes que Lorenzo me bateu, na pior delas. Um nariz quebrado, pulso torcido e alguns hematomas. É claro que quando eu finalmente disse que foi nosso irmão mais velho o autor da obra, Ber fez nele um estrago bem pior.

Eu não odiava Lorenzo por isso. Logicamente eu faria se meu nariz tivesse ficado torto para sempre, mas como não ficou, eu superei. Ele nunca me pediu desculpas e nunca tinha me agredido tão duro novamente.

Agora seu foco era me empurrar, puxar o cabelo e falar coisas... más. E não, isso não era provocação de irmãos. Na primeira vez que ele me bateu, perguntei porque tinha feito aquilo, ele me disse apenas que precisava descontar o que passou na sua iniciação em alguém. E eu era muito má, então merecia.

Eu fiz o que qualquer pessoa faria, peguei um cabide que estava perto e quebrei na cabeça dele. Então corri para o escritório de papai e lhe contei. Ele ouviu tudo atentamente e disse “Não é certo bater no seu irmão Anita, ele é um homem em fase de crescimento, deixe-o”.

Sim, minha bunda.

Cada vez que ele fazia algo para mim, eu devolvia. Eventualmente Bernardo descobriu e começou a devolver também. Então Lorenzo deu um tempo.

Meu irmão me sacudiu de volta ao presente. – Vamos! Faça o que você quiser.

Eu franzi os olhos para ele. – Essa é uma promessa perigosa.

Meu irmão sorriu. – E não é assim nossa vida?

Sim, era e acabou que eu fui jantar com eles. Não teve nada tedioso e no fim papai estava definitivamente irritado.

Capítulo 2

ANTES

*“...eu passava todas as minhas noites e dias sonhando acordada
Olhe pra mim, eu sou grande agora, disse que faria alguma coisa
Disse ao mundo que eu ia só me divertir
Mas agora, vadias, eu que mando aqui...”
Beyonce – Grown Woman*

– Você acha realmente que esse vestido é adequado? – Alessa perguntou mais uma vez.

Eu coloquei as mãos sobre meus seios e a olhei pelo espelho. – Acho até comportado demais.

– É o aniversário dela, não o seu, você sabe... ela é o centro das atenções hoje.

Dei-lhe meu melhor sorriso e coloquei a tarraxa no brinco de pérola. – Não vejo problema em brilhar mais que ela. É apenas... natural.

Alessa levantou uma sobrancelha, mas não comentou.

– Ella ligou? – Perguntou.

– Pensei que ela tivesse ligado para você. Avisou a ela que íamos buscar os vestidos, sim?

Alessa assentiu. – Ontem pelo telefone, pouco antes de Lucca chegar.

Revirei meus olhos. – Ele provavelmente não a deixou ir. Vamos vê-la na festa.

Quando o carro estacionou em frente ao salão onde a festa aconteceria, eu quis gargalhar. Ela ia completar vinte e um anos e era aquele o lugar onde comemoraria?

Meus vinte e um anos seria épico, porra.

Não tinha nenhum fotógrafo, limusines ou tapete vermelho. O que era de se esperar, afinal,

a Família não era escandalosa sobre nosso estilo de vida. É claro que as pessoas sabiam quem nós éramos, mas não se atreviam a nos expor ou falar sobre isso. Na Itália, saber que a máfia existia era uma coisa, mas falar sobre ela, ou escrever sobre ela era manchar a nação. Como se a beleza e a cultura italiana fosse ser desvalorizada. Mais ou menos como falar para uma mãe que seu filho não prestava, ou tão ofensivo quanto dizer a um marido que sua esposa o trai.

Mas é claro que a modéstia ficava só do lado de fora. Pois assim que passamos pelas portas principais do salão, a riqueza, o luxo, a soberba exalavam em cada parede.

Os vestidos caros, os sapatos de luxo, cada penteado estrategicamente montado e as maquiagens que demoraram horas para serem feitas.

O mundo completamente escondido da qual eu daria tudo para sair.

Alessa grudou no meu braço e me arrastou até a poltrona cheia de pompa onde a aniversariante estava sentada. Esperamos na fila algumas pessoas entregarem seus presentes e quando chegou nossa vez eu coloquei a caixa de “sabe-se lá o que”, na mão dela com meu sorriso mais falso, afinal minha irmã tinha comprado meu presente, por mim eu apareceria de mãos vazias. – Péssimo aniversário pra você.

Evangeline franziu os lábios para mim e jogou a caixa de lado, sorrindo para Alessa como se eu não estivesse lá. – Lessa, fico feliz que aceitou meu convite. Onde está Ella?

Minha irmã se inclinou, lhe dando um beijo de cada lado. – Deve chegar em breve. Feliz aniversário Evangeline, está lindo aqui.

Revirei meus olhos e puxei Alessa antes que a vaca respondesse. – Por que no mundo você é tão simpática com ela?

– Ser hostil com todo mundo não vai resolver seus problemas irmã. E eu sou educada, é diferente.

– Não importa. – Resmunguei enquanto caminhávamos até a mesa de nossa família. – Por que você acha que Ella ainda não chegou?

– Provavelmente está ocupada, mas vai chegar. – Respondeu vagamente olhando para os lados.

Puxei um garçom que passava atrás de mim. – O que você leva aí, benzinho?

Ele arregalou os olhos e engoliu. – Whi—whisky senhorita.

Eu ri e peguei dois copos. – Obrigada gracinha. – Quando ele virou de costas, belisquei seu traseiro. Ele pulou e me encarou chocado.

Alessa levantou uma sobrancelha para mim, quando me volvei para ela. – Isso era realmente necessário?

Virei o líquido escuro de uma vez e bati na mesa de volta, atraindo olhares tortos das mulheres das mesas próximas. – Não posso evitar, eu amo uma boa bunda. Voltando ao assunto, o

que Ella teria de mais importante para fazer do que vir a uma festa da Família conosco?

Alessa olhou em volta mais uma vez. – Ela é uma mulher casada agora, certamente há muito o que fazer.

Alcansei seu braço e puxei alguns pelinhos fazendo-a pular. – Preste atenção em mim. O que você tanto procura?

Ela se remexeu na cadeira e desviou o olhar. – Nada.

Puxei os pelos mais uma vez. – Anita! Pare com isso!

– Então pare de mentir para mim!

– Eu não estou... – Ela ficou quieta e seus olhos foram atrás de mim. Sua feição endureceu e desviou o olhar.

– Alessa o que foi?

– Eu não... não é... eu já volto. – Então ela se levantou e correu.

Levantei-me pronta para segui-la, mas quando virei eu o vi.

Ele estava com um braço sobre os ombros da aniversariante – vulgo prostituta – mexendo em seus cabelos e sorrindo como se ela fosse um pedaço de carne. Continuei observando. Ele olhou ao redor, então falou algo no ouvido dela e deu um aperto em seu quadril. Nojento.

Desviei meu olhar porque sinceramente, ninguém merece. Ao seu lado estava Dante, ele olhava com sua cara típica de indiferença, porém seus olhos estavam sobre Michela Gianni. A bela sobrinha de Ciro, um dos capos passava descaradamente os dedos pelo o braço dele. Eu podia ver seus lábios se movendo e ela perto demais de seu corpo. No entanto, Dante não parecia afetado. Mas até aí, ele nunca parecia.

Eu já tinha ouvido os soldados os chamarem de morto vivo, zumbi, e todos os sinônimos possíveis da palavra.

Os três homens mais poderosos da organização não podiam ser mais diferentes. Luigi estúpido era um pau ambulante, todo cheio de piadas e ironia, jogando seu charme barato em qualquer coisa que se movesse, já Dante, era um mistério. Você nunca conseguia uma reação dele. Ele parecia sempre indiferente, como se não ligasse e nada importasse. Vazio e oco.

Lucca era a personificação do mal para todos que o conheciam. E é claro, um dos beneficiários de todo o meu ódio. Antes de saber que ele queria minha irmãzinha, eu não podia dar um pingão de IBOPE para o cara. Mas isso mudou. E drasticamente.

Eu comecei a me mover para eles, pensando de repente que **era** minha única chance de saber se Ella estaria vindo ou não. A poucos passos de distância Luigi levantou seu olhar para mim. Consequentemente Evangeline fez o mesmo e grudou mais ainda nele. Quase revirei meus olhos.

Ela podia ficar com ele e fazer um ótimo proveito, eu não queria nem mesmo um pedaço.

– Dante, posso falar com você? – Fui direto ao ponto. E agora Michela estava raivosa para mim.

Ele acenou e me seguiu para fora da roda.

– Enquanto algumas são tão receptivas, outras são amargas como cerveja de boteco quente. – Luigi comentou, fazendo as duas darem risada como colegiais.

Virei-me para eles e sorri debochada. – Tenho certeza que elas estão sendo muito receptivas. – Olhei para Evangeline – Inclusive... seja mais silenciosa quando estiver recepcionando.

Não esperando sua resposta virei as costas. Afundei na minha cadeira e tomei a dose do outro copo que tinha pego quando cheguei.

Dante continuou de pé.

– Você vai sentar ou está esperando criar raízes?

Ele olhou ao redor antes de se voltar para mim. – Você veio sozinha?

– Não. Alessa está em algum lugar por aí, então vamos apenas direto ao ponto porque eu preciso ir atrás dela logo.

Ele estreitou os olhos, então assentiu. – O que você precisa?

– Onde está o cretino do seu irmão?

Ele só me olhou. – Onde está seu respeito?

Revirei os olhos. – Certo. Onde está nosso honrado patrono e protetor chefe?

Um lado de sua boca contraiu. Ele suspirou e tomou um copo que o garçom trouxe direto para ele.

Eu franzi a testa. – Por que não tenho bebidas exclusivas para mim?

Dante suspirou. – O que você quer com ele?

Eu sorri e fiquei de pé na sua frente, e minha cabeça nem chegava em seu ombro.

– Com ele? Apenas que morra. Mas... ele é infelizmente casado com minha linda irmã, então sabendo onde ele está, eu sei onde ela está.

– Lucca deve estar aqui em breve.

– E Abriela?

– Porra você é uma dor na bunda, não é?

Dei de ombros. – Eu tento.

Ele balançou a cabeça e olhou por cima de mim. – Isso é tudo o que você precisa?

– Você foi praticamente inútil então...

Dante me deu um último olhar antes de bater o copo na mesa e sair de perto.

Eu tomei meu lugar na mesa novamente. Mal tinha chegado e já queria ir embora. Geralmente eu não frequentava as festas de aniversário da Família. Eram sempre paradas e cheias de frescuras. Bem diferente dos outros eventos. Por mais que eu odiasse tudo isso, eles definitivamente sabiam como dar uma festa.

Vi Alessa atravessando o salão direto para mim e olhei ao redor. A maioria estava sentada. Apenas algumas pessoas estavam na pista dançando.

Minha irmã pegou meu copo, tomou o resto e estendeu a mão. – Vamos embora.

Abri a boca para argumentar e foi quando eu vi os dois na pista de dança.

Eu queria dizer que não me incomodava o sorriso gigante de Evangeline enquanto girava pelo lugar nos braços de Luigi. Braços que me seguraram contra uma parede suja e me fodia até o fim dos tempos. Ele também sorria. Mas não era com adoração, como ela fazia com ele. Era com fome, desejo e luxúria. O jeito que ela olhava para ele, como se ele fosse seu mundo, me irritou.

Não! Me intrigou.

Não tinha porque me irritar. Não mesmo.

Balançando a cabeça longe deles, olhei para Alessa e assenti. Nem mesmo perguntando o porquê de ela querer fugir de lá tão rápido. – Sim, chega dessa merda de festa.

Meus pés estavam me matando. Praticamente corri para dentro a fim de tirar o sapato que apertava meus dedos e já nem circulava o sangue mais.

Alessa me seguiu rindo. – Você insiste nesses saltos exageradamente altos e finos, sabe que vai chegar a ponto de arrancar os pés fora.

Passei o pé pelo o chão gelado apreciando o alívio. – O que importa é que eu estava absolutamente linda.

– E estar linda é mais importante que conforto?

– É claro! E nós não fomos abençoadas com pernas longas ou sermos altas, os saltos servem para consertar isso.

Alessa balançou a cabeça e abriu a boca, mas não teve chance de falar. Papai surgiu com Lorenzo, e seus rostos inexpressivos me deixaram tensa.

– Sentem-se.

Hesitei, mas nós fizemos. Pela cara dele, eu soube que não era um bom momento para tirá-lo do sério.

– Algo errado *papa*?

– Abriela sofreu um acidente na tarde de ontem. – Disse com tranquilidade.

Eu estava fora do sofá gritando num só segundo. – O QUE?

– Baixe o tom. – Ele repreendeu. – Sua irmã se acidentou, mas já foi atendida pelo o médico da Família e medicada. Ficar bem.

– Você está louco?

Ele deu um passo em minha direção. – Eu disse para baixar o tom.

Eu estava desacreditada.

– Você acha que tentar me intimidar vai me calar? Eu quero saber de Ella!

– Pai, por favor... É nossa irmã. – Alessa pediu educadamente.

Nosso pai a fitou. – Eu deveria dizer apenas a você. Deixar essa descontrolada no escuro, seria um bom castigo, não?

Alessa ficou quieta por alguns segundos, então se levantou devagar e o serviu de uma bebida. – Não acho que há necessidade disso *papa*.

Ele me olhou raivoso, depois se sentou. – Lucca chegou em casa, ela correu para encontrá-lo e caiu da escada. Uma fatalidade.

Eu dei uma risada amarga. – Caiu da escada? Realmente?

– Foi o que Lucca me relatou.

– Oh, e você certamente acredita nele.

– Anita... – minha irmã chamou.

– Aquele cretino *disgraziato* está claramente maltratando sua filha e você apenas senta sua bunda aí e bebe seu whisky caro?

Lorenzo chegou perto e segurou meu rosto. – Vigie o que sai dessa sua boca imunda.

– Não tão suja como a sua que chupa as bolas do chefinho para manter a moral. E eu sou a errada irmão? Tsc tsc. Reveja seus conceitos.

Mal vi sua mão levantando, só senti meu rosto virar. Alessa estava atrás de mim me segurando antes que pudesse cair.

Lorenzo olhou para meu pai, depois para mim. – Se ele está fazendo qualquer coisa com

ela, é porque ela merece. Vocês são todas incapazes de serem respeitadas, mas estou entusiasmado para colocá-la na linha, irmã.

Papai ficou de pé e arrumou o terno. – Vocês podem ir visitá-la amanhã.

Alessa me ajudou a ficar de pé e equilibrada, e caminhou para frente. – Mas papa...

Lorenzo deu um passo para ela, fazendo-a se calar imediatamente. – Amanhã.

Depois disso eles saíram da sala.

Minha irmã me empurrou sentada e começou a analisar meu rosto.

– Não há marcas.

Engolindo o choro, eu rosnei. – Eu os odeio.

Alessa beijou minha bochecha e acenou. – Eu sei.

– O que ele fez com nossa irmãzinha, Lessa?

– Eu não sei... Por enquanto vamos acreditar no que eles disseram e...

– O que? Não! Não, porque eu sei que não é a verdade!

Ela suspirou pesadamente e pegou minha mão.

– Vamos deitar, amanhã a veremos.

Eu a segui no modo automático para o meu quarto. Quando me colocou na cama, como se eu ainda fosse uma criança, vi o quanto aquilo a estava machucando.

– Lessa... – Sussurrei. – Diga-me o que está pensando?

Seus olhos marejados encontraram os meus. – Nunca.

– Por que? Não confia em mim?

Ela deu um sorriso triste. – Apenas não quero que tenha pesadelos. Agora durma, sim? Vamos ver Ella amanhã.

Eu virei e revirei na cama por horas esperando o sono chegar.

Na verdade, sentia muito sono, mas não conseguia pregar os olhos. Ficava imaginando mil e uma coisas acontecendo com minha irmãzinha e a vontade de correr para ela só aumentava a cada minuto.

Mais do que angustiada me virei na cama. Mal percebi quando finalmente consegui cair no sono.

No dia seguinte, nós fomos até Ella bem cedo. Tinha dormido definitivamente mal, mas não estava com um pinga de cansaço. Um dos “armários” de Lucca estava na porta da casa de braços cruzados, óculos e toda a pose de malvado.

– Saia. – Rosnei para ele. Pateticamente porque ele nem se mexeu.

Alessa tomou a frente me empurrando para o lado e suspirou. – Por favor, queremos ver nossa irmã.

– O chefe não deixou a entrada de ninguém autorizada.

Se eu soubesse algo sobre artes marciais teria dado um golpe fatal nele, bem naquele momento. Dei mais um passo à frente pronta para causar um inferno, mas Alessa foi mais rápida.

Como algo que eu nunca tinha visto antes e nunca teria sequer imaginado, minha irmã balançou a cabeça lentamente, então abriu sua bolsa e tirou uma arma de lá. Eu ofeguei quando ela mirou bem no rosto dele. O homem não esperava aquilo, sua única reação foi ficar de boca aberta, assim como eu.

– Eu esperava que fosse dizer isso, agora veja... minha irmãzinha está aí dentro sabe lá Deus como e precisando de nós. Saia ou eu vou explodir sua cabeça.

Se eu não tivesse muito espantada com aquela cena teria rido da cara de medo do homem. Ele deu dois passos para o lado nos deixando entrar. – Vou comunicar isso ao chefe.

Alessa não parou de andar, mas falou por cima do ombro. – Comunique o próprio diabo se você quiser.

Alcançando seu braço, subi a escada ladeada com ela. – De onde veio essa atitude? E porra, essa arma?

– Ninguém fica entre eu e minha família. – Declarou firme. – E minha arma... algumas vezes na vida você precisa aprender a se defender. – Ela parou de andar e me encarou, engolindo em seco. – Nem mesmo a Família pode nos proteger de certas coisas.

Não tive a chance de perguntar mais, pois ela voltou a subir a escada.

Partiu meu coração ver minha doce irmãzinha deitada, dormindo e machucada naquela cama.

Aparentemente, Lucca tinha ido ver negócios da Família com Luigi, então nós passamos um tempo com ela. Eventualmente Giorgia apareceu e nos contou o que o médico havia dito. Ela

sofrera um acidente e caiu da escada, teve uma concussão e vai acordar quando estiver pronta.

Eu gostava de Giorgia.

Não tinha nenhuma conexão com ela, ou passava tanto tempo quanto minhas irmãs, mas entre todas as mulheres casadas da Família, ela era uma das raras que nunca me deu motivos para não simpatizar. Ela nem mesmo brigou comigo enquanto eu gritava xingando Lucca de todos os nomes que conseguia me lembrar. Ela só ouviu e mandou que a empregada buscasse água para mim quando acabei meu desabafo.

Algumas horas depois, Lorenzo apareceu levando eu e Alessa, a contragosto para a casa.

Papai e ele agiam como se nada tivesse acontecido, como se sua filha e irmã não estivesse sofrendo.

Eu porra, odiava aquilo.

Alessa se despediu de mim no topo da escada e se trancou em seu quarto. Tanto quanto eu queria ficar sozinha, também não seria uma boa companhia naquele momento. Então fiz o mesmo.

Pedi a Deus que minha irmã acordasse e de alguma forma, ficasse livre daquele inferno.

Capítulo 3

ANTES

*“...a batida do meu coração pula quando estou com você
Mas eu ainda não entendo
como consegue fazer o que ninguém mais consegue
Você está me deixando louca agora...”
Beyonce – Crazy In Love*

— *Anita per l'amor di Dio. É a semana de moda em Milão!* – Marco me lembrou, pela milésima vez.

– Eu sei, eu sei disso há meses, você nunca me deixa esquecer.

— *E ainda assim você não quer ir! Tem noção de quantos turistas vão aparecer? Eu finalmente posso encontrar meu deus grego!*

– Sim meu amor, você vai encontrá-lo e o que, fugir com ele?

— *Ainda não cheguei nessa parte do plano, mas vou pensar em algo. Vamos naquele karaokê. Preciso espalhar antes que eu tenha um derrame. Vou ligar pra Heloína. Beijinhos.*

– Marco... – Dei risada, – ok, ligue para ela. Beijinhos.

Eu estava deitada pouco ansiosa para começar o dia, pensando seriamente em não levantar.

Entre lembrar dos acontecimentos da festa de Evangeline e ter minha cabeça cheia de preocupação com Abriela eu estava tendo um tempo ruim.

Era quase oito da noite quando consegui sair de casa num simples vestido azul bebê e botas acima do joelho para encontrar meus amigos no lugar combinado. Meu cabelo estava solto, numa bagunça longa e escura.

Foi uma missão quase impossível sair sem ser vista e para piorar o táxi demorou uma eternidade, quando finalmente chegou fui o caminho todo preocupada que alguém tivesse me visto. Quando entrei no bar, fui recebida com meu amigo cantando *Toxic* da Britney. E ele estava divino como sempre, Marco tinha muitos talentos, mas cantar não era um deles. Aliás nenhum de nós

tínhamos esse dom. Heloína estava rindo histérica batendo na mesa e cantando entre risadas e gritos. Eu os amava tanto. Aqueles eram pequenos momentos que eu podia esquecer o mundo que vivíamos.

Olhando Marco no palco, eu sorri. Meu amigo era gay e ninguém da Família além de mim sabia disso. Se soubessem, ele seria punido e perderia completamente o respeito. Talvez até mesmo fosse morto.

As pessoas insistiam em falar que nós tínhamos um caso. Isso era grande parte do motivo de falarem tão mal de mim, e pensarem pior ainda. Marco e eu éramos amigos há um longo tempo, e eu preferia que me chamassem de vagabunda desonrada do que descobrirem a verdadeira opção sexual dele e perder meu melhor amigo. Às vezes era até engraçado, como eu conseguia amar tanto alguém que tinha o mesmo sangue de Evangeline.

– Então, ele resolveu dar um descanso pra Madonna.

– Ah não baby, ele está na terceira música, Madonna foi a primeira. Lady Gaga a segunda e agora temos Britney. – Eu ri e a abracei.

Heloína foi um acaso de sorte para nós dois. Ela tinha vinte e oito anos, e não fazia ideia sobre a minha vida e de Marco. Para ela, éramos amigos de vida e herdeiros de empresas. Marco a tinha conhecido três anos atrás numa balada, e passou semanas falando para mim sobre como ela era engraçada, bonita e interessante. Se não soubesse que ele era gay, pensaria que estava apaixonado.

Foi difícil eu lhe dar uma chance no começo. Meu ciúme não queria admitir que meu melhor amigo gostasse tanto da companhia de outra pessoa, então apenas meses depois eu aceitei conhecê-la.

No começo me senti ridícula usando uma identidade falsa para entrar no clube que eles combinaram. Marco tinha vinte e três e ela vinte e seis na época. E eu só tinha acabado de completar dezessete. Mas nós acabamos nos dando muito bem e a amizade floresceu.

– Ele está tenso e ansioso, precisa extravasar. – Nós ficamos rindo e cantando com ele até que desceu do palco sendo aplaudido como ele gostava.

– Lindas mulheres da minha vida! Estou tão feliz. – Ele dizia enquanto chamava a garçonete para trazer-nos mais tequila.

– Como estão as coisas na galeria? – Perguntou a Helô.

– Tudo em ordem, estou recebendo cada vez mais quadros, recebi uma proposta para expandir, uma sociedade talvez. As coisas estão bem.

– Isso é ótimo, fico feliz amiga.

– Ótimo. Então vamos beber!

– E aquele cara gostoso que estava com você na galeria? – Eu perguntei.

– Que cara gostoso? – Marco se inclinou a olhando com olhos grandes e ansiosos.

– Ele não é tão gostoso assim. – Helô deu de ombros.

– Uma porra. – Eu gritei, em seguida olhei para Marco. – Ele é o tipo foda-me até eu não poder andar mais. E muito, muito boquete.

– Tanto assim? – Ele arregalou os olhos interessado.

– Sim, sabe quando você olha para o céu em dias que ele está azul e brilhante? Eram os olhos dele. – Eu contei, a provocando.

– Eu não percebi que você tinha prestado tanta atenção assim nele, Anita. – Disse ironicamente.

– É claro que não percebeu, você estava muito ocupada olhando para o cara como se ele fosse um pedaço de massa recheada. – Marco cuspiu a bebida gargalhando escandalosamente e eu falhei miseravelmente tentando segurar a risada.

Passar um tempo com eles era sempre tão bom, nós bebemos, rimos, conversamos, e a noite passava num piscar de olhos.

Retirei-me para ir ao banheiro, retoquei o batom, e quando estava passando pelo corredor para voltar ao bar senti uma mão me puxando de volta. Puro reflexo eu joguei meu cotovelo para trás, direto em seu estômago. Ele grunhiu e me colocou contra a parede.

Quase não acreditei quando dei de cara com aquele estúpido.

– Você está me seguindo? – Perguntei.

– Esses vestidos que você usa deveriam ser ilegais. – Ele me puxou apertando-me mais contra seu peito e pressionou sua ereção na minha barriga. – Olha como você me deixa. Eu preciso ter você. – Virou-me em seus braços e me beijou com força, nossas línguas brigavam e se acariciavam, eu estava entre empurrá-lo e mandá-lo ir se foder, ou grudar em seu corpo quente e apenas aproveitar.

Por fim, mordi seu lábio forte o suficiente para cortar. Luigi gemeu e deu um passo para atrás. – Ficou louca, porra?

– Não coloque suas mãos de merda sujas em mim. Que porra é essa de precisa me ter? Vai para o inferno imbecil! – Dei as costas, mas antes que pudesse me afastar ele me segurou.

– Você pareceu gostar muito da última vez. – Ele sorriu, e sua mão alcançou o meio das minhas pernas. – Hmm... e pelo o que vejo, hoje também.

– Tire... Tire suas mãos. – Sussurrei.

Como reposta, ele enfiou a língua em minha boca, seus dedos trabalhando em mim.

O debate do certo e errado já não existia mais. A necessidade de sentir aquelas sensações,

aquele prazer era muito maior. Naquele momento, eu esqueci que o cara prestes a me foder era um assassino corrupto e sem escrúpulos.

E o homem mais odioso que eu conhecia.

Desci minhas mãos passando por seu peito e apertando sua barriga malhada. Ele puxava meu cabelo e estávamos desesperados para conseguir mais um do outro. Alcancei por dentro de sua cueca e alisei seu membro que engrossava em minhas mãos. Luigi virou-me pressionando minha bochecha na parede e subiu meu vestido, ele abaixou atrás de mim e senti um dedo me alisando, estava quase implorando quando senti sua língua molhada na minha abertura.

Foda de bom.

Ele enfiou um dedo com tudo dentro de mim enquanto mordida e chupava meu quadril. — Preciso estar dentro de você Anita, agora.

— Como você me quer? — Perguntei, espalhando minhas coxas em um convite.

Naquele momento, com aquelas sensações despertadas, eu faria qualquer coisa para sentir mais.

— Porra, fique assim. — Exigiu, abrindo mais minhas pernas, chegando em mim por trás. Segurou meus quadris afastando minhas bochechas para logo me penetrar rapidamente, eu me perguntei em qual momento ele colocou o preservativo. Eu deveria afastá-lo e bater em sua cara. Deveria ter nojo do seu corpo batendo junto ao meu, de suas mãos me tocando, de sua boca no meu ouvindo grunhindo besteiras. Mas eu não fiz e foda-se eu não queria.

Tudo que importava era que eu ia gozar.

Depois de tanto tempo apenas lendo em livros e tendo orgasmos em minhas próprias mãos, queria sentir isso sobre os dedos de um homem.

Cheguei ao clímax mordendo os lábios e abafando um grito, sentindo-o gozar logo depois. Ele puxou para fora não esperando nem um minuto, me virou e encarou meus olhos. Sua boca chegou perto da minha, passou a língua pelos lábios e sussurrou. — Tão apertada quanto eu me lembrava.

Com isso ele caminhou para fora pelas portas do fundo, como se ter acabado de transar com alguém no corredor daquele bar fosse uma ocorrência diária.

E talvez fosse.

Foi sexo sujo e depravado e foi intenso. A culpa me bateu assim que registrei o que havia feito. O que deixei que acontecesse. Continuei apoiada na parede, esperando a névoa de prazer e do orgasmo dissiparem.

Não tendo estômago para voltar para o salão do bar, sai pela mesma porta que ele e corri. Corri até encontrar um táxi e finalmente fui para casa.

Nem tive tempo para processar a noite passada, acordamos com uma ligação de Abriela garantindo que estava bem e que o estúpido marido dela ia levá-la para sair. Eu queria gritar com ela, sacudi-la e dizer que o passeio que se dane, ele a havia colocado inconsciente por dois malditos dias.

– Como você pode aceitar esse casamento dela tão bem? – Perguntei a Alessa depois de desligarmos a ligação.

Ela levantou uma sobrancelha. – Oh, eu tenho a opção de não aceitar?

Dei de ombros. – Como eu faço.

– E o que é isso? Sair por aí berrando seu ódio pelo marido dela?

– É melhor do que sentar e assistir.

Ela soltou uma respiração pesada. – Nunca vamos concordar sobre isso, aliás sobre qualquer coisa. Então porque apenas não evitamos esse assunto?

– Porque sua indiferença me incomoda. – Eu falei ficando de frente para ela.

– Sinto muito que eu seja um incômodo para você irmã, mas que merda adianta você ser a rebelde se Abriela está lutando a favor e não contra?

Fiquei olhando para ela, apenas a observando.

Era como encarar um espelho. Os mesmos olhos verdes, a cor do cabelo e o comprimento também, a mesma altura, nossas feições eram levemente diferentes, mas você ainda poderia confundir se olhasse rápido demais. – Talvez ela não queira isso.

– Você perguntou?

– Tem coisas que não é necessário perguntar.

Ela bufou, revirando os olhos.

– Anita você não quer essa vida, mas ela quer. Então ao invés de tentar influencia-la ao ódio, a apoie. Independentemente do que ela quer, apenas esteja lá para ela. É assim que eu passo por isso.

Eu estava cochilando quando acordei de repente, ouvindo uma gritaria incomum no primeiro

andar de casa.

Do meio da escada podia distinguir as vozes de papai, Bernardo e Lorenzo.

– Então você me arruma um casamento com aquela vagabunda? – Gritou Bernardo.

Eu parei, olhos arregalados. Casamento?

– Não fale assim da senhorita Berlot.

Meu coração parou. Bile subindo pela garganta.

– Você quer foder a minha vida, Leon. Até mesmo você já comeu aquela mulher, eu não duvidaria!

Não ouvi mais nada, corri para o quarto de Alessa e a acordei, contando tudo o que ouvi. Nós começamos a ligar para Abriela desesperadamente e ela não atendia. Então mandamos mensagens, mas não respondia também.

Quando voltamos para bisbilhotar, apenas papai e Lorenzo conversavam baixo, então fomos até o quarto de Bernardo. A porta estava aberta, ele tinha a cabeça entre as mãos e os ombros caídos, era de partir o coração. Minha gêmea e eu nos encaramos por apenas um minuto antes de irmos para ele.

Eu não conseguia nem mesmo soltar algum comentário espertinho, e nem senti raiva no momento, as lágrimas eram de tristeza. Tentamos distraí-lo o máximo possível, montando planos sobre como acabar com o casamento é até mesmo como ajudá-lo a fugir da Sicília, ele riu e nos agradeceu, então caímos no sono. Quando foi de manhã, tomamos café e eu comecei a pensar no que fazer a seguir. Assassinar Evangeline? Eu poderia. Não deveria ser tão difícil fazer isso, os homens da Família faziam o tempo todo.

Mal tinha engolido a comida quando ouvi vozes mais uma vez exaltadas da sala e corri para ver o que acontecia.

Luigi fodido DeRossi estava lá, em toda sua pose esnobe como se nada o alcançasse.

Eu parti para cima dele. O ódio pelo o que ele tinha feito dois dias atrás inflamado forte meu peito. – Você não é bem-vindo nessa casa! Queira se retirar.

Ele riu e se virou para meu pai. – Eu gosto de um show, você sabe, mas tenho assuntos mais importantes a tratar. Então se você puder colocar esse problema em outro lugar antes de eu mesmo resolver, serei grato.

– Não sou um problema seu imbecil!

– Anita! Você está ofendendo o *Consigliere* da Família e nosso convidado sem nenhum motivo. Saia agora!

Eu quis jogar alguma coisa pesada na cabeça do meu pai. – Eu só saio quando esse desgraçado sair, eu...

Uma voz calma chamou da escada me cortando. – Luigi.

Um sorriso explodiu no rosto dele e se aproximou abraçando Abriela. – Oh, você! Como vai a mais linda de toda a Itália?

Eu não ouvi a resposta dela, na verdade, eu não ouvi qualquer coisa a partir do momento que ele a percebeu na sala. Seus olhos azuis brilharam como se fogos de artifício estivessem estourando apenas para ele. O jeito que ele a abraçou... a forma como fechou os olhos e respirou no pescoço dela, passando os dedos levemente por seu cabelo me chocaram.

Eu não precisava ficar lá para ouvir ou ver mais nada. A forma como ele falou com ela me disse tudo.

Então eu corri.

Mais uma vez. Parecia que perto dele, correr estava virando uma rotina para mim.

Capítulo 4

ANTES

*“...acho que me esqueci que tinha uma escolha
Deixei você me empurrar além do ponto
Suportei por nada, então eu caí por tudo...”*
Katy Perry - Roar

Ainda estava escuro quando abri os olhos, tudo por culpa do meu celular que gritava. Eu não o tinha colocado para despertar, então quem quer que estivesse me ligando, ia morrer.

- O que? – Rosnei sem nem olhar no visor.
- Ainda tinha esperanças que você fosse doce pela manhã, pelo menos.
- Quem está falando?
- Você sabe bem quem está falando, não se faça.
- Como diabos você tem meu número Luigi?
- Não é difícil conseguir algo simples como um número de celular.
- Que seja. Por que no inferno você está me ligando antes das seis?

Ele suspirou. – Preciso de um favor.

Eu dei uma risada amarga, me levantando da cama. – Você não está na minha lista de pessoas favoritas no momento, e elas são as únicas a quem eu faço algum favor. Adeus.

Era um eufemismo.

- E sobre Abriela? Ela está?

Eu parei. – O que seu irmão fez? – Perguntei já me alterando.

– Lucca sofreu um atentado na noite passada, encontramos o carro dele, mas ele não estava no lugar. Alguém colocou uma bomba.

– Oh *Dio*, isso é tão triste, realmente uma pena, quando será o enterro? – Não pude evitar o sarcasmo em todas as palavras. Eu adoraria ir e cuspir em sua lápide.

- Você sabe, sua pequena criatura estúpida, que dizer algo como isso logo que o Chefe

some, é praticamente se colocar em posição suspeita? – O tom dele era sombrio. Luigi nunca tinha falado comigo daquele jeito.

– Eu só fiz uma brincadeira.

– Foda-se porra. Não me importo com o quanto você o detesta e a morte dele te faz feliz, ele ainda é meu irmão. – Ele desligou.

Eu encarei o telefone apenas alguns minutos antes de correr para Alessa, ela sempre trancava sua porta, e tinha um sono tão pesado que nem um tsunami a acordaria, portanto, fazê-la me ouvir sem alertar a casa toda seria uma droga.

Felizmente ela não demorou dessa vez, me olhou confusa, uma toalha enrolada no corpo e os cabelos molhados.

– Que bom que está acordada. – Eu falei, já entrando. – Luigi me ligou, alguém colocou uma bomba no carro de Lucca.

Alessa abriu a boca, mas fechou novamente. Os olhos enchendo de lágrimas. Eu franzi a testa diante de sua reação, porque realmente não esperava que ela fosse... chorar pelo bastardo.

Ela virou o rosto e limpou a garganta. – Precisamos ir para Ella, então. – Falou, já correndo para o closet, colocando uma roupa qualquer.

Eu fiquei a olhando, tentando pensar em um único motivo para que ela fosse sofrer com a morte do infeliz, porque sinceramente, eu estava no céu.

Minha irmãzinha finalmente estaria livre e voltaria para a casa!

Ela apareceu minutos depois, telefone e bolsa na mão. – Vamos lá.

Durante o caminho, Alessa me pediu para repetir as palavras de Luigi, então começou a me dar um discurso sobre como deveríamos acalmar nossa irmã.

Por esse lado eu poderia entender, se Luigi pensou em nos pedir para dar a notícia, era porque ele não a queria pirando.

– Então por favor, sei que você está feliz na possibilidade de ele estar... morto. Mas Ella não pensará da mesma forma, então devemos ser delicadas.

Eu queria poder discordar dela e dizer que não estava feliz, me fazia parecer cruel e sem coração almejar que alguém perca a vida, mas Lucca merecia isso.

Os guardas na porta da casa nos deixaram entrar, e assim fez a senhora que trabalhava

lá também. Seguindo suas instruções, nós fomos para o quarto do casal.

Ella dormia tranquilamente no meio da cama enorme, firmemente agarrada ao travesseiro.

Alessa tocou meu braço e sussurrou. – Vamos apenas esperar ela acordar, é muito cedo.

Eu concordei. Tirei meus sapatos e subi na cama, mal deitei e meus olhos começaram a fechar. Não havia problema em desfrutar de uma soneca junto com minha irmã.

(...)

Sabe aqueles cochilos de dez minutos que parecem ter durado horas? Foi um daqueles. Alessa encarava o teto, parecendo a milhas dali. Ella ainda dormia, então me apoiei no cotovelo e comecei a fazer cafuné em sua cabeça, como sempre fazíamos uma na outra.

– Que bela forma de acordar alguém, sei que vocês me amam, mas não precisa de tanto. – Ella falou alguns minutos depois, lentamente abriu os olhos e nos olhou uma de cada vez.

Ela sorriu e brincou conosco, mas parou logo que percebeu o quão sérias estávamos.

Sentei-me de frente para ela, e segurei suas mãos.

– Irmã... precisamos falar algo com você.

Eu vi o exato momento em que ela soube que viemos para dar alguma má notícia.

Suas mãos começaram a tremer junto às minhas, seus olhos brilharam e ela pulou da cama.

Nós tivemos um trabalho até conseguir fazê-la sentar e escutar.

E porra, quebrou o meu coração quando nós dissemos o que tinha acontecido e ela chorou. Minha doce irmãzinha chorou e nos implorou para trazer o bastardo de volta. Mesmo sabendo que não havia nada que pudéssemos fazer, eu prometi, e Alessa prometeu também. Naquele momento, quando Abriela chorou, eu pedi a Deus que Lucca DeRossi não tivesse morrido.

Quando ela enfim se acalmou, dei-lhe um copo com água. Ela rejeitou calmantes e não quis dormir, apenas ficou sentada olhando para o nada.

– Eu sei que vocês estão pensando em como eu sou idiota por estar chorando por isso. Eu suspirei. – Não entendo, mas não vou te julgar. Imagino que não tem como mandar no coração.

– Anita. – Alessa interrompeu. – Sabemos todos da sua opinião sobre Lucca, mas esse não é o momento.

– Tudo bem. – Ella sussurrou. – Eu não entendo porque não posso simplesmente pular de felicidade na possibilidade de ele estar...

– É o seu coração Abriela. Ninguém pode condenar você por seus sentimentos.

Ela ignorou Alessa e continuou. – Ele é a pior pessoa que eu já conheci em toda minha vida.

Ela respirou fundo várias vezes, sua boca abrindo e fechando. Ela estava querendo dizer algo, mas ainda relutava. Estava pronta para botar uma pressão, quando começou a falar.

Eu assisti com horror minha irmã contando sobre os abusos, a violência, agressões, estupro,

a indiferença e a frieza de seu marido.

Perguntei-me se era possível odiar uma pessoa tanto quanto eu odiava Lucca.

– Se ele não estiver morto, vou matá-lo. – declarei um tempo depois.

– Eu vi a hesitação uma vez nos olhos dele, como se a dor que ele viu em mim o incomodasse. Mas foi tão rápido que as vezes me pergunto se foi real ou só parte da minha fantasia ridícula de que ele poderia se importar comigo.

Alessa suspirou. – Ele se importa irmã. – Eu bufei e ela me olhou seriamente. – Você é minha irmãzinha e acredite em mim eu o mataria se não pensasse que ele se importa com você. Todos temos uma história, eu não sei quão distorcida a dele é para que ele seja assim hoje, mas há algo bom lá. Eu já vi.

Eu franzi a testa olhando para ela. – Como assim?

Ela balançou a cabeça e suspirou desviando o olhar. – Não importa, mas me escute. Quanto maior for a sua luta, maior será a vitória. Então não desista.

Apertei meus olhos para minha gêmea porque sinceramente, que porra era aquela que ela estava falando?

Por fim Alessa levantou e pegou seu celular antes de sair do quarto. – Vou tentar falar com Luigi.

Fitei a porta alguns segundos antes de virar para Ella. – O que essa louca está dizendo sobre ter visto?

Ela deu de ombros, também querendo saber. – Eu não faço ideia. – Sussurrou.

A encarei por um tempo então apontei o dedo. – Não me esconda mais merdas como essas que você acabou de vomitar aqui.

Ela revirou os olhos e levantou da cama, caindo numa tontura logo depois, então me confessou que estava tendo muitas, e tinha vomitado.

Eu não era estúpida.

Com muito custo, a convenci a ir a um hospital fazer exames porque claramente, estava grávida. Aquilo me animou tanto. Um pequeno bebê.

Acompanhei minha irmã enquanto fazia diversos exames e subornei a médica, queria ter os resultados o mais rápido possível, e dinheiro move o mundo, então...

O soldado deixou minha irmã na porta da casa dela e nos despedimos num abraço forte.

– Obrigada por hoje. – Ela sussurrou.

Afastei-me, e dei um beijinho na ponta do nariz dela. – Sempre vou cuidar de você pequenina.

Ela sorriu. – Você não é nada grande.

– Sou a mais velha.

– Eu amo você irmã. – Ella disse, ainda rindo.

Acenei um adeus e me virei para entrar no carro. Pedi ao soldado para levar-me para casa e encostei a cabeça fechando os olhos. Não tinha nem anoitecido e eu já queria dormir novamente.

O carro de repente parou, abri os olhos encarando a cabeça careca do motorista. – Não me diga que acabou a gasolina?

Ele nem me olhou. – Senhorita Bonucci, permaneça no carro.

– Não tenho motivos para sair.

– Um outro carro da Família nos fechou.

– Ótimo. –Bufei. – Apenas leve-me para a casa.

– Senhor DeRossi?

– O que? Onde? – Inclinei-me, olhando pelo vidro da frente. Luigi fechava a porta do carro e caminhava em nossa direção. Praticamente desfilando pela rua, óculos escuros e tudo mais. – Dirija.

– Vou ver se ele precisa de algo.

–Não! Apenas dirija, porra!

Ele me ignorou totalmente, saiu do carro e foi falar com o idiota.

Tentei abrir a porta, mas estava trancada e bater no vidro não adiantaria pois era blindado. Esperei não pacientemente. Então de repente, o soldado que estava me escoltando foi para o outro veículo, e Luigi entrou no que eu estava.

Ele sentou, ligou o rádio e me encarou pelo retrovisor. – Olá amor.

– Deixe-me sair.

– À vontade.

Tentei abrir a porta de novo, mas continuava travada. Eu exalei alto. – Me. Deixe. Ir.

– Hm... eu acho que não.

– Luigi, fiz o que pediu. Falei com minha irmã, cuidamos dela e agora só quero ir para casa repor o sono que você interrompeu.

Ele me olhou, sorriu e colocou o carro em movimento. – Eu tenho outros planos.

– Não quero saber dos seus planos e qualquer outra coisa sobre você. Só quero ir para casa!

– Ah, qual é? Eu pensei que você gostasse de uma aventura.

Eu bufei. – Não com você.

Ele me encarou pelo retrovisor e sorriu. Um brilho perigoso nos olhos. – Por que não? Eu poderia te dar a aventura mais incrível da sua vida, amor.

Continuei olhando aqueles olhos por mais algum tempo, e desviei.

Eu não respondi, porque eu sabia que era verdade. Ele poderia me dar a aventura mais fantástica da vida. Mas seria provavelmente a que iria me destruir também.

Ele dirigiu por pelo menos meia hora.

Não puxei assunto e ele também não. Estava muito concentrado assobiando e cantarolando as músicas das rádios que tocavam. Batendo os dedos no volante e tudo mais.

A única coisa que me impediu de bater meu salto na cabeça dele até que desmaiasse para eu poder roubar o carro e ir para casa, foi a curiosidade. Eu me coçava para perguntar onde estava nos levando.

Qual não foi minha surpresa quando entrou numa garagem e abriu sua porta.

– Vamos.

– Você não ia nem abrir minha porta? – Eu perguntei, enquanto o seguia para um elevador.

– Eu só abro a porta para damas. Você parece meus soldados as vezes, então pode muito bem abrir a sua própria.

Eu abri a boca, indignada com o que ele tinha dito. Olhei para seu rosto, mas ele não ria. Ele estava realmente falando sério. Segurei minha língua, quanto mais o irritasse mais ele iria demorar a me levar embora. Eu sabia que ele não ia me matar, nem me machucar. Então provavelmente só queria infernizar minha vida um pouco, depois me levaria.

Seguimos para dentro do elevador e ele mais uma vez assobiou a música que tocava. Totalmente alheio. Batendo o pé no ritmo e a cabeça balançando levemente.

Paramos no décimo quarto andar e saímos. Luigi abriu uma porta, me puxou para dentro e a trancou, jogando a chave numa mesa de canto.

– Onde nós estamos? – Perguntei olhando em volta.

Era um apartamento grande. Bem decorado e moderno. Grandes janelas de vidro com uma vista incrível do céu.

Ele andou ao redor. – Meu espaço de diversão.

– E por que no mundo eu estou aqui?

– Analisemos nossa situação. – Falou enquanto tirava o paletó. – Você por algum motivo que eu desconheço me odeia e eu tão pouco estou preocupado com seu bem-estar.

– Foda-se.

– Exatamente! Se tem algo pela qual eu sou apaixonado é boceta. E você tem uma incrivelmente apertada, devo admitir.

– Qual seu problema?

– Deixe-me terminar. Proponho de nós... dormirmos juntos. Vamos transar só para trabalhar nossa amargura um pelo o outro fora e depois seguir com a vida.

– Você está insano!

– Pense bem... você gostou quando gozou no meu pau alguns dias atrás contra a parede daquele bar.

– Eu estava bêbada.

Ele riu baixinho, raspando a barba áspera pelo meu pescoço. – Continue dizendo isso para si mesma.

Empurrei minhas mãos contra seu peito, me esforçando para não respirar seu cheiro. – Você não entende que não quero estar em qualquer lugar perto de você?

– Oh, eu entendo que você quer querer isso. Mas o seu corpo... ele reage a mim da maneira perfeita.

Ele desceu beijos lentos e suaves até o meu ombro, puxando delicadamente uma alça do vestido para baixo, fazendo a mesma coisa do outro lado. A seda escorregou pelo meu corpo, caindo sem qualquer restrição aos meus pés. Luigi suspirou.

Seus olhos queimaram minha pele de cima para baixo, cada canto perfeitamente analisado.

Ele levantou a mão, pronto para me tocar, então seu celular tocou.

Eu prendi a respiração.

– Agora não, porra. – Resmungou para si mesmo. Ele enfiou a mão no bolso, tirou o celular pronto para desligar, mas quando olhou no visor suas feições mudaram. Ele deu alguns passos para longe de mim e atendeu. Sua voz era calma, diferente do tom rouco cheio de desejo de segundos antes.

– Ei bonita. Não, nada ainda. – Suspirou. – Eu vou te dizer, apenas porque você é a esposa dele.... Thom quer parar de procurar Lucca. Ele quer apenas fazer uma reunião com os capos e

anunciar que meu irmão... – Luigi não terminou de falar.

Imaginei que estivesse falando com Abriela. Instintivamente quis me cobrir.

– Acredite em mim querida, não há nenhuma maneira da porra que Thom vai tomar esse tipo de decisão. Está tudo uma bagunça por aqui, mas eu vou encontrar meu irmão, vivo ou morto. – Ele ficou em silêncio antes de falar novamente. – Eu não sei, a bomba estava no carro. E quando foi ligado explodiu. Foi o carro, o armazém e o prédio ao lado. Um prédio abandonado de quatro andares, isso é muito entulho. Mas isso não, não significa que eu ou Dante vamos desistir... Disponha, bonita. Ouça, preciso desligar agora... Ela está, ligue para ela e se distraiam, vou manter as duas informadas... Seja boa. – Ele desligou.

Continuei no mesmo lugar e quando me abaixei para pegar o vestido ele falou. – Não.

Revirei meus olhos e o ignorei.

Luigi colocou o celular em cima do balcão e caminhou até ficar de frente comigo novamente. – Já mudou de ideia?

– Você parece ter coisas mais importantes para fazer. E não é grande coisa. Não foi o melhor sexo da minha vida para eu querer repetir.

Seus olhos desceram lentamente pelo meu corpo, uma vez e ele sorriu como quem sabia que eu estava mentindo.

– E ainda assim está tentando usar seu corpo gostoso contra mim? – Disse arrastando as palavras.

Eu encarei seu peito nu, forte, definido e o alcancei, traçando uma linha imaginária do ombro até o umbigo, e agarrei o cós de sua calça. Inclinei-me, e fiquei na ponta dos pés, meus lábios alinhados aos seus.

– Eu não sabia que meu corpo gostoso tinha tanto poder assim.

Ele levantou a mão e segurou um seio, o apertando e amassando bem leve. – Não tem.

Olhou para o meu rosto, nossos lábios a centímetros um do outro. Acariciou meu lábio inferior com o dedo indicador, — Abra a boca. — Ordenou com a voz firme e eu fiz, — Chupe — Enfiou o dedo na minha boca e eu fechei os lábios em volta dele. Ele ficou assim por alguns momentos. Fechei os olhos me deliciando dos movimentos de seu dedo áspero na minha boca. Ele beliscou meu mamilo já duro. — Abra os olhos, amor. — Eu fiz, porque o que ele me mandasse fazer naquele momento eu teria feito.

Se ele ousasse me dar qualquer ordem no dia a dia, eu ficaria feliz em mandá-lo a merda, mas no quarto... Ele era o experiente aqui, e sinceramente, qual é o problema em aprender algumas coisas?

Ele deslizou sua mão livre pelo lado do meu corpo, encontrando o meio das minhas pernas e lentamente subindo até meu centro. — Eu vou fazer você repensar sobre não ter sido o melhor

sexo da sua vida. — Murmurou no meu ouvido. Suspirei quando ele empurrou dois dedos em minha boceta. A mão que estava na minha boca foi passada para minha nuca e me puxou colando nossos lábios.

Seus dedos afagaram meu cabelo e inclinam a minha cabeça para o lado conforme ele aprofundava o beijo. Ia se tornando cada vez mais agressivo, como se quisesse me devorar. Seu polegar se moveu para o meu clitóris, pressionando para baixo sobre ele e o esfregando. Meu corpo respondeu convulsionando em seu comando — Você vai gozar agora. — Eu desmoronei em seus braços, mal conseguindo ficar em pé enquanto ondas do êxtase correram através de mim.

— Luigi...

— Shi... Eu não terminei com você. Sequer comecei.

Num movimento rápido me ergueu do chão e eu estava nua com ele me levando para a cozinha, passando direto para a sala e me depositou no chão da sala, o gelado do piso dando um choque em meu corpo aquecido. Luigi envolveu as duas mãos em minha garganta me fazendo ofegar pelo o ar. Ouvi o barulho do preservativo sendo aberto, sinal de que ele não perderia mais tempo, abriu minhas pernas com um puxão brusco e em questão de segundos a cabeça de seu membro grosso estava correndo para cima e para baixo nos meus lábios encharcados. Ele se inclinou até conseguir encontrar minha orelha e dar uma leve beliscada com os dentes. — Eu sonhei com isso desde aquela noite, em quando eu teria você só para mim de novo pra fazer qualquer uma das minhas vontades.

— Cale a boca e comece logo pra eu poder ir embora e não te ver nunca mais então.

Luigi riu. — Tanto quanto eu amo o seu corpo, sua voz me irrita, então controle seus sons porque cada vez que você gritar eu vou sufocar você. — Ele me puxou mais para a beirada da mesa estapeando minhas coxas. Abri as pernas e ele as levantou até estarem em seus ombros. Seria fundo.

Ele empurrou para dentro seu pau duro como pedra, segurando meus joelhos enquanto puxava dentro e fora, me olhando nos olhos enquanto tomava minha boceta com força. Nossos olhos nunca quebrando o contato. — Como você diz que não gosta, Anita? Olha como seus olhos reviram amor, você é uma putinha suja do caralho. — Eu gemi, minhas entranhas se apertando com o linguajar. E eu descobri que gostava quando o bastardo falava aquilo. Ele soltou um grunhido me batendo de novo, apertando e fazendo minhas pernas palpitem. Outro impulso teve a minha falta de ar.

Eu estava me perdendo, vendo como o animal transparecia em seu rosto, como ele amava saber que estava acima de mim, no controle. Controlando a mim, meu corpo, seu corpo, nossas sensações e até mesmo a minha respiração. Estava tão desesperado quanto eu, para sentir.

Eu gemi. — Luigi, eu quero... Eu...

Senti meus músculos contraindo e estava quase lá, na beirada quando ele tirou e foi caminhando para o lado da mesa. Eu gritei de frustração. Ele tirou a camisinha no caminho, andando lentamente, me dando a visão do que seria o perfeito pacote de homem.

Quando ele parou na frente do meu rosto, eu abri meus lábios e ele se curvou para me dar um beijo. Segurei seu rosto com as minhas mãos, sentindo a barba rala e apreciando a sensação de nossas línguas balançando uma contra a outra. A janela estava aberta e um vento forte entrou, batendo diretamente entre as minhas pernas. Arrepiei-me da cabeça aos pés e ele sorriu contra os meus lábios.

Segurando minha garganta novamente, ele guiou seu membro duro em direção a minha boca, eu hesitei e afastei um pouco o rosto. Nunca tinha feito aquilo e a primeira experiência ser de cabeça para baixo me deixava completamente insegura. Ele levantou uma sobrancelha e sorriu torto.

— É só não me morder e vai ficar tudo bem.

Assenti depois de alguns segundos e levantei minha mão, tocando a carne dura com a ponta dos dedos. Ele me olhou com a mesma expressão, esperando, analisando. Sua respiração aumentando a cada segundo, a cada minuto da minha demora. Eu sorri ciente de que mesmo inexperiente, poderia deixá-lo daquele jeito. O soltei e me virei, ficando de quadro, num ângulo perfeito para recebê-lo em minha boca. Luigi puxou uma respiração profunda, observando quando eu fiquei de mãos e joelhos no chão, aproximei meu rosto e dei um beijo na cabeça, passando logo por toda a extensão, ele cerrou a mandíbula, levou suas mãos até meus cabelos e o puxou, usando como alça, fazendo com que entrasse apenas um pouco em minha boca.

Eu fechei meus lábios ao redor, experimentando a sensação, descobrindo. Tentei me lembrar de tudo o que vi nos filmes e o que as mocinhas dos livros descreviam e colocar em prática, mas tudo fugiu naquele momento.

Não queria que ele percebesse minha insegurança, então o suguei e levantei meu melhor olhar inocente.

Funcionou e ele perdeu o controle.

Uma mão foi atrás da minha cabeça e a outra na minha garganta e impulsionou.

Eu engasguei, ele sorriu. — Vou foder sua boca como eu fodo sua boceta, amor.

Eu gemi, inevitavelmente, e senti como se minha boceta estivesse desesperada para receber algo, na verdade, ele. Como era possível que eu ficasse excitada com insultos? Cada vez que ele dizia algo ofensivo, meu corpo implorava para dar exatamente o que ele queria. Era uma vergonha.

Meus engasgos e tosse eram como estimulantes, tanto para ele, quanto para mim. Seus olhos eram fatais naquele momento, enquanto se concentrava em se afundar mais e mais na minha boca. De repente ele se afastou, deixando que eu respirasse de novo. Com a boca aberta, ele observou quando a saliva escorreu para fora e me puxou, virando-me de costas mais uma vez, não me dando nem mesmo um segundo para me preparar antes de enterrar seu pau profundamente dentro de mim.

Eu gritei, ele grunhiu.

Eu gemi e ele rosnou.

Ele me deu um tapa forte ao lado do traseiro seguido de batidinhas no meu clitóris e eu gozei novamente ordenhando e apertando seu pau, ele abafou um gemido transbordando sua carga dentro, deixando seu corpo suado cair em cima do meu.

Por aquela noite, eu o deixei me levar de volta para a cama enquanto caía no sono. Eu pensaria nas consequências de tudo, pela manhã.

Capítulo 5

ANTES

LUIGI DEROSI

“...e eu sei que ela é capaz de qualquer coisa, é fascinante.”

The Weeknd – In The Night

– Por *Dio mamma*, sei me virar muito bem.

– Não é o que parece, mal consegue pegar o garfo sem ajuda.

– Mãe, vou me ajeitar sozinho. Pode ir agora, não é a primeira vez que levo um tiro.

Ela apenas levantou uma sobrancelha. – Fale assim comigo de novo mocinho e vou lhe dar a surra que não dei quando era pequeno.

A encarei horrorizado. – Mãe!

– Mude seu tom, e abra a boca. – Falou, levantando o garfo.

Relutante, eu fiz. Não queria admitir, mas estava realmente saboroso.

Ela sorriu. Sabendo bem de sua façanha, se inclinou e beijou minha bochecha.

– *Mamma...* – Revirei o os olhos e sorri.

Não importava que eu colocava medo nos piores homens, assustava toda uma cidade, e pessoas tremiam na simples menção do meu nome. Ela era minha mãe. Minha pose, minha fama e as histórias sobre mim não a amedrontavam. Muito menos minha voz grossa e firme ao falar. Ela iria rir na minha cara e fazer de mim um bebê.

E na verdade, ... estava bem para mim. *Mamma* era a única mulher que tinha um espaço no meu coração. O pensamento era errado, eu sabia, mas uma certa coisinha pequena, de longos cabelos escuros e olhos azuis podia me colocar aos seus pés certamente. Ah Abriela...

Eu seria amaldiçoado, mas porque diabos ela tinha que ser a mulher do meu irmão?

– Luluzinho você está me ouvindo?

Encarei minha mãe, frustrado que ela insistia naquele apelido de merda.

– *Mamma!* Eu sou um assassino! Não pode ficar me chamando de Luluzinho, e minha virilidade?

Ela riu e apertou minha bochecha. – Ah meu menino bonito...

Afastei-me de suas mãos e tomei um gole do chá. – O que a senhora estava dizendo, de qualquer forma?

– Ah, claro, eu perguntava sobre Anita Bonucci.

Meu humor azedou na hora. – O que há para perguntar?

– Quanto tempo pretende se enroscar com ela por aí? Até que alguém descubra e a reputação dela fique tão manchada quanto os lençóis do sangue que ela não tem mais?

Franzi a sobancelha para ela. – Como é que sabe disso?

Ela deu de ombros, me oferecendo outra garfada da comida. – Não importa. Mas isso não é como eu te criei. As pessoas já falam demais sobre ela, você não deveria desonrá-la dessa forma.

– Isso não é algo que eu vá falar com a senhora *mamma*.

A verdade era que eu sabia que tinha feito uma burrada fenomenal tirando a virgindade da menina. Eu tinha quase trinta e um anos, ela ainda ia completar vinte, ou já tinha, tanto faz.

Era uma criança.

Se seu pai descobrisse, exigiria um casamento, e eu sabia que o certo seria ter proposto um assim que vi o sangue dela sobre o preservativo naquela noite. Mas eu não aguentava ficar perto da mulher nem por dez minutos sem que sua boca atrevida me tirasse do sério. Imagine me casar! Seria um desastre completo.

Se ela fosse pelo menos parecida com sua irmã...

Não! Isso ela era, na verdade, olhando rápido você pensaria que elas eram trigêmeas, apenas os olhos diferentes. Onde minha bonita cunhada tinha os olhos azuis como o céu, suave e calmo, Anita tinha os verdes mais tempestuosos que já vi. Como uma floresta... realmente selvagem.

Verdes que me hipnotizavam quando chupava o meu pau, ou quando abria seus lindos lábios cheios e seus olhos ficavam mais escuros e gritava seu gozo. Ótimo, agora eu estava ficando duro pensando naquele problema ambulante.

Eu sabia que o aconselhável era me manter longe dela. Não pensar em seus lábios macios como verdadeiras almofadas de boquete. Seus peitos fartos e pesados, que transbordavam pelas minhas mãos.

Aquelas pernas curtas, que geralmente não era algo que eu gostava, mas nela era até mesmo sensual. Mesmo quando me impedia de fodê-la em algumas posições. Eu ficaria com dor na coluna de abaixar, e ela teria problemas com câibras de tanto se empinar e flexionar.

Mas no fim, a boceta apertada como um punho fervendo compensava.

Passei a mão pelo o rosto, vendo que minha mãe me encarava como se matutando algo em sua mente. Mas naquele momento eu nem me preocupei.

Estava muito concentrado em não deixá-la perceber minha crescente ereção. De tanto pensar na diaba, lá estava eu, já a queria de novo.

Minha mãe não quis ir embora.

Ela terminou de me alimentar, colocou almofadas por todo o sofá e me fez sentar. Só não me deu banho porque pelo menos isso, ela reconhecia que já era demais.

– *Mamma...* eu estou mesmo bem.

Ela colocou as mãos na cintura e cerrou os olhos para mim. – Você está com pressa de me mandar embora.

– Não dona Giorgia, eu só... – Fui interrompido pelo som da campainha tocando.

Minha mãe apontou. – Está esperando alguém?

Eu neguei e ela foi olhar pelo olho mágico da porta.

– Luigi DeRossi seu sem vergonha... Você tem uma visita. – Declarou e abriu a porta.

Eu dei de cara com o motivo da minha atual ereção.

Ela arregalou os olhos para minha mãe, e me encarou incerta. – Eu, ah...

Mamma me olhou por cima do ombro, um olhar cheio de avisos e se voltou para minha visitante. – Olá Anita.

– Hm... Oi.

Eu sorri diante de seu embaraço.

Minha mãe olhou entre nós e suspirou. – Eu já estava de saída. Não queria deixar Luluzinho sozinho, mas agora você está aqui então, eu já vou. – Ela se abaixou para me dar um beijo na testa e saiu sem mais delongas.

– A que devo a honra?

Ela engoliu em seco. – Ouvi meu pai e meu irmão conversando, soube que você levou um tiro.

Dei de ombros. – Foi só um arranhão.

Ela assentiu e se mexeu em seus pés. – Se alguém souber que estou aqui será uma confusão que eu não quero ter que explicar.

– Ninguém vai saber.

Ela bufou. – Claro. Porque sua palavra vale tanto.

– Sim, vale.

Ela revirou os olhos e apontou para a porta. – Eu já vou.

– Você veio aqui me provocar e ir embora?

Anita sorriu ironicamente. – Eu vim pisotear. Ver o quão mal você está e aplaudir, já vi, agora vou embora.

– Foda-se, eu consigo uma boceta disposta em qualquer lugar. – Falei. Eu queria provocá-la.

Podia vê-la tensa desde a hora que chegou. Ela não veio até aqui para rir da minha situação, estava preocupada.

A rebelde, garota malvada estava com medo por mim.

– Você tem que ser um imbecil, não é?

– Você desperta isso em mim.

Ela piscou. E lá estava o fogo.

Eu tirei a virgindade dela, mas aquele fogo, o calor, a ousadia vinha toda dela. Seu crédito único e exclusivo.

Eu tinha dormido com muitas mulheres, suficiente para ver que Anita era simplesmente cruel na cama. Por esse motivo, meu pau estava duro e pronto para furar alguma coisa. Especificamente... ela.

Seus olhos viajaram do meu peito até o volume no meio das pernas e ela sorriu torto. Dando um passo à frente, ela colocou as mãos no braço do sofá e beijou meu pescoço. – Parece que seu amigo não quer qualquer outra boceta além dessa aqui.

Eu abafei um gemido quando mordeu meu peito, minha barriga e finalmente abrindo o botão, ela empurrou o jeans pelas minhas coxas, revelando meu pau grosso para ela tocar. – Ele gosta de tudo o que se move de saias. – Respondi abafado. Completamente concentrado em cada movimento seu.

Ela me tocou, enrolando seus dedos em volta e começou a acariciar. Encarando meu olhar, ela parou. Involuntariamente estendi a mão, cobrindo a sua num aperto firme.

A safada sorriu, ainda de pé, ela se inclinou. Bunda para o ar em seus saltos, o cabelo escuro caindo para frente como uma cortina de seda e me levou em seus lábios.

Gemendo, empurrei a ponta contra a boca dela, roçando a cabeça. Pré-gozo cobriu seus lábios, e ela lambeu, engolindo meu gosto. – Porra, eu não sei qual é melhor, sua boca ou sua boceta.

Eu bati meu pau profundamente, alcançando o fundo da sua garganta e ela sugou forte, sua língua trabalhando fervorosamente minha cabeça. Estava quase gozando quando ela me soltou.

Eu abri meus olhos, a encarando sem entender.

Ela ajeitou seu vestido e pegou a bolsa do meu lado. – Consiga uma boceta disposta para terminar isso... Luluzinho. – Piscou e andou em direção a porta.

Quando consegui processar o que tinha acabado de acontecer gritei seu nome com toda a raiva reprimida por sua façanha. Ouvei sua gargalhada do corredor e agradei por estar ferido.

Se conseguisse alcançá-la eu a mataria.

Com toda a fodida certeza.

ANITA BONUCCI

Lorenzo não foi enterrado com honras de um homem feito.

Seu corpo foi jogado na cova de um terreno distante, junto com os outros traidores da Família. Eu não sabia de muitos detalhes, mas ouvi o suficiente. Sua ambição o levou a morte e não havia outro caminho. Só meu pai e Bernardo estavam lá para enterrá-lo. Eu não sabia o que sentir, Lorenzo tinha sido tão cruel comigo. Por toda a minha vida ele nunca foi carinhoso, nunca cuidou de mim.

Era como viver com um estranho. Mas ainda assim, éramos do mesmo sangue.

Eu fiquei entorpecida, fui até a casa de Marcos ver como ele estava, porque afinal, Evangeline também tinha traído a família e além, traiu seu noivo. Bernardo podia fazer o que quisesse com ela, e fez. Um dia depois do meu irmão, meu melhor amigo e seu pai enterraram sua irmã.

Duas covas que levavam apenas o primeiro nome.

– Por que você acha que ela marcou algo tão em cima da hora? – Alessa perguntou.

– Eu não sei, mas você viu como papai está desanimado para ir?

Ela franziu a testa. – Ele está?

– Sim. Depois de Lorenzo ele está... diferente.

Alessa continuou se maquiando. – Bem, mortes acontecem o tempo todo, papai precisa seguir em frente.

Eu parei o pincel no ar e a encarei. – É sobre nosso irmão que estamos falando, sabe disso certo?

– Seu irmão.

– Alessa!

Ela se virou para mim com tudo e rosnou. – Ele teve o que mereceu!

– Ei, ei, ei! Calma irmã, o que deu em você?

Ela piscou e desviou o olhar, voltando-se para o espelho e só me respondeu minutos depois, tão baixo que eu quase não ouvi. – Ele merecia pior, há muito tempo.

Meu vestido estava um arraso. Mostrava a quantidade exata de peitos, alongava minhas pernas e arredondava minha bunda. Só melhorou que papai quase me matou na hora que viu.

Durante todo o caminho Alessa foi me pedindo para me comportar e não causar problemas.

Eu juro que tentei, mas não sabia quanto tempo mais poderia continuar sentada jantando e aturando Thomas, cada palavra que saía da boca dele me dava ânsia.

Lucca era outro que não se incomodava de mostrar sua falta de afeição por mim. Ele tinha uma cara de possuído, mas quando era para mim, ele fazia questão de ser mais assustador ainda. O cara me odiava.

Luigi... eu queria chamar a atenção dele.

Queria que ele me olhasse e reagisse e mostrasse raiva pelo o que fiz dias atrás. Mas ele me ignorou e é claro que eu não perdi os olhares para minha irmã.

A noite parecia uma prisão perpétua. A tensão era tanta que eu temia uma taça cair no chão e tudo explodir.

Já não suportava mais tanto suspense sobre o grande jantar e certamente não esperava saber que Ella nos chamou lá para dizer que estava grávida. Por um momento esqueci tudo ao redor e meu foco era apenas nela e saber sobre meu sobrinho ou sobrinha. Eu estava radiante.

Depois de toda excitação da descoberta, Ella, Alessa, Giorgia e eu conversamos sobre tudo e qualquer coisa referente a bebês. Estávamos animadas e enquanto Giorgia não parava de chorar, Abriela não parecia confortável enquanto falávamos sobre o assunto. Eu não entendi o porquê, já que aquilo era seu grande sonho de menina. Talvez estivesse apenas desconfortável por tanta atenção.

Giorgia me lançou olhares misteriosos e nada simpáticos por toda a noite e eu juro que até corei de vergonha. Pelo amor de Deus! A mulher era provavelmente a mais cheia de classe, dondoca fina da família e sabia que eu estava fodendo seu filho. Acima disso, ela vivia com as esposas, ou seja, bocas que não cansavam de proclamar minha “boa fama” para quem quisesse ouvir.

Eu tocava o foda-se para todos eles, mas ter Giorgia me encarando torto era... ruim.

É claro que a noite não foi um sonho, Thomas tinha que abrir sua boca de merda e me tirar do sério. Foi a primeira vez que eu bati boca, ou falei mais do que algumas palavras com ele, e foi refrescante. Nada melhor do que jogar algumas verdades na cara de um homem que poderia colocar uma bala na minha cabeça tão facilmente. Estava pouco me dando para seu estúpido pensamento machista dos anos vinte.

Por fim, a noite acabou com a gravidez sendo a única coisa boa no meio do oceano de merda que estávamos nadando.

Papai nunca foi um homem paciente. Talvez eu fosse parecida com ele nesse sentido.

– Thomas estava certo, todos eles estão certos. – Resmungou mais para si mesmo do que para nós.

Tínhamos acabado de chegar em casa, e era apenas nós dois e Alessa.

– Perdão papa, não ouvi o que disse. – Alessa questionou.

Ele foi até o bar, se serviu de uma bebida, e me encarou, apontando o dedo direto em meu rosto. – Você é assim por falta de ser colocada em seu lugar.

Alessa se colocou a minha frente. – Pai, o que está dizendo? Thomas estava apenas provocando, todos sabem que ele adora cuspir palavras vis por aí.

Ele riu sem humor nenhum e jogou a mão com desdém em minha direção. – E ele está mais

do que certo. Todos eles estão! Você vai a um jantar na casa de sua irmã, onde o marido dela, o sogro e os cunhados dela estão, vestida como uma meretriz. Como se tivesse acabado de sair de um clube da Família e não quer que ninguém lhe diga nada?

Eu sai de trás de Alessa e cheguei perto dele. – Qual o problema com as meretrizes da Família, papai? Você não achou ruim quando as trouxe para casa durante toda a semana.

Ele ficou tenso. – Fale assim comigo novamente menina e eu vou dar-lhe um novo conjunto de dentes.

Eu bufei cruzando os braços. – Qual é pai? Não é a primeira vez que falo assim com você. Se quer ser um Thomas da vida vá sozinho, porque eu não vou lambar seu chão.

Foi tão rápido que eu não vi chegando, só senti meu rosto arder e Alessa gritar atrás de mim.

– Por *Dio*! Você a machucou!

– Ela merece ainda mais por se portar dessa forma a mim. Essa noite abriu meus olhos e você vai aprender a ter respeito, por bem ou por mal.

Coloquei a mão sobre a bochecha dolorida e o fitei. – Você perdeu meu respeito quando deu minha irmã como um presente para um assassino sádico. Faça o que quiser comigo, só vai ganhar mais ódio.

Ele levantou o queixo. – Então é por mal. – Só consegui respirar novamente quando ele começou a caminhar para seu escritório.

Alessa segurou meu rosto analisando. – Não posso acreditar que ele tenha feito isso!

– Sim, bem, e parece que vem mais por aí.

Ela me deu um olhar de advertência. – Por que você não ficou quieta? Papai fica irracional quando está nervoso, você sabe disso.

Ela continuou falando enquanto me levava para seu banheiro e limpou o pequeno corte no meu lábio.

A única coisa em minha cabeça quando finalmente deitei, foi o olhar de desafio que meu pai me deu. Seu tapa não foi o que doeu, pois, a violência eu já estava acostumada, mas a promessa em seu rosto. Ele tinha cansado de toda a vergonha que lhe proporcionei, de ser vinculado a alguém tão mal falada como eu. Ele nunca levou bem que eu manchasse nosso sobrenome.

Ele finalmente me faria pagar, eu tinha certeza. E pela primeira vez em muito tempo, eu temi.

Capítulo 6

ANTES

“Não importa se você cair ou voar, dane-se, pelo menos você tentou.”

Lana Del Rey

Foram alguns dias até que ele me chamasse de novo. Quando meu celular sinalizou uma nova mensagem e eu li, eu só pude rir.

'Quierro t comere'.

Eu tomei um banho, me vesti e escapei da segurança de casa. Peguei um táxi e fui para seu apartamento. O idiota estava bêbado e eu não perderia aquilo por nada nesse mundo.

Toquei a campainha três vezes e ele nada de aparecer.

Encostei na porta para pegar o celular e ligar para ele e ela abriu. Por um momento me preocupei, um homem da máfia bêbado e esqueceu sua porta aberta, acessível para qualquer um. Entrei tentando não fazer barulho, desviando dos cacos de vidro quebrados espalhados pelo chão.

Passei pelo corredor dos quartos direto para o dele, já ouvindo a água do chuveiro caindo.

Ouvi um gemido e hesitei. Se o desgraçado estivesse comendo outra naquele banheiro eu ia matá-lo. Os dois.

Voltei para a cozinha e peguei uma faca na gaveta. Agora ele ia aprender a não mexer comigo. Tirou-me do descanso do meu lar à toa? Não mesmo. Abri a porta do banheiro e dei de cara com um sozinho e muito nu Luigi, com a cabeça jogada para trás, os olhos apertados e a boca aberta.

Seu corpo forte em toda a sua glória molhado e trincado, os músculos tensos com a respiração rápida. Ele era a visão do céu.

Ele tinha um braço para baixo, os dedos envolvidos em torno de si mesmo, balançando para trás e para frente, como se estivesse transando com alguém. Caralho, ele era sexy até mesmo fodendo consigo mesmo.

Luigi abriu os olhos e sorriu lentamente para mim. Seus olhos vidrados.

Ele acelerou os movimentos de sua mão e estendeu a outra para mim no mesmo momento

que gozou.

– Abriela... – Ele gemeu dando dois passos na minha direção. Eu parei na hora.

Completamente imóvel.

O idiota tinha que estar me fodendo.

Ele escorregou da parede ao chão e caiu sentado, resmungando coisas que eu não conseguia entender.

Minha parte infantil foi mais forte que eu quando peguei meu celular e tirei uma foto daquela decadência.

Minha vontade era pegar o shampoo e esfregar nos olhos dele, queria gravá-lo gozando chamando a mulher do irmão dele e mostrar a Lucca, para o bastardo acabar com a raça dele. Merda, eu poderia apertar seu pau tão forte que ele iria acordar amanhã desesperado para saber se tinha se machucado ou contraído uma doença.

Filho. Da. Puta.

O deixei jogado a sua miséria e sai do banheiro. Estava quase na porta quando a mesma abriu. É claro que tinha que ser a mãe do infeliz.

Ela apertou os lábios e fechou os olhos, como se não acreditando no que via. – Olha só...

– Dá um tempo porra. – Resmunguei passando por ela.

Não lhe dei tempo de dizer mais nada, só sai de lá, não ficaria para ouvi-la sobre o quão ruim eu era para seu precioso filho, que não era digna dele ou qualquer outra merda que fosse.

Não sabia como ela não tinha espalhado que eu andava me esgueirando com ele por aí, mas também não fazia diferença. Contando que não viesse me dar sermões de merda estava bom para mim.

O tempo passou voando.

Nós continuávamos naquela brincadeira de ir para seu apartamento e foder até esquecer nossos próprios nomes. Eu poderia dizer que ele estava me usando, mas não. Eu estava usando ele.

A partir do dia que ele gozou chamando minha irmã eu me fechei. Não importava a atração que sentia por ele, eu aproveitei seu corpo e seus talentos na cama, no chuveiro, contra a janela, no chão e todos os cantos do seu apartamento. Mas coloquei uma capa protetora no meu coração.

Ele podia foder meu corpo, mas não a minha mente.

Eu sabia que dessa brincadeira não poderia sair nada bom, mas ainda assim não conseguia parar. Todas as vezes que meu celular apitava com uma mensagem dele eu jogava de lado e voltava a fazer o que já estava fazendo, mas não passava nem dez minutos e eu já estava de pé me arrumando. Numa compulsão louca por ele.

Ele ficou sóbrio e me ligou no dia seguinte de ter chamado pela minha irmã, eu fui, lhe dei o sexo da sua vida e sai como se nada tivesse acontecido.

Eu não ia chorar e me descabelar pelo filho da puta. A vida não era uma novela onde no final ele iria se lembrar e me pedir perdão declarando seu amor, e caralho, eu nem queria isso.

Por alguns dias eu senti raiva de Abriela. Tão injusto quanto poderia ser da minha parte, eu estava louca porque as pessoas não podiam olhar para mim sem comparar a ela? Quando crianças, durante as aulas em casa papai sempre falava sobre como ela era mais nova e mais rápida, mais esperta que eu. Como aprendeu a ler primeiro que eu, suas primeiras palavras foram melhor pronunciadas.

Como ela era exemplar nas aulas de etiqueta. De balé. Leitura. Dança.

P.o.r.r.a.

Ela comia uma salada melhor do que eu.

Papai só não sabia das vezes que ela deixava a taça cair e eu fingia que fui eu quem derrubei, das madrugadas que eu passei lendo para ela e a ensinando a escrever.

Quando ela caiu durante uma das aulas de balé, e eu disse que esbarrei nela.

Cada fodida coisa que eu fiz e faria de novo sem hesitar, não só porque ela era minha irmãzinha. Mas por ser a pessoa com o coração mais sincero e a fala mais doce que eu já conheci na vida.

Mas seria demais, querer fazer algo sem ter sua sombra pairando sobre mim?

Dance como Abriela, fale como Abriela, coma como Abriela, sorria doce como ela, faça como ela, seja como ela.

Eu só queria poder ser eu. Anita. Não a gêmea Bonucci rebelde. Não a desonrada vagabunda da família que só atraía vergonha a seu sobrenome.

Não uma cópia de alguém.

Só eu.

Foi numa manhã de verão que eu estava em casa comendo bolo que Goretti fez, quando recebemos a ligação de Ella dizendo que meu sobrinho tinha nascido.

A primeira vez desde a morte de Lorenzo que vi nosso pai sorrir. Talvez ele visse no neto uma esperança, a chance de criar um novo Lorenzo, ou algo do tipo. O que seria impossível, levando em conta que eu era sua tia. Eu sabia que em um momento ele teria que crescer e fazer o que todos os homens que nascem na *Família* fazem e isso quebrava meu coração. Um bebê inocente, limpo e tão puro, já tinha toda a sua vida decidida no momento em que foi dito o que ele tinha no meio das pernas ainda no ventre da minha irmã. Mas enquanto eu pudesse protegê-lo, eu iria.

– Passe o telefone para o seu marido estúpido, tenho certeza que isso é coisa dele! Abriela, eu quero ver o meu sobrinho!

Ela suspirou. — Ele ainda é muito delicado Anita, o médico achou melhor que ele ficasse em observação por pelo menos um mês.

– Então mande uma foto!

Ela ficou em silêncio por alguns minutos antes de responder. — Tudo bem.

– Droga, eu estou te magoando não estou? Me desculpe irmã, é que nós não pudemos te ver por toda a gravidez e agora temos de esperar mais um mês. – Lamentei. – É uma tortura.

– Eu sei, isso acaba comigo. Estou com saudade de vocês e prometo que irão vê-lo logo, logo.

Eu assenti, mesmo que ela não pudesse ver. – Estou ansiando por isso. Me conte como ele é.

– Oh Anita... ele é perfeito. – Sussurrou.

Eu sorri, feliz que ela estava conquistando aquele sonho.

Nós continuamos conversando, e ela me contava tudo sobre ele. Como era pequeno, cheiroso, delicado, gordinho. Alessa e eu ligávamos todos os dias, esperando ansiosamente a próxima atualização, cada nova coisa que nosso pequeno fez era uma alegria diferente. Nos apaixonamos por ele sem nem o conhecer.

A vontade de segurá-lo era tanta, que quase convenci minha gêmea a invadir a casa comigo. Infelizmente Bernardo nos ouviu falando e passou a ficar de olho em nós duas.

Os dias se arrastavam entre saber mais do meu sobrinho e frequentar o apartamento de Luigi. Nossa relação ainda se baseava em sexo.

Puro e cru, ele nunca me questionou porque eu ia embora tão rápido, nunca me pediu para ficar e nunca fez questão de conversa de travesseiro. Seu interesse em mim não estava além do meu corpo. Era mútuo. Eu não seria hipócrita de me vitimizar na situação, adorava sexo. Amava sentir prazer e Luigi sabia como me dar isso de sobra. Tudo ficaria bem enquanto eu mantivesse

esse espaço entre nós.

Graças ao seu pau enorme e seu corpo delicioso ele sempre teria um lugar no meio das minhas pernas. Mas nunca, jamais em meu coração.

Um mês e poucos dias nunca tinham demorado tanto para passar. Depois de sairmos da casa de Ella, onde nosso pai e seu incrível sogro batizaram Tony a moda antiga, seguimos direto para a igreja. E eu nunca tinha visto aquele lugar tão cheio. Era incrível como até na máfia existiam tantos puxa-sacos, tudo bem que era o batizado do filho do chefe, mas porra, um cartão já era felicitação suficiente. Mas não, todos estavam lá.

Prontos para sorrir durante toda a manhã fingindo estarem felizes enquanto estavam morrendo de tédio.

– Vamos receber a Beyonce por acaso?

Alessa riu. – É uma coisa grande.

– É um circo da porra. – Comentei enquanto passava pelas portas da igreja, justo onde o padre estava recebendo as pessoas, ele me deu um olhar de repreensão. – Perdão padre.

Ele balançou a cabeça e continuou apertando as mãos de quem chegava.

– Ainda bem que reservei essa igreja, olha quantas pessoas. – Alessa falou.

– Eu não sabia que foi você quem organizou isso.

Ela deu de ombros. – Lucca sabe que eu tenho conhecimento com organização de eventos, de qualquer forma não custava nada fazer.

Olhei para ela e cerrei os olhos. – Profunda sua amizade com ele, não?

Ela revirou os olhos e me ignorou.

Nós cumprimentamos alguns conhecidos e sentamos para assistir à missa inicial.

O padre falou tudo o que todos nós ouvíamos todos os domingos. Que somos filhos de Deus, que somos pecadores, mas ele nos ama mesmo assim e tudo o mais. Mesmo o padre sendo tão claro, os homens da Família ainda ouviam esses sermões e interpretavam da forma mais confortável para eles.

Eu ficava pensando, será que diminuía o peso na consciência deles, se levassem aquelas palavras como "Filho, você é pecador, então continue matando, torturando e roubando, pois, ainda irei te amar"?

Como tinham coragem de pisar nesse chão sagrado, tendo suas mentes tão sujas pela violência e não ter nem mesmo a capacidade de se arrependerem?

Eu não entendia, e pedia a Deus que fizesse de Antony alguém diferente deles.

Ele iria crescer no meio daqueles homens, eventualmente se tornaria como eles, mas eu pedia com todas as minhas forças que o preservasse como alguém bom. Com uma mente sã e um coração puro.

– Queridos pai e mãe, vocês transmitiram a vida a esta criança e a receberam como um dom de Deus, um verdadeiro presente. Que nome vocês escolheram para ele?

– Antony Lucca DeRossi. – Lucca respondeu.

– O que vocês pedem à Igreja de Deus para o seu filho?

– O batismo.

– Pelo batismo essa criança vai fazer parte da Igreja. Vocês querem ajudá-la a crescer na fé, observando os Mandamentos e vivendo na comunidade dos seguidores de Jesus?

– Sim, nós queremos.

– Padrinho e madrinha, vocês estão dispostos a colaborar com os pais em sua missão?

– Sim. – Luigi e eu respondemos juntos.

Ele jogou água na cabeça de Tony enquanto falava. – O Senhor Jesus que fez os surdos ouvirem e os mudos falarem, lhes conceda que possa logo ouvir sua Palavra e professar a fé para louvor e glória de Deus Pai. *Io ti battezzo nel nome del Padre, del Figlio e dello Spirito Santo.*

O padre fez o sinal da cruz na minha testa e na de Luigi e colocou Tony no meu colo. Eu alisei sua bochecha, beijei a ponta de seu nariz e olhei para cima quando senti a mão de Luigi nas minhas costas.

Ele sorriu e beijou a testa de Antony ainda me encarando.

– Eu não vejo a hora de estragar o meu afilhado, porra.

Pela primeira vez em algum tempo eu lhe dei um sorriso verdadeiro.

Capítulo 7

ANTES

“Tenho tentado com empenho não me meter em confusão, mas tenho uma guerra na minha cabeça.”
Lana Del Rey

– Deixa ele ir no carro com a gente por favorzinho. – Pedi assim que saímos da missa.

Abriela me olhou pensando, mas Lucca respondeu primeiro. – Não.

– Com licença, ogro, mas eu estou falando com minha irmã.

Lucca nem se alterou. – É o meu filho. E não há a menor possibilidade de eu deixar ele entrar num carro com você.

– Você pensa o que? Que vou deixá-lo cair pela janela?

– Vindo de você não me surpreenderia.

– Fo...

– Olha a boca perto do bebê, Anita. – Declarou Alessa.

Dei-lhe um olhar, mas não falei mais nada. Odiei ter que me despedir de Tony, mas íamos nos ver logo, logo.

Ella sorriu. – Você terá o dia todo com ele.

– Estou ansiosa para nossa tarde de meninas.

– Com um bônus. – Ela apontou para o bebê.

– Esse bônus é mais que bem-vindo.

Ela riu e caminhou para longe. – Vejo vocês logo.

– Não te dói o coração vê-la levando nosso menino pra longe?

Alessa me encarou e revirou os olhos. – Não sei como não nascemos siamesas.

– Vira essa boca pra lá!

– É verdade, grudenta como você é.

Eu ia xingá-la, mas vi que estava prendendo o riso. – Odeio você. – Resmunguei.

Ela riu e me abraçou. – Estou brincando. – Sorri e dei um beijo em sua bochecha. – Mas é um pouquinho verdade sim.

– Oh, meu Deus eu odeio mesmo você!

– Acha que Ella sente falta de morar com a gente? – Perguntei assim que o carro estacionou no portão da frente da propriedade da minha irmã.

– Ela com certeza sente falta de mim.

– Alessa, você acordou com um espírito de cadela hoje, sabe disso?

Ela riu. – Não, eu acordei sincera.

– Primeiro eu sou uma siamesa grudenta, agora me ataca com essa ingratidão absurda. Estou pensando seriamente em fazer uma greve de mim, especialmente para você.

Ela levantou o braço no ar, num sinal de vitória. – Isso é tudo o que eu quero, uma greve de Anita. Espero por isso há tanto tempo...

O soldado abriu a porta e nós entramos.

– Sua vaca maldita, vai apodrecer no inferno.

Ela seguiu para dentro rindo.

Nós encontramos Ella na cozinha, uma cena completamente doméstica, assim como ela sempre tinha sonhado para si mesma. Cozinhando e recebendo visitas em sua grande casa.

– Ah, *Dio Santo*! Você vai fazer fondue? – Alessa perguntou dando pulos.

Minha irmãzinha deu uma risada. – Vou.

Eu estiquei a mão e peguei um morango o enfiando na boca. – Eu senti falta disso. Quando Alessa faz fica uma merda.

Nossa irmã me acertou um tapa no braço. – É só você não comer, ingrata!

Rindo, sussurrei para Alessa. – A vingança é literalmente doce. – Tentei pegar outro morango.

– Pare de comer antes de estar pronto. – Abriela reclamou, dando mais um tapa.

– Ai! É só um moranguinho de nada!

– Espere até ficar pronto.

– Você parece Goretti quando está fazendo comida, não me deixa nem beliscar.

Aquilo era verdade. Desde que a velha foi morar em casa tem tentado colocar limites em mim. Se eu achava que era teimosa, ela era muito mais.

Ela sorriu. – Como ela está?

– Uma resmungona. Vive me dando broncas.

Alessa riu. – Você só dá motivos para isso.

– Não! Ela é que é intrometida demais.

– Não importa. Só quero saber se ela está bem.

Distrai-me com o toque do celular. – Até demais.

O nome piscando na tela imediatamente me deixou tensa. Levantei da cadeira e fui atendê-lo fora da cozinha. A última coisa que eu precisava era minhas irmãs perguntando porque Luigi estava me ligando.

– Já disse para não me ligar durante o dia.

– Oh, mas de noite eu posso?

– Luigi suas ligações só prestam pra me fazer gozar, não para ficar batendo papo como dois amigos.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos. – Amor, você parece mais azeda que o normal hoje, quer desabafar?

– Vou estar azeda da próxima vez que chupar o seu pau, imbecil e arrancar a cabeça com os dentes.

Ele riu. – Bem, depois disso, sua boca ficará longe do meu amigo por algum tempo.

– Como se eu sentisse falta não é, Luluzinho?

– Anita, porra, você...

– Luigi, vamos nos atrasar! – Ouvi uma voz feminina ao fundo.

Franzi a testa ouvindo ele tentar tapar o telefone. – Eu já vou, diga a sua mãe que vamos demorar alguns minutos.

– Com quem está falando?

– Com Dante. Desça e diga a sua mãe.

Eu fiquei com o celular no ouvido de boca aberta escutando aquele cafajeste.

– Anita, vá ao apartamento hoje, depois das dez, tenho um compromisso agora, então não posso...

– Oh desculpe-me, pensei que eu fosse o Dante, sou a Anita agora? Seu filho da puta!

Ele suspirou. – Eu não sabia que você era adepta a frescuras e shows como esse.

– Luigi, vá com essa mulher para o quinto grau do inferno e queime, porra. Não me ligue de novo!

Desliguei sem lhe dar tempo de responder, tomei um fôlego e voltei para a cozinha.

Coloquei meu melhor sorriso no rosto e dei atenção as minhas irmãs, as únicas coisas que faziam valer a pena.

– Dio... Você se lembra quando fomos no nosso primeiro evento da Família? – Alessa perguntou enquanto revirava os álbuns de fotos.

– Por Cristo, olha a roupa que usei! Parecia uma beata. – Olhar aquelas fotos era como uma retrospectiva de horror, eu usava aparelho nos dentes e *papa* ainda controlava minhas roupas.

Abriela revirou os olhos. – Anita, só porque não tem um decote gritante não significa que você parecia uma.

– Meus seios são tão lindos. Eles nunca aparecem o suficiente. – Falei, passando as mãos neles.

– Eu não vejo a hora de você se casar e seu marido dar um jeito nisso.

– Não vai acontecer irmãzinha. – Respondi distraidamente, bolando um plano de como roubar todas aquelas fotos e queimá-las apenas para não correr o risco de alguém ver a decadência.

– Você pensa que não, mas quando você tiver o homem certo ao seu lado e ele...

– Não vou me casar, Abriela.

– Sim, você vai.

Bufei uma risada. – Continue nessa ilusão.

– Qualquer mulher honrada da família vai se casar um dia, você não quer, mas vai. E vai aprender a amar seu marido.

– Uma mulher honrada sim, mas como não sou uma... – Deixei a frase no ar ainda olhando foto por foto.

Mesmo sem encará-las podia sentir os olhos das duas em mim.

– Anita?

– Hum? – Resmunguei sem olhar.

Alessa tirou as fotos da minha mão e puxou meu queixo para olhá-la. – O que está dizendo?

– O que?

– O que quer dizer que não é honrada? – Ella perguntou, cheia de medo.

Desviei os olhos, ficando de pé. – Vocês entendem tudo literalmente! Foi só uma figura de linguagem.

– Anita, não brinque com isso. Olhe nos meus olhos e diga que não entregou sua honra. – Alessa suplicou segurando meus braços.

– Por que vocês fazem disso uma grande coisa?

– Anita por *Dio*! Diga-me que ainda é virgem!

Soltei-me de seu aperto, dando alguns passos para trás. – Eu não vejo problema se não fosse. Droga.

– Irmã... sabemos que tem algo acontecendo, por que não nos conta?

Àquela altura eu já estava soluçando. – Não há nada errado...

– Anita confie em nós.

Parei para pensar sobre o que dizer a elas, eu sabia que era preocupação constante das duas qual seria a próxima que eu ia aprontar. Já podia ver o medo nos olhos de Abriela e Alessa tomando providências para tentar de alguma forma consertar minha burrada.

– Não perdi minha honra estúpida. – Menti. Porque Abriela iria se sentir culpada o resto da vida se soubesse o que eu fiz por ela.

Elas suspiraram em alívio, me abraçando. Minha consciência pesou brevemente por estar mentindo, mas empurrei para o lado o sentimento.

– Mas isso não significa que nada está acontecendo. – Alessa falou.

– Eu não quero falar sobre isso... se eu falo se torna mais real ainda! Por favor... parem!

Minha voz era só um sussurro fraco, eu devia estar parecendo tão estúpida chorando daquela forma.

– Minha irmã... nós estamos aqui para ajudá-la!

– Tem um cara...

– Já sei que é um idiota. – Alessa resmungou e por um momento eu ri.

– Ele nunca me fez promessas ou me deu esperanças. Eu nem sei se sinto algo por ele, é só que... ele me faz bem e mal tudo ao mesmo tempo. Eu nem sei porque estou chorando. Ele é apaixonado por outra pessoa. E eu realmente não nasci pra ser segunda opção de ninguém.

– Ele te disse isso?

Bufei. – Você quer mais do que eu estar com ele depois dele encher a cara e ele chamar pelo nome dela?

Não existia qualquer argumento contra aquilo.

– Olha, apenas esqueçam o que houve aqui. Desabafar não ajudou, então... não vamos mais falar sobre isso.

Alessa abriu a boca, mas levantei a mão parando-a. – Chega. Agora... que tal assistirmos maratona 10? – Perguntei sorrindo.

– Eu estava sentindo falta da maratona 10. – Ella respondeu.

Ella dormiu antes mesmo do quinto filme, eu estava no oitavo, tentando firmemente prestar atenção e não deixar minha cabeça ir para aquele homem.

O filme era perfeito, Alessa e eu estávamos entretidas até seu celular começar a tocar.

– Sim? Estou... – Ela ouviu e seus olhos se arregalaram. – Oh meu Deus... Sim, posso claro...

Alessa ficou de pé, pegando sua bolsa e correndo em direção a porta, ainda falando no telefone. – Como isso foi acontecer?

Sai do sofá tentando não acordar Abriela e a segui. Quando ela desligou eu perguntei. – O que foi?

Ela pulou, colocando a mão no coração. – Jesus, Anita! Já falei pra não fazer essa merda. Eu tenho que sair.

Segurei seu braço a impedindo. – Onde você vai?

Ele abriu a porta e puxou seu braço, já saindo. – Alguém vandalizou o salão do evento dessa semana, preciso correr até lá e resolver a tempo. Vou direto para casa depois, não chegue

tarde, está bem? Você sabe que o humor de papai não está dos melhores ultimamente.

– *Va bene*. Tome cuidado. – Pedi, lhe abraçando.

– Anita, falo sério, não quero ter que o ver te machucar novamente.

– Não vou deixar Abriela sozinha, assim que o ogro chegar vou embora.

Alessa assentiu, hesitante. – Prometa que vai direto para casa.

Revirando os olhos dei um aperto em sua mão. – Prometo.

Ela assentiu e saiu, fechando a porta atrás dela. Eu tranquei e dei uma volta pela casa. A pequena bola de pelos minúscula de Ella me seguiu por todo o caminho, por fim o peguei, deitando no sofá junto da minha irmã.

No dia seguinte, acordei com uma surpresa mais que especial deitado ao meu lado.

Antony me olhava com grandes olhos ansiosos e brilhantes. Olhei pelo quarto, vendo Alessa na beirada da cama.

– Lucca quer um tempo com Abriela, então esse pequeninho vai ficar conosco.

Sorri para ela e o peguei no colo. – Eu não acredito que o meu lindo menino veio ver a madrinha!

Ele riu tentando pegar um pouco do meu cabelo.

– Você já tem uma coisa por cabelo, não é?

Ele gargalhou e o som encheu meu coração, como fazia todas as vezes.

Assim que entramos na casa de Lucca eu vi dois soldados que sempre estavam perto de Luigi, comecei a rezar para todos os santos que fosse apenas Dante e não ele.

– Isabela Gianni está aqui, que estranho.

– Eu não sabia que Abriela falava com ela. – Respondi.

Alessa deu de ombros. – Ela acabou conhecendo mais pessoas agora, era inevitável.

Nossa irmã mal nos olhou quando pegou Antony de Alessa e abraçou, enchendo de beijos.

– Vocês vão parar de levá-lo de mim, eu sinto falta demais!

– Não seja egoísta e o divida! – Alessa reclamou a abraçando. – Olá Isabela.

A menina sorriu. – Como vai Alessa?

– Bem. Sua mãe?

– Na Europa com papai.

– Você perdeu uma viagem à Europa? – Perguntei.

Deus estava de mal comigo, porque no mesmo momento Luigi apareceu.

Isabela olhou para a mesma direção e sorriu. – Eu normalmente iria com eles, mas algo mais interessante que a Europa me prendeu aqui.

Levantei uma sobrancelha, querendo questioná-la, mas pelo olhar de minhas irmãs resolvi deixar de lado, por hora. – Eu vou colocar meu biquíni.

– Eu vou também. – Disse Isabela.

Sorri forçado – Claro.

Passei direto pelos três, nem mesmo os olhando, com a ruiva ao meu encalço.

Entrei no quarto de Ella, jogando minha bolsa em cima da cama e tirando o melhor biquíni que pude encontrar. Isabela olhou ao redor e me encarou.

– Não seria melhor irmos para outro cômodo?

– Por que?

– Bem, o senhor DeRossi dorme nesse aqui, certo? Não sei o que meu pai pensaria disso.

Revirei os olhos. – Sinta-se livre para usar qualquer outro cômodo da casa, de qualquer forma, ele mora na casa toda.

Ela suspirou e começou a mexer na própria mala. – Você está certa.

– Sim, eu estou.

– Mas isso é bom, preciso me acostumar a estar em torno deles mesmo.

A olhei através do espelho, vendo um sorriso gigante em seu rosto. – Ninguém sabe ainda, mas Luigi está negociando com meu pai.

Agora ela tinha toda a minha fodida atenção. – Mesmo?

– Sim, ontem nós fomos a um concerto de música clássica que papai adora e depois tivemos

um jantar maravilhoso. Sinto que logo, logo entrarei para essa Família.

Eu estava estática, imóvel, sem reação ouvindo suas palavras.

Mal consegui colocar para fora quando perguntei. – Isso é recente, essa... esse envolvimento?

Ela riu. – Estivemos nos entendendo pelo último ano todo. Ele é tão doce e gentil. – Suspirou.

Alessa escolheu aquele momento para se juntar a nós. Enquanto eu ainda tentava me acalmar, desesperada para o meu coração voltar aos batimentos normais.

Minhas mãos tremiam. Minha garganta secou.

Meus olhos, porra, ardiam.

Será que eu iria chorar se tentasse falar algo?

Evitei encará-lo a tarde toda.

Não falei com ela e não olhei para ele. Mas a menina parecia uma mosca cercando, sempre em volta. Puxando assunto, querendo falar, e todos pareciam felizes e nem um pouco incomodados em tê-la por perto.

Eu me mantive lá apenas por Antony.

Tirando as fagulhas entre eu e a vareta ambulante, aquela tarde tinha tudo para ser tranquila. Tanto que eu nem vi a merda chegando, ela apenas explodiu.

– Idiota! Saia dessa margem com ele.

Luigi chegou mais perto da beirada, apenas uns três passos de entrar na água. Eu levantei.

– Venha pegá-lo.

– Foda-se! Traga sua bunda longe daí com ele.

Mais um passo.

– Luigi. – Lucca advertiu, mas eu quase não ouvi, totalmente focada nele.

Mais um.

Eu não pensei, só reagi. Estava cega de raiva e medo, se ele escorregasse e caísse com Antony, tivesse algum acidente eu ia matá-lo.

Não tive nem tempo de desviar antes dele me empurrar piscina a dentro.

Água entrando pelos meus ouvidos, boca, nariz, eu impulsionei para cima, desesperada por ar. Tossindo e gritando com o infeliz.

Dante estendeu a mão para me ajudar a sair, mas empurrei fora. Eu não precisava da porra da sua ajuda. Não precisava da ajuda de ninguém.

Estava secando meu cabelo no banheiro dos fundos da casa quando a porta abriu. Não era preciso olhar para saber quem era.

– Incrível como apenas minha presença te deixa toda molhada. – Ele zombou.

Eu fechei os olhos, pedindo paciência de qualquer lugar que fosse.

– Saia daqui.

Ele sorriu e fechou a porta. O que eu imediatamente lamentei, afinal, nós dois presos entre quatro paredes não era uma boa jogada.

– Se você soubesse se comportar como uma dama isso não teria acontecido.

Virei-me para ele jogando a toalha em seu rosto. – Oh, mesmo? Eu parecia uma dama quando seu pau estava sendo chupado, imbecil. Por que não vai passar a noite fodendo a “preciosa dama” Isabela?

Ele sorriu maldosamente, me medindo dos pés à cabeça. – Nem todas as mulheres precisam abrir as pernas desesperadas por qualquer atenção que possam ter. Isabela é o tipo que eu levo para jantar. De qualquer forma, eu adoraria, mas ela é virgem.

Eu parei. – Então vocês estão cortejando ou algo assim?

Ele franziu a testa. – Quem no mundo ainda fala cortejando?

– É o que é, se você está com ela a base do celibato.

Ele sorriu torto. – Ninguém falou sobre celibato amor.

Eu bufei. – Como se um simples boquete tivesse um grande valor para você.

– Um muito bom tem sim, mas nada melhor que um rabo apertado.

– Você disse que ela era virgem.

– Da boceta certamente, agora do c...

Eu tapei meus ouvidos e o fuzilei com o olhar. – Não quero ouvir Luigi. É nojento.

– Não é nojento, isso te excita, mas você é covarde demais para fazer.

– Não sou covarde. Só estou cem por cento convencida que não se come onde se caga.

– Porra que nojo! Você acabou de estragar sexo anal pra mim.

Eu sorri. – É o meu trabalho. – Virei para sair, mas ele me agarrou, colado minhas costas em seu peito.

– Você iria adorar me ter nessa sua bunda gostosa.

Suas mãos apertaram meus seios, fazendo-me soltar um gemido.

– É só sexo, bonita. – Sussurrou.

Foi como um balde de água fria. Sai de seu aperto colocando uma distância entre nós imediatamente.

– Não me chame assim! – Rosnei.

Ele sorriu e ia falar algo, mas de repente seu sorriso escorregou e me olhou como se tivesse crescido duas cabeças em mim. Dessa vez ele não estava bêbado e percebeu o que fez.

– Anita? – Alessa chamou do outro lado da porta.

Ele me encarou por mais alguns segundos então abriu a porta e saiu.

Não me dando tempo de me esconder ou pensar em uma desculpa para dar a minha irmã.

Mas do que adiantaria? Quando olhei nos olhos idênticos aos meus cheios de pesar soube que uma desculpinha ou qualquer coisa que eu dissesse não enganaria a ela.

– Irmã... – Sussurrou triste.

Ela sabia. E quando me abraçou, eu deixei. Porque mais uma vez, ela estava lá por mim quando eu mais precisava.

Luigi achava que existiam mulheres para foder e mulheres para jantar. Já que Isabela é essa mulher, ele deixou bem claro qual era o meu lugar.

A tão desesperada por atenção que abre as pernas apenas para ter alguma.

Ele que encontrasse alguém para molhar seu pau e apagar seu fogo nas madrugadas.

Eu era como seu segredo sujo, enquanto ele jantava e assistia musicais por aí com uma das filhas da Família.

Mesmo que ninguém estivesse preocupado em ver, eu tinha meu próprio valor, e não era tapete para qualquer homem pisar.

No começo eu pensava que estava exagerando em não confiar nos homens, mas Luigi só me provou o quão certa eu estava.

Obrigada, imbecil.

Mas não mais.

Capítulo 8

DIAS ATUAIS

*"Você se intitula como um furacão, como eu?
Acende fósforos só para engolir as chamas, como eu?
Apontando dedos pois nunca vai assumir a culpa, como eu?"*
Halsey - Gasoline

– E por último, Anita Bonucci! – Ouvi a voz de Marco me chamando de algum lugar distante.

É claro que eu estava presa entre Luigi e uma parede, durante um evento da Família.

Eu arranquei minha boca da dele, o empurrando para longe. Ele sorriu e passou o polegar pelo seu lábio inferior onde tinha um vestígio do sangue da minha mordida. Sem lhe dar tempo para dizer qualquer coisa, eu corri para onde insistentemente chamavam meu nome.

Eu tinha conseguido evitá-lo desde o dia na casa da minha irmã, mas ficou impossível a partir do momento que ele me encontrou nesse corredor e colocou-me contra a parede.

Tentei sair, tentei me soltar, mas ele era grande e bem mais forte que eu. Parece que não aprendeu a entender um “não”.

Passei ziguezagueando pelas mesas do salão até o palco. Marcos me ajudou a subir e eu pude ver o esforço que ele fazia para não rir de mim. Parei no meio de Michela e sua prima Francina, odiando que ambas fossem mais altas que eu e enquanto elas sorriam, eu mantive minha cara de tédio para todos verem.

Eu era obrigada a ser leiloada como um boi sim, mas não a sorrir e fingir que gostava.

– Anita tem vinte anos, um metro e cinquenta e oito de altura, gosta de ler, viajar, adora estar entre sua família e amigos e não troca uma tarde em casa por nada. Seus gostos musicais variam entre um bom jazz e uma melodia suave para dançar lentamente. Adora filmes de romance e comédia. Um de seus maiores sonhos é constituir sua própria família e passar a seus filhos os valores que aprendeu.

Put a mentira descarada.

Alessa estava a duas meninas de distância de mim e não perdeu o olhar matador que lancei a ela. Minha gêmea safada e sua mania irritante de mudar meus discursos, ou pior, me impedir de fazê-los.

O meu original que entreguei a Marcos arredondava minha altura para pelo menos um metro e sessenta – cinquenta e oito era humilhação —, e deixava bem claro que meu passatempo preferido estava entre beber, dançar e beijar tanto quanto eu pudesse cada cara disponível e bonito.

Eu odiava a porra dos filmes de romance e com toda certeza não queria dançar uma melodia lenta, ou ensinar valores de merda aos filhos que eu nem sequer pensava em ter.

– Senhores, façam sua escolha e deem seu melhor lance. A Família espera que todos tenham um ótimo divertimento.

Após uma longa pausa para palmas e gritos de excitação, Marco passou de uma em uma, vendendo cada uma das dezesseis mulheres disponíveis. Somas exorbitantes de dinheiro para um jantar. Os pais de cada uma espalhados no salão sorriam felizes e orgulhosos cada vez que uma delas era leiloadada.

Vinte. Vinte e cinco. Trinta. Trinta e cinco. Cinquenta. Cinquenta e Cinco. Sessenta. Setenta. Oitenta. Noventa. Cem mil.

Cem mil para comer uma salada, um bife, uma taça de vinho caro e falar sobre merdas inúteis e fúteis com garotas que tem idade para serem filhas, ou além, netas deles. Era absurdo.

Quando chegou a minha vez, eu fuzilei cada um que ousava dar um lance em mim. Abriela estava numa mesa com Lucca e Giorgia, vermelha de tanto segurar o riso enquanto olhava para mim.

Marco apontou para mim. O filho da puta estava tendo a diversão de sua vida vendo minha miséria. Ele adorava aquilo e passaria horas no telefone falando sobre como minha expressão era cômica. – Quem dá mais?

Minutos depois eu fui a última comprada como um dos quatro maiores lances da noite.

Que grandíssima merda.

Um soldado me levava até a mesa do infeliz que gastou tanto dinheiro comigo, e minha única satisfação seria fazer da noite dele um inferno.

Eu só não esperava ver aquele pecado de homem ao lado da mesa, me olhando. – Senhorita Bonucci, é um prazer, sou Alessio Solini. – Ele me cumprimentou com um beijo nas costas da mão direita. Tinha uma aparência muito agradável. Com uma barba por fazer e o terno cinza, os cabelos cor de areia escuro penteados para trás, alto e em forma. Eu tinha que admitir que ele era uma boa visão.

Puxei minha mão das suas. – Oi.

Ele levantou uma sobrancelha, um belo sorriso surgindo em seu rosto de modelo. – Estou encantado.

Sorri forçado intencionalmente e me sentei. Não esperando para ele puxar minha cadeira ou qualquer regra de etiqueta ensaiada.

Ele tomou seu lugar a minha frente e abriu a boca para falar, mas dois homens vieram falar com ele. Eles cochicharam por alguns minutos, então ele finalmente voltou sua atenção para mim.

– Então... ler, viajar e passar um tempo com a família não parece você.

Eu foquei na minha taça e não me incomodei em respondê-lo. É claro que ele tinha ouvido sobre mim. Imediatamente meu encanto por sua beleza esfriou. Ele seria um babaca comigo, tinha certeza.

– Eu esperava um discurso diferente.

Atirei-lhe um olhar mortal. – E o que eu pareço fazer? Soa mais como eu dançar nos bordéis da Família ou passar os dias em Verona gastando dinheiro de homens casados?

Ouvi sua risada baixa e rouca, e meus olhos foram para seu rosto. Ele tinha o lábio inferior preso entre os dentes e me encarava com um sorriso. – O que? – Disparei.

Ele inclinou-se para perto e sussurrou. – Você é ainda mais bonita vista de perto.

Oh, bem... merda. Isso não era o que eu esperava. Inconscientemente olhei na direção de Luigi. Ele estava numa mesa com Dante, seu pai e Simone. Estava conversando, rindo e bebendo. Ele nunca tinha me dito que eu era bonita.

Gostosa, sim. Que minha boca era o céu e minha boceta o paraíso. Que meus peitos eram perfeitos, que amava meus gemidos. Mas nunca que eu era bonita. Foda-se porra, eu era deslumbrante. Que merda importava se ele tinha dito isso ou não? Nenhuma!

– Será que pode baixar a guarda apenas durante o jantar?

Movi minha atenção para o homem na minha frente e franzi a testa. – O que?

– Eu só quero apreciar um pouco da sua companhia. Podemos comer e conversar, se você estiver confortável com isso?

– Se você acha que vai ganhar um pedaço meu ou ter seu pau molhado, sinto muito, mas não vai acontecer.

Eu soltei e continuei o olhando, esperando para ver qual seu próximo passo. Eu tinha quase certeza que ele ia se levantar e falar aos quatro ventos que me comeu em algum lugar aqui dentro. Mas ao contrário, ele sorriu. Dentes brancos e perfeitamente alinhados. – Isso é ótimo. Mas não se preocupe, quando eu tiver um pedaço seu nós pularemos o jantar.

– Presunçoso. – Ele era.

– Eu chamo de seguro.

– Continue sonhando. Você quase tem o nome da minha gêmea.

– É o destino. – Sorriu contra a taça.

Movi meus olhos dele para a mesa onde papai estava sentado com Bernardo e Alessa, me observando como um falcão.

– Eu frequento esses eventos a menos de um ano e estou completamente cheio deles, como consegue aguentar sua vida toda?

Inclinei-me sobre a mesa e o fitei. – É bem tedioso, mas fica mais interessante quando eu fodo meus acompanhantes da noite em algum canto por aí.

Ele se inclinou também. – Mesmo?

– Sim, mesmo.

Ele analisou meu rosto, então sorriu. – Isso é você tentando o que? Me chocar, me manter longe?

Isso não era o que eu esperava. Ele estava me irritando. Porque diabos não olhou meus seios quando eu praticamente os espremi contra a mesa, porque não me chamou para o jardim quando eu falei que fodia meus acompanhantes? O que é claro, era uma mentira já que o único com quem eu já fiz qualquer coisa sexual me mostrou que nem mesmo o melhor sexo paga o meu respeito por mim mesma, então eu não tinha a intenção de me enroscar com qualquer um por aí.

Mas ele estava aqui, sorrindo doce e fácil e me tratando bem.

– Apenas cortando a merda e indo direto ao ponto.

– Acha que dei o maior lance em você para transar?

– É o que os homens fazem.

Alessio levantou uma sobrancelha. – É rude me comparar quando não me conhece.

– É rude você pensar que eu quero conhecê-lo.

Ele sorriu novamente, algo que eu comecei a ver que ele fazia muito e chamou um garçom.
– Você vai querer a sobremesa? Eu amo o mousse de limão siciliano.

O fitei por um tempo, tentando entender se era uma piada, se ele estava atuando, fingindo tanta simpatia. – Torta holandesa.

Ele me deu um olhar, depois para o garçom. – Por favor.

– Então, Solini... Não me lembro desse nome.

Ele franziu a testa. – Não nasci na Família, meu pai foi o último advogado, mas ficou doente

e impossibilitado de trabalhar.

– Seu pai era o Ivo?

– Ele mesmo.

– Eu não sabia que ele tinha filhos. – Pensava na maioria das vezes que Ivo era um eremita até.

– Ele não me queria envolvido. – Respondeu assim que o garçom voltou, deixando nossos pedidos.

– Então como é que você acabou frequentando esses eventos?

– Lucca DeRossi não é um homem que te dá escolhas. Papai teria que indicar outro advogado de confiança para tomar o lugar dele, porém se esse homem traísse a Família, de quem seria as consequências?

– Seu pai.

– Exato. A única maneira de saber que meu pai estaria a salvo seria colocar alguém cem por cento confiável, então eu abandonei meu sócio na Europa e vim tomar o lugar de papai.

– Sinto lhe dizer, mas foi a pior coisa que fez na sua vida.

Um lado de seus lábios se curvou. – Eu discordo.

– Vai dizer que gosta de estar dentro dos negócios da Família?

Ele bufou. – Não, nem um pouco. Mas meu pai está em casa, seguro e feliz com minha mãe. E não tem que ficar olhando por cima do ombro com medo da Família fazê-lo pagar pelos erros de alguém.

– Você nunca trairia a Família apenas para ser livre?

Alessio riu. – Eu sou livre, senhorita Bonucci.

Revirei os olhos. – Você entendeu o que eu quis dizer.

– Eu adoraria correr para a delegacia mais próxima e mostrar tudo o que sei sobre a Família, sobre Lucca, sobre Miami, Nova York e todas as Famílias. Os crimes absurdos, as falcatruas, tudo. Mas prefiro ver meus pais felizes. E vivos.

Terminamos de comer a sobremesa em silêncio, porque eu entendia bem o que ele sentia. A vontade de fugir, porém o medo do que aconteceria com quem fosse deixado para trás.

Não havia qualquer dúvida que os pais deles seriam mortos caso ele traísse a Família.

Depois de Michela ter subido ao palco e feito uma apresentação no piano, eles voltaram a tocar músicas tradicionais italianas.

Eu estava louca para chegar até minhas irmãs e rir como sempre fazíamos, porque Michela insistia em fazer aquilo toda a maldita vez que os leilões aconteciam. Era vergonha alheia pura. Respirei fundo tentando não gargalhar da situação e tomei um gole d'água.

Alessio assobiou. – Jesus, ela faz isso sempre?

Foi meu fim. Eu comecei a rir, chamando a atenção de algumas pessoas e tapei a boca, porém não conseguia controlar. O encarei de olhos arregalados. – Eu estava tentando não rir, você estragou tudo!

Alessio deu uma risada e ficou de pé. – Se ela pode passar vergonha e ninguém vai dizer nada, nós também podemos.

Ele estendeu a mão e fez uma reverência. – Dance comigo?

Ainda rindo, aceitei sua mão e o deixei me levar para a pista. Apenas um casal de idosos estava dançando, mas Alessio não pareceu tímido ou intimidado. Pelo contrário, ele começou a nos balançar de um lado para o outro, ao som de Italiano Vero.

Alessio não grudou nossos corpos, ele dançou com graça e elegância, me fazendo rir como eu não tinha feito em um tempo. – Se você pisar no meu pé de novo, não poderei te prometer uma outra dança. – Ele cutucou.

– Você não pode dizer essas coisas a uma mulher, acaba com a minha segurança na pista.

Ele fez um bico e me girou. – Desculpe-me, você é uma dançarina extraordinária.

– *"Buongiorno Italia, buongiorno Maria... con gli occhi pieni di malinconia"*. – Cantamos juntos.

Batemos palmas quando entrou a deixa para o refrão e todo o salão começou a cantar. – *"Lasciatemi cantare, con la chitarra in mano, lasciatemi cantare, una canzone piano!"*

Alessio girou em torno de mim, fazendo caras e bocas. – *"Lasciatemi cantare, perche' ne sono fiero, sono un italiano... un italiano vero!"*

Eu dei uma risada e encostei a cabeça em seu ombro. No momento nem me dei conta de que fiz aquilo, apenas senti e fiz. Alessio me deixava confortável. Fez-me rir, ter uma conversa normal, e até mesmo me lembrou de como eu gostava de dançar. Ele não parecia falso, não me tocou com malícia e foi mais respeitoso que qualquer homem além de Bernardo já tinha sido.

Ele fez uma noite lamentável se tornar suportável com seu sorriso fácil e conversa boba.

Eu era grata, porque a noite terminou e eu não pensei em Luigi nem uma vez sequer.

Capítulo 9

LUIGI DEROSI

*"Ando arrumado, bonito, metido
Me amam e me odeiam pelo mesmo motivo.
Sigo rindo, ando possuído, olha dentro dos meus olhos pra entender... eu sou o capeta."
Filipe Ret - Dutumob II*

Eu dei risada da ridícula piada que Ciro contou e chamei Nino de onde estava sentado.

Ele se inclinou para mim. – Senhor?

– Arremate Isabela e coloque-a para jantar com sua mãe e irmãs.

Ciro me deu um olhar satisfeito e ergueu a taça, tomando um gole. – Pensei que fosse deixar minha menina lá para qualquer homem jantar com ela.

Simone jogou o braço sobre meus ombros. – É vero, mas me diga. Quando o casamento vai sair?

Tirei seu braço e bati meu copo no dele. – Quando eu cansar de brincar com a sua filha.

Ele ficou sério enquanto todos os outros homens davam risada.

– Apenas ela, senhor? – Nino me perguntou.

– Eu compraria todas elas. – Simone comentou e riu, acompanhado dos homens na mesa e engasgou com sua bebida.

Eu lhe dei alguns tapas nas costas. – Você não está aguentando nem o whisky meu amigo, imagine todas essas damas.

Eles riram mais forte. Todos bêbados e falando merda pra caralho.

Houve uma ovação a frente quando outra menina foi comprada. – Vendida! É o quarto maior lance da noite senhores! Anita Bonucci!

Automaticamente olhei para o palco. Eu assisti com água na boca quando ela andou rebolando seu corpo gostoso a frente do soldado, provavelmente indo para a mesa de quem a comprou.

Ela usava um vestido muito apertado, sem mangas e sem alças, fazendo aqueles montes

redondos balançarem junto com ela.

– Sortudo. – Pablo murmurou.

– Grazzie a Dio ela não é minha filha. – Eles riram.

Os encarei, mas eles não perceberam isso.

– Senhor, está na hora. – Juliano chamou ao meu lado.

Levantei minha taça para ele. – *Ma che cosa! Sente-se, compre uma menina e beba!*

Ele olhou para o palco e balançou a cabeça. – Uma outra hora senhor.

Eu deixei a bebida e fiquei de pé. – *Va bene.*

Enquanto caminhava para o carro, fui entrando no personagem.

Era hora de fazer o que eu fui feito para fazer.

Ganhar mais uma alma para o inferno.

Não era certo se tornar um homem de honra da Família, se não tivesse o sangue plenamente italiano. Siciliano. Para nós, não importava se o seu bisavô foi italiano, se seu pai foi siciliano ou você nasceu na Sicília. Nós queríamos o sangue puro dos campos da Sicília. Nossos homens feitos precisavam ter sido gerados por uma mãe e um pai de sangue. É claro que nós ainda éramos a única máfia que mantinha essa tradição. Essa regra. Em outros países, eles afrouxaram esse requisito para que os homens de ascendência semi-itala, por meio de sua linhagem paterna, pudessem também ser escalados.

Depois de ser escalado, era preciso ser feito a formação óssea. Ou seja, o assassinato.

É claro que se você matou alguém porque ele dormiu com sua mulher, ou porque roubou sua casa não é o suficiente. A Família vai te dar um nome e você deve tirar a vida dessa pessoa sem hesitar. Sem qualquer razão pessoal para matá-lo, mas apenas porque nós quisemos isso de você. Esse é o primeiro passo para provar sua lealdade.

Membrado como soldado, onde é dado responsabilidades e privilégios. Nossos homens honrados gozam de proteção integral e apoio da família e suas conexões. Nós somos intocáveis para outros criminosos, um homem a ser respeitado e temido. É um pecado capital atacar e mais ainda matar um homem honrado por qualquer motivo sem a permissão dos capos em conjunto.

Se alguém toca um de nós sem pedir nossa permissão ou vir a nós primeiro, tem de lidar com nossa severa retaliação. Independentemente se sua queixa é legítima ou não. Mas um homem

honrado pode ser assassinado se o motivo fornecido for bom o bastante e os chefes permitirem.

Nós estávamos em um dos porões da família, com pelo menos vinte homens ao redor, ingressando um jovem menino nessa vida. Esperando para vê-lo ser iniciado.

– Nossa Família deve ser mais importante para você do que a sua própria família, Deus, ou a sua nação. Se eu lhe pedir para matar seu próprio irmão, você deve fazê-lo. Mostre-me qual dedo puxa o gatilho. – Falei.

O menino de dezessete anos, magrelo e baixinho demais a minha frente me estendeu o braço. Tomei sua mão direita já que ele era destro e furei seu dedo indicador com a ponta da faca. Ele estremeceu quando deixei alguns pingos de seu sangue cair na foto do santo que ele havia escolhido.

– Segure a foto na palma de sua mão. – Ele fez e eu levei um isqueiro até a ponta do retrato, vendo enquanto as chamas tomaram imagem. Seus olhos encheram de lágrimas pelo fogo se arrastando em sua mão, mas ele ficou firme.

– Repita depois de mim. Se eu trair os segredos da máfia, que a minha alma queime no inferno assim como este santo. Se for trair a Família, que antes de falar eu tire minha própria vida. Nascido do sangue, juramento do sangue. Eu entro vivo e terei de sair morto. – Ele repetiu. Eu parei de frente para ele e beijei sua bochecha direita. – Cavalheiros, eu lhes apresento *nostro novo amico*, Domi Buffon. – Ele olhou ao redor e sorriu. Mas quando viu minha feição séria, deixou o sorriso. Eu quase ri, mas aquele momento era para ele entender a seriedade do que a vida dele se tornaria agora.

O garoto foi corajoso.

Os homens começaram a falar ao redor sobre ir a algum bordel da Família comemorar e isso não conteve que o garoto risse maior ainda.

– É sério? Agora eu posso simplesmente... ter uma boa uh, – ele olhou ao redor e sussurrou – vagina?

Eu não segurei uma gargalhada assim como os homens ao redor. – Sim porra, mas não diga "vagina". Diga "boceta".

Ele balançou a cabeça. – Minha mãe não aprovaria esse linguajar.

– Você é um homem feito agora. O que sua mãe pensa não interfere nas suas ações. Ou interfere?

Ele encarou os homens na sala, então respirou fundo. – Está certo. Vou comer uma boa... boceta.

Eu sorri e joguei um braço sobre o ombro dele. – Bom.

– Não tão rápido. – Eu me virei, encarando meu irmão enquanto toda a sala ficava em silêncio.

Dante desceu um degrau de cada vez e caminhou até o centro da sala. Seus olhos varreram o lugar, então parou em mim, depois no garoto do meu lado. – Porque eu deveria deixá-lo desfrutar dos benefícios de ser um homem da máfia?

O menino tremeu e olhou para o chão. Eu o soltei e observei a cena. Dante o estava testando.

– Então? Você pode falar garoto? Ou precisa que eu chame sua mãe para lhe dizer como responder a isso?

Domi levantou a cabeça e cerrou os olhos. – Posso fazer qualquer coisa por minha conta. – Eu tinha que dar um ponto, o garoto tinha bolas.

– Então me responda.

– Eu acabei de passar pela iniciação. Sou um homem feito! Posso sair e comer muitas bocetas toda a noite.

Alguém riu no fundo e resmungou. – Merdinha.

Dante tirou seu foco do menino e encarou o soldado. – Você disse alguma coisa?

O homem desviou o olhar, mas não falou nada. Meu irmão é claro, não ia deixar passar. Ele encarou o menino novamente. – Acha que isso é muito? Você não fez nada para mim. Não é merecedor de qualquer merda nossa. Quer desfrutar dessa vida? Ótimo. – Dante andou até ele e estendeu uma arma. – Aquele homem acabou de ofender você, o que vai fazer a respeito?

Domi hesitou, olhou para o soldado e depois para Dante. – Ma-matá-lo?

– Isso é a porra de uma pergunta? – Rosnou.

– Nã-não senhor!

– Então faça. – Domi não se moveu. Dante o pegou pelo colarinho da camisa e levantou seus pés do chão. – Se alguém ofende sua honra moleque, você revida. Se eu colocá-lo para proteger meu sobrinho você vai hesitar em atirar na porra de alguém que for uma ameaça a ele?

– Eu vou fazer... eu vou... vou atirar.

Dante o soltou e bateu a arma em seu peito. – Um.

– Senhor eu não sei como...

– Dois.

– Não sei como fazer! – Gritou.

– Três. – Junto a isso o som de um tiro soou no lugar, então um corpo caindo no chão com um baque, e o soldado gritou.

Dante levantou uma sobrancelha. – Informação importante garoto, atire na cabeça, não na

perna.

(...)

Eu amava loiras.

Loiras estilo modelos Victoria Secret's, pernas de quilômetros, rostos de anjo e fáceis na cama. Mas ultimamente nenhuma me excitava. Eu estava num dilema da porra porque a única mulher que eu precisava foder pra tirar do meu sistema era casada. E não que isso fosse um empecilho, pois não era. Não se ela não fosse casada com meu irmão. Minha cunhada.

As loiras com cara de anjo e corpos magros e longos já não eram mais minha fantasia. As morenas sim. Eu comi cada boceta disposta que tivesse cabelo longo e escuro, pernas curtas, seios fartos e bundas redondas. Não olhei em seus rostos porque elas não teriam os olhos azuis que eu queria ver, nem os lábios em forma de coração perfeito que queria beijar e a voz não seria nem de longe a mesma.

Olhei a menina no palco dançando procurando algo. Qualquer coisa que pudesse ser familiar nela. Se eu encontrasse, poderia bater uma mais tarde com um novo cenário. Imaginaria Abriela dançando pra mim.

Caralho, quão fodido eu estava?

O rosto do meu afilhado veio em minha mente e eu me condenei mais uma vez por querê-la dessa forma.

A única pessoa que conseguiu entrar no coração do meu irmão e trazer alguma felicidade para ele, e eu aqui... a desejando.

Eu nunca quis me apaixonar. Jurava que isso nunca aconteceria, mas aconteceu. E foi logo pela mulher mais inalcançável de todas.

O clube foi fechado para os soldados naquela noite. Tínhamos um garoto iniciado, um novo homem e a intenção era mostrar a ele como aproveitar dos privilégios dessa vida.

Cada vez que eu fazia isso, ajudava a corromper um novo garoto, me sentia com uma fibra a mais dentro do inferno. Eu não conhecia o arrependimento. A questão central era a satisfação que me traria fazer o que eu faço.

Thom me iniciou antes mesmo dos quinze.

Meu pai me acordou num belo domingo ensolarado e disse que teríamos um tempo de qualidade juntos. Ele me levou a um porto, onde um homem chamado Wody Savano levava turistas a passeios de barco.

Naquele dia, Wody não estava trabalhando, queria apenas aproveitar o dia com sua esposa, sua filha e seus dois filhos. Porém eles eram uma família humilde, e Thom ofereceu uma quantia irrecusável por um passeio ao mar. Wody nos garantiu que sua família não atrapalharia em nada, e assim foi. Tivemos um bom momento.

Quando chegamos em casa, Thom me perguntou o que achei de Wody, e eu fui sincero. Disse que o homem era íntegro, honrado e uma boa pessoa.

Eu fui iniciado na noite seguinte e deveria matar alguém.

Wody Savano foi assassinado por mim, com toda sua família assistindo, apenas porque ele era um bom homem.

– Precisa de algo essa noite, senhor? – A prostituta perguntou se inclinando para mim me tirando dos meus pensamentos.

Ela usava nada mais que uma calcinha preta fio dental e sandálias altas.

Era nova por aqui. Pequena e loira, os cabelos na altura do pescoço e a pele com um leve bronzeado.

Eu segurei seu queixo. – Você já foi testada bebê?

Ela balançou a cabeça. – Eu ainda não tive ninguém aqui senhor.

Tomei um gole do whisky e acenei. – Trabalhe o meu pau boneca.

Ela lambeu os lábios e abaixou, abrindo minhas calças, suas mãos tremiam e eu orei ao céu que ela não me cortasse com aquelas unhas.

– Qual seu nome boneca? – Me peguei perguntando.

Ela arregalou seus grandes olhos azuis, mas respondeu. – Amira.

Joguei minha cabeça para trás ao primeiro contato de sua mão quente. – Maldito “A”.

Ela massageou meu pau lentamente, de baixo para cima e ao contrário. Geralmente eu as deixava tomar seu tempo, mas estava com um tesão fodido e precisava de mais.

Envolvi meus dedos entre seus cabelos curtos e me guiei em direção a sua boca. – Faça o seu pior boneca.

O primeiro raspão de sua língua molhada me fez gemer. Eu não ia durar nem um minuto. A batida lenta da música, as luzes piscando, os gemidos ao redor, e os peitos dela firmes contra minhas coxas eram uma combinação perfeita.

Amira me engoliu, sua boca quente me envolvendo até a garganta enquanto sua pequena mão trabalhava minhas bolas estava me matando.

Então eu ouvi.

Um soluço. Olhei para baixo, vendo lágrimas escorrendo pelos olhos dela.

Mal processei quando afastei sua boca de mim e a puxei para cima. Seu corpo tremia inteiro. A sentei no sofá, ficando de frente para ela e tentei focar minha atenção em seu rosto, longe daqueles peitos maravilhosos.

– Amira? Machuquei você? Jesus, eu mal me movi!

Ela passou as costas das mãos pelos olhos, manchando de maquiagem preta e me encarou. – Não, por favor, perdoe-me senhor. Vou fazer melhor dessa vez! Por favor. – Sua voz travou com um soluço.

Algumas situações raras nessa vida me fizeram ficar chocado e sem reação. Essa era com certeza uma delas.

A menina chorava como se estivesse sendo forçada a cometer um crime!

– Olhe para mim. – Ela hesitante obedeceu. – Por que está chorando?

Ela desviou o olhar e tentou alcançar meu membro ainda em exibição. – Não vai acontecer novamente, eu prometo. Deixe-me satisfazê-lo...

Uma lágrima escorreu de seus lindos e profundos olhos azuis, e por mais que sua voz fosse sensual e seu corpo um monumento de prazer, eu percebi que tinha alguma coisa muito errada ali.

Levantei-me, a puxando comigo até o escritório, onde o gerente do clube, um dos homens da Família, Vini estava segurando uma das meninas pelos pulsos, gritando em seu rosto.

– Leve sua bunda lá para fora vagabunda, e faça algum dinheiro de merda!

– Vini, eu estou no meu ciclo. Você sabe que acabei de me curar de uma infecção!

Ele lhe deu um tapa. – Eu não me importo porra, deixe que pensem que estão tirando sua virgindade quando o sangue descer, poderá até mesmo cobrar mais caro.

Eu tinha visto demais. Peguei minha arma dentro do paletó e mirei em seu ombro, ele se desestabilizou e gritou com a ferida da bala, tentando alcançar sua própria arma, mas parou quando me viu.

– Senhor?

Olhei para a mulher que falava com ele. – Vá para casa querida, cuide de sua saúde.

Ela tropeçou para trás, correndo pela saída mais próxima.

Empurrei Vini numa cadeira e apontei para Amira. – Desde quando nós exploramos

mulheres?

Ele franziu a testa, apertando a mão contra o ferimento. – Ela não está sendo explorada! O que a cadela te disse?

Levantei a arma atirando em seu joelho. – Pareceu nada voluntário para mim quando ela chorou sobre o meu pau.

Vini gritou. – Essa duende do caralho tem essa veia sensível, ela está aqui porque é seu lugar!

Olhei para ela, a vendo encolhida no canto da sala, tentando cobrir seu corpo. Suspirando, tirei meu paletó e estiquei para ela.

Seus lábios tremeram e ela falhou um “Obrigada” para fora.

– Vini, comece a explicar.

– Seu pai a trouxe de Miami! Porra! Ela fez alguma merda das grandes lá para ser mandada para cá!

– Que porra é essa de Miami?

– Sou Amira Cardinale. – Ela respondeu de repente.

Eu travei no lugar. Por um minuto pensei ter ouvido errado, mas caralho, eu escutei em alto e bom som. Mirei no meio dos olhos de Vini e atirei, seu corpo caindo sem vida contra o encosto da cadeira. Lentamente virei pra trás, olhando para ela e isso me bateu.

Amira.

Filha da Família Cardinale de Miami.

Prostituta em um bordel da própria Família.

Que. Porra. É. Essa?

Capítulo 10

"E pra quem não tinha a intenção de sentir nada, eu estou sentindo é muito."

Joker

– Ciao! – Ella cumprimentou passando pelas portas do bistrô com Antony nos braços.

– Ei! – A abracei e peguei Tony. – Olá bebê! Que cheiro bom, a titia estava morrendo de saudades, ursinho!

Ele riu balançando as pernas.

Nós nos sentamos e pedimos bolo e chá. – Veio sozinha com ele?

Ella bufou. – Você esquece que eu sou casada com um neurótico profissional?

Eu dei risada. – Acho que sua segurança e a de Tony é a única coisa que Lucca e eu vamos concordar na vida.

– Vocês são mais parecidos do que pensam irmã. Viu como Tony cresceu?

– Demais, o que tem nesse seu leite, heim?

Ela riu forçado e tomou um gole de água. – Estou começando a dar caldos a ele. A médica achou melhor esperar até completar seis meses para dar papinhas e frutas. Mas Goretti voltou para casa agora então você deve imaginar.

Revirei os olhos pensando na velha. – Ela se acha mais médica que a médica.

– Totalmente. E o pior é que Giorgia concorda comigo em esperar, então as duas estão sempre em pé de guerra.

Fiquei tensa com a menção do nome da mulher. Nosso último encontro não tinha sido dos melhores, e eu admito que perdi a cabeça descontando na pessoa errada. – E como ela, hum, tem passado?

– Bem, como sempre. – Ella cortou um pedaço de pão e me olhou de canto. – Sei que você não gosta muito dela, mas Giorgia é uma pessoa incrível.

Entreguei o brinquedo de morder ao Tony e a encarei. – Eu nunca disse que não gostava dela.

– Ela me contou que vocês tiveram um breve desentendimento.

Arregalei os olhos. – Ela disse?

Não! Isso era terrível. Não queria que Abriela soubesse sobre Luigi. Era algo que pretendia levar para o túmulo.

– Nós estávamos tomando um chá em casa, Luigi, Alessa e Dante estavam lá. Eu falei que ia ligar para você e Giorgia me disse que ia pedir para Luigi levá-la embora pra você não ficar desconfortável.

Engoli em seco. – Ela disse por quê?

– Não, e nem deu tempo pois Luigi apareceu se despedindo. Ia levar Isabela em algum lugar. Mas algo aconteceu entre você e Giorgia?

Fiquei muda por alguns minutos. Ele estava fazendo sua vida e eu precisava lidar com isso. Afinal, Antony era nosso afilhado e não tinha nada a ver com nossas confusões. Luigi iria se casar com Isabela, isso estava claro. Eu precisava parar de agir como se isso fosse uma surpresa todas as vezes que surgia sobre mim.

Limpei a garganta e sorri forçado. – Não tenho qualquer problema com ela. Você sabe que não sou chegada a intimidades com as mulheres da Família, mas como ela é sua sogra vou esclarecer isso.

Ella inclinou a cabeça para o lado e sorriu. – Faça isso por você, *bene*? Não por mim.

Alcansei a mamadeira de suco de Tony e dei a ele. – Vou fazer pelo meu pequeno homem. Ele merece que eu seja alguém melhor todos os dias.

Abriela sorriu olhando o bebê. – Eu amo Alessa com todo o meu coração, mas sinto que não poderia ter escolhido alguém melhor para Tony do que você.

Virei Tony para mim e olhei em seus olhos. – Está vendo só bebê? Sua mãe acabou de me dar cartão verde para deixar você sair escondido, beijar à vontade e te ajudar a ir contra todas as regras do seu pai. – Ele riu fazendo barulhos, como se estivesse me respondendo. – *Dale* madrinha! É isso aí bebê, somos eu e você contra o mundo.

– Dadadadadah!

– *Santo Dio*, você é um péssimo exemplo.

Ainda estávamos rindo quando meu celular tocou. Era um número desconhecido, mas atendi.

– Olá?

— Você sabe, eu prometi outra dança a uma linda mulher duas noites atrás e ela não me respondeu se aceitava.

Involuntariamente eu sorri. – Alessio. – Abriela comeu seu bolo levantando uma sobrancelha

para mim.

— Estou lisonjeado que você se lembre da minha voz e meu nome.

– Não se sinta tão especial.

– Como não? Eu sou memorável.

– Só me lembrei porque você tem o nome da minha gêmea.

Ele soltou um lamento. – Você acaba com minha autoestima masculina, quando diz isso.

Tony pegou uma mecha do meu cabelo e puxou soltando um gritinho. Ella alcançou sua mão e tirou. – Antony não faça isso!

Eu dei risada. – Ele não entende você irmã e o deixe fazer o que ele quiser, oras. – Beijei sua cabeça e voltei ao telefone. – Alessio?

Ouvi sua risada do outro lado. – Parece que alguém aí quer sua atenção.

– Ele sempre quer.

— Então vou deixá-la aproveitar o momento. Mas antes... saia comigo esta noite?

– Como um encontro?

— Algo assim.

– Por que eu deveria deixar o conforto da minha casa para sair com você? – Brinquei.

Ele ficou quieto. – Alessio? Eu estou brincando!

— Eu estava pensando numa boa resposta, caramba, não sei. Eu sou um cara bem sem graça na verdade, mas estou disposto a implorar para você aceitar. Jesus, só quero vê-la outra vez.

Eu preendi a respiração, totalmente tocada com sua sinceridade. Não hesitei em responder. – Eu vou.

Ele suspirou. — *Grazzie a Dio*. Que horas posso pegá-la?

– Porque não me encontra no bistrô Donna Mina no centro, por volta das sete?

— Perfeito. Obrigada Anita.

– Pelo o que?

— Por confiar.

Eu disse um breve adeus e desliguei. Estava ficando muito mole. Nós íamos apenas sair. Isso não significava que eu confiava qualquer coisa nele.

– Não me diga que esse Alessio é o advogado da Família?

– Vou te dizer exatamente isso.

Ela balançou a cabeça. – Ele parece ser um bom homem irmã, mas papai não verá nada além de seu status e sobrenome.

– Jesus Ella, não vou planejar meu casamento com ele, é apenas um passeio, papai nunca vai saber. E de qualquer forma, como o conheceu?

– Ele foi em casa na noite que Tony nasceu. Foi muito gentil me explicando as documentações.

– Parece que gentileza está nele todo.

Abriela pegou Tony de mim e o deitou em seu colo, pegando a mamadeira na bolsa e colocou em sua boca. Observei encantada como ele não perdeu tempo ao começar a sugar. Seu pé balançava de cima para baixo, a mãozinha segurando firme o dedo da minha irmã.

– Tome cuidado, sim? Deixe que ele saiba que você não é mulher para brincar.

Eu sorri. – Às vezes os gentis podem ser perigosos irmã, mas eu aprendi que nem sempre os perigosos usam máscara.

Ela franziu a testa, mas não disse nada.

Passamos mais um tempo juntas antes do segurança de Lucca, Juliano me deixar em casa.

Alessa como sempre não estava. Então fui direto para meu quarto fazer a unha, lavar o cabelo e me preparar.

Não me lembrava da última vez que fiquei tão ansiosa em sair com um homem.

Eu estava indo oficialmente ao primeiro encontro da minha vida.

LUIGI DEROSI

– Você comeu? – Perguntei a Amira.

Eu tinha que estar fodido cem por cento da cabeça, mas a levei para o apartamento. Quando chegamos na noite passada, ela tomou um banho e foi deitar e eu fiz o mesmo. O apartamento tinha apenas um quarto, já que a intenção de tê-lo era apenas ser um lugar para meus casos, então eu a tranquei no quarto e dormi na sala.

Agora ela estava diante de mim, com o rosto livre de toda a tinta de antes, e ainda mais bonita.

Ela apertou a toalha contra si e balançou a cabeça. – Eu não estou com fome, obrigada.

– Certo. Caso fique, a geladeira e os armários estão abastecidos, apenas pegue. *Capitche?*

– Realmente não sei porque me trouxe aqui senhor DeRossi.

Eu bufei. – As coisas em Miami obviamente estão fora de controle, mas aqui, não há prostituição forçada. Mulheres entram naqueles bordéis se quiserem.

Ela tremeu. – E o que pretende fazer comigo?

– Ainda não faço nenhuma ideia.

Era verdade. Ela não sabia, mas Lucca e Dante estavam a caminho. Eu os chamei e disse que tinha uma situação para resolver. Queria saber se algum deles estava ciente dela.

– Eu ouvi você falando com alguém essa manhã. – Falou de repente.

Eu suspirei. – Meus irmãos.

Ela assentiu lentamente. – Lucca vai me matar.

– Ele não vai Amira.

Ela bufou. – Eu ouvi histórias sobre ele o suficiente para saber que um problema é fácil de ser resolvido nas mãos dele. Ele vai me matar.

Eu caminhei até ela, sentando ao seu lado. – Nós não somos tão ruins assim. Vamos te ouvir e decidir o que fazer, mas sua morte não está incluída nisso.

Seus olhos encheram de lágrimas e ela assentiu.

No mesmo momento houve uma batida na porta. Todo o meu esforço para acalmar a garota foi por água abaixo no momento que Lucca a viu. Ele me prometeu uma morte lenta e dolorosa apenas com seu olhar e fitou Amira.

Dante encostou na parede atrás de nós, como sempre analisando bem o cenário a frente antes de fazer ou dizer qualquer coisa.

Lucca continuou me encarando, como se tentasse decidir o que fazer comigo. – Se explique.

– Imagino que você conheça Amira Cardinale. – Ele levantou uma sobrancelha. – Talvez eu possa saber porque diabos uma filha da Família está em um dos nossos bordéis?

– Ela foi colocada lá e não deveria ter sido tirada.

Joguei as mãos no ar em desdém. – Ela estava sendo forçada lá Lucca, *per l'amor di Dio!*

– Não sei porque está preocupado com a vida dos outros, irmão. Mas se faz tanta questão, ótimo. Amira diga a ele porque está aqui.

Ela baixou a cabeça, negando.

Lucca se aproximou, a colocando de pé, a toalha escorregou de seu aperto, deixando seu corpo em exibição. – Se você quer tentar escapar do seu castigo, não tente usar um dos meus homens, principalmente meus irmãos. Entendeu?

Ela soluçou, o encarando de olhos arregalados. – Eu não tentei isso! Eu juro que implorei para ele me deixar lá!

– Luigi pensa com o pau, porra. Não pense que ele está se sentindo protetor com você, ele só quer mantê-la aqui e foder a qualquer hora. Se você chorou para ele pensando que ia ganhar um anel e uma posição está muito enganada.

Ela o encarou com fúria nos olhos. Puxando seu braço. Obriguei-me a tirar os olhos de seus seios balançando em cada movimento. – Eu não preciso que ele me salve de qualquer coisa! – Ela me olhou. – Eu dormi com um homem casado.

– Esse é o motivo de ter sido enviada para cá? – Dante perguntou. – Não faz qualquer sentido.

Eu franzi a testa em completa confusão. – Maridos traem suas esposas o tempo todo e vice e versa. E nós sabemos que nem todas as filhas da máfia são virgens.

Amira fechou os olhos. – Me mandar para cá foi a forma de me manter calada. Não tenho porque querer voltar ou escapar. Prefiro ser tocada por todos os seus homens do que ser usada como favor mais um dia pelo homem que me deu a vida.

Lucca deu alguns passos atrás, olhos treinados sobre ela. – O que está dizendo?

Ela bufou, parecendo completamente à vontade em sua nudez. – Você acha que sabe de tudo, não é? Fique nessa ilusão.

Meu irmão cerrou a mandíbula e deu um passo à frente, eu fui mais rápido.

– Amira, me deve uma explicação.

Ela me encarou, parecendo pensar por alguns minutos, então assentiu.

– Eu sempre fui elogiada dentro das cinco Famílias, meu pai é um homem poderoso então muita gente o conhecia. – Ela olhou para Lucca. – Quando o responsável por manter os policiais ao nosso lado foi morto, você deu essa responsabilidade ao meu pai. Disse que ele deveria fazer o que fosse preciso para ter a autoridade nos bolsos da família. – Amira tomou uma longa respiração antes de continuar. – Papai reparou que os homens sempre olhavam para mim. Elogiavam meus olhos, meu cabelo, minha educação. E as autoridades estavam cobrando demais da Família. Para resumir, meu pai, seu honrado homem feito, me fez deitar com cada juiz, advogado, promotor, e com cada delegado. Eu fodi um bispo e um cardinal ao mesmo tempo no

Vaticano, porque a Família precisava das conexões com o Papa.

– Está mentindo. – Lucca declarou.

– Acha mesmo isso?

– Seu pai me disse que estava te mandando para cá porque você envergonhou os Cardinale e é na palavra dele que vou acreditar.

Amira deu uma risada sem humor. – Se isso te ajuda a dormir à noite. – Deu de ombros.

Lucca me encarou apontando para ela. – Leve-a de volta.

– Irmão. – Dante chamou.

– Não. – Cortou – Luigi, falo sério, leve-a de volta.

Ele virou para ir embora, mas Amira falou.

– Quando ele disse que estava me mandando para cá, para foder soldados, eu estava mais do que feliz. Fui a prostituta de luxo de homens que são considerados exemplos dentro da sociedade, então eu posso lidar com soldados que gozam em vinte minutos. – Ela caminhou até estar de frente para ele, nua, em toda sua glória. – Soube que estão tendo problemas com Zaza Pellet.

Lucca arrastou os olhos de seus pés até a cabeça, cerrou a mandíbula e alcançou a toalha do chão, praticamente jogando para ela. – Você não sabe de nada.

– Ele está na sua cola simplesmente porque eu não estou mais em Miami para divertir seu superior. Alguns homens estão... chateados com meu pai por ter me mandado embora, então vão descontar na Família.

Ficamos os quatro parados no meio da minha sala, nem uma palavra dita, esperando o que Lucca iria decidir. Dante e eu tínhamos voz dentro da Família, mas a palavra de Lucca era lei. Pela sua clássica expressão de nada, eu não poderia pensar em que porra estava passando em sua mente, mas a situação era fodida. Jesus, como era.

Por fim, Dante suspirou. – Ela diz a verdade irmão.

Lucca cerrou a mandíbula, sem tirar os olhos do rosto dela. – Ela diz.

– Ótimo, então, ela fica. – Respondi.

Lucca me encarou cético. – Com você? Não.

– Por que?

– Você está enrolando a menina Gianni por meses, se enroscando com a irmã da minha mulher e ainda quer trazer outro problema pra morar aqui?

Abri a boca, mas Dante falou primeiro. – Tire a Bonucci da equação.

Lucca levantou uma sobrancelha. – Realmente? Bem, um problema a menos. Ainda assim, ela – apontou para Amira – não vai ficar com você.

Estreitei os olhos para Dante. – Interessado nas minhas sobras, irmão?

Ele quase sorriu, claramente divertido. – Eu não, mas ela parecia muito entretida com Solini na noite passada.

Franzi a testa. – O advogado?

Dante deu um leve levantar de ombros, me encarando irônico.

– Olha, sei que não estou em posição de exigir nada aqui, mas vocês três me assustam, eu estou nua, e por mais que estejam ocupados discutindo as opções sexuais de Luigi, eu gostaria de saber o que vai acontecer comigo. – Amira pediu.

Lucca a encarou. – Você ficará com Dante até essa situação ser resolvida.

– Lucca... – Nosso irmão protestou, mas foi ignorado.

– Ele é o segundo no comando, o único a quem ele obedece sou eu. Então se comporte, porque sua boceta não vai impedi-lo de fazer o que deve ser feito se você causar problemas. *Capitche?*

Amira olhou para cada um de nós. – O que vou precisar fazer?

Lucca franziu a sobrancelha para ela, aparentemente surpreso por sua pergunta. – Ninguém aqui quer sexo, Amira. Você é Família, é nossa obrigação te proteger, não uma troca de favores.

Eu sorri para ela. – Ignore-o, ele não sabe o que diz. Podemos conversar sobre...

– Luigi, se ela está sob minha proteção, você não toca. – Dante cortou.

A encarei, satisfeito que consegui tirar um pequeno sorriso daquele rosto de boneca. – Estou brincando.

Ela tirou os olhos de mim, tentando esconder o sorriso. – Posso conseguir algumas roupas?

Eu me sentei, cruzando os braços. – Então Dante, senhor equilibrado. Ela pode ter roupas ou o seu cavalheirismo vai impedir seu pau de ficar duro toda vez que essa coisinha bonita desfilar na sua frente? – Provoquei.

Ele nem piscou. – Por que não se preocupa com o brinquedo que você perdeu para um simples subordinado nosso e deixa que do meu pau cuido eu?

Lucca escondeu um sorriso, encarando Amira muito sério. – Fique longe de problemas. – Então ele se virou, mas antes de sair me encarou. – Faça sua merda direito com Isabela, não dou a mínima para o que vocês dois fazem, mas ela tem que parar de ligar pra minha esposa de madrugada para chorar por você. Abriela fica o tempo todo com Antony e quando ele dorme, ao

invés de descansar, ela tem que ficar bancando psicóloga. Arrume isso.

Assim que a porta bateu, eu falei com Amira. – Vá para o quarto boneca.

Ela nem hesitou.

Quando estávamos apenas eu e Dante, eu fiquei de pé. O encarando no mesmo nível.

– Parece que acertei um nervo? – Provocou.

– Só estou curioso. Tive que sair minutos depois do leilão acabar, não houve tempo para ver o que aconteceu.

Ele caminhou até a geladeira, pegando uma garrafa de água. – Solini deu uma quantia generosa para jantar com ela. Comeram, deram um pequeno show na pista de dança e a risada dela podia ser ouvida em todo o salão. Parecia estar se divertindo até a hora que sai.

Eu fiquei quieto. Sabia que ela não prestava, mas nunca a tinha visto com outro homem. Eu não gostei. Dividir não era meu forte.

– Deixe o advogado de merda se divertir pensando que vai experimentar minha refeição.

Dante levantou uma sobrancelha, mas não disse nada sobre isso. Ficamos em silêncio até que ele falou novamente. – Amira é loira.

Eu lhe dei uma expressão fingida de surpresa. – Não me diga? Estou chocado.

Ele se sentou na poltrona a minha frente, tomando mais um gole da água. – Você se lembra porque eu sou o segundo no comando de uma das maiores organizações criminosas do mundo, irmão?

– Porque você soube chupar o pau das pessoas certas direitinho.

Ele cuspiu a água, escondendo o riso. – Você é um imbecil.

Eu dei de ombros. – É uma das minhas melhores qualidades. Mas a que se deve sua brilhante observação sobre a cor do cabelo dela?

– Você não tem saído com loiras há algum tempo. Ou qualquer outro tipo de mulher que não tivesse o cabelo, hum, deixe-me ver... castanho.

Merda.

– Enjoei. – Dei de ombros, tentando parecer desinteressado no assunto.

– Certo. Cabelo castanho, baixinhas, curvilíneas. Eu não sei pra você, mas me parece muito familiar.

Atirei-lhe um olhar mordaz. – Você é adepto a manter sua virgindade intacta irmão, entendendo isso. Mas alguns homens têm preferência.

Ele ignorou minha agulhada. – Lucca vai perceber eventualmente e nem mesmo eu vou poder te ajudar quando isso acontecer.

– Dante...

– Não está apaixonado por ela irmão. Você pensa que sim, porque ficou encantado. Mas não a ama.

– Nós não vamos falar sobre os meus sentimentos, caralho, somos duas adolescentes agora?

– Ficou fissurado porque ela é diferente. É doce, se preocupa, não é nada fútil e não caiu aos seus pés. Você ficou curioso Luigi. E curiosidade não é amor.

– Dante. – Alerttei mais uma vez.

– Mas se você acha que a ama, tudo bem, vá em frente e continue fodendo mulheres parecidas com nossa cunhada. A mãe do seu afilhado. Permaneça brincando com a irmã dela como se ela fosse um objeto, só porque são parecidas pra caralho. Vá além, irmão, case com ela para manter sua fantasia mais real ainda! Porra. Vou buscar Amira e estamos saindo. – Ele passou as mãos pelo cabelo e caminhou até o corredor.

Eu fui até a sacada depois de alguns minutos, tranquei a porta de vidro e fechei a cortina. Queria ter alguma privacidade.

As palavras de Dante rolando sem parar na minha cabeça.

Fodido como era, Lucca sabia o que eu sentia por sua esposa. Mas é claro que não sabia que eu transava com mulheres parecidas com ela para fingir... ser ela.

Eu a queria cada dia mais.

Jesus, eu queria seu cuidado. Ser o homem pra quem ela sorri aquele sorriso brilhante e aquele que recebe seus abraços de conforto.

Seu riso doce...

Eu queria ser o sortudo de chegar em casa após colocar minha vida em risco o dia todo e tê-la me esperando. Eu sairia feliz apenas por saber que voltaria para ela, por ela.

Coloquei minha cabeça entre as mãos e tomei uma longa respiração. Pensar nela doía tanto que eu preferia levar um tiro. Saber que ela não era minha e pior, nunca seria.

Alcansei meu celular no bolso e disquei o número da pessoa que eu sabia que iria me ajudar, pelo menos por hora. Eu poderia colocá-la de costas, sobre suas mãos e joelhos, apenas seu cabelo a vista e seu pequeno corpo suculento debaixo de mim.

Não era quem eu queria, mas por hora, teria de servir.

ANITA BONUCCI

– Oh meu Deus! – Exclamei rindo, e mordendo a casquinha do sorvete.

– É a segunda vez esta semana, estou começando a pensar que pode ser verdade.

Eu ri mais forte. – Sua cara foi a melhor!

Ele segurou minha mão mais forte e sorriu, apontando para frente. – Veja! Dizem que se colocarmos o pé na beira do mar e fizermos um pedido de mãos dadas, se torna realidade.

– Uma cigana acaba de fazer uma previsão sobre sua vida e você quer ir fazer um pedido na beira do mar?

Ele chegou seu rosto a centímetros do meu e sussurrou. – Eu não acredito na cigana ou no desejo da beira do mar.

Fitei seus lábios, sussurrando de volta. – Então por que estamos aqui dentro?

– Porque eu quero te beijar.

Eu sorri, envolvendo meus braços em seu pescoço. – Eu quero isso também.

Ele sorriu, segurou minha cintura e se aproximou, então... meu celular tocou.

Suspirando eu abri os olhos. – Preciso atender, pode ser Alessa ou Abriela.

Ele beijou minha testa. – Vá em frente.

Tirei as mãos dele e peguei meu aparelho do bolso.

Minha respiração travou quando vi quem era. O celular continuou tocando enquanto eu ficava ali, vendo o nome piscar na tela e algo como um pequeno filme passou pela minha cabeça.

Era como se eu tivesse finalmente tendo uma escolha sobre algo.

Eu podia ignorá-lo e continuar de onde estava com o homem gentil e respeitoso a minha frente, ou podia atender. Então ele viria me buscar, íamos foder a noite toda e amanhã eu seria apenas mais uma para ele.

O telefone parou e uma mensagem surgiu na tela.

Eu preciso de você.

Engoli em seco e olhei para cima. Alessio sorriu para mim e eu decidi.

Bloqueei a tela do celular e por mais que meu coração doesse, eu pulei em seus braços, o beijando com tudo que eu tinha.

Uma lágrima desceu pelo meu rosto.

Ele precisava de mim, mas eu precisava de alguém por inteiro e não migalhas.

Eu precisava mais de mim, do que aquilo que ele estava disposto a me dar.

Capítulo 11

*“...em uma terra de deuses e monstro eu era um anjo,
Procurando ser fodida de verdade”*

Lana Del Rey

Uma semana depois do nosso encontro, Alessio me ligou perguntando se eu gostaria de acompanhá-lo a um desfile.

Por mais que eu adorasse roupas e moda, ir a eventos que não fossem da Família era complicado para mim, já que nunca tinha sido acostumada a ir. Eu disse a Alessio e ele me tranquilizou dizendo que era praticamente a mesma coisa.

Inicialmente estava tudo bem.

Ele me buscou no bistrô de sempre para não sermos vistos pelos soldados. Beijou-me rápido e delicado e sorriu gentil.

Mas quando entramos no carro e ele acendeu a luz, fechou a cara imediatamente.

– O que? – Perguntei.

– Eu deveria ter lhe dito para usar algo mais... comportado.

Eu levantei uma sobrancelha. – Comportado?

Ele franziu a sobrancelha, analisando minha roupa. – Sim. Menos decote, menos apertado e essa fenda enorme de lado...

– Você não gostou?

Ele olhou para frente, dando partida no carro. – Entendo que você se vista assim dentro das coisas da Família para manter sua... reputação. Mas para esse evento, não é muito adequado.

– Eu não uso nada para manter uma reputação. Eu sou uma mulher crescida e bonita, não tenho porque esconder meu corpo! Quer saber? Leve-me de volta.

Ele balançou a cabeça e pegou minha mão, colocando um beijo. – Não! Por favor... Acho que a veia do ciúme me atacou. – Explicou, mas sua testa ainda estava franzida.

O resto do caminho foi feito em silêncio.

O hotel onde aconteceria a recepção tinha um tapete vermelho na entrada e estava lotado de fotógrafos. Quando Alessio abriu a porta para mim eu quase fiquei cega com os flashes, envolvi meu braço no seu e andamos através da multidão. Eu tapei meu rosto, garantindo que não haveriam registros de mim. O salão de festa estava lotado. A alta classe estava ali, políticos, herdeiros e os “mais, mais” do dinheiro estavam ali. Eu estava por Alessio.

Ele tinha um sorriso gigante no rosto e parecia muito animado.

O desfile tinha sido incrível, agora era a hora dele conseguir fazer contatos e trabalhar para alavancar sua carreira. Eu iria conversar com as esposas e as herdeiras enquanto isso, me encaixava e não encaixava naquele lugar, não conseguia aproveitar nada além da comida e da bebida, mas querendo ou não eu era um nome. Eu também era uma herdeira.

Estava tudo em ordem. Ouvia a filha de um dos patrocinadores falar sobre as compras que ela tinha feito durante a semana em sua viagem para Búzios.

– É uma pena que o tempo de lá tenha ressecado tanto o meu cabelo. – Ela reclamou, então as outras começaram a falar sobre como ela estava errada e seu cabelo estava super hidratado.

– E você Anita? Já ouvi falar muito sobre seu... círculo familiar, mas geralmente só vejo alguns dos homens por aí.

– Nós preferimos ambientes mais... íntimos. Sabe como é, italianos são muito ligados a família.

– O que você faz no seu tempo livre? Cuida do campo? Porque a Sicília é basicamente isso, certo? – Elas riram.

Eu lhe dei um sorriso brilhante. – Pelo menos do meu tempo livre sai algo produtivo. Mas e você vivendo em Los Angeles o que faz nas horas vagas? Filmes pornô?

Os homens na roda ao nosso lado tossiram uma risada para fora enquanto outros me olharam chocados.

Ela abriu a boca e fechou, aparentemente sem palavras. Virei para sair dali, mas dei de cara com Alessio.

– Alessio eu...

Ele passou a mão pelos cabelos, me olhando... decepcionado. – Eu pensei que pelo menos aqui você fosse se comportar feito uma dama.

Eu vacilei como se ele tivesse me batido.

Ele me conheceu exatamente assim e esperava o que? Que me apresentando o seu mundo eu fosse mudar? Se ele queria uma dama, estava definitivamente procurando isso na pessoa errada. Mesmo não querendo, as palavras de Luigi me vieram a cabeça mais uma vez.

Caminhei até a metade do jardim, mas fui parada por ele puxando meu braço.

– Ei, desculpe-me, ok? É só que esse evento é muito importante. Eu trabalho para a Família, mas ainda tenho clientes fora e muitos deles estão aqui, preciso que minha acompanhante esteja na mesma linha que eu, entende?

Eu assenti, mesmo contrariada. Não entendia nada sobre aquele tipo de festa e pelo pouco que vi, eram diferentes da Família. Bem diferentes.

Nós dançamos duas ou três músicas, mas não foi nada como na noite que nos conhecemos.

Ele não brincou ou me fez rir fazendo graça na pista. Ele estava sério e com um sorriso ensaiado no rosto, até mesmo quando pisei acidentalmente em seu pé, ele me deu um olhar reprovador.

Diferente das outras vezes que saímos, eu estava contando as horas para voltar para casa, e que junto a isso, o homem que conheci voltasse também.

Pela primeira vez na vida eu queria a segurança da Família.

Faziam duas semanas desde que eu tinha acompanhado Alessio no desfile. Ele me ligou por três dias seguidos, mas eu não atendi. Não até o quarto, depois de fazê-lo rastejar implorando que o desculpasse, eu lhe disse que não sairia com ele para eventos como aqueles nem tão cedo e ele aceitou, dizendo que se pudesse me ver, já ficaria feliz.

Ele voltou a ser meu cara legal e seguro e gentil.

Íamos ao bistrô, comíamos juntos e saíamos para dançar... principalmente.

Luigi me ligava e mandava mensagens, mas eu não respondia.

Foda-se o idiota estúpido.

Eu pensava nele cada dia menos, com minha cabeça ocupada com Antony e Alessio.

Alessa estava cada vez menos em casa, então eu estava sempre no telefone com Alessio. Às vezes passávamos horas conversando sobre tudo e nada, ou íamos a praia do nosso primeiro beijo e assistíamos as estrelas brilharem sobre o mar.

Era pouco, simples, mas era tudo o que eu precisava.

Acordei com batidas fortes na porta do meu quarto, levantei tão rápido que uma tontura me atingiu.

– Já vai! – Gritei – Deus, eu estou de sapatos – murmurei para mim mesma. Chutei meus saltos para longe e continuei o caminho. – Vou me poupar do estresse matutino e me encorajar mentalmente num mantra de que eu poderia ser presa se matasse você. – Disse e virei as costas andando até a cama, onde me joguei de bruços.

– Matutino? – Marco comentou já entrando. – Vá se foder! São quatro da tarde, quase cinco e eu nem sequer liguei para Heloína ainda.

– Foda-se. – O descarado sentou-se nas minhas costas e ficou pulando feito uma criança petulante provocando.

– Eu foderia você. Mas não essa noite. – Ele cascou um beijo nas minhas costas e tirou meu cabelo do rosto. – Porque hoje nós vamos a um clube! Wohooo! Levanta essa bunda gorda daí e lava essa cara, nós vamos fazer as unhas e o cabelo. Depois vamos por aí, encher nossa barriga de alguma porcaria de comida gordurosa e esperar a Helo para continuarmos o show na *Old*.

– Você me ganhou no ‘encher a barrida de comida’. – Ele riu, levantou-se de cima de mim, foi até a estante e conectou seu celular ao sistema de som. Poucos segundos se passaram até meu quarto ganhar vida ao som de *I Follow Rivers*. Eu me levantei lentamente dessa vez, para me preparar para um banho.

Be the ocean where I unravel... Be my only...

Marco entrou no banheiro pulando e usando uma garrafa de vinho como se fosse seu microfone, – *I, I follow, I follow you... Deep sea, baby!* – Ele balançava a cabeça, passando as mãos pelo corpo.

Involuntariamente eu sorri. Não tinha como estar com Marcos, o Marcos real, ele sendo ele mesmo e não se contagiar com tanta alegria.

Vê-lo daquele jeito me fazia lembrar de quando ele estava se descobrindo, e passávamos noites inteiras chorando juntos, por simplesmente não saber o que fazer. Ser um mafioso homossexual não era normal, não era aceitável e nós sabíamos disso.

– Vai ser uma longa noite. – Eu disse. Ele piscou para mim e saiu me deixando para terminar meu banho.

– O que você acha? Estou gostosa? – Ele apareceu na porta do closet vestindo uma das minhas calças de couro e botas preta cano curto. – Você sabe, eu poderia encontrar um motoqueiro e virar sua old lady.

– Marcos tire minhas roupas! E se alguém entra aqui e te vê assim? E não suba na moto de

um estranho, ele pode ser um psicopata. Lembra-se do último?

Ele apontou um dedo para mim ameaçadoramente e disse: – Olha só, você não está lembrando essa merda. Não fale sobre isso.

Eu joguei a cabeça para trás e ri. – *Dio!* Ele te ofereceu uma carona para casa e estacionou uma van de açougue na porta da boate para você entrar. Diga-me como é foder com carne morta ao redor.

Ele jogou os cabelos imaginários para trás, colocou uma mão na cintura e desviou o olhar de mim. – Pelo menos eu posso dizer que tive uma experiência sangrenta e prazerosa. Tente isso, bebê. E o pau dele era enorme, você sabe... Ainda tenho vazamento por culpa dele.

– Oh meu Deus! Você não disse isso. Eu não quero saber dos seus paus. E essa coisa de vazamento é possível? – Perguntei franzindo a testa enquanto me secava procurando o que vestir. – O que você acha desse? – Perguntei, mostrando um par de botas de salto pretas acima do joelho e um vestido preto até a altura da coxa.

– Ele diz foda-me e é perfeito. Use a bolsa de lado marrom. Vamos logo! Helo vai arrancar meus olhos e te alimentar com eles por nos atrasarmos.

A *Old* estava lotada como de costume num sábado à noite. Luzes piscando de diversas cores, fumaça e cheiro de álcool no ar. Os lustres cristal e as listras brilhantes no chão deixavam a casa com um ar superficial e fantasioso, moderno. Heloína nos esperava na nossa mesa de costume. Seu cabelo com luzes platinadas quase branco chamou nossa atenção para onde ela estava. Linda, com um vestido apertado e curto jeans e sandálias trançadas.

– Minhas gatas do mal! Se eu fosse homem eu comeria vocês. As duas de uma vez. – Marcos disse. – Bebidas?

– Vodka com qualquer coisa que você quiser. – Pedi, já me acomodando na mesa.

– O mesmo pra mim! – Disse Helô.

Nos sentamos a nossa mesa e esperamos ele voltar com as bebidas. Meu celular começou a vibrar na bolsa e eu sorri ao ver quem era.

– Estou de folga hoje.

— *Eis que temos algo em comum querida. Onde você está?*

– Numa boate superquente. E num vestido pequeno.

Ele gemeu fingido. — Posso ir te encontrar?

- Na verdade, é uma noite das meninas.
- *Meia horinha e eu te devolvo a elas.*
- Eu não sei... – Respondi provocando.
- *Ah, você sabe sim.* – Ele riu.
- Te mando o endereço por mensagem.
- *Você me mata. Até já.*
- Tchau. — Disse encerrando a ligação.

Heloína estava com a bebida parada no caminho da boca e me encarando. – Do que adianta nós irmos a uma boate atrás de gatos quentes se você traz seu cardápio de sempre para a pescaria?

- Desculpe Helô, Alessio é quente o bastante para mim.

Ela bufou. – Você brinca com ele.

- Eu gostaria, mas ele não me quer.

– Você está brincando com fogo. Além do risco de ele me ver aqui, ainda há o seu pai, e se ele descobre que você está liberando o ponto? – Disse Marco baixo apenas para eu ouvir. Nos entregou nossa bebida e sentou-se. – Você tem certeza que ele não curte variar? – Perguntou fazendo biquinho.

- Vou mantê-lo longe de você, meu amor. – Eu ri e beijei seu nariz. – E sobre o Zambreta?

– Jesus! Você está ultrapassada. E é Zampeta só para desencargo de consciência. – Passou as mãos pelo cabelo e suspirou.

- O que houve com ele?

Ele acenou com a mão no ar como se não fosse nada importante, mas pela sua cara pude ver que importava. Esperei para ver se ele ia falar, mas não falou então Helo fez as honras. – Ele levou uma mulher para o flat, pra tentar convencer o Marco de fazer um ménage.

- Eu tapei a boca para tentar segurar uma risada. – Ele sabe que não subiria certo?

– Ele tinha tocado no assunto, e eu falei que não era prazeroso para mim. Não sabia que ele ia tentar forçar a situação. – Disse ele. – Quer dizer... eu não entendo que graça as pessoas veem nessa coisa que vocês mulheres têm entre as pernas. Tão estranho e cheia de camadas, como uma água viva por dentro.

– Ah cale a boca! Pelo menos não temos que nos preocupar com nosso tamanho. – Heloína exclamou e Marcos riu.

- Amore, sabendo usar qualquer pau funciona. O que você faz com uma boceta toda

arregaçada? – Quando ela ia responder eu interrompi, se não aquele assunto viraria coisa longa.

– Mas você está bem, certo? – Ele suspirou e assentiu.

– Estou magoado, isso é tudo. É como se eu não fosse suficiente para ele.

– Oh, querido...

Ele levantou a mão para me parar e disse: – Eu o deixei me algemar. – Ele soluçou.

– Oh não! Vá se foder. Hoje não é dia de chorar. Vamos dançar! – Helo se colocou de pé e estendeu as duas mãos. Marcos sorriu e aceitou, eu segui atrás e fomos em direção a pista.

Tocava uma eletrônica e as luzes preta e branca sempre me deixavam zozos. Comecei a balançar de um lado para o outro e quando me dei conta já estava perdida na melodia. Foi quando dois braços envolveram minha cintura e um corpo quente começou a balançar comigo.

– Você está fora da lei esta noite. – Ele sussurrou no meu ouvido.

– Pare de falar.

Ele me apertou em seus braços e beijou meu pescoço. – Veio apenas com essa moça?

Olhei ao redor não vendo Marcos. Helo piscou para mim e continuou dançando com um cara.

Virei-me de frente para Alessio, e envolvi meus braços em seu pescoço, – Vamos foder dentro desse lugar, com todas essas pessoas, hum? – Mordi sua orelha, sentindo ele ficar tenso contra mim.

Ele segurou minha cintura, empurrando-me com delicadeza para trás. – Eu estou perdendo a luta aqui querida, você precisa me ajudar.

Eu sorri. – Você não tem que lutar contra isso.

Ele fechou os olhos, encostando sua testa na minha. – Não vou tocar em você minha menina, não aqui e não hoje. Você merece mais do que ser usada em um clube na sua primeira vez.

Eu o encarei, parando de dançar. O medo de que ele pudesse saber sobre Luigi me tomou por completo, mas então Alessio sorriu e me beijou. – Você merece tudo de melhor, sempre.

Lento e delicadamente. Ele nunca ia saber, mas suas palavras foram mais importantes que qualquer coisa que ele poderia fazer.

Mas ao mesmo tempo me colocaram em desespero, porque só ali eu percebi que ele pensava que eu era uma menina honrada.

Uma fodida virgem.

Capítulo 12

*“Porque eu estava cheia de veneno,
Mas fui abençoada com beleza e raiva”*
Lana Del Rey

– Santo Dio! É tão bonito! – Exclamei, observando a nossa frente.

Ele tinha me encontrado no nosso lugar de sempre dizendo que queria me levar pra conhecer uma coisa.

– Meu avô se apaixonou pela minha *nonna* aqui. Era um restaurante muito conhecido, pertencia a sua família há décadas.

Olhei para o grande jardim cheio de arbustos e flores de diversos tipos e levantei uma sobancelha para ele. – Não parece nada um restaurante.

Ele revirou os olhos. – Eu disse que era um..., Mas *nonna* não tinha boas memórias do lugar, então quando ela ficou doente e não podia mais trabalhar, o velho comprou e transformou em um jardim para que ela pudesse vir aqui e ficar em paz.

– Seu avô parece ser o homem dos sonhos.

Ele me puxou pela cintura e passou os dedos pela minha bochecha. – Quem você acha que me ensinou a ser irresistível desse jeito?

Dei um tapa nele, rindo – Você precisa estragar tudo com seu ego enorme.

Nós rimos e ele segurou minha mão, mostrando cada canto do lugar. Contando histórias de quando era criança e revivendo memórias antigas. Como eu já sabia, sua vida tinha sido perfeita desde que nasceu. Tão diferente de mim, que passava dia após dia querendo que tudo fosse diferente.

– Qual a possibilidade de seu pai me deixar casar com você? – Ele perguntou do nada.

Sua pergunta me pegou tão de surpresa que me deixou muda por alguns minutos. Eu sabia que ele me olhava diferente e odiei que minha resposta iria machucá-lo tanto quanto fazia comigo.

– Ele provavelmente planeja me casar com algum velho, ou algum capo fodido.

Ele assentiu olhando para longe. Sentei no meio de suas pernas, minhas costas coladas em seu peito e seus braços em volta de mim. Olhei para trás e sorri.

– Você só quer me levar pra a cama. – Sussurrei contra seus lábios, tentando tirar a mágoa que caiu sobre ele depois do que eu disse.

Um perfeito sorriso doce se estendeu pelo rosto dele. – Eu vou. Quando você tiver meu anel em seu dedo e o meu sobrenome. Então só vai faltar o meu bebê em sua barriga.

– E aí esta, querendo me levar para a cama! – Bufeí brincando.

Ele riu e me abraçou mais forte. – Eu sempre amei a natureza. Parece que tudo é bonito na Itália, mas os jardins daqui, as flores, os campos parecem ter algo tão... especial sobre eles. Quando eu vi você pela primeira vez na festa de apresentação do seu sobrinho eu fiquei hipnotizado. – Ele parou e riu. – Você falava sobre os peitos de uma esposa da família defendendo Abriela. Eu me mantive perto, e depois segui vocês ouvindo as três rirem da cara de todos naquele salão.

– Um perseguidor. – Resmunguei com diversão.

– Vim aqui no dia seguinte e pensei em você. Comprei um jantar naquele leilão e quando você me olhou com esses lindos olhinhos verdes eu soube.

– Você soube o que?

Ele encostou a boca no meu ouvido. – Que queria dar o mundo a você, queria ver essas íris sonhadoras brilharem para mim. Eu me apaixonei no minuto em que beijei você pela primeira vez, talvez até antes. Eu te comprei naquele leilão, mas dei meu coração a você também. E eu te prometo aqui, onde a história da minha família começou que esse é o lugar onde a nossa começa. Eu vou lutar por você. Contra o seu pai, contra a Família e contra essas paredes em volta do seu coração. E vou ganhar.

Fechei meus olhos, sentindo o vento e a sensação de paz que me invadiu.

As lágrimas caíram pelo meu rosto e por um momento eu senti esperança.

Mal sabia que estava tudo prestes a desmoronar.

Assim que passei pela porta um soldado do papai que eu raramente via apontou para o corredor. – Seu pai quer ter uma palavra com você.

Eu hesitei. Quando sai de casa ele não estava, e nenhuma das vezes que me encontrei com Alessio houve qualquer problema. Ninguém nunca me seguiu, e papai nunca tinha desconfiado de nada. Eu já tremia, temendo o que estava por vir.

Assenti para o soldado e deixei minha bolsa pendurada na entrada.

Ele estava sentado em sua mesa, o cenho franzido. – O médico da família vai vir examiná-la amanhã cedo. – Falou assim que entrei na sala sem nem tirar os olhos dos papéis, e continuou fazendo anotações no computador a sua frente.

Eu permaneci de pé. – Eu não estou doente.

Papai me deu um olhar gelado. – Eu não lhe perguntei coisa alguma.

– Não, não perguntou. Mas quando se trata da minha vida, eu vou decidir se quero ou não ter aquele velho me espetando.

Eu respondi. A verdade era que eu queria sair correndo e me esconder tão longe quanto possível. Se o médico fosse me examinar eu estava muito ferrada, papai ia descobrir que eu não era mais virgem e tudo ia para o espaço.

Ele riu sem qualquer humor e me encarou, lentamente ficando de pé. – Sua vida?

Levantei meu queixo. – Sim.

Ele deu alguns passos em minha direção, apontando o dedo no meu rosto. – É a sua vida, então você passa por cima das regras e dá a sua virgindade como uma vagabunda qualquer, eu deveria te colocar em uma das nossas casas de prostituição. Você gosta disso, não é? Da bagunça, da zona, da libertinagem! Não passa de uma meretriz!

Eu caminhei em direção a porta, não aguentando as palavras que saiam da boca do meu próprio pai.

Mas não fui muito longe, pelo olhar em seu rosto ele não tinha terminado. Pegou meu braço, puxando de volta meu olhar para ele. – Eu tenho vergonha de você, de chamá-la de filha, de ter o meu nome associado ao seu.

– Então me deixe ir! Nada me faria mais feliz do que ficar longe de tudo isso!

Ele levantou a mão, mas o tapa nunca veio. – Pelo menos você abriu as pernas para a pessoa certa. Luigi DeRossi se sente obrigado a casar com você.

Eu parei. Suas palavras me atravessando todas de uma só vez, não tinha certeza se ouvi corretamente. – O-o que? – Sussurrei.

Ele soltou meu braço e deu um passo atrás. – Você não vai a lugar nenhum. Eu terei uma filha casada com o chefe e uma com o *Consigliere*.

– Mas eu... eu... não! Pai, existe outra pessoa, eu não posso...

– Sim, eu sei sobre suas escapadas com um dos nossos associados, eventualmente vou descobrir quem é. Acha sinceramente que eu deixaria você se casar com alguém de nível tão baixo?

O caroço na minha garganta parecia maior com cada palavra que saía de sua boca.

– Você nunca fez nada bom por mim, pelo menos dessa vez... Não faça isso comigo. Por favor!

Ele levantou uma sobrancelha. – Nenhum homem se casaria com você sem sua honra. Luigi está sendo generoso em te aceitar.

– Eu quero que ele e sua generosidade de merda queimem no inferno! Eu o odeio e não vou me casar com ele! – Gritei.

Papai me olhou em silêncio por alguns minutos, antes de responder. – Pois bem. Eu sempre fui paciente com você Anita, mas dessa vez você passou dos limites. Um dos nossos capos em Nova York está viúvo e seria bom para ele casar novamente.

Eu deixei uma risada escapar. – Você acha mesmo que eu vou aceitar me casar com algum velho babão? Nunca.

– Eu não esperava que você fosse aceitar. Aessa por outro lado, faria qualquer coisa pela Família.

– Você está ameaçando minha irmã?

Ele levantou o dedo como se estivesse explicando algo a uma criança. – Não. Eu estou te dando uma escolha. Não é o que você sempre quis? Então escolha.

– Eu me caso com o homem que odeio ou minha irmã vai embora para longe e fica amarrada a um avô?

– Toda ação, gera uma reação. Suas atitudes lhe trouxeram isso. Escolha ou eu vou.

– Não é justo...

– Justo? Você quer falar de justiça? A honra não era sua para ter dado. Eu deveria lhe entregar ao homem que faria de você uma mulher. Mas você não podia esperar, então escolha. – Rosnou.

Eu sabia que poderia dizer não, logo todos saberiam que eu não era mais virgem e eu ficaria livre de ter de me casar com qualquer um desses homens. Foi o que quis por toda minha vida.

Por isso eu me comportei da pior maneira, dei razão quando falavam de mim e fiz pior do que esperavam. Eu fui diferente das minhas irmãs, não seguindo ordens e aprendendo a ser a mulher da máfia perfeita.

Eu não queria isso. Mas então, minha irmã se casaria com um homem que poderia ser seu pai.

E além disso, iria para longe de nós.

A esperança foi morrendo aos poucos. Até que não sobrou mais nada além de ódio.

Encarando meu pai com um olhar cheio de desprezo, eu disse. – Deixe Alessa em paz, eu vou me casar com Luigi.

Ele sorriu e eu me segurei para não desabar, não daria a ele o gosto de ver o quão estava me quebrando.

– Ótimo. E nem pense em aprontar nada. Alessa não merece levar a culpa pelos seus erros.

Mordendo minha língua dentro da boca, me impedi de dar a ele qualquer resposta.

– Eu posso ir?

Ele me analisou por apenas um minuto e assentiu. – Sim, vá. Eu estou com nojo de olhar para sua cara cínica.

– Continue fazendo isso. Dite suas palavras de ódio e imponha regras em mim. Suas palavras duras não me impediram de sair de casa e foder com um homem.

Eu vi quando ele perdeu a paciência completamente e sua mão pesada desceu sobre meu rosto. – Prostituta!

Eu fiquei tonta e segurei na estante para me estabilizar. Olhei para ele, lhe dando um sorriso, sentindo o sangue descer pelo meu queixo e sai de lá.

Subi a escada e fui direto para o meu quarto.

Deitei, com as lágrimas saindo dos olhos e sangue da boca.

Mas dessa vez eu não limpei.

Porque me importar com o sangue que saía da minha pele, se meu coração sangrava mais ainda e não havia nenhuma forma de fazer parar?

Capítulo 13

LUIGI DEROSSİ

"Frio sarcástico e sem coração. Foi no que eu me transformei."
Joker

Vadia, feiticeira de pau.

Ela se achava inteligente, saindo com o fodido advogado.

Eu não me preocupei quando eles jantaram juntos no leilão porque isso sempre acontecia. As meninas são compradas, jantam, conversam, alegram a noite do homem que gastou dinheiro nelas e fim.

Mas ela não.

Ela tinha que ficar por aí saindo com ele como se fossem um casal. Como se pudessem fazer isso. Será que o estúpido não sabia que não deveria tocar algo que não é seu?

Eu iria matá-lo e no fim, o homem nem ia saber o porquê.

Eu não tinha qualquer problema com ela viver sua vida, brincando de namorados e encontros românticos. Ela era livre, pelo menos nesse sentido. Mas o meu problema começava a partir do momento que essas aventuras a tiravam da minha cama.

Eu saía de casa mais estressado que o normal e chegava sem nenhuma paciência. Descontei minha raiva e frustração em qualquer um que pudesse recebê-la. E não funcionou.

A única coisa que me acalmaria era a boca daquela feiticeira do caralho. Não necessariamente isso, qualquer parte dela iria servir. O ponto de tudo é que eu não conseguia nem mesmo falar com ela. Anita não me atendia, não respondia minhas mensagens, não apareceu no apartamento nem pra pegar algumas roupas que tinha acabado deixando lá.

Eu sentia falta do sexo.

Sentia pra caralho.

E enquanto ela estava se lixando para mim, Isabela parecia mais grudenta do que nunca.

Eu não aguentava aquela porra.

Estacionei o carro na frente da casa de Lucca e respirei fundo antes de sair.

Acenei brevemente para os soldados que guardavam ao redor e toquei a campainha. Passaram alguns minutos até ela ser aberta, por ninguém menos que Abriela.

Ela sorriu e me abraçou. – Luigi! – Fechei os olhos quando seu corpo encostou levemente no meu, seu cheiro doce invadindo meus sentidos. Tão rápido quanto começou, acabou. – Venha, entre! Antony está na sala sozinho. – Falou, enquanto caminhava meio correndo de volta para dentro.

Eu fechei a porta em transe. Toda minha atenção focada em seus cabelos voando ao redor dela, batendo os pequenos pés descalços pelo chão.

Tomei uma respiração profunda e a segui.

Minha primeira visão foi de Antony sentado em um enorme tapete de pelos, brinquedos espalhados por todo o lado e tentava com todo seu esforço morder aquele cachorro. Por Deus, o cão era uma vergonha. Eu não tive como não sorrir para ele.

– Lucca! – Abriela chamou em um tom de voz grave. Antony olhou ao redor, seus grandes olhos ansiosos, batendo os punhos para cima e para baixo.

– Ele já aprendeu a reconhecer seus dois nomes? – Perguntei.

Ela sorriu. – Quando eu digo Lucca, ele imediatamente para e fica me olhando. É como se ele esperasse seu pai aparecer a qualquer momento. Foi o jeito que encontrei de chamar sua atenção, além de ser seu nome, claro.

Eu tentava não babar enquanto olhava para ela.

Estava tão distraído a observando que não percebi Lucca entrar na sala. Ele passou um braço pela cintura dela, sem tirar os olhos de mim e lhe deu um beijo rápido. – Luigi. – Cumprimentou.

Eu engoli a inveja esmagadora e acenei. – Olá irmão.

Ele deu um olhar em seu filho e depois a Ella. – Vou ver o que ele precisa e já volto.

– Lucca, você prometeu!

– *Bella mia*, já deixei de cumprir alguma promessa que fiz a você?

Ela balançou a cabeça e o abraçou, falando algo em seu ouvido que o fez sorrir.

Eu desviei meus olhos da indesejável cena de amor dos dois e caminhei até Antony, o pegando no colo. – Ei garotão. – Ele riu preguiçoso e bocejou, deitando a cabeça no meu peito.

– Ele parece estar com sono.

Abriela revirou os olhos sorrindo e o pegou de mim. Meu coração acelerou, um caroço enorme na garganta quando ficou tão perto. Eu olhei para Lucca, que me encarava muito sério.

– Eu não tenho o dia todo. – Comentou.

Dei um aceno a minha cunhada e um beijo na cabeça de Tony, recebendo dela um pequeno sorriso sem graça, forçado. – Até mais Luigi.

Lucca se sentou em sua cadeira, atrás da grande mesa de madeira escura e levantou uma sobrancelha, esperando que eu falasse.

Eu caminhei pelo escritório, passando a mão pelos objetos nas estantes. – Vim fazer um comunicado.

Lucca não se alterou – Oh, mesmo?

– Sim, mesmo.

Ele cruzou os braços. – Parece interessante.

Eu sorri. – Ah irmão, é muito promissor.

– É claro que é. – Respondeu irônico.

Peguei um retrato de nós três ainda pequenos em sua mesa, analisando. – Vou torturar Alessio Solini, e matá-lo.

Lucca jogou a cabeça para trás com uma gargalhada sem humor algum. – Não, você não vai.

– Tudo bem, sem tortura, vou me contentar só em matá-lo.

– Não.

– Eu não disse que vim pedir, mas que vim informá-lo sobre isso.

– Não.

– Irmão, eu não estou pedindo.

– Minha palavra é um fodido não. – Declarou duro.

Eu o encarei incrédulo – Por que não?

– Você não vai matá-lo apenas porque ele tirou seu brinquedinho. Anita é maior de idade e decide o que quer da vida dela.

Eu não perdi tempo em perguntar como ele sabia o porquê de eu querer Solini fora. Lucca sabia de tudo e qualquer coisa.

– Se outro homem se metesse entre você e Abriela, não faria isso?

Lucca me deu um sorriso irônico. – Eu deveria matar você então, já que entra na minha casa, fode minha esposa com os olhos e nem se preocupa em disfarçar.

Eu desviei o olhar, de repente envergonhado. – Não é a mesma coisa.

Ele bufou. – Quer comparar as duas situações? Estamos em posições diferentes aqui irmãozinho. Abriela é minha, enquanto Anita é só uma das com quem você se diverte.

– Então tudo se trata de ela não ser minha?

Ele deu de ombros. – Exatamente. E eu nem preciso citar a bagunça do caralho que seria se Leon descobrisse que você desonrou sua filha.

– Ele não vai.

– Torça para que não.

– Foda-se ele. Eu quero o advogado de merda fora!

Meu irmão perdeu a suposta calma, me dando o olhar de "não foda comigo". – Luigi, você não tem minha permissão. Ele é nosso amigo.

Dei um soco na mesa e o olhei uma última vez. Sai da sala enquanto pensava freneticamente no que fazer. Poderia ir contra a palavra do meu irmão, mas seria punido. Enquanto dirigia pela cidade minha cabeça foi direto para ela. Mais uma vez. Eu peguei meu celular, discando seu número e tendo a mesma resposta dos últimos dias. Desligado. Quem ela pensa que é para bloquear meu número? Se eu a visse, não responderia por mim. Se a visse com ele então, não daria a mínima para a palavra de Lucca.

Eu não sabia o que estava acontecendo, só sabia que precisava tê-la mais uma vez. Eu tirei sua virgindade, aquilo era meu, algo que ela deveria guardar apenas para mim. Mas se tratando de Anita, era provavelmente querer demais.

Se houvesse pelo menos uma forma de deixar o caminho livre... Ela estava ocupando seu tempo saindo e falando com Solini, por isso, matá-lo era a melhor solução. Mas ele era nosso amigo, amigo da família, então não havia qualquer possibilidade de isso acontecer.

– Caralho. – Resmunguei comigo mesmo, batendo no volante.

Eu a queria.

Eu queria aquele fogo e a promessa selvagem em seus olhos. Não tinha tido um sexo como aquele em muito tempo. E ela me entretinha. Quando foi que uma mulher conseguiu minha atenção? Não o tipo de atenção sexual, mas no geral.

Quando estava com Anita eu sempre esperava pelas suas observações espertinhas, as palavras mal-educadas... ela era sempre uma surpresa.

– *Estamos em uma situação diferente aqui irmão... Abriela é minha, enquanto Anita é só uma das com quem você se diverte.*

– *Então, tudo se trata de ela não ser minha?*

– *Exatamente.*

As palavras de Lucca passaram pela minha mente mais uma vez.

Parando o carro bruscamente, algo me atingiu. Meus pensamentos foram direto para a conversa com Dante.

– *Continue fodendo com ela, vá além e case-se com ela...*

Eu demorei apenas um minuto para montar um plano. Um sorriso cresceu em meus lábios enquanto mudava a direção do carro.

– Se para ter você de volta é preciso apenas fazê-la minha...

Assim que as palavras deixaram minha boca, Leon abriu um sorriso de tubarão enorme, mostrando toda a sua empolgação.

O homem estava definitivamente surpreso, mas isso não tirou seu contentamento.

Thom era um homem ruim. Repulsivo e impossível de estar perto, na maioria das vezes. Mas ele não escondia de ninguém a escória de pessoa que era. Se eu tivesse que citar uma qualidade dele, seria provavelmente isso, sua transparência.

Mas Leon era o típico duas caras. Ele conseguia enganar qualquer um com seu sorriso e boas maneiras adequadas. Ele tratava suas filhas de forma gentil em público e tinha paciência para lidar com os negócios. Algumas esposas gostariam de se casar com ele e filhas queriam que ele fosse seu pai. Leon era um fodido mentiroso. Mas aquele era o grande problema desses homens, querer mentir para mentirosos maiores que eles.

Eu podia ver além de sua capa de bom moço.

Ele não dava a mínima para o bem-estar de suas filhas, ou qualquer coisa além dos negócios da família e a reputação do seu sobrenome.

– Bem, isso é algo para se começar o dia bem. – Sorriu. – Aceita uma bebida?

– Vou passar.

– Ora vamos lá, precisa estar sóbrio para discutir negócios? – Deu risada.

– Não. Mas seria melhor para você estar bêbado para conversarmos sobre... isso. – Respondi.

O sorriso em seu rosto não vacilava nem por um segundo. O homem estava em saltos de alegria. – O que há para discutir demais? Você quer se casar com minha filha! Leve-a para jantar, deixe que a Família lhe veja com ela, casem-se daqui alguns meses. – Ele divagava. – Eu não a quero mais falada do que já é, então eu prefiro que não fiquem sozinhos até o casamento...

Jesus, o homem não calava a boca. – Anita não é honrada Leon.

Ele coçou a testa, engolindo em seco, tratando de colocar de volta o sorriso que havia escorregado. – Olha, sei que ela aparenta ser uma menina... promíscua, mas lhe garanto que ela é virgem e...

Eu levantei a mão, o cortando. – Não faça garantias que não estão em seu poder. Ela não é virgem, eu tirei isso dela meses atrás. Eu a usei por meses Leon. Não haverá sangue nos lençóis.

Isso o fez ficar quieto. Ele fechou os olhos por alguns minutos. Provavelmente se perguntando como deixou aquilo acontecer, ou como chegamos tão longe sem que ele tivesse nem desconfiado.

– Isso... eu... Jesus! – Ele parou novamente, tomando uma dose. O homem parecia perturbado. – As aparências precisam ser mantidas, não importa se ela não é mais... – engoliu em seco.

– Sua filha tem saído com um associado nosso. Estou fazendo isso porque sou um homem honrado. Levei sua honra, então vou me casar com ela, mas não vou esperar meses.

– Entendo seu lado aqui Luigi. Não digo como capo, mas como um homem preocupado com sua filha. – Ele suspirou. – Sei que Anita pode ser muito convincente e sinto muito que o seduziu a ponto de levar a isso, mas...

– Eu sei controlar o meu pau, Leon. Se eu fodi sua filha foi porque eu quis. Pare de colocar a porra da culpa nela. Eu era o homem lá, então a responsabilidade era minha aqui.

Ele apertou os lábios, uma cara de desgosto aparecendo. – Você é meu *Consigliere*, mas não vou permitir esse tipo de desrespeito em minha casa. Eu poderia casá-la com qualquer outro se você não a tivesse desonrado.

– Poderia?

– Mas é claro! Ela é bonita e, e...

Bufei. – Sua beleza não convenceria qualquer homem a assumi-la. Ela fez questão de causar problemas o bastante para não haver um corajoso o suficiente pra casar com ela.

Ele me lançou um olhar raivoso. – Se quer se casar com uma menina desonrada que já passou pelas mãos de sabe se lá quantos homens, pois bem, é um problema a menos. Eu nunca

teria conseguido casá-la de qualquer forma.

Eu quis voar em seu pescoço e socá-lo até o fim da vida por me lembrar que ela poderia estar com outro além de mim.

Eu fiquei de pé, dando um breve olhar em meu relógio. – Eu vou fazer dela minha esposa em no máximo três semanas.

Ele arregalou os olhos. – É da Anita que estamos falando, ela não é dócil e não vai aceitar isso dessa forma. Dê-me mais tempo, homem!

Eu reprimi um sorriso. Sabia que ela não era dócil, e isso era parte do porque eu a queria. Anita seria um desafio para a vida toda.

Enfiando as mãos nos bolsos, eu o encarei. – Se você não consegue proteger nem a honra da sua filha, imagine nossos negócios. Me pergunto o que os homens da Família pensariam disso.

Ele engoliu em seco. – Tudo bem, vou dar um jeito, eu vou! Você vai tê-la em menos de um mês.

Eu sorri. – Sim, isso é o que eu quero ouvir.

Eu me virei, caminhando para a porta assobiando. Quando passei pela sala, olhei para a escada onde eu sabia levar a seu quarto e sorri.

Em breve amor, você voltara a ser minha. Mas completamente dessa vez...

Capítulo 14

*"Gritando, chorando, a tempestade perfeita,
Eu posso fazer os jogos virarem uma rosa cheia de espinhos..."*
Taylor Swift

Eu toquei a campainha, bati na porta e quando demoraram demais eu comecei a esmurrar a madeira pesada.

Podia sentir o salgado das minhas lágrimas nos lábios, os soluços aumentando cada vez mais.

Eu nunca fui de desistir, de me conformar, e não iria começar agora. Por isso eu estava prestes a me humilhar para sair daquela situação.

Lucca apareceu com os cabelos bagunçados, uma camisa amassada e descalço. Ele provavelmente estava dormindo, já que era por volta das três da madrugada.

Ele abaixou a arma e franziu a testa. – O que está fazendo aqui essa hora?

– E—eu preciso... Por favor, eu—u...

Lucca olhou por cima da minha cabeça e abriu mais a porta. – Entre.

Eu não hesitei. Ia parando na sala, mas ele apontou para o corredor. – Meu escritório, Ella acabou de dormir, não quero perturbá-la.

Eu o segui, meu coração inchou quando vi uma série de fotos de Antony sobre a lareira.

Ele limpou a garganta e colocou a arma sobre a mesa. – Você não tem juízo? Qualquer noção? Saindo de casa em plena madrugada para vir até a minha casa?

– Eu preciso da sua ajuda. – Falei sem enrolar.

Ficar com delongas e prolongar o assunto não ia adiantar em nada.

Lucca levantou uma sobrancelha. – Eu não vi isso chegando. Devo admitir que estou surpreso.

Eu funguei, limpando meus olhos. – Pois é. Quem diria eu vir aqui me humilhar pela sua ajuda.

– Não há qualquer humilhação em admitir que não possa fazer tudo sozinha.

Eu revirei os olhos. Estava acostumada a odiá-lo e não queria correr o risco de aquilo mudar. – Papai quer que eu me case com Luigi. Ele foi em casa e convenceu meu pai. Preciso que faça com que ele mude de ideia. Eu odeio o seu irmão.

– Você não pode odiar o que não conhece.

– Não quero conhecê-lo mais do que já faço.

Lucca deu de ombros. – Se enfiar na cama dele não parece muito como ódio para mim. E ter sexo com ele não faz com que você o conheça.

– Não vim discutir minhas ações com você, Lucca. Acredite em mim, eu me arrependo de cada vez que o deixei tocar em mim, mas me casar... É desumano da parte dele!

Lucca não se alterou diante do que eu disse. – Por que acha que me importo?

– Não peço que se importe, apenas que proíba seu irmão de fazer isso!

– Não devo qualquer coisa a você. Eu amo a sua irmã, se não fosse por ela, eu teria te matado quando colocou a vida dela em risco dentro de uma boate.

– Lucca! – Nós nos viramos ao mesmo tempo para ver Abriela parada na porta, o encarando com olhos arregalados.

– Volte para a cama *bella mia*.

– Por que está dizendo essas coisas a minha irmã? – Ela virou para mim. – O que houve?

– Abriela. – Ele chamou.

Ela ignorou, segurando minhas mãos. – Você estava chorando?

Lucca me deu um olhar de advertência, e por mais que eu odiasse envolver minha irmã, sabia que ela seria minha última esperança.

Desviando meus olhos dele, eu a encarei. – Papai me deu a Luigi. Eu vim pedir ajuda a seu marido ingenuamente. E ele é claro, não vai fazer nada.

Abriela franziu a testa. – Luigi? Mas... e Isabela?

– Não é da nossa conta *bella*.

– É a minha irmã!

– Sendo assim, é o meu irmão.

Ela estreitou os olhos para ele antes de falar comigo de novo. – Eu não entendo porque papai quer isso.

– Ele quer fazer da minha vida um inferno.

Ella me soltou e encarou seu marido. Eu odiava colocá-la nessa posição, mas que outra escolha eu tinha?

– Lucca...

– Abriela, esse é um assunto da Família.

Ela vacilou para trás. – É da minha irmã que estamos falando!

Ele caminhou para frente e se inclinou para olhar nos olhos dela. – Sua irmã cavou a própria sepultura, agora vai deitar nela.

Abriela abriu a boca chocada. Mas eu não estava surpresa, sabia que ele era um homem horrível. Lucca me deu um olhar feito de gelo. – Você me odeia, mas para mim não é o suficiente já que veio me pedir ajuda. Então vou facilitar pra você, Luigi tem minha permissão para esse casamento. E da próxima vez que você entrar na minha casa e colocar minha esposa contra mim, eu juro pela minha honra que vou matá-la. Entendeu?

Abriela me encarou com lágrimas nos olhos quando Lucca saiu do cômodo.

– Eu vou falar com ele. Ele só está nervoso, mas vou tentar... – ela sussurrava enquanto me abraçava.

Eu não respondi, porque sabia que ele não mudaria de ideia.

Eu selei meu destino quando convenci Luigi a me levar para a parte de trás de um clube.

Não havia como mudar isso.

Na manhã seguinte, acordei com meu celular tocando. Quando olhei na tela o nome dele piscava.

Alessio.

A única pessoa que eu não queria ter qualquer palavra no momento. Não queria ver a decepção em seus olhos, a raiva que ele sentiria de mim.

Não queria ter que me despedir de uma das únicas coisas boas que me aconteceu. Então continuei ignorando suas chamadas e eventualmente ele parou. Eu senti uma pontada de desapontamento, mas no fundo, sabia que era o melhor.

Alessio era um menino de faculdade cara e bem-educado. Só acabou na Família porque seu pai não podia mais ser nosso advogado. Eu não era para ele. Em algum lugar, eu sempre soube que nossa pequena e intensa história não daria em nada. E por mais que me matava, eu

precisava admitir que lá fora, existia uma boa mulher para ele.

A certa.

Eu era suja demais, envolvida dentro da Família até os ossos. Estava impregnado em mim.

Alessio não. Se Lucca permitisse, ele poderia sair.

Mas o meu lugar era esse, e eu precisava aceitar. Agora mais do que nunca.

LUIGI DEROSI

Eu observava o dossiê sobre Marcos Berlot sem acreditar.

O fodido tinha enganado a Família por anos. Eu tive que reconhecer, porém, o cara era um ator incrível. Sua opção sexual sendo exposta, faria dele um homem morto, mas eu não tinha a intenção de fazer isso.

Pelo menos ainda não.

Marcos não era um problema para mim, nunca foi e pelo bem dele, eu esperava que nunca chegasse a ser.

Quando sai da casa de Leon, a investigação que mandei fazer sobre Anita estava pronta e embalada em cima da minha mesa.

Não foi uma surpresa ver que minha noivinha não era nada do que nos deixou pensar que fosse?

Terminei de ler tudo e joguei os papéis na lareira. Havia coisas que eu não confiava em deixar guardado ou apenas descartar.

Mal tinha sentado na cadeira de volta quando a porta se abriu, batendo na parede. Não precisei olhar para cima para saber quem era.

– Eu ouvi o que andam dizendo por aí, e já que não consigo falar com ela, vim tirar satisfações com você.

– Acredito então que minha noiva deixou claro o desinteresse dela por você, não vejo o porque de querer satisfações sobre algo que aliás, não te diz respeito.

– Dias atrás falávamos sobre o nosso casamento, e hoje ela mal me atende.

Finalmente eu o olhei, lhe dando meu melhor sorriso. – Bem, hoje ela fala sobre o nosso, então conforme-se.

– Sei que você fez algo com ela, Luigi e quando eu descobrir...

– O que? Diga, me ameace. Vamos! Faça isso! Assine sua sentença de morte!

– Isso não está certo, não é o que ela queria, ela odeia você, eu não...

– Algo que você não sabe sobre Anita, advogadinho, é o quão volátil e inconstante ela é. Você disse a ela algumas palavras doces e fez promessas cor de rosa e ela lhe disse o que você gostaria de ouvir. Mas está nos ossos dela a selvageria, e isso só eu dou a ela. Diga-me se você já a fodeu tão forte contra uma parede que ela gritou orgasmos incessáveis e quando acabou, ela ainda implorou por mais? Isso é quem ela é. – Me servi de mais uma dose e joguei para dentro.

Alessio balançou a cabeça em descrença. – Nunca fizemos isso porque ela é intocada eu sei valorizar uma mulher a ponto de esperar para tê-la apenas depois do casamento.

Ele levantou o queixo e me olhou com superioridade. Eu não segurei a gargalhada vinda do fundo do meu peito. – Acho até mesmo... fofo que você tente proteger a mentira dela, mas não venha me dizer que ela é intocada quando eu mesmo tirei isso dela.

Ele ficou vermelho. – Eu estive com ela por tempo o suficiente para saber disso!

Ouvindo a raiva repentina em sua voz, eu o analisei. – Realmente acredita que ela é virgem?

Seus punhos apertaram e ele rosnou. – Ela é!

Eu tinha que dar créditos ao cara. Conseguia ver o esforço que ele fazia para não se jogar em mim. – *Ascoltami, il mio amico...* Anita não é virgem, eu me certifiquei disso há quase um ano quando transei com ela contra a parede de um clube. A mulher que você pensou que conhece, é uma fantasia. Minha noiva é tão pura quanto uma prostituta dos bordéis da Família.

– Isso é mentira! Ela teria me dito quando eu falei que estava apaixonado por ela!

Eu sentei na minha poltrona e coloquei os pés em cima da mesa. – Eu adoraria continuar aqui discutindo a virgindade, que não existente, da minha noiva, mas... não vou. É algo apenas meu, sabe como é. Ego masculino e tudo mais. – Eu sorri irritantemente.

Ele passou as mãos pelos cabelos. – Não posso acreditar. Não, não, não... Ela... Jesus! Eu fiz promessas a ela! Arrisquei minha vida, ignorei tudo o que falavam dela e a defendi. Tudo por uma mentirosa sem valor algum...

Foi o suficiente. Eu pulei do meu assento, o colocando contra a parede. Minha arma sem demora estava em sua têmpora. – Mais uma palavra e será sua última.

Ele falou com dificuldade no meu aperto. – Ela pode não me falar a verdade, mas vai ouvir o que eu tenho a dizer!

Segurei sua garganta mais forte, meu rosto tão próximo do seu que nossos narizes quase encostavam. – Se você falar com ela, chegar perto dela, sequer pensar nela, eu vou matar o seu pai, sua mãe, e a última geração inteira da sua família enquanto você assiste, então eu vou te torturar por dias e depois te matar.

Eu via vermelho de tanto ódio. Como ele se atrevia a falar assim dela? Só eu podia falar dela daquela forma.

O que havia com todos esses fodidos para pensarem que a conheciam?

– Entendeu?

Ele apertou os lábios juntos. – Ela me enganou.

– Eu não me importo com que porra ela fez, ela pode fazer o que caralhos ela quiser. E você vai ficar fodidamente longe, entendeu?

Ele a contragosto assentiu.

Eu apertei mais a arma em sua pele. – Diga.

– Eu entendi!

Dei um último aperto antes de deixá-lo cair no chão, aos meus pés.

Ajoelhei-me ao seu lado enquanto ele tossia segurando a garganta. – Ela nunca vai saber dessa conversa. E você nunca vai insultá-la desse jeito novamente. Eu vou colocar homens para vigiar sua família de forma que você não vai dar um passo sem que eu saiba. Isso é uma promessa.

Levantei-me e sai da sala, Nino estava do lado de fora. – Tire-o daqui.

Ele assentiu e eu caminhei para fora em direção ao meu carro.

Faltava me desligar de apenas uma parte.

Quando eu entrei na casa dos Gianni, senti como se Ciro fosse pegar sua arma e a descarregar em mim, e Belinda parecia pronta para se ajoelhar aos meus pés e chorar.

Eu vi porque foi tão fácil mudar de ideia sobre Isabela.

Ela era... normal demais. Seria uma esposa perfeita, conformada e sorriria feliz.

Se eu tivesse feito isso com Anita, ela teria jogado a primeira coisa que visse pela frente em mim. Atacando-me com unhas, socos e dentes.

Mas Isabela me recebeu educadamente, engolindo o choro em seco e com os olhos vermelhos.

Eles não tinham do que reclamar, afinal, eu nunca prometi a ela um casamento. Nem a seu pai ou sua mãe. Eu não a desonrei e nem lhe faltei com respeito. É claro que tínhamos tido sexo, mas seu hímen permanecia intacto e sua família sabia que era melhor não começar uma desavença comigo.

Eu tinha ido falar com eles apenas porque já tinha saído com Isabela muitas vezes, sua família merecia saber que eu me casaria... e não seria com ela.

– Quem é ela? – Isabela perguntou encarando o chão.

– Anita Bonucci. – Respondi suavemente.

Seu rosto se transformou em uma careta de desgosto e choque ao mesmo tempo.

Belinda colocou a mão no peito, como se estivesse com dor. – Bom Deus...

– Está me trocando por... ela?

Eu não respondi. Apenas as fitei por mais alguns momentos antes de ficar de pé. – Já vim fazer o que precisava. Com licença.

Não esperei que qualquer um falasse nada e caminhei para a saída. Já no estacionamento, Isabela me gritou atrás de mim. Quando me virei para olhá-la, ela se jogou em meus braços.

– Não serei sua esposa, mas... Você ainda pode me procurar quando quiser. Eu amo você Luigi. – Sussurrou e deixou um beijo no meu pescoço.

Não, ela não amava. Amava meu sobrenome e meu status.

Ela me soltou, deu alguns passos para trás e acenou. – Até mais.

Eu entrei no carro e dei partida. Tudo foi resolvido.

Agora precisava cuidar do meu casamento. Eu sorri imaginando o quão furiosa Anita estava.

Capítulo 15

*"Sei exatamente onde isso vai parar, mas eu assisto enquanto damos voltas e voltas
E quando nós desabamos, conseguimos ressurgir todas as vezes..."*

Taylor Swift - Style

Quando abri os olhos naquela manhã, considerei matar Luigi.

É claro que eu nunca iria em frente com isso, mas a sensação de sufocamento era terrível demais, insuportável demais.

Ele não estava fazendo aquilo pela sua honra, como disse ao meu pai. Mas sim porque seu ego estava ferido. Ele não aguentou saber que existia outro cara melhor que ele, que eu não estava me remoendo indo atrás dele, implorando pela sua atenção.

Eu só queria entender o que tinha em sua cabeça para precisar me amarrar a ele apenas porque não teve suas vontades cumpridas. Sim, porque enquanto eu deitei com ele em todas as oportunidades possíveis e imagináveis, ele cortejava com uma dama, como ele mesmo diz. Mas eu começo a viver minha vida, e ele precisava de alguma forma para garantir que vou estar disponível quando quiser?

Eu não conseguia encontrar qualquer sentido para aquela ideia.

Não o tinha visto desde o evento que conheci Alessio. Depois que eu soube do casamento, ele não entrou em contato, não tentou falar comigo, não veio me ver e eu estava seriamente grata por isso. Não sabia qual seria minha reação se o visse em minha frente.

Eu fui atrás de Lucca três semanas atrás pedir a ele que me livrasse do casamento e quando cheguei em casa Bernardo me consolou, ou tentou pelo menos. Em questão de horas todos estavam sabendo que eu era a mais nova noiva do *Consigliere* da Família. Os convites para chás e almoços começaram a chegar quase imediatamente. E é claro que eu não fui a nenhum deles. Não estavam me convidando porque me queriam lá, mas pelo meu... noivo.

Eu era como Abriela agora, como Giorgia e todas as outras mulheres da Família.

E saber disso acabava comigo.

– Como é possível planejar um casamento tão grande em menos de um mês? – Abriela perguntou a Alessa.

Tínhamos estado lá pela última hora, sobre um silêncio tenso e eu não estava nem um pouco curiosa sobre como foram feitos os preparativos.

– Eu tenho os contatos certos. E a influência da Família é sempre bem-vinda nesses momentos. – Respondeu distraidamente, analisando tudo o que as mulheres que estavam me produzindo faziam. – Vocês vão demorar muito ainda querida?

A do cabelo prendeu um novo fio no alto da minha cabeça. – Apenas alguns toques finais.

Eu olhei para o coque ridículo e falei pela primeira vez desde que elas começaram a mexer em mim. – Por que está prendendo meu cabelo?

– O *Consigliere* mandou prendê-lo para que o colar aparecesse mais.

Eu bati sua mão fora e afastei a que fazia minha maquiagem. – Diga ao seu *Consigliere* que vou enforcá-lo com o colar. Saia daqui!

Ela arregalou os olhos. – Senhora...

– Senhora é a mãe, sua mal-amada! Eu mandei você sair!

Ela deixou o pente, enquanto a outra colocava os pincéis em cima da penteadeira e saíram sem falar nada.

Alessa me encarou balançando a cabeça. – As coitadas não têm nada a ver com isso.

– Você sabia que eu não queria isso, não sei porque arrumou todo esse circo. – Falei. Virei para o espelho e arranquei cada grampo que encontrei prendendo os fios. – Prender o cabelo... imbecil. Que tal se eu pegar um desses grampos e prender os pelos do saco dele? Não que ele tenha, mas pode crescer algum dia então...

– Jesus... – Alessa suspirou. – Eu bem desconfiei. Vocês fizeram sexo, não é?

Virei para ela e as encarei. Abriela tinha os olhos arregalados. – Sim, sim eu fiz sexo com ele. Nós transamos no carro, em seu apartamento, em uma rua sem saída, sim nós fizemos isso. Eu menti pra vocês. Feliz agora?

Alessa fechou os olhos e assentiu lentamente. – Não, não estou feliz. Não porque você fez tudo isso, mas porque não confiou em nós o suficiente para contar. Nós somos suas irmãs, não as pessoas da Família! Por Deus Anita, você é uma parte minha, pensou que fôssemos jogar pedras em você e te condenar?

Engolindo em seco, peguei um pincel de cima do balcão e comecei a passar no meu rosto.

– Anita... – Abriela chamou.

Soltei o laço do roupão e passei por elas, desembulhando o vestido da capa. – Não

importa mais. Eu vou me casar em menos de uma hora, e gostaria de ficar sozinha.

Ella se aproximou, pegando minha mão. – Não quer ajuda para se vestir?

Sem olhá-la eu neguei. – Tudo sob controle.

Coloquei os pés dentro daquele monte de pano e fui subindo, até as alças pararem no meu ombro.

Por algum milagre o vestido era branco, tinha pelo menos um decote, que desconfiei ter sido coisa da minha irmã. Olhei para cima, vendo o pequeno sorriso que Alessa me deu e devolvi.

Um vestido branco.

Uma longa calda.

Uma saia estufada.

Típico vestido de noiva do casamento dos sonhos. Eu só queria jogá-lo na fogueira.

Abriela abriu sua bolsa e pegou meu batom vermelho, o colocando em cima da penteadeira. – Seja você mesma no dia do seu casamento irmã.

Eu engoli as lágrimas e assenti, sorrindo para as duas. Elas saíram logo depois me deixando sozinha.

Eu parecia tão bonita, vestida como uma princesa, com os lábios de uma pecadora e sem um pinga de alegria.

Encarava-me pelo espelho quando a porta se abriu novamente, dessa vez quem entrou foi Giorgia.

Ela fechou a porta e colocou uma sacola em cima da mesa de canto, quando desembalou eu não segurei o riso.

Encarei o véu branco rendado e bufei. – Eu não sou pura para usar os preciosos véus da tradição.

Giorgia apertou os lábios juntos. – Virgindade não é sinônimo de pureza. E de qualquer forma, você vai se casar com o homem que tirou isso de você, para todos os efeitos, a tradição esta intacta, vocês apenas inverteram a ordem dos acontecimentos.

Eu fiquei quieta. Era além de estranho a mulher que estava me arrumando ser minha futura sogra e saber da minha atual situação sexual com seu filho.

Eu tentei abotoar os malditos botões de pérolas nas costas do vestido, mas não alcançava os últimos. – Merda. – Resmunguei.

Giorgia pendurou o véu e se colocou atrás de mim. – Tire as mãos, deixe-me ajudá-la.

Fiz uma carranca pelo espelho para ela, mas ela não viu.

De repente ela deu um pequeno sorriso, ainda mexendo nos botões. – Você sabe, eu amo Abriela e Alessa como se fossem minhas próprias filhas, são meninas doces e excepcionais...

Eu virei de frente pra ela, fazendo suas mãos caírem do vestido, a cortando no meio de sua fala. – É claro que nem no dia do meu casamento eu posso ficar livre de ser comparada a minhas irmãs perfeitas, não é?

Ela revirou os olhos e me virou de costas pelos ombros. – Ora cale a boca!

Eu abri a boca chocada, seriamente duvidando que ela, logo ela estaria falando aquilo.

Giorgia riu. – O que? Uma dama não deve falar coisas desse tipo?

– Não é algo que eu esperaria de você.

Ela terminou os botões e olhou nos meus olhos pelo reflexo. – É uma merda ser o que todos esperam.

– O que...

Ela apontou para a cadeira. – Sente-se.

Eu estava tão chocada com seu comportamento que fiz isso.

Ela pegou o véu e colocou na minha cabeça, tomando cuidado para não estragar os cachos. – Como eu ia dizendo antes de ser cortada... amo suas irmãs porque elas são meninas doces e incríveis.

Abri a boca, mas ela me cortou. – Eu não terminei. As amo como minhas, mas... Não posso me impedir de sentir falta de mim mesma quando olho para você.

Franzi a testa. – O que?

– Eu era exatamente como você. Uma rebelde inconformada, revolucionária, eu não aceitava merda de ninguém.

Involuntariamente eu sorri. – Não consigo vê-la dessa forma.

Ela deu de ombros. – Eu me casei com um homem terrível e aprendi que minha rebeldia só me faria mal. A mim e a meus filhos.

Ela terminou com o véu e puxou um banco para minha frente. Se sentou e me encarou. – Você não confia em mim, mas a verdadeira confiança precisa ser merecida e eu pretendo ganhar isso. – Giorgia segurou minhas mãos. – Sempre admirei você por ser como é e eu te peço que não faça como eu fiz. Mudei por Thom e meus meninos sofreram por isso. Se imponha sobre Luigi, tenha voz, ok? Aquele dia no apartamento eu não ia ofendê-la, mas entendo que você estava irritada, e isso agora é passado. Está bem? Meu filho é um homem acostumado a ter suas ordens atendidas, não torne isso fácil para ele. Não perca a sua identidade.

Eu assenti, profundamente tocada por suas palavras e sorri.

Parecia tão difícil acreditar que algo bom estava acontecendo no meio de toda aquela tribulação.

Giorgia limpou as próprias lágrimas e deu risada. – A propósito, amei o batom vermelho.

Eu a acompanhei rindo. Sim, eu também tinha amado.

Parados na porta da igreja, eu tomei o buquê que alguém tinha me estendido e virei para meu pai, olhando no fundo dos olhos dele e deixei que visse o quão verdadeiras minhas palavras eram. – Eu vou te odiar para o resto da minha vida.

Ele cerrou a mandíbula, pegou meu braço e bruscamente colocou no seu, começando a caminhar meio me arrastando.

Quando as portas da igreja abriram eu quis vomitar. Eu tinha tomado todas as providências para nunca ter que passar por isso. Eu garanti que nenhum homem fosse me querer. Fui a mais falada, a mais rebelde, a que todos cochichavam sobre ... a Família tinha vergonha das minhas ações. O que deu tão errado? Qual foi o ponto de partida para que eu estivesse diante daquela visão?

Papai deu um aperto de morte em meu braço e começou a caminhar em direção ao homem que eu estava condenada a passar todos os meus dias. Ele tinha um grande sorriso irritante no rosto, me olhando de cima a baixo como se estivesse satisfeito de me ter nessa posição.

E eu tinha certeza que ele estava.

Eu levantei meu queixo, não tirando os olhos dele, papai sussurrou disfarçadamente para que eu sorrisse, mas o ignorei. Meu foco estava em deixar todos eles verem o quão irritada eu estava com tudo aquilo.

Não olhei para minhas irmãs ou qualquer outra pessoa. Apenas para ele.

Eu tinha certeza de que pelo menos metade das jovens da Família estavam querendo me matar, afinal, eu estava me casando com o *Consigliere*. Luigi era como um grande pote de ouro. E aos olhos delas, eu não o merecia.

Não tirava a razão delas de estarem com raiva. Eu nunca realmente me dediquei e seguir os passos certos para estar nesse lugar, vivendo isso. As mulheres da máfia eram em sua maioria vítimas e cúmplices, muitas aceitavam por comodidade e prestígios, pelas vantagens.

Eu não era assim.

Eu não queria nada daquilo, e pretendia fazer Luigi pagar a cada dia por estar me colocando naquela posição. Ele tinha variadas e inúmeras opções de esposas perfeitas, mas ele me escolheu pra fazer da minha vida um inferno.

Ele vai entender que eu não tenho uma veia sequer de esposa troféu.

Eu via a boca do padre se mexendo, mas não conseguia ouvir nada além de um zumbido chato.

– Bom Deus, que ela não esteja reconsiderando. – Luigi comentou fazendo a igreja toda rir.

Só então eu percebi que o padre estava falando comigo.

– Você aceita Luigi DeRossi como seu legítimo esposo?

Meus olhos foram direto para Alessa, e por mais que a vontade de dizer não e correr dali fosse enorme, minha irmã era mais importante.

– *Sì, accetto.*

– Se é de vontade mútua aceitar esse compromisso, coloquem suas alianças.

Luigi sorriu para mim e apontou para a porta da igreja.

Eu virei sendo pega totalmente de surpresa por um carrinho branco passando pelo tapete vermelho, e as pessoas babando em cima do meu lindo sobrinho dentro dele.

Tony sorria olhando ao redor, feliz com toda a atenção. Eu jurei que não iria chorar para que qualquer um deles visse minha miséria, mas foi impossível ficar firme com aquilo.

Meu pequeno menino estava mais uma vez, fazendo algo ruim, se transformar em uma coisa incrível. Luigi o pegou quando o carrinho eletrônico parou em frente o degrau e tirou as alianças de lá. Eu abracei meu bebê rapidamente, então Giorgia o pegou. Trazendo o foco de volta para a real finalidade de estarmos lá.

O padre limpou a garganta e sorriu. – Bem, uma criança é sempre uma benção. Luigi coloque a aliança em sua noiva.

Ele pegou minha mão e deslizou o anel lentamente, olhando diretamente nos meus olhos, como se quisesse prolongar aquilo o quanto pudesse. – Pensei que você não gostaria dos votos, então vamos pular essa parte. – Ele falou baixo apenas para que eu ouvisse.

Eu quis fazer uma observação sobre como ele não se importou se eu gostaria daquele circo, daquele monte de pessoas me olhando, de uma festa enorme onde o centro das atenções era eu e principalmente, se eu gostaria de me casar. Mas me segurei, porque papai observava cada respiração minha como um falcão. Só esperando uma falha.

Não importava se eu estava feliz ou não. As aparências precisavam serem mantidas.

Eu tomei cuidado para não encostar em Luigi quando coloquei a aliança em seu dedo e fiz o mais rápido possível. Mas não adiantou nada, quando terminei e o padre disse "Pelo poder investido a mim, eu os declaro marido e mulher, pode beijar a noiva.", Luigi deixou as reservas e os bons modos de lado, como sempre, e me puxou contra seu corpo.

Ele encarou meus lábios e sussurrou. – Finalmente.

A próxima coisa que senti foi seus lábios sobre os meus.

Tentei como o inferno manter os meus fechados, mas ele alcançou minha nuca e puxou os cabelos lá, inconscientemente abri minha boca. Então ele invadiu.

Quanto tempo eu não tinha sentido aquele beijo, aquele toque?

Meu coração nunca tinha batido tão rápido, o choque absoluto de saber que aquilo ia me arruinar. Não havia como não me envolver, principalmente quando ele passou a língua dentro e fora da minha boca. Seus lábios quentes e macios eram a tentação da qual eu tinha escapado por um tempo, mas ele me pegou de volta.

E eu não tinha certeza se poderia me recuperar dessa vez.

Quando entramos no salão de festas, fomos recebidos por aplausos e uma enorme gritaria.

Italianos já falavam alto, quando estavam comemorando algo então...

Nós recebemos as felicitações dos convidados e os presentes, principalmente dinheiro.

Estava pronta para ir me sentar e esperar o tempo passar, mas Luigi pegou minha mão e me puxou para a pista. Por um momento eu esqueci a maldita dança dos noivos. Rezei aos céus que Alessa não tivesse escolhido uma música melosa como fez no casamento de Ella.

Minhas preces foram atendidas quando The Second Waltz começou a tocar.

Droga, eu adorava aquela música e agora ela estava arruinada pra mim. Como ia conseguir ouvi-la sem pensar nesse momento desastroso?

Luigi fez uma reverência exagerada e pegou minhas duas mãos. Uma ele colocou em seu pescoço e outra segurou. Eu senti sua mão direita cair sobre o meu quadril e ele piscou.

– Você está muito calada hoje. – Falou.

– Estou guardando minha voz para fazer um belo discurso no seu velório.

– Oh, parece interessante... Então, quais são seus planos por enquanto? Imagino que tenha algum.

– Estou pensando em como posso matar você antes de chegarmos a nossa lua de mel.

Luigi sorriu e me girou. – Você está fantástica com esse cabelo solto todo selvagem.

Eu lhe dei um sorriso malicioso. – Que pena o colar não poder aparecer, não é? Seu planinho não deu certo.

Luigi mordeu os lábios e deu de ombros ainda nos balançando. – Se eu tivesse dito para mantê-lo solto, você teria prendido. Eu o queria solto então só precisei dizer que queria preso. No fim, você está exatamente como eu queria que estivesse.

Bastardo inteligente. Ele sabia como eu pensava, então teria que mudar ou deixar de ser tão transparente perto dele. Luigi conseguia me ler como um livro aberto, enquanto eu não via nada além do sorriso cafajeste e atitude idiota. Talvez ele fosse apenas aquilo.

Eu o encarei por toda a dança, deixando que ele visse pelos meus olhos tudo que estava sentindo.

As pessoas gritavam “Viva” e aplaudiam enquanto girávamos pelo salão.

Uma outra mão pousou no meu cotovelo e quando olhei para trás, vi Lucca com a mão estendida. Eu queria lhe virar a cara e fingir que não o vi. Eu estava lá porque ele não me ajudou e agora tinha que dançar?

Ele pareceu ler minha mente porque a mão que estava em meu cotovelo me segurou e puxou para ele.

Luigi me soltou e deu um passo atrás. – Vamos as formalidades.

Lucca colocou uma mão nas minhas costas e com a outra segurou a minha. Seu corpo estava longe do meu, como se ele não quisesse me tocar demais. Eu estava agradecida, não o queria perto de mim mais do que o necessário. Um passo para a direita, um para a esquerda. Direita, esquerda, direita, esquerda e gira.

Quando bati de volta contra ele meus olhos foram para meu marido, que dançava com minha irmã.

Aquilo era normal, apenas parte da tradição. Ou teria sido, se eu não soubesse dos sentimentos de Luigi por ela. Sem que eu percebesse meus dedos apertaram os de Lucca.

– Sabe por que eu ainda não matei meu irmão? – Ele perguntou.

– Porque você é um idiota ainda maior que ele e não tem moral para fazer isso. – Respondi sem hesitar.

– Porque ele acha que ama minha esposa. – Continuou como se eu não tivesse dito nada. – Mas ele só acha.

Desviei meus olhos dos dois e fitei Lucca. – Não tem medo de virar as costas e seu irmão foder sua esposa?

– Você foderia comigo? – Perguntou.

Eu bufei. – Nem se o seu pau fosse feito de ouro.

Ele me girou. – É por isso que não me preocupo de deixá-los perto um do outro. Abriela nunca faria nada pelas minhas costas e meu irmão a mesma coisa. Eventualmente Luigi vai esquecer essa obsessão ridícula e voltar a foder tudo o que anda por aí.

– Isso é realmente doce de dizer a esposa dele. – Respondi irônica.

– Eu não sei porque meu irmão está fazendo a burrada de se amarrar a você, mas eu tenho plena consciência do quão inconsequente você é. Se fizer algo para prejudicá-lo eu vou...

Eu revirei os olhos, o cortando. – Vai me matar? Você não cansa dessa mesma ameaça toda vez?

Lucca me deu um sorriso cruel e parou de dançar. – Talvez eu finalmente tome uma providência com relação a Marco Berllot.

Eu achava que Luigi era o único idiota da família, mas com a festa do casamento, descobri que Nova York tem muitos do tipo dele.

Tipo Iago. Um jovem capo da família Joseni.

Nós já tínhamos passado pelos discursos e agora ele disse que tinha uma surpresa para seu amigo.

– É sempre complicado para nós sairmos de Nova York para vir até aqui, mas quando recebemos o convite de casamento de nosso querido e inusitado *Consigliere*, sabíamos que deveríamos vir em grande estilo.

De repente algumas pessoas foram ficando de pé e indo para o meio do salão.

Iago continuou falando. – Luigi DeRossi vai em nossos casamentos, se diverte e nos diverte, então nós vamos fazer o mesmo com ele. – Ele levantou a taça no ar e gritou. – Felicidades a meu *amico* e sua *bella donna*! Oba!

Luigi sorriu ao meu lado e fez o mesmo com seu copo. – Oba!

Quando *Zorba's Dance* começou a tocar e todos dançaram a música que era tão famosa em nossas festas, eu relaxei um pouco.

Era engraçado ver até mesmo os velhos no lugar indo para a pista e se divertindo.

Pelo menos alguém estava.

Estava observando as rodas de pessoas abaixando e levantando e balançando os pés no ar, com as mãos nos ombros uns dos outros quando Bernardo ficou a minha frente e pegou minha

mão. – Me dê a honra irmã.

Eu balancei a cabeça. – Não estou no clima.

Ele pegou minha outra mão e puxou-me para cima. – Vou ter que fazer como quando éramos pequenos?

Eu sorri da lembrança e ele beijou minha testa. – Eu queria poder colar esse sorriso em seu rosto bonito para sempre.

Enquanto todos dançavam animadamente a coreografia da música, eu dancei lento com meu irmão. O rosto em seu peito e seu queixo apoiado na minha cabeça.

Eu me lembrei de quando éramos pequenos, papai ou Lorenzo me magoavam de alguma forma, Bernardo pegava o radinho de pilha de um soldado, levava ao meu quarto e dançava comigo até que eu ficasse mais calma. Ele via que isso me tirava das enrascadas que meu humor explosivo me colocava e virou uma coisa nossa.

– Eu jurei a mamãe que ia proteger vocês três, que cuidaria de vocês. Estou fazendo um trabalho terrível. – Bernardo disse.

Eu olhei em seus bonitos olhos e neguei. – Não diga isso! Você é o homem mais incrível que eu conheço, Ella se casou com um crápula, mas ele a ama, Alessa é perfeita e terá uma vida perfeita, e eu... bem... só estou colhendo o que plantei.

Bernardo segurou meu queixo, dando-me um olhar duro. – Você não plantou nada, não importa o que te digam você é mais verdadeira que todas essas mulheres juntas. Entendeu?

– Ser verdadeira não tem me ajudado muito, talvez eu devesse apenas ser igual a elas.

– Então você não seria minha Anita. Você é incrível irmãzinha. Tem um coração tão bom, ama mais os outros que a si mesma. Como não pode ver isso?

Deixei sua mão de lado e o abracei o mais forte que podia. – Eu te amo pra sempre.

– Eu também linda. – De repente começou uma gritaria e eu soube que era hora de ir. – Sei que você vai saber lidar com ele, mas não hesite em me chamar, entendeu?

– Sim. Obrigada, irmão. – Ele abaixou a cabeça, oferecendo-me seu rosto para lhe dar um beijo de nariz e me soltou.

Eu me virei para encarar todas aquelas pessoas e tremi. Meu problema maior não era ir para a noite de núpcias ou que seja, a lua de mel. Mas sim, deixar que o homem parado a minha frente, encarando-me como um predador entrasse novamente em mim.

Não só no meu corpo, porque ao físico eu sabia que não poderia resistir, mas o meu coração. Todo o tempo que o evitei, que passei longe dele só serviu pra mostrar que a distância não tinha encerrado aquele sentimento.

Eu andei até ele que me esperava com a porta do carro aberta, abracei minhas irmãs e

Tony que estavam próximos e subi no carro.

Luigi foi depois de mim, fechando a porta e nos isolando de todas as pessoas lá fora.

Quando o veículo foi posto em movimento eu limpei a garganta chamando sua atenção.

– Então... Para onde vai me levar? Paris? Depois desse casamento ridículo eu espero qualquer coisa vindo de você. – Questionei debochada.

Ele me encarou com um sorriso torto no rosto. – Paris não parece muito comigo e muito menos com você, esposa.

A forma como ele disse esposa me deu raiva. Como se estivesse colocando um rótulo e uma corrente em mim.

Eu bufei. – Se for para ser parecido conosco devemos ir para o Afeganistão, Iraque talvez.

Ele riu. – Não dessa vez.

– Então pra onde? – Perguntei já sem qualquer paciência.

Luigi pegou o óculos escuro e colocou no rosto, se inclinou para mim e sussurrou. – Ibiza, baby.

Capítulo 16

*"Eu posso te mostrar coisas incríveis,
mágica, loucuras, paraíso, pecado..."*

Taylor Swift

Ibiza definitivamente não era o lugar que eu esperaria passar minha lua de mel.

Na verdade, nunca tinha nem mesmo pensado sobre o assunto, afinal, na minha cabeça estava certo que eu nunca ia me casar. Enganei-me.

Nós fomos da festa direto para o local onde poderíamos pegar um jatinho da Família.

Eu perguntei a Luigi porque não íamos num voo normal e sua única resposta foi...

– Esposa... não quero policiais de todos os cantos nos vigiando no nosso ninho de amor.

Sua ironia constante me irritava a um ponto quase cego. Passar alguns minutos, horas perto dele já era insuportável, imagine uma semana? Eu não duvidava que existia a possibilidade de voltar algemada depois de assassiná-lo brutalmente.

Sentei-me no banco mais distante que pude, recebendo sua risada debochada. Coloquei o fone no ouvido e não importava que as músicas que tocavam não me agradavam em nada, fechei os olhos e tentei ao máximo focar na letra e nos instrumentos da canção. Sentia seu olhar queimando em mim, ele queria um show.

Queria que eu reagisse de alguma forma.

Mas eu sabia melhor. Uma discussão levaria nossos ânimos a flor da pele, a adrenalina bombearia em nossas veias e acabaríamos enroscados em algum canto.

Ele estava acostumado a usar seu charme cretino em mim e receber minhas pernas abertas em troca. Porque eu era tão fraca quando se tratava do seu corpo quanto ele era sobre o meu. Mas eu tinha outros planos.

Ele achava que porque conseguiu me amarrar a ele, teria de mãos beijadas tudo o que quisesse a qualquer momento, e eu estava mais do que disposta a lhe dar uma lição.

Comecei a relaxar sentindo toda a exaustão do dia cair sobre meu corpo, afinal, eu mal tinha dormido. Quase sorri ao pensar sobre os planos que tinha para nossa lua de mel, mas mantive o rosto sem expressão.

Meu maridinho não perdia por esperar.

Quando pousamos, um homem de terno preto, claramente um soldado da Família, nos aguardava na frente de um carro com a porta aberta. Surpreendi-me ao ver Luigi pegar a chave e abrir a porta do passageiro para mim.

O homem acenou para Luigi e caminhou até o jatinho. Eu levantei uma sobrancelha. – Sem um capacho para dirigir para você? – Perguntei segurando a porta eu mesma e entrando.

Ele deu a volta e entrou, girando a chave na ignição. – Não vou andar com os homens por aí enquanto curto minha lua de mel.

Eu virei para ele e fiz uma cara fingida de espanto. – Então o temido *Consigliere* vai abrir mão de suas babás apenas para ficar sozinho comigo? Estou lisonjeada.

Luigi deu um sorriso torto. – Você sabe, se eu quiser parar o carro, incliná-la sobre o capô e foder sua boceta quente, não quero um dos soldados olhando. Então sim, dispensei minhas babás.

Eu tremi, mas não deixei que ele visse o efeito de suas palavras sobre mim. – Eu não me importaria se seu soldado visse. – Provoquei.

Era uma mentira. Eu não era uma exibicionista e sexo em público não me agradava em nada.

Luigi parou de sorrir e voltou a olhar para a estrada. – Vou me lembrar disso.

Eu resolvi que conversar com ele não era algo que queria fazer, observar as paisagens e sentir o vento em minha pele e meus cabelos era muito melhor. Luigi corria a uma velocidade que eu não tinha certeza ser permitida, mas não estava preocupada. Adorava a sensação de liberdade de correr pela estrada, sem ninguém pra nos parar. O único barulho era o do vento e a natureza ao nosso redor.

Por alguns minutos eu fechei os olhos e esqueci da minha atual situação.

Casada com um homem que está comigo por algum motivo que eu desconheço, obrigada a passar o resto dos meus dias com alguém que eu não sabia como me sentir sobre. Passaríamos uma semana juntos, então aquele era o tempo que eu tinha para dar uma direção a esse casamento.

Precisava ser firme e fazer Luigi entender que a menina que corria para sua cama para ter um pouco de atenção não é quem eu sou. Ele conheceu essa parte de mim. Carente, contentada e conformada com o pouco que ele me dava.

Mas depois de conhecer Alessio, receber seus toques carinhosos e sem qualquer malícia. Um homem que me conheceu, viu através de mim, me quis e gostou de mim. Eu percebi que merecia

muito mais do que ser o caso escondido de alguém, o segredo sujo.

Senti um aperto no peito ao pensar em Alessio. Meus pensamentos viajaram para como seria se fosse ele no lugar de Luigi. Eu duvidava muito que estaríamos em Ibiza agora, um lugar conhecido por suas festas e ser a ilha dos solteiros. Não... Provavelmente estaríamos em Paris, Madrid, Buenos Aires, Praga talvez. Lugares que tinha romantismo desde a raiz até as fronteiras. Porque isso é o que ele era. Um homem de verdade, que sabia como tratar uma mulher.

Alessio sabia fazer com que eu me sentisse linda e poderosa e segura. Protegida.

Nosso tempo juntos foi curto, e quando pensamos que teríamos mais um do outro, quando o sonho começou, a bomba explodiu em nosso rosto. Bem na nossa frente.

Eu sentia algo por ele, mas o que eu sentia pela minha irmã era muito mais, infinitamente mais forte. Então mais uma vez a Família ganhou, ela veio em primeiro lugar.

De uma forma ou de outra, sempre terminava assim.

Mas pelo menos algo eu levei da nossa pequena aventura, aprendi a não me vender por tão pouco.

Se para isso eu teria que bater de frente com meu marido, eu iria. Luigi queria guerra? Então eu daria uma a ele.

Quando o carro parou de frente a uma construção luxuosa de frente com a praia e as montanhas, eu suspirei. Quem quer que tenha feito reservas nesse hotel, tinha bom gosto.

Já passava das oito da noite, e eu podia ouvir a música alta tocando sem nem entrar no lugar. Luigi entregou a chave a um funcionário e tirou os óculos escuros. – Exatamente como eu me lembrava. – Falou.

– Já estive aqui?

Ele sorriu torto e pegou minha mão, caminhando em direção a entrada. – Todo bom solteiro rico que se preze já teve o prazer de conhecer esse lugar.

Tentei puxar minha mão, mas seu aperto era firme. – Ah, que romântico. Não era suposto nossa lua de mel ser regada de tranquilidade, paz e serenidade?

Ele bufou. – Eu morreria de tédio e você também.

Puxei minha mão com mais força dessa vez e parei o encarando. – Talvez eu goste de algum romantismo Luigi. Já parou pra pensar nisso?

Ele revirou os olhos. – Qual é amor? Algumas promessas doces de um almofadinha com diploma e você quer me convencer que gosta dessa merda? Eu não tenho qualquer problema com você gostando de sexo e festas. Ibiza é a capital da diversão e daquilo que nós mais gostamos... – Ele se aproximou e falou no meu ouvido. – Aventura.

Uma parte minha estava relutante em admitir que ele estava certo.

Eu não queria que ele estivesse.

Olhei ao redor, vendo tudo misturado. Pessoas rindo e gritando e dançando e bebendo e beijando, vivendo. Sendo livres.

O som da música, o espaço enorme cheio de coisas que sempre foram taxadas como erradas e proibidas para mim.

No fundo... eu realmente queria estar em algum outro lugar?

Não tinha qualquer resposta para aquilo. Respirando fundo, eu o segui para dentro.

O grande balcão luxuoso da recepção tinha três mulheres vestidas para o verão, porém elegantes. Elas sorriram para nós, especialmente para Luigi. – Bem-vindos ao *Pacha Ibiza Resort*. Em que posso ser útil? – Uma delas perguntou.

Luigi passou um braço pelos meus ombros e lhe sorriu. – Minha esposa e eu temos uma reserva.

Eu quase revirei os olhos.

A mulher começou a digitar em seu computador. – A reserva foi feita no nome de quem?

– Luigi e Anita DeRossi.

Ela parou e nos encarou, engolindo em seco. – É claro. Vocês serão instalados na suíte superior máster do hotel.

Luigi pegou o cartão de acesso que ela entregou e o olhou com pouco caso. – É a melhor do hotel?

Ela inflou o peito e assentiu rapidamente. – Sim, senhor. São apenas duas delas. A lista de espera é enorme.

Grande merda.

– Espero que não tenha sido um problema nos passar na frente.

Ela sorriu brilhantemente. – Ordens da presidência, senhor. – Ela pegou um folheto, mais uma vez, detalhado e com uma aparência cara. Porque tudo ali gritava luxo.

Até a porra do folheto.

– Aproveitem do serviço de quarto e da tranquilidade da suíte. Caso não queiram usar a

piscina do hotel, sua suíte possui uma piscina exclusiva. Jardim próprio e uma bela vista para o mar.

Eu a encarei, não aguentando mais aquela puxação de saco e todo o lenga-lenga de somos o hotel elite classe A. – Como você me oferece a tranquilidade da suíte se há uma esbórnica acontecendo bem aqui na frente?

Seu sorriso escorregou e ela olhou para a outra recepcionista, procurando apoio. Sua colega pediu um momento a outro hóspede e sorriu para mim. – A suíte é a prova de som senhora DeRossi.

Ignorei o som do meu nome junto com o nome dele. Aquilo só me irritou mais.

– A piscina também?

Ela gaguejou, incerta. – Bem... uh... a piscina...

– Ela esta apenas brincando. Faremos barulho suficiente para nem sequer notarmos as festas do lado de fora. – Luigi falou.

As duas coraram como se fossem duas adolescentes com tesão e deram risadinhas. Risadinhas.

Ninguém ensinou a elas durante seu treinamento que não se dá em cima de clientes, principalmente casados?

Eu acabaria com seu interesse nele em dois minutos. Sorri para elas e bati meus cílios. – Sim, eu estou apenas brincando. Mas falando sério agora, – me inclinei sobre o balcão como se fosse compartilhar um segredo – você teria preservativos? É que meu marido pegou uma doença sexualmente transmissível me traindo com um travesti seis meses atrás, então preciso me prevenir.

Eu não saberia dizer qual das duas estava mais desconcertada. Segurei uma risada quando gaguejaram algumas palavras e entregaram uma caixa fechada.

Estiquei minha mão para pegar, mas Luigi foi mais rápido. – Obrigado pela compreensão. Eu estava bêbado após pegar minha esposa na cama com a minha irmã.

Eu quis rir mais forte ainda, ao mesmo tempo que queria lhe dar um soco.

– Obrigada. – Agradei e recebi um aceno sem graça das duas.

Luigi me pegou pelo cotovelo e praticamente me arrastou para o elevador.

Eu apertei meus lábios juntos, segurando a risada. Luigi me deu um olhar de "me aguarde" e apertou o botão do último andar.

As pessoas aos poucos foram saindo, e eu não estava nem um pouco ansiosa para ficar sozinha com ele.

Com sorte, um senhor desceu no nosso andar. Soltei uma respiração e acompanhei Luigi até a porta do quarto. Parecia que o inferno me aguardava lá dentro. Eu não queria entrar.

Na porta do quarto, tinha um cartão pendurado, escrito em uma letra bonita. "Sr. & Sra. DeRossi".

Sem demoras, puxei a fita de cetim vermelha e o abri.

"Você está procurando a experiência "Wow"?"

As joias da coroa do Destino...

O Destino Pacha Resort conta com seis Suítes Superior, que são suítes espaçosas e luxuosas de 52 metros quadrados, com uma espetacular vista panorâmica sobre o Mediterrâneo, Formentera e Dalt Vila, que podem beneficiar da sua própria cama ou banheira.

São as melhores e mais exclusivas suítes do hotel.

Como seria ter o seu próprio jardim privado e piscina? Tudo no Destino é projetado para fazer nossos hóspedes se sentirem confortáveis no interior e exterior. Sua sala está ao seu redor.

Esperamos que a estadia no Pacha seja como sonhavam e que sejam lembranças que os façam sentir como se tivessem tido sua própria fatia do céu.

Agradecemos a preferência, A Diretoria

RESORT APENAS PARA ADULTOS"

Revirei os olhos e joguei o cartão na lixeira ao lado da porta. Nossas malas já estavam todas lá, é claro.

Olhei ao redor, precisando admitir que era realmente bonito. A vista olhando pela janela era de tirar o fôlego. Cada detalhe do quarto parecia ser feito do mais puro material caro. Móveis bege, branco e dourado. Não um dourado de enfeite, eu desconfiava seriamente que poderia ser ouro.

Estava muito acostumada com a riqueza. Mas aquele lugar era quase... surreal.

– Orgulhosa de si mesma?

Pulei ao ouvir a voz de Luigi atrás de mim. Lembrando-me o porquê de estar ansiosa perto dele novamente eu comecei a rir. Ele me encarou sem qualquer indício de um sorriso no rosto.

– Você precisa admitir que foi engraçado. – Falei enxugando as lágrimas.

– Pode ser, mas foi inútil. Eu não vou usar um preservativo com você.

– Sim, você vai.

– Eu estou limpo. Nunca estive com ninguém sem uma borracha. Você pode dizer o mesmo?

Eu quis arranhar seu rosto cínico. – Isso não é da sua conta, mas sim eu estou limpa.

Eu não ia corrigi-lo de pensar que estive com outros homens. Não importava, ele podia pensar o que quisesse.

E assim era até melhor, se acreditasse que ele não foi o único, então pensaria que não foi nada demais pra mim. Apenas um sexo de acordo. Que ele, inclusive, quebrou indo dizer a seu irmão que estávamos na boate quando eu tinha acabado de dar pra ele, tentando garantir que Lucca nunca saberia daquilo.

Luigi cerrou a mandíbula. – Ótimo, não há qualquer necessidade de um então.

– Absolutamente há. Eu não quero um filho, especialmente um seu. E você não entra nesse corpo sem um preservativo.

– Acha que está em posição de exigir isso?

Coloquei as mãos na cintura e levantei o queixo. – É o meu corpo e eu sou a única a decidir o que fazer com ele, então sim, posso exigir o que eu quiser.

Luigi imitou minha pose e sorriu irônico. – Eu não vou usar uma camisinha com a minha esposa.

Eu dei de ombros. – Então você não vai me ter.

– Ou eu posso jogar você naquela cama e fazer você mudar de ideia.

Meu coração pulou. – Seria estupro.

– Não é estupro se você concorda, gosta e goza.

Jesus. – É estupro se eu não consentir inicialmente. Mas vá em frente, eu não espero nada diferente de você.

– Você é absurda! Como na porra eu vou ficar sem sexo?

– Consiga alguém. Você sempre deixou bem claro que boceta não era problema.

Ele revirou os olhos. – Eu não era um homem casado quando disse isso.

Eu soltei uma gargalhada. – Não me faça rir, Luigi. Você não tem que fingir que vai ser um bom marido e fiel e bla, bla, blá. Não vou dizer que não vou fazer sexo com você, porque eu gosto de sexo e não vou me privar disso. Mas você vai usar proteção.

Luigi me encarou por alguns segundos. – E se eu não usar?

– Então vai ter que se contentar com sua mão. Ou me traia, nós dois sabemos que você não tem problema nenhum em não ser decente. – Passei por ele e fui andando para o banheiro calmamente.

Por fora. Porque quando entrei e encostei na porta, fechei os olhos e respirei fundo.

Como no inferno eu ia me conter com esse homem?

Capítulo 17

"Eu sou um agente do caos."
Joker

Quando Alessa e eu completamos treze anos, papai nos mandou escolher quatro idiomas que gostaríamos de falar. Na época eu achei inútil, afinal, nunca poderia sair da Itália. Para que aprender outras línguas? Mas agora nunca pareceu tão bom ter passado horas lendo e estudando.

A língua mundial era inglês, não italiano.

Fiquei grata por ter aprendido, e não ficar como uma barata tonta. Havíamos chegado tinha menos de quatro horas e eu já suava de tanto calor. Mesmo já tendo anoitecido.

Eu tomei um banho e sai enrolada na toalha, peguei minha mala no canto e joguei na cama.

– Tomara que Alessa tenha feito minha mala. – Resmunguei comigo mesma.

Minha irmã sabia dos meus gostos e se eu não encontrasse um vestido naquela mala, eu ia deserdá-la. Não encontrei meu marido quando sai do banho, e mesmo que eu odiava estar pensando nisso, não podia me parar. Será que ter dito a ele que não faríamos sexo o empurrou demais?

Ele teria ido atrás de uma das meninas da recepção que claramente se mostraram dispostas para ele, ou estaria agarrado a alguma turista que veio com as amigas universitárias curtir as férias? Mulheres de biquíni, mostrando toda sua juventude é o que não faltava naquele lugar. Será que ele me trairia na nossa primeira noite de casados?

A ideia me enfureceu.

Porque eu sabia que Luigi era capaz de fazer aquilo. Ele não tinha moral, princípios e muito menos consciência.

Finalmente encontrei um vestido branco curto e o vesti.

Ele não podia pelo menos fingir que se importava?

Eu não ia fazer por menos. Ele podia sair e festejar? Pois bem. Eu também tinha esse direito. Coloquei minha sandália preta simples e peguei o cartão de acesso do quarto. Não ia me maquiar e fazer qualquer coisa no cabelo estando na praia. E de qualquer forma, eu não precisava daquilo, fui abençoada com muita beleza pra ter que depender de cosméticos.

Assim que sai do elevador no hall do hotel, a batida eletrônica tomou meus ouvidos.

Por um momento eu parei de andar, e considerei voltar para o quarto e esperá-lo. Eu estava sendo covarde. O medo de sair por aquela porta e vê-lo agarrado a alguém, agindo como o solteiro que ele – legalmente – não era mais.

Mas por outro lado, eu queria conhecer. Diferente de Luigi, minha intenção não era explorar bocas e corpos aleatórios. Eu só queria um pouco da liberdade que sempre sonhei.

Além disso, ele também estava curtindo em algum lugar por aí. Qual o problema se eu fizesse o mesmo?

Tinha absoluta certeza que eu voltaria para o quarto primeiro que ele e sã, completamente consciente.

Sentindo um sorriso crescer em meu rosto, agradei o funcionário que abriu a porta para mim e sai.

Neon.

Foi a primeira coisa que eu vi, porque estava em todo canto.

Sim... eu estava pronta para me aventurar.

LUIGI DEROSI

— Você já a levou para jantar? – Minha mãe perguntou.

Eu revirei os olhos, mesmo que por telefone ela não pudesse ver.

– *Mamma*... Eu não faço a merda romântica. E ela nem gosta disso.

Minha mãe expirou dramaticamente. — Oh, meu menino... O que será dessa moça casada com você, hein? E pior, o que seria de você sem mim?

– *Mamma* não faça disso uma grande coisa.

— Mesmo que ela não seja ligada em romantismo. Já parou para pensar que ela pode estar com fome? Qual foi a última vez que vocês comeram?

Eu parei para pensar naquilo antes de responder. – Tivemos alguns petiscos no jatinho.

— Luigi DeRossi, está me dizendo que mal está casado e sua esposa já está passando fome por conta de sua negligência?

Eu franzi a testa. — Ma, ela pode descer e comer ou pedir algo no quarto. Qual o problema nisso?

— Oh, Luigi... — Lamentou. — Você realmente vai tratá-la por tão pouco? Já a afastou de sua família e a forçou a um casamento que ela não queria por seus próprios motivos. Agora vai deixá-la por conta própria em um país que ela não conhece, cheio de pessoas estranhas?

Eu fiquei calado, pensando.

Ela suspirou. — Não se trata de romance, filho. Mas inteligência, caráter. Ela nunca saiu da Itália, nunca conheceu algo além da Família. Contrário de você, que já viajou todo canto do mundo e conhece esse antro de perdição melhor que muita gente que vive aí. Leve-a para comer, a mostre as praias, conversem.

— Ma...

— Você cresceu vendo como um casamento a base do ódio funciona, Luigi. Quer mesmo viver um desses? Quer que meus netos, seus filhos, passem pelo o que você, Dante e Lucca passaram?

— Não, *mamma*. — Respondi depois de alguns segundos.

— Bom. Então faça com que essa semana seja especial para ela. A dê boas lembranças, as únicas e melhores de sua vida. Sim?

Eu pensei em tudo o que ela disse por algum tempo antes de responder. — Vou fazer isso.

— Eu sei que vai. Você sempre foi um menino especial, Luigi. — Eu pude ouvir o sorriso em sua voz e sorri também.

— *Ciao mamma*.

— *Ti amo* meu Luluzinho.

Nós desligamos e eu encarei o corredor. Ela estava dentro daquele banheiro pelos últimos quarenta minutos. Depois de ter jogado na minha cara suas condições sobre o sexo, ela entrou e não saiu mais.

Ela não queria um filho meu.

Qual o problema em ter o meu bebê? Qualquer mulher na porra do mundo ia querer isso. Eu era bonito, rico, engraçado e incrível no sexo. E além disso, eu podia ser um idiota, mas sabia entender as mulheres. Os olhares e as formas de se entregarem. Eu passei meses com ela para saber que eu não era só uma escapada secreta.

Nós nunca fizemos a coisa de conversa de travesseiro, nem deixamos as coisas íntimas demais.

Nunca fizemos as posições papai e mamãe, nunca nos beijamos muito, nunca proclamamos palavras doces no ápice do nosso prazer, mas eu sabia. Eu sempre vi. Era apenas um pequeno brilho, mas estava sempre presente nos olhos dela.

Ela me olhava da forma que eu queria ser olhado. É claro que isso acontecia quando pensava que eu não estava prestando atenção.

Porém, eu sempre prestava. Mas a pergunta era, se ela obviamente sentia algo por mim, por que na terra não queria ter o meu filho?

Porra, eu queria ser pai!

Pensar naquilo estava me tirando o juízo, será que se eu a levasse para jantar ela entenderia do modo errado?

Eu não queria que ela visse isso como eu tentando criar um clima entre nós. Não queria iludi-la.

Eu me casei por pura e completa convicção de que era o certo a fazer. E além disso ter a imagem constante da mulher que frequenta meus sonhos na minha cama, era perfeito.

Eu tinha duas, em uma só. Era desprezível da minha parte foder com uma pensando em outra e a amarrá-la a mim por isso, mas não podia ajudar a mim mesmo.

O sonho sexual de qualquer homem e a aparência da mulher que eu queria todos os dias era meu.

Simplesmente *perfetto*.

Eu me levantei e sai do quarto.

Até ela sair do banho eu já estaria de volta e levaria minha querida esposa ao nosso primeiro passeio. Quem sabe isso a faria considerar sua decisão de não ter meus filhos.

– Eu estou pagando uma fortuna nessa porra para demorar mais de meia hora para pedir um jantar? – Eu rugi com um dos gerentes do hotel.

Ele segurou sua prancheta mais firme. – Senhor DeRossi, entendo seu lado, mas peço sua compreensão para...

– Minha compreensão? Sabe o que seria compreensível para mim? Simplesmente reservar uma mesa, sentar minha bunda e comer. É difícil para você fazer isso acontecer?

– Senhor, estamos lotados nessa época e é importante que haja uma comunicação entre nós.

– Você está tentando me irritar? Esta funcionando. A comunicação desceu pelo ralo a partir do momento que o incapaz do seu funcionário perdeu minha reserva duas vezes e veio me trazer a comanda errada.

Ele coçou a cabeça e atirou um olhar irritado para o cara ao meu lado. – Nós vamos resolver isso senhor DeRossi.

– Ah, eu tenho certeza que você vai, porque eu vou buscar minha esposa e espero ter o meu vinho sendo servido quando voltar.

Virei as costas para os dois e voltei para o quarto.

Durante o caminho, nos corredores e no elevador eu começava a sentir aquela ansiedade crescendo, a vontade de estar lá fora e me esbaldar na festa que eu tanto amava.

Ibiza era provavelmente o meu segundo lugar favorito no mundo, segundo porque só não perdia para minha Itália. Onde a Itália representava família, tranquilidade, dever e orgulho, Ibiza era satisfação. Cada vez que eu colocava meus pés naquelas ilhas, testava meus limites e vivia uma nova aventura. Ah, meus dias de glória...

– Anita! – Chamei assim que cheguei no quarto.

Ela não respondeu.

Bati na porta do banheiro ainda fechada. – Eu não vou te atacar, pode sair daí.

Nada.

– Qual é Anita... tenho uma surpresa para você.

Encostei na porta para tentar ouvir algo e a mesma abriu. Dei uma rápida olhada lá dentro vendo que ela não estava. Fui até o quarto da suíte e nada também. Uma mala estava aberta em cima da cama com roupas espalhadas por todos os lados, mas nem sinal dela.

Na piscina e no jardim privado, a mesma coisa.

Eu respirei fundo e procurei manter a calma. Mil e uma teorias de como alguém poderia ter entrado no quarto e a levado inundaram minha mente, mas me mantive sob controle.

Voltando para o hall do hotel, caminhei até a recepção. Talvez ela tivesse apenas saído do banho, não me encontrou e saiu para me procurar.

Apoiei-me no balcão e esperei que uma das três meninas terminasse o que estavam fazendo.

– Em que posso ajudá-lo senhor DeRossi? – A loira perguntou, sorrindo um sorriso cheio de promessas.

Era uma pena. Um dia atrás eu a teria levado para algum canto e fodido seus miolos. Mas a aliança no meu dedo tinha um peso colossal agora.

– Minha esposa não está no quarto, alguma de vocês a viu por aqui?

Ela se inclinou e fez um biquinho. Eu tinha certeza que não era nada profissional. – Nós não a vimos senhor DeRossi. Creio que ela não passou por aqui.

Eu assenti e virei para sair. – Obrigado.

– Precisa de mais alguma coisa além disso?

– Não.

– Tem certeza? – Perguntou lambendo o lábio inferior.

Caralho. Aquela era uma boa tática de se mostrar a um homem o que estava perdendo.

– Absoluta querida, vou encontrar minha mulher e ela vai cuidar de qualquer coisa que eu precise, não se preocupe.

Afastei-me antes que ela dissesse qualquer outra coisa. Ao contrário do que minha esposa pensava, eu não ia trai-la. Ela até mesmo me ofendia dizendo aquilo. Traição é sempre uma palavra facilmente usada.

Trair a confiança, trair a amizade, trair o irmão, trair uma promessa, trair.

Ser infiel.

Eu vivia por um código. Por um juramento.

Estava no meu sangue ser fiel. Não trai meus irmãos, não trai meus amigos, não trai a Família e certamente não trairia minha esposa. Eu fodi mais do que podia contar e usei tantas mulheres quanto podia. Mas não havia uma promessa de fidelidade naquilo.

Quão contraditório parecia? O cafajeste sem controle do seu próprio pau era fiel a mulher com quem se casou.

Sim. Digamos que eu era como um cachorro, inteiramente fiel a minha dona.

Depois de falar com todos os soldados espalhados pelo hotel, eu comecei a considerar algo que estava negando desde quando não a encontrei no quarto.

Que ela estivesse lá fora.

Eu tentei pensar em um único motivo que a impedisse de ir, e nenhum veio.

Estava muito claro para mim que todo o seu drama de "quero romance", e menina

fragilizada era uma grande mentira. Não duvidava que ela estava só esperando eu sair para correr para a festa.

O elevador mal parou no hall e eu estava saindo porta a fora.

Seria um inferno para encontrá-la no meio de tantas pessoas, mas eu ia.

E que Deus tenha piedade de nós dois se eu a encontrasse fazendo algo errado.

Eu conhecia bem aquela festa. Perdi a conta de quantas vezes fui a Ibiza e principalmente, cai de bêbado naquele lugar, levando tantas mulheres quanto eu podia para o meu quarto. O lugar estava escuro, iluminado apenas pelas luzes que piscavam coloridas e o montante de cores fluorescentes nos corpos espalhados. Estava como de costume, lotado. Pessoas de todos os cantos do mundo dançando, pulando, pirando, ao som da batida quase psicodélica.

Eu passei por eles empurrando e tirando seus corpos loucos do caminho, concentrado nela e apenas nela. Ao mesmo tempo que sentia raiva, uma parte de mim se preocupava se algo aconteceu.

– Oh, meu Deus, ela vai tirar a roupa! – Uma menina gritou mais a frente.

Então uma rodada de gritos de excitação correu no ar.

Eu parei, apenas um segundo antes de começar a correr na mesma direção.

Eu sabia. De alguma forma tinha certeza que era ela. Não foi difícil encontrá-la depois disso. Minha esposa estava em cima de uma mesa dançando e segurando a bainha de seu vestido curto. Muito curto pelo o que eu conseguia ver.

Ela brilhava com as cores néon. Seu cabelo, sua roupa, seu rosto. Em seu decote muito aberto eu podia ler pintado de amarelo vivo “free”.

Ela sorria de olhos fechados e jogava a cabeça para trás, rindo e girando em volta de si mesma.

Um cara lhe deu um tapa na bunda e gritou algo como “quente”. Meu sangue ferveu, mas continuei parado observando. Queria ver até onde ela iria com aquilo.

Mas então ela parou de sorrir e abriu os olhos, tentando focá-los como se estivesse procurando algo.

E eu vi. Seus olhos verdes não estavam como de costume, ao contrário, estavam dilatados. Distantes, sem foco. Não deu uma batida e eu estava socando o cara que encostou nela, empurrando fora os outros que a cercavam. Então eu a puxei, totalmente fora de si e a joguei sobre meus ombros.

– Ei cara! Esta estragando toda a diversão! Deixe a vagabunda balançar o rabo quente para nós.

Eu o encarei, gravando cada traço do seu rosto, porque o imbecil não ia ver o sol nascer

mais uma vez.

Infelizmente eu não estava armado, então isso teria que esperar. Mas ele teria seu castigo por tocar e olhar para o que era meu.

Depois de pagar um médico muito silencioso, fiquei com especificações claras de como lidar com minha esposa drogada.

Aparentemente, alguém tinha dado Ecstasy a ela. A pergunta era... ela sabia o que estava tomando? Eu não sabia qual era pior, que ela tivesse tomado por conta própria, ciente do que estava fazendo ou se foi dopada.

As duas opções eram uma merda.

ANITA DEROSI

Minha cabeça parecia como se fosse explodir. Não ajudou nada que as cortinas estivessem todas abertas e as janelas de vidro deixavam o sol entrar livremente.

Eu alcancei um travesseiro o colocando sobre minha cabeça.

– Que bom que acordou, agora pode me falar que porra estava pensando ontem a noite.

– Pare de gritar. – Resmunguei, soltando uma série de tosses logo depois. Minha garganta estava seca, meu estômago doía.

Luigi estendeu um copo de água e não perdi tempo em tomá-lo, só para me arrepender logo depois.

Minha barriga começou a embrulhar. Empurrei as cobertas e pulei da cama, empurrando Luigi no processo. Mal cheguei ao vaso antes de colocar tudo para fora. Logo depois percebi que estava nua.

– Tirou minha roupa seu pervertido. – Ele me ignorou.

Só ficou parado me olhando do batente da porta. Nunca o tinha visto tão sério. – Bem-vinda ao seu inferno particular. Ecstasy é uma cadela da primeira vez.

Minha testa franziu, mas me levantei antes de continuar falando com ele e escovei meus

dentes rapidamente, então voltei ao quarto. – Ecstasy?

– Surpresa, querida?

– Tem ideia de como foi pra mim trazê-la desmaiada para cá?

Bufei. – Como se você se importasse.

Ele chegou perto e segurou meu braço. O que foi um movimento muito, muito errado. – Onde estava com a cabeça quando foi aquela festa sozinha? Deveria ter ficado aqui e esperado por mim.

Eu o empurrei. – Você acha que eu vou ficar sentada, esperando por você enquanto faz sabe lá Deus o que e recebê-lo de pernas abertas?

– Você, garota estúpida, colocou sua vida em risco quando saiu sozinha ontem a noite! Acha que por que estamos longe da Itália ninguém poderia ter nos seguido? Você não pensa? Já entendi que você queria ficar longe de mim, mas esse seu passeio pelo lado selvagem poderia ter custado sua vida. Então eu voltaria sem você para ver suas irmãs e meu sobrinho chorando pela sua imprudência.

– Oh meu Deus! Você é inacreditável! Não vê que tudo isso é culpa sua? Eu não o encontrei aqui, então sai sim e saia de novo! Culpe-me por isso, vá em frente! As coisas entre nós vão funcionar no mesmo nível Luigi, você quer sair? Faça isso, pois eu também vou. Vai ficar a noite toda fora e voltar no dia seguinte sem me dar qualquer satisfação? Eu serei pior.

Ele se afastou, passando as mãos pelo cabelo, exasperado. – Acha que eu estava na festa antes de chegar?

Levantei as mãos o parando. – Não quero saber o que estava fazendo. O conheço bem o suficiente para saber que deveria estar com alguém se enroscando por aí.

Luigi me encarou, assentindo lentamente. – Talvez eu deveria estar.

– Talvez devesse. – Respondi.

Ele deu passos lentos em minha direção. – Você não se importaria, não é?

Levantei a cabeça e mantive minha voz firme. – Por que eu deveria? Talvez eu vá fazer isso também.

Em três passos ele estava sobre mim, me empurrando na parede. Sua mão veio uma na minha garganta e a outra segurou meu cabelo, mantendo-me imóvel.

– Não diga merdas como essa. – Rosnou.

Eu levantei meu joelho, pronta para acertar suas bolas, mas ele sabia que eu tentaria, me deu um sorrisinho e prendeu meus joelhos entre suas pernas. Seu dedo arrastou pela minha garganta, aplicando um pouco de pressão.

– Você é corajosa, não é? Mas chutar minhas bolas seria covardia querida, você pode mais do que isso.

A mão que estava no meu cabelo desceu lentamente, seu toque era como uma pena sobre a minha pele. Beliscando, provocando. Me tentando. Seus dedos enrolaram meu mamilo exposto, e eu não tive escolha senão gemer, mesmo a contragosto.

Luigi sorriu, trazendo sua boca ao meu ouvido. – Você não entende que esse corpo me pertence?

Debati-me mais forte, querendo desesperadamente que ele tirasse as mãos de mim, ao mesmo tempo que implorava para me tocar mais.

Sua mão desceu mais. A outra apertou mais forte meu pescoço, eu sufoquei, apenas contribuindo para minha tortura quando ele cobriu minha boceta com sua mão.

Seus dentes puxaram meu lábio inferior, ele chupou. – Ela é minha.

– Foda-se. – Murmurei.

A ponta de seu dedo entrou. – Eu vou. – Sussurrou antes de tomar minha boca num beijo faminto.

Eu demorei apenas um segundo para alcançar o botão de sua calça e empurrá-la para baixo.

Estava me perdendo.

Mordi sua língua forte o suficiente para afastá-lo, mas isso só o fez me beijar mais forte. Luigi bateu minha cabeça na parede, enfiando mais dois dedos em mim. Três. Eu gritei. Ele bombeava sem parar, fodendo meu corpo contra a parede gelada, num contraste gritante o quão quente meu corpo estava. Nua, enquanto ele permanecia vestido, apenas seu pau pendurado para fora, gotejando.

– Agora, porra. Me fode agora! – Grunhi.

– Diga a quem essa beleza pertence.

Eu neguei. – A mim.

Luigi girou os dedos dentro. – Resposta errada. Me diga.

– É minha.

Ele gostava disso. Sua intenção não era que eu me rendesse e dissesse que era dele. Ele queria que eu fizesse exatamente o que fiz. O desse um desafio, uma luta.

Ele adorava que eu não era como as outras. Ele me olhou com fogo nos olhos.

– Vadia. – Sussurrou grave, soltou meu pescoço, envolvendo suas mãos na minha bunda e

me levantou. Pernas em sua cintura, aquele mastro duro apontando na direção certa. Onde eu o queria, onde ele se queria.

Nós queríamos.

Olhei profundamente em seus olhos e respondi. – É disso que você gosta. Da vadia, e você volta pra mais.

Ele me cobriu, levando-me daquele jeito. Eu estava molhada, mas naquele ângulo, ele ainda tinha que aliviar lentamente no início, mas ele não fez. Apenas meteu fundo, começando a me foder lento, como se quisesse sentir cada pedaço de mim e eu sentia. *Dio*. Podia sentir seu pau pulsando, minha boceta pingando. Eu escorria sobre nós.

Suas mãos acariciavam meus seios quando ele começou a empurrar pra valer. Nós transamos como animais, porque no fim, era o que nós dois éramos. Gemendo e lamentando. Eu estava gritando até o final. Não conseguíamos o suficiente. Parecia que nunca acabava.

Mesmo quando caímos, deslizando no chão, seu pau ainda profundamente dentro de mim, nós não paramos.

Ele gozou e não paramos.

Eu gozei, montando nele e o empalando com força. Quem eu queria enganar? Eu era dele. Fui desde que ele me tomou pela primeira vez. Por que foi que eu pensei que poderia dizer não a ele? Descontei minha raiva em seu pau, minha frustração. Não importava se ele estava sensível, ou se os livros diziam que deveríamos dar uma pausa. Eu não queria uma pausa.

Eu odiava querer mais. Mais disso, mais do sexo e mais dele.

Eu o odiava tanto que me corroía. O odiava porque não conseguia escolher o certo, com ele confundindo minha mente.

Capítulo 18

"Esconda as cicatrizes debaixo do sorriso, e sua dor em seu olhos, assim ninguém vai notar a loucura da sua mente e a bagunça do seu coração..."

Os Vigaristas

Sete dias passaram voando e eu nem vi.

A semana não tinha sido tão terrível quanto eu esperava. Luigi foi... bom. Nem eu e nem ele sabíamos o que fazer além de ir as festas e transar em qualquer canto, então foi basicamente isso o que fizemos a maior parte do tempo. Brigamos, gritamos, discordamos e fodemos no final. Ele não aceitou dormir em outro lugar que não fosse na cama do quarto, e quando eu exigi que ele dormisse no sofá, ele me deu sua melhor expressão de indignado e um sonoro não. Então eu fui prontamente tomar providências para que aquela cama enorme, ficasse com um grande espaço entre nós colocando travesseiros como barreira no meio.

Luigi ficou sem palavras, mas virou para o outro lado e não dissemos mais nada.

Ele me chamou para conhecer as praias ao redor da ilha, e os pontos turísticos que conhecia bem, mas eu recusei. É claro que tinha vontade de ver o Porto de San Miguel, o museu com vista para a praia, os cafés famosos, por levar o aroma da própria cafeína e ao mesmo tempo o cheiro do mar, e ver como as pessoas dali viviam de uma forma tão diferente da nossa na Itália.

Mas eu não queria nada daquilo com ele. Estava conformada que só veria a praia da janela da suíte e apenas sonharia em conhecer o mundo.

Para Luigi em sua cabeça de homem que esquece tudo rápido e finge que nada aconteceu, estava tudo as mil maravilhas. Provavelmente porque eu o deixei me comer sem qualquer proteção, onde e quando ele quis, onde nós quiséssemos, ele pensava que já me tinha de volta na palma de sua mão. Quão enganado estava sobre isso...

Eu não perdi tempo em pedir a uma das recepcionistas para conseguir uma cartela de pílulas de emergência. Enquanto estivéssemos aqui, aquilo teria que servir. Mas eu pretendia visitar minha médica logo que voltasse para casa para conseguir anticoncepcionais. Só de imaginar a frustração dele em pensar que não conseguia me engravidar seria cômica. Eu teria de ser cuidadosa em esconder dele, mas sempre fui esperta, então daria conta.

Nós voltamos para Sicília no mesmo jatinho em que saímos de lá. Não conversamos, nossas malas foram feitas em completo silêncio. Algo que eu entendi que se tornaria comum na nossa convivência. Afinal, se não estávamos brigando, estávamos nos ignorando.

Passando uma semana inteira com Luigi, eu percebi que ele ficava irritado muito fácil e por um momento temi que ele fosse como seu irmão. Abriela pode até ter perdoado Lucca e passado por cima de tudo o que ele fez, mas eu não faria aquilo. Se meu querido marido levantasse um dedo para mim, eu levantaria uma arma para ele, mesmo sem saber como usar uma. Portanto foi um alívio descobrir que quando ele perdia a paciência com algo que eu fazia, ele se afastava. No máximo trocávamos alguns gritos, que começavam da minha parte, e quando ele percebia que não podia lidar com nosso problema com calma, ele saía do quarto, me deixando sozinha. Mesmo que em uma dessas situações eu acabei arranhando seu rosto, consequência de alguns murros que estava desferindo no próprio e ele provou mais uma vez ter um controle de ferro, não revidando.

Não deveria ter me surpreendido que nós fomos direto para o antigo apartamento dele, mas surpreendeu. Quer dizer, ele não se deu nem mesmo o trabalho de conseguir algum lugar novo para nós?

Além de ser pequeno demais, o apartamento era como seu abatedouro particular, estar ali era como dividir o espaço com todas as outras que vieram antes de mim. Perguntei-me se ele fez aquilo para me irritar, ou se sequer pensou nisso. Eu sabia que homens podiam ser completamente desgovernados se tratando de alguns assuntos, mas daí a não comprar outro lugar para vivermos... era o cúmulo.

Ele parou no centro da grande sala e abriu os braços. — Bem-vinda ao lar, amor!

Deixei minha bolsa de lado e apontei o sofá. — Diga oi para o seu lar. Porque é aqui que você vai dormir. — Respondi sem esconder minha raiva.

— Por que esta zangada?

— Não estou. Apenas dizendo que você vai dormir nesse lindo sofazinho a partir de hoje.

— Besteira. Você não se importou de dormir comigo todos os dias em Ibiza.

Dei-lhe as costas em direção ao quarto. — Eu já disse que não tínhamos uma escolha lá, o hotel estava lotado.

Ele me seguiu. — Diga isso a si mesma, amor.

O encarei. — Aqueles dias acabaram, juntamente com nossa divisão de cama. — Tentei fechar a porta, sendo impedida pelo seu braço.

— Como se você aguentasse passar uma noite sequer longe de mim.

— Coloque na sua cabeça que não é tão irresistível quanto pensa Luigi e tanto quanto o seu pau pequeno pode fazer, meu vibrador faz melhor ainda.

Ele sorriu pleno, como quem sabia que eu estava mentindo e se apoiou no batente. — Vamos jantar, amor e você pode continuar tentando convencer a si mesma dessas bobagens outra hora.

Revirei os olhos. — Não entendeu ainda que não vou brincar de casinha com você?

Luigi olhou para cima e apertou os olhos. — É apenas um jantar, é pedir muito ter um dia de

paz?

Com ele sobre o mesmo teto que eu? Absolutamente sim.

– Não estou com fome agora, mas quando estiver vou até a cozinha e preparo algo.

Ele alcançou uma mecha do meu cabelo e enrolou no dedo. – Precisamos falar sobre como vamos levar esse arranjo ou você pretende continuar sua vida como antes? Estamos casados e isso muda tudo.

Bati sua mão fora com um tapa. – Que diferença faz? Você certamente vai continuar vivendo como antes e eu não pretendo honrar qualquer parte disso.

– Eu não vou...

Bufei indo até o closet, o abri e comecei a organizar minhas roupas dentro. – Por favor Luigi, já lhe disse que não vou cobrar nada de você, contando que mantenha suas vagabundas fora daqui e não encoste um dedo de forma violenta em mim, assim estaremos bem.

– Quantas vezes vou ter que falar que não vou me relacionar com outra mulher?

Eu ri mais uma vez, simplesmente porque todas as vezes que ele dizia aquilo era impossível me controlar. Ou talvez estava apenas rindo de nervoso. Afinal, Luigi e fidelidade na mesma frase parecia incabível, inacreditável.

– Tantas vezes quanto for preciso para tentar convencer a si mesmo. Por que eu posso ter meu lindo rostinho de idiota, mas é só o rosto.

Ele pegou o pequeno shorts de seda que eu segurava e levou ao nariz, cheirando. – Você tem cara de muitas coisas amor e idiota não é uma delas.

Revirei os olhos, tentando pegar de volta. – Me deixe terminar isso e vá fazer alguma outra coisa Luigi.

Ele colocou a peça atrás das costas e sorriu aquele sorriso cafajeste que era sua marca registrada. Aquele que me fez levantar a saia para ele a primeira vez mais de um ano atrás.

– Uma pizza. – Pediu quase manhoso.

Estreitei meus olhos para ele e logo desviei o olhar, deixando as roupas de lado e caminhando para fora do quarto. Mais alguns minutos diante do seu pacote de sorriso perfeito, charme irresistível e manha, eu teria abaixado suas calças. Aquele era um lado novo da personalidade dele que eu estava descobrindo. Todos os dias algo novo aparecia. Luigi era uma caixinha de surpresas, sempre com um truque novo que era capaz de baixar minha pressão e testar a paciência de um santo.

Eu só queria que ele parasse. Sabia lidar com seu lado arrogante, irônico, comedor e com o imbecil também. Mas conhecer o Luigi do dia a dia, a face que a máscara escondia do mundo era demais para mim.

– Uma pizza, e eu escolho o sabor. – Declarei por fim.

Ele me seguiu. – As suas ordens amor. – Foi sarcástico, porém com um vislumbre, eu vi o sorriso em seus lábios.

E Deus me ajude, eu quis sorrir de volta.

– Tem gosto de merda. – Luigi reclamou, fazendo uma careta pela milionésima vez, depois de experimentar mais um dos sabores que escolhi.

– Feche a boca para mastigar idiota, e você por acaso já comeu merda pra saber qual é o sabor?

Atirou-me um olhar amargo. – Quem em sã consciência come pizza de brócolis com grana padano?

– Eu como. – Resmunguei de boca cheia, dando mais uma mordida e gemendo exageradamente. – Tão bom...

Luigi me encarou, a pizza parada no meio caminho da boca, olhos estreitos. – Você adora me provocar.

Engoli e me inclinei pra frente. – Você adora uma provocação. – Sussurrei.

Seus lábios contraíram quando ele imitou meu movimento e sussurrou de volta. – Funcionaria e você estaria absolutamente sexy se não tivesse um pedaço de couve no seu dente.

Minha cara deve ter sido muito engraçada porque ele explodiu em gargalhadas. Luigi ria tanto que afastou a cadeira da mesa e se dobrou, a cabeça curvada enquanto segurava a barriga de tanto rir.

Eu passei a língua pelos dentes, querendo ter certeza se realmente tinha pago aquele mico ou ele estava apenas tirando uma comigo. Fechei os olhos mortificada ao sentir a folhinha em um dos dentes da frente. Ótimo.

Ele ainda não tinha parado de rir e já estava me irritando.

Eu tive o suficiente de ser sua piada do momento. Levantei de supetão, aproveitando que ele enxugava seus olhos, peguei um pedaço da torta de morango do sul que veio de brinde com as pizzas e sem perder tempo passei pelo seu rosto e cabelo.

Luigi me fitou desacreditado, de boca aberta. Eu dei uma risadinha e passei o dedo pelo chantili na bochecha. – Você não parece nada irresistível agora.

Ele ficou de pé, cada passo na minha direção eu dava um atrás. – Acha isso engraçado? – Perguntou, limpando o grosso do doce com um pano.

Ri mais forte ainda. – Você não faz ideia. Parece que alguém gozou em todo o seu cabelo.

Seus olhos azuis estreitaram e eu mal vi quando alcançou seu copo de refrigerante da mesa jogando no meu rosto. Tremi e exalei com o choque do gelo na minha pele quente. – *Figlio di una cagna!*

Passei os dedos pelo olho afastando líquido, quando de repente sinto algo escorrendo pela minha cabeça.

Meu adulto marido tinha os olhos brilhando ao fazer o mesmo que eu fiz com a torta. – Quem parece gozada agora?

Eu engasguei, querendo desesperadamente rir de nós dois ali em pé desperdiçando uma comida tão gostosa, parecendo duas crianças ou pior, crianças não seriam tão infantis àquele ponto.

Anthony provavelmente nos olharia com tédio se pudesse ver.

Alcansei mais uma mão da torta e levantei no ar, erguendo uma sobrancelha para ele. O que o fez rir, dando alguns passos para trás, pegou dois ovos em cima da geladeira.

Eu arregalei meus olhos e limpei a mão na toalha de mesa. Detalhe que Goretti teria arrancado minha cabeça do pescoço se me visse fazendo isso, mais uma vez. – Luigi, não. Por favor, lavo minhas mãos agora, por favor!

Ele deu um sorrisinho irônico enquanto balançava as mãos. – O que foi esposa? Ouvi dizer que ovo faz bem para o cabelo.

Apontei para a janela atrás dele. – Oh *Dio*, olhe aquilo!

Devo ter parecido convincente, pois ele olhou. Eu não perdi tempo em dar o fora de lá.

Mal corri até a sala e ele me alcançou. Seu braço em volta de mim e ele esmagou a porra do ovo nas mãos antes de passar por toda a minha cabeça. Eu gritei, querendo na verdade chorar só de pensar o cheiro que ficaria.

Usando minha mão ainda muito suja de torta, passei novamente no seu rosto. Ele tropeçou na estante fina, derrubando-a com tudo que tinha em cima. Ainda agarrado a mim, resultado?

Fomos eu e ele para o chão, graças a Cristo ele amorteceu minha queda.

Quando finalmente nos sentamos, ali mesmo a poucos centímetros de distância, com as minhas pernas ainda uma sobre a dele e a outra por baixo, nos encaramos em silêncio por apenas alguns segundos antes que eu não aguentasse mais segurar e dei o primeiro ronco.

Sim, ronco.

Ele arregalou os olhos quando eu comecei a rir minha risada épica, como se eu estivesse assassinando um porquinho e riu também.

Nós ríamos como dois loucos e se você fosse parar para pensar, não havia um motivo para aquilo. Seus dentes brancos, retos e perfeitamente alinhados estavam em completa exibição para mim. Um sorriso tão grande e forte que acentuava sua covinha na bochecha direita. As linhas tão sutis, sexys ao no canto dos olhos os deixando mais bonito ainda.

Então percebi o que estava fazendo.

O riso foi morrendo aos poucos, dando lugar a um certo bloqueio na minha garganta. Deus, o que eu estava fazendo?

Jogada no chão de um apartamento que me trazia tantas memórias ruins, rindo com um criminoso e fingindo que ele não tinha acabado comigo e minha única esperança de ser feliz. O homem que me forçou a casar com ele e viver a vida que eu nunca, jamais quis e me afastou da única pessoa que me amou como um homem deveria amar uma mulher.

Que me usou por dias, noites, semanas, meses... por mais de um ano todo. Que nunca fez suspense sobre o que pensava de mim.

Eu estava abrindo-me novamente para o cara que tirou a única chance que eu tinha de uma vida quase normal. Prendendo-me a um casamento que só levaria em conta os seus interesses, e enquanto eu me perdesse a cada dia no mar de contentamento de apenas tê-lo ao meu lado, ele estaria satisfeito em me levar para a cama de noite e me foder.

Porque era isso que nós fazíamos.

Sem nunca experimentar as conversas de travesseiro que tanto li nos meus romances água com açúcar. Os beijos na testa, as palavras carinhosas, o afeto e simplesmente compartilhar uma vida de verdade.

Eu queria isso, mas com alguém que eu amasse e me amasse de volta. Não alguém que se casou comigo para curar seu ego ferido e mostrar que pode ter o controle da minha vida.

Mais uma vez o rosto de Alessio piscou na minha mente e uma onda de raiva me atravessou. Suas palavras da última vez que nos vimos cruzando cada linha do meu pensamento. Ele me aceitava, me amava e teria cuidado de mim. Eu podia aprender a amá-lo da mesma forma, sei que com o tempo eu teria criado sentimentos mais fortes por ele. Isso teria acontecido se a pessoa a minha frente não fosse tão egoísta.

Sentia-me sufocada, tão de repente quanto o meu riso parou, o dele cessou também, dando lugar a uma expressão confusa. Ele esticou o braço, como se fosse tocar meu rosto, e eu me afastei, levantando do chão, de perto dele como diabo corre da cruz sagrada.

– Anita? – Chamou ficando de pé também.

Respirei fundo e o encarei, rezando a Deus que meu rosto mostrasse tudo, menos como eu realmente me sentia. – Você queria comer uma pizza, nós comemos. Agora eu vou terminar o que

comecei e descansar um pouco.

Ele analisou meu rosto por alguns segundos, depois assentiu. – *Va bene*. Vá em frente.

Nem estranhei ele não ter insistido mais uma vez. Para ele era tudo um jogo. Mesmo que tenha sido uma simples refeição juntos, eu fiz o que ele queria, era tudo o que importava para o bastardo. Após uma breve hesitação fui para o quarto.

Assim que fechei a porta, me encostei na mesma e dei um suspiro derrotado. Passei a mão pelos cabelos e pelo rosto, sentindo alguns poucos fios enroscarem em algo na minha mão.

Minha aliança.

Aliança do meu casamento.

O símbolo da minha prisão, até o dia da minha morte. Eu sabia que precisava encontrar algo dentro de mim e me agarrar a isso, me manter tão forte quanto eu pudesse e não me deixar cair.

Porque se o homem a alguns passos de mim resolvesse me destruir, ele faria isso. Ele me tinha na palma de suas mãos.

Capítulo 19

*"Você prega peças e me confunde. Me salva e desvia da morte
Mas no fim, ainda é minha overdose."*

Nana Simons

– Porra, Juliano é um pedaço de homem tão quente.

Abriela arregalou os olhos e me deu uma cotovelada. – Se controle! – Sussurrou.

– A qual é. Você praticamente vive com o cara e nunca lhe deu uma boa olhada?

– Não Anita, estou muito ocupada cuidando do meu filho e deixe-me ver... do meu marido. Algo que você também deveria fazer.

Bufei, e me inclinei para frente, no espaço entre os bancos, bem do lado do homem. – Quanto tempo faz que você foi iniciado?

Ele sequer me olhou. – Muito tempo senhora.

– Uhum... e você nunca traiu a Família?

– Não senhora.

– Anita... – Abriela chamou.

– Diga-me Juliano, o que tentaria você a trair a Família?

Ele olhou pelo retrovisor, mas nunca em meus olhos. – O juramento é tudo o que eu tenho senhora, jamais iria trair isso.

– Então você nunca sequer deu uma olhada a mais na minha irmãzinha aqui?

Ele ficou tenso e antes que pudesse responder, minha irmã me puxou para trás. – Você, sua descontrolada! Juliano, ignore-a ou vamos nos atrasar para a consulta de Antony.

Eu me encostei sorrindo e fiz uma careta para Tony. Ele riu e resmungou. – Calminha aí pequeno homem. Qual é a pressa?

Ele tentou enfiar o pequeno punho na boca e seu rostinho apertou quando não conseguiu. – Ella olha isso. – Comentei rindo.

Ela já tinha toda sua atenção no bebê. – Não sei o que farei com ele, acredita que já

aprendeu a fazer birra?

– Mesmo? – Segurei sua mãozinha e bati na minha. – É isso aí garoto, dá trabalho pra sua *mamma*.

Ele riu mais uma vez, seus olhinhos azuis brilhando com inocência.

– Chegamos. – Juliano anunciou já descendo do carro e abrindo a porta de trás para nós. A cadeirinha de Tony estava na outra porta então demos a volta e o tiramos de dentro. – Vou acompanhá-las e aguardar na recepção.

Ella agradeceu e caminhou para dentro da clínica. A mesma que eu a tinha obrigado a vir quando suspeitei de sua gravidez por conta dos enjoos e tontura.

Ela tinha me ligado dois dias atrás pedindo para acompanhá-la em uma das consultas de rotina de Tony. Eu de prontidão aceitei, era toda a desculpa que eu precisava para ir ver minha ginecologista sem que Luigi desconfiasse dos meus planos. Minha irmã ainda não sabia disso, mas ela logo descobriria, afinal, eu não tinha o porquê esconder dela. Não dela e nem de Alessa.

Nós vimos primeiro a pediatra, ela conversou com Abriela, perguntou como Tony estava e como andava a alimentação dele.

– Ainda estou deixando-o o apenas no leite, suco e caldos. Preferi esperar até o sexto mês. – Ella respondeu.

A médica assentiu e se levantou. –Vamos examinar esse rapazinho.

Abriela o colocou sentado na maca e tirou sua camiseta. Ele fez um bico e estendeu os braços para ela, ameaçando chorar. Minha irmã apertou os lábios numa linha fina e puxou uma respiração.

Eu não a culpava, até mesmo eu queria tirá-lo de lá.

– Fui dar banho nele esses dias e reparei essas pequenas manchas vermelhas nas costas.

A mulher franziu a testa. – Sim, eu posso ver. No peito também é visível. Notou mais alguma coisa?

– Ele tem chorado mais do que o normal, às vezes por várias horas seguidas, fica cansado muito rápido, até mesmo para brincar, e seus olhos ficam vermelhos em volta quando chora.

Abriela engoliu em seco e continuou. – Eu... nós pensamos que podia ser apenas cólica, ou a mudança de tempo constante...

– Foi por isso que adiantou a consulta dele? Estranhei terem voltado tão rápido.

– Sim, foi por isso.

A médica sorriu reconfortante. – Você fez bem Ella, na idade dele qualquer coisa estranha é bom levar ao médico para ver.

Tony começou a se contorcer, não querendo ficar sentado de jeito nenhum. Elas continuaram conversando, enquanto a única coisa que eu podia fazer era pensar no porque diabos minha irmã não tinha dito nada sobre aquilo?

Tudo bem que eu estava sendo uma merda de madrinha. Desde que voltei de viagem com Luigi, tinha estado tão ocupada pensando em mim mesma e como sobreviver na mesma casa que ele, que não fui nem ver meu bebê, mas nem mesmo isso, me impediu de querer chacoalhar Abriela.

– Bom... por enquanto, vamos fazer alguns exames e aguardar pelos resultados. – Ela sorriu, mas era um sorriso tenso.

Estreitei os olhos, querendo que ela parasse com a merda e dissesse logo se desconfiasse de algo, mas minha irmã já parecia abalada o suficiente. Nós mal nos despedimos de Milena e eu já fui chamada, encaminhada para outra sala.

Abriela franziu a testa. – O que houve?

– Marquei uma consulta. Acho que vai ser rápido, pode me esperar?

Ela hesitou, mas assentiu. – Tudo bem. Vou dar uma mamadeira para Tony e ver se ele quer dormir.

Concordei, deixei um beijo nos dois e entrei na sala.

Fechei a porta atrás de mim e cumprimentei a doutora Ivy, ela tinha me atendido pela primeira vez dois dias depois de eu ter perdido minha virgindade. É claro que eu só disse a ela que estava preocupada por que eu e o cara fomos rápidos e brutos demais, e eu não estava preparada o suficiente. Ela me garantiu que estava tudo bem e continuei marcando consultas de rotina.

Eu tinha dito a ela que precisava começar a tomar remédios contraceptivos, pois me casei e meu marido não era muito fã de preservativos.

– Ok, vamos lá. Alguma possibilidade de você estar grávida agora?

– Não, nenhuma. – Respondi sem hesitar.

Ela pegou um bloco de papéis e assentiu. – Vocês tiveram relações sem preservativo, algo que acarretasse num acidente?

Pensei por apenas um minuto, depois balancei a cabeça.

Ela ficou de pé e colocou um novo lençol na maca. Abriu uma gaveta do armário e me esticou uma caixa. – Para prescrever qualquer tipo de remédio precisamos garantir que você não esta mesmo grávida.

Eu olhei para a caixinha, depois para ela. – Doutora, eu realmente não estou.

Por Deus, até mesmo a frase parecia ridícula.

Ela sorriu. – Então não há qualquer problema em fazer o teste.

Vencida, peguei o teste e fui até o pequeno lavabo. Seguindo as instruções fiz xixi no palito e me vesti novamente, então voltei para a sala. Ivy colocou uma luva e segurou o teste.

– Aposto que nem doeu. – Brincou.

Revirei os olhos e sorri. – Não, mas perdemos um bom tempo.

Suspirando, ela pegou um papel e colocou meu nome e idade. – Vamos esperar os minutos para o resultado. Enquanto isso, me diga qual preventivo você iria preferir?

– Qual você me aconselha? Nunca usei nenhum então não tenho certeza.

– Depende muito de você mesma. Se for a pílula, precisa ter certeza que vai tomar todos os dias na hora certa. A injeção, pode ou não causar inchaço ou algum tipo de efeito colateral, vai de organismo para organismo, o DIU... – Ela parou de falar e pegou o teste. Então lentamente olhou para mim. – Você tinha certeza, hein?

Eu sorri. – Viu? Te disse que não estava.

Ela se recostou na cadeira antes de colocar o palito na minha frente.

Lambi os lábios. – Diga-me que dois tracinhos significam negativo.

Ivy não disse nada. Lentamente levantei meus olhos para ela. – Ivy? – Perguntei entre dentes.

Ela suspirou. – Se eu tivesse te receitado um contraceptivo estando grávida seria um grande problema.

Fiquei de pé. – Bom, que eu não esteja então.

Ela seguiu meu movimento. – Anita, dois traços é positivo.

Fechei meus olhos. – Esta errada. Quero fazer outro.

Ela apenas me encarou.

– Vamos Ivy! Dê-me outro!

Ela fez e tremendo eu segui novamente para o lavabo. Dessa vez, não tão tranquila como da primeira. – Dio, por favor... – Sussurrei, fazendo uma força descomunal para mijar logo.

Ótimo, nem meu xixi queria colaborar. Depois do que pareceram décadas eu sai de lá.

Além de Ivy, minha irmã também estava na sala com um Antony muito adormecido no colo.

Lancei a médica um olhar desagradável e entreguei novamente meu atual objeto de tortura.

– Anita... – Abriela falou.

– Agora não. – Praticamente rosnei.

Ficamos os minutos seguintes em um completo e tenso silêncio, até Ivy finalmente falar.

– Grávida.

Eu me sentei, colocando a cabeça entre as mãos.

– Eu não sei como isso é possível, eu... Nós...

– Essa é uma notícia ruim? – A médica perguntou.

– Absolutamente. – Respondi enquanto Abriela disse. – De forma alguma.

A médica olhou entre nós duas e suspirou. – Você carrega o bebê, e eu vejo o quão assustada está parecendo. Só pense bem no que vai fazer antes de tomar qualquer atitude. Converse com o pai do bebê e...

– O pai do bebê? Um bebê... Jesus! Eu o obriguei a usar um preservativo e tomei pílulas do dia seguinte todas as vezes que esquecemos e ele... ele...

Ivy franziu a testa. – Todas as vezes? Agora estou preocupada, a pílula pode ser prejudicial ao feto, e camisinhas não são cem por cento confiáveis.

Ela começou a falar sobre fazer testes, exames e começar um acompanhamento para ter certeza que estava tudo bem. Que porra é essa de tudo bem? Eu não queria que estivesse tudo bem!

Tudo o que eu podia pensar era... nada.

Não havia nada na minha cabeça naquele momento, a não ser... uma criança. Jesus. Uma criança de Luigi.

Minha irmã me obrigou a ficar na clínica e fazer todos os exames que a médica pediu. Quando eu disse que não ficaria, ela tirou da manga a carta do "Você me obrigou a fazer isso uma vez, agora eu estou te obrigando." Depois disso eu não tinha argumentos. De fato, eu a arrastei para esse mesmo lugar quando desconfiei que ela pudesse estar grávida. E realmente estava.

Mas eram situações completamente diferentes, ela não podia ver?

Era um momento feliz, eu pensava que meu marido de merda estava morto e apaixonada com a ideia de ter um sobrinho.

Abriela me encarava com um sorriso gigante e a cada poucos segundos limpava uma nova lágrima.

Revirei os olhos para ela e voltei a fitar o teto. – Deus, você parece uma manteiga derretida fodida.

– Eu estou tão feliz Anita, você vai experimentar o amor mais puro que existe e...

– Eu não estou... grávida! Esse teste ridículo é falho, todo mundo sabe disso.

Ela se sobressaltou com meu tom de voz. – É o que vamos ver.

Fechei novamente meus olhos e busquei lentas e profundas respirações. Era um mal-entendido, apenas isso. No final de tudo, a doutora terá que me pedir desculpas de joelho por causar-me tamanha preocupação.

A porta do quarto se abriu e a mesma entrou. Ela me pediu para erguer a camiseta e passou algo pela minha barriga perfeitamente plana.

– Vamos fazer um ultrassom e se ainda assim você continuar dizendo que não existe um bebê aqui, faremos o de sangue.

Fechei meus olhos e esperei. Quando um calmo e baixo som encheu a sala eu quis chorar.

Mas não de emoção como Abriela já fazia ao lado. Mas de desespero.

– Como eu esperava você esta realmente grávida.

– Graças a Deus... – Abriela murmurou.

A ignorando totalmente, eu foquei na médica. – Não é possível... eu tomei...

– Querida, a pílula não faz efeito quando já se esta grávida.

– O que?

– Eu diria que você está com aproximadamente três meses e poucas semanas.

Eu engasguei, quase pulando da maca.

– Ivy por *Dio*! Não há qualquer barriga! Eu não fiquei enjoada, não vomitei, inferno, até mesmo minha menstruação veio normalmente.

Ela puxou uma cadeira para o lado da cama e me deu um sorriso sereno. – Isso é perfeitamente normal querida. Existem mulheres que até mesmo descobrem a gravidez só na hora do parto. O ciclo menstrual vem normal, não há sintomas, nem nada do tipo. Já tive muitas pacientes assim. Você quer saber como o bebê esta? Quer olhar para a tela e conhecer o corpo dele?

– Não! Não quero saber qualquer coisa sobre isso. – Ela apertou os lábios, mas assentiu. – Tem que ser um pesadelo. Precisa ser. – Divaguei comigo mesma.

Eu tive a linda sorte de engravidar na última vez que estivemos juntos antes do casamento.

Provavelmente poucas semanas antes de conhecer Alessio. Só de pensar que por esse tempo eu já estava grávida me deixou enjoada.

Três meses e algumas semanas que eu carregava alguém além de mim. Quão mais o destino ia ferrar comigo?

Agora só faltava eu aprender a cozinhar para me tornar tudo que nunca quis ser.

Você esta grávida!

Eu não estava pronta para ser mãe, de nenhuma maneira. Eu não sabia cuidar nem de mim, como poderia cuidar de uma criança? Nunca quis isso. Uma criança nunca fez parte dos meus planos. Não era algo que eu sonhava e nem de longe, eu a quero.

Só podia ser uma alucinação. Um pesadelo, qualquer merda!

E além disso, só de pensar em dar continuidade a família, ser mais uma mulher que vai gerar um futuro assassino ou uma futura dondoca me dava nojo.

Inferno! Se Luigi já se acha dono de mim sendo apenas eu, imagina com um filho dele a caminho?

Eu estava gerando um pedaço dele dentro de mim, e definitivamente não estava feliz com aquilo.

Capítulo 20

"Há mais perigo em teus olhos do que em vinte espadas. És a beleza que provoca o ladrão mais do que o puro ouro..."

William Shakespeare

Eu acordei uma merda.

Duas semanas que tinha ido aquela maldita consulta e ainda parecia um sonho.

Fiz Abriela prometer que não contaria nada a Lucca, pois eu ainda não estava pronta para dizer a Luigi. É claro que ela acreditou em mim e jurou que não contaria. Sua promessa só se quebrou diante da minha gêmea. Nós tínhamos combinados de ir almoçar, aproveitando que Goretti ficaria com Antony. Tudo corria muito bem, nós conversávamos sobre o tão falado suposto noivado de Michela quando do nada Abriela soltou.

– Anita está grávida.

Eu soltei os talheres ruidosamente sobre o prato. – Sua traidora!

Ela me fitou com olhos angustiados. – Eu disse que não diria nada a Lucca, não a nossa irmã.

– *Santo Dio!* Pra quem mais você falou, então?

Alessa colocou o canudo na boca e sugou seu suco. – Algum problema em me contar irmã?

– Não, porra! Mas se ela sair espalhando para todo mundo que não for seu marido, logo, logo cai nos ouvidos de Luigi!

Abriela suspirou. – Você disse que ia contar para ele logo de qualquer forma.

– Bem eu vou, mas... quero esperar mais um pouco.

– Não sei porque. – Ella rebateu.

Alessa permaneceu quieta, apenas me encarando como quem sabia exatamente que eu não contaria nada.

– Muitas mulheres perdem o feto antes do quarto mês Ella, quero apenas esperar para não deixá-lo frustrado caso algo aconteça.

Alessa levantou uma sobrancelha. – O feto?

Dei-lhe um olhar, mas não respondi.

– Eu vou ao banheiro, não digam nada interessante até que eu volte.

A observei sair e evitei contato visual com minha gêmea.

– Você vai tirar?

– Não sei o que vou fazer ainda.

– Mas você quer tirar. – Não era uma pergunta.

Finalmente encontrei seus olhos. – Eu não o quero, está bem?

– Você ficou feliz quando soube do Antony, porque não esta com o seu?

– Ter um sobrinho é definitivamente distante de ter um filho, Lessa.

Ela deu de ombros. – Não é tão diferente assim.

Passei a mão pelo rosto e a encarei frustrada. – Sou uma pessoa horrível por acordar todos os dias e desejar perder a criança?

Ela franziu o nariz e comeu uma castanha. – Não, não é. Mas não é maravilhosa também.

– Ora, obrigada irmã.

– Dizer a você para falar com Luigi não vai adiantar de nada. Então apenas dê um tempo a si mesma e pense. Mas pense bem porque isso é algo que não tem como ser desfeito.

– Eu sei... Não consigo entender. Eu sofro só de pensar em algo machucando Antony, mas estou considerando matar meu próprio... filho antes mesmo de nascer.

Ficamos em silêncio por alguns minutos quando ela disse. – Será que isso tudo não é porque você não odeia o bebê, mas sim o fato dele ser do Luigi?

Não tive tempo de responder, pois Abriela voltou naquele momento.

Até agora nossa conversa passeava pela minha cabeça, eu não sabia como responder aquilo. E mais do que tudo, a resposta me assustava.

LUIGI DEROSI

– Ouvimos algo de Santino? – Perguntei a Juliano assim que paramos na frente do meu prédio.

– Não. A palavra é que os Federais ainda estão buscando algo que o faça negociar.

– Qual a chance de ele aceitar o acordo?

Juliano hesitou. – Nada favoráveis para nós.

Suspirando, dei um tapa em seu ombro e sai do carro. A Família estava tensa e não por menos, se Santino resolvesse abrir o bico estaríamos todos ferrados.

É claro que ele não tinha como provar nada, mas apenas falar, já nos colocaria no radar das autoridades. Algo que sempre evitamos.

Passei as mãos pelos cabelos, frustrado. Ultimamente a única coisa que me acalmava depois de um longo dia era voltar para casa e me perder no problema que me esperava. Eu sorri só de pensar. Tinha sido definitivamente um longo dia, longas horas e cada vez que eu pensava que resolvi algo, caía mais uma bomba sobre o meu colo.

Subi no elevador e de repente me senti ansioso. Cada dia ela me recebia de um jeito.

Um dia abri a porta e ela estava simplesmente com uma lingerie vermelha, sorrindo toda safada e no dia seguinte me recebeu com socos e tapas, me chamando de nomes que deixariam até mesmo os soldados da família constrangidos.

No outro, ela pulava em meus braços e me provocava a transar com ela tão forte que eu quase caía de exaustão, ou eu mal abria a porta e ela ficava de joelhos, me falando toda e qualquer sacanagem enquanto chupava o meu pau.

Eu adorei.

Ela queimou torradas e a água secou na panela quando tentou ferve-la, porque Anita não sabia fazer nem mesmo um macarrão instantâneo.

Eu ri quando ela salgou tanto uma salada que quase passou mal. E meu castigo foi ter a salada toda jogada na minha cara.

É claro que ela tentava miseravelmente cozinhar apenas para si mesma. A primeira vez que a vi fritando batatas perguntei quando estaria pronto, e sua resposta foi nada menos que direta.

– Quando você fizer, imbecil. Porque eu não vou cozinhar uma merda para você.

Eu me lembro de ter rido. – Você não consegue cozinhar nem mesmo para salvar sua própria vida, e além do mais, você é minha mulher. Tem que me alimentar!

– Sou infelizmente sua mulher, não a sua empregada doméstica. Se depender de mim, você morre de sede no deserto.

Era do caralho assistir suas mudanças de humor. E eu nunca tinha me divertido tanto. Era

revigorante, um chute no saco e um sopro de ânimo. Tudo ao mesmo tempo.

Assim que entrei em casa, pude ouvir uma música alta tocando. Era aquele Pop horrível que eu aprendi ao longo das semanas que ela adorava. Ela estava sentada no sofá, pintando as unhas dos pés – o que eu desconfiava que ela fazia para me irritar, já que eu odiava o cheiro de esmaltes –, seu queixo estava apoiado no joelho enquanto cantava terrivelmente mal e totalmente fora do ritmo, porém concentrada na tarefa em suas mãos.

– Você sabe como eu odeio o cheiro dessa merda, ele fica impregnado. – Comentei, a fazendo dar um pulo.

– Filho da puta! – Gritou jogando o vidrinho em minha direção.

Eu segurei uma risada. Ela era tão distraída e nunca prestava atenção a qualquer barulho em volta de si mesma. Parecia que vivia num mundo só dela. – É bom te ver também querida.

– Foda-se, você me assustou. – Reclamou indo para a cozinha.

Eu a segui como um cachorro atrás do osso. A desgraçada usava uma camiseta muito apertada e um shorts que mais parecia uma calcinha. – Se você fosse mais atenta ao redor não teria se assustado. Já falamos sobre isso, e se não sou eu na porta?

Ela pegou um copo enchendo de água e bebeu. – Então talvez seja um inimigo da Família que vá me matar, e eu estarei livre de você.

Eu tomei uma longa respiração. Ela falava merdas como essa constantemente e eu precisava de um controle de ferro para não deixar minha raiva transparecer. Ela não sabia que jamais ficaria livre de mim? Longe... de mim?

Contrariando as palavras que eu realmente quis dizer, me aproximei dela e sem tocá-la cheirei seu pescoço. – Vou te ensinar a nunca mais falar algo que caso acontecesse, iria se arrepender.

Ela revirou os olhos e levantou o queixo. Começando a mostrar o desafio que eu descobri tanto gostar vindo dela. – Por que não me ensina algo diferente de sexo?

– Tipo? – Perguntei relutante em soltá-la.

– Tipo... Como atirar, talvez.

Joguei minha cabeça para trás e ri. – Nem sobre o calor do inferno.

Ela franziu o nariz arrebitado, o que a fez parecer muito fofa.

– Por que não?

Apoiei minhas duas mãos sobre a pia, prendendo seu corpo ao meu e olhei para baixo em seus olhos. Ela era tão absolutamente delicada e feminina, sua cabeça mal chegava no meu queixo e os cabelos roçavam os nós dos meus dedos de tão cumpridos.

Ela puxou uma respiração quando eu disse. — Porque você me odeia e eu durmo ao seu lado. Não colocaria minha vida em risco assim.

Ela bufou. — Eu sou mais esperta que isso, Luigi. — Empurrou meu peito tentando sair, é claro, sem sucesso. — Sei que pagaria com a minha vida por matar você e eu realmente gosto de viver.

Analisei seu rosto por alguns minutos, nós dois em silêncio e eu não sei porque, mas baixeí minha boca sobre a dela. Seus pequenos lábios gordos pareciam tão saborosos e eu só queria prová-los. Ela gemeu ao contato e segurou minha camisa pelo colarinho, já abrindo os botões. Estranhamente eu não quis afundar o beijo. Segurei seus dedos e encostei nossas testas, ainda olhando profundamente seus olhos.

— O que há Luigi?

Eu não conseguia falar. E caralho, também não sabia o que estava acontecendo. Abri a boca, mas era como se as palavras tivessem fugido.

— Luigi? — Eu ouvi sua voz, senti seus dedos afrouxarem o aperto na minha camisa e via como seus lábios se movimentavam ao falar.

O que havia sobre aqueles lábios?

Eles tinham sido sempre assim?

Eu estava na dúvida se meu nome sempre tinha parecido tão doce vindo de sua boca. Franzi a testa ao pensar, certamente não. Algo estava diferente. Eu teria percebido tamanha beleza e imploraria que ela dissesse meu nome se soasse sempre daquela forma.

— Luigi! Você está bêbado?

Será que eu estava?

— Hoje é o aniversário de Lucca.

Ela levantou uma sobrancelha. — Hm... e?

Tirei os braços de perto dela e para minha própria sanidade, dei alguns passos longe. — Haverá uma festa na casa dos meus pais.

Ela fez uma careta. — Ótimo. Um evento da Família era do que eu queria.

Meus pensamentos limpavam um pouco com a distância, seu cheiro já não era tão forte e sem tocá-la, eu conseguia pensar mais claramente.

— Será a primeira vez que vou experi-la, esposa. Não posso dizer o quão ansioso estou.

Ela me deu um sorrisinho irônico. — Vamos ver se você vai estar tão ansioso assim quando ver minha roupa... marido.

— Acha que me importo? — Soltei uma risada. — Eu quero que todos vejam o quão

fodidamente gostosa a minha mulher é. Cada homem naquele lugar vai querer voltar para a casa do seu lado, mas quem vai colocá-la na cama sou eu.

Rindo de sua expressão chocada, parei na sua frente e deixei um beijo em seus lábios, então voltei a andar. — Faça o seu pior, esposa.

Ela levou a sério e fez seu pior.

Eu estava tendo um sério problema em manter meu pau de ficar duro com a visão de seu corpo naquele vestido. Eu tinha tomado um banho, vestido uma calça e camisa e passei a toalha pelo cabelo, enquanto ela claramente dedicou algum tempo na preparação.

O vestido vermelho sangue de alças finas era tão apertado que eu fiquei receoso se ela poderia ter uma falta de ar ou algo do tipo. O cabelo solto naquelas ondas mais do que sexys que ela fazia até para ficar em casa e o maldito batom vermelho que me fazia ter fantasias constantes.

— Devo ter emagrecido uns cinco quilos com essa secada que está me dando. — Comentou irônica.

— Você está longe de parecer magra amor, *grazzie a dio*.

Seu queixo caiu. — Está me chamando de gorda?

Eu bufei. — Não comece com a sua merda esta hora, Anita.

Seus olhos brilharam. — Não estou começando qualquer coisa desde que você foi o primeiro a me ofender.

— Você é louca, porra!

Anita apontou o dedo. — Louca é o seu passado! Eu passo horas me arrumando para você dizer que eu... engordei?

— Você ganhou uma barriguinha a mais desde que nos casamos amor, eu conheço bem esse corpo para poder falar que ganhou até mesmo alguns quilos a mais. Mas não estou reclamando, sabe que gosto de ter onde pegar.

Ela ficou pálida e correu de volta para o quarto.

Eu dei um longo suspiro antes de ir atrás. Já podia ver o circo armado. Afinal, eu não podia dizer uma maldita coisa sem que isso virasse uma guerra que só terminava quando ela sentia que ganhou.

Assim que entrei no quarto, a vi dando voltas em si mesma analisando cada parte de seu corpo no espelho. Tão exagerada...

Qual o problema de ganhar alguns quilos? Nem todas as mulheres tem barrigas lisas e as que tem, não se tornam perfeitas por isso. Eu amava o corpo dela como estava, ela não podia ver? Parei com o pensamento. Eu estava satisfeito com seu corpo, não amando. Não, isso não. A mulher era tão impossível que dificultava até isso. Então eu provavelmente gostava daquele corpo. Sim. Era isso.

– Pare de chlique e vamos logo.

Ela me enviou um olhar que levava todas as ameaças da terra nele. – Você não diz a uma mulher que ela está gorda e acha que se livra disso depois.

Revirei meus olhos e me ajoelhei falsamente diante dela. – Me desculpe. Eu não deveria ter dito nada, você não está gorda.

Ela me olhou desconfiada antes de se virar para o espelho novamente e suspirar de alívio.

Eu teria ficado quieto se fosse um homem esperto, mas como não era e aliás, estava longe disso, fiquei de pé e falei. – Está apenas bem alimentada.

Simples assim ela ficou possuída de novo. Gritando e me mostrando como seu vocabulário marinho era extenso, jogando o que visse pela frente em mim, enquanto eu saía correndo do quarto rindo.

Sim, porra louca completa.

Nós tínhamos estado na festa de Lucca pelas últimas duas horas. Enquanto eu me divertia com os estúpidos velhos da Família e meus irmãos, minha esposa ocupavam seu tempo com minha mãe e suas irmãs.

Ela estava tensa. Eu podia ver por todo o seu corpo e com cada movimento seu. Não saindo de perto de suas irmãs e usando Antony como seu escudo tanto quanto podia.

Foi-se a menina rebelde que causava e fazia o que lhe desse na telha, por algum motivo que eu não entendia, ela estava quieta e cautelosa. Se eu fosse pensar bem, tinha estado assim pelo último par de semanas. Constantemente no telefone com Alessa e estressada.

Picos de humor do caralho que me irritavam e excitavam na mesma medida.

Mas havia algo...

Ela não estava pirando e rindo das esposas da Família como sempre fazia. Não estava

abaixando a cabeça, mas apenas evitava. O que claramente não era ela.

– O que há nessa cabeça irmão? – Dante perguntou ao meu lado.

Tomei mais um gole do whisky e dei de ombros. – O de sempre.

– Sua mulher parece diferente.

Bem, eu não estava pirando então.

– Ela é uma louca do caralho. Aprendi a não mexer, já que ela tranquila é melhor do que seu estado de espírito normal.

Meu irmão quase sorriu. – Ela tem lhe dado uma dor de cabeça, eu vejo.

Bufei. – Ela é a minha aposentadoria completa.

Desviamos nossa atenção quando os homens tiveram um acesso de risos altos e escandalosos. Tudo porque Dominic, o filho de Pablo e Gema Fraccele tinha uma arma na mão, apontando para os homens na roda como se tivesse idade o suficiente para fazer isso. Porra, o garoto não devia ter nem mesmo dez anos e já estava na merda.

– Fodido. – Dante murmurou. Os punhos cerrados e a mandíbula dura.

Desde Lucca, Dante não levava bem a coisa toda de envolver crianças na família, mas o que podíamos dizer? Não estávamos brincando de carrinhos e espadas nessa idade também.

– Chega garoto, dê-me aqui e vá para sua mãe. – Pablo falou, pegando a arma e empurrando o filho para fora da roda.

Gema imediatamente estava lá e segurou o rapaz antes que tropeçasse em seus próprios pés e caísse. Mas assim que se equilibrou, Dominic empurrou sua mãe e saiu correndo. Apenas assim.

O claro reflexo do que ele via acontecer em casa e sofria nas mãos de seu pai, faria com outras pessoas também.

Lucca se juntou a eles e olhou ao redor antes de falar. – Eu não quero uma confusão Luigi, então mantenha o controle.

Abri a boca para lhe perguntar o motivo daquilo, mas não precisei. Porque de repente os homens que antes estavam rindo, ficaram sérios. Porque Michela, a filha mais velha de Ciro apareceu de braços dados com ninguém menos que nosso querido advogado.

Eu dei um rápido olhar na direção de Anita, vendo que Alessa segurava seu braço e falava algo perto de seu rosto, antes de se afastar e sorrir o sorriso que ela sempre dava naquele tipo de festa.

Diferente de sua irmã.

Eu fiquei com raiva, sabendo que ela era minha, estava lá comigo e teve que ter sua irmã a segurando de ir falar com o imbecil. Tudo bem que ela não sabia que ele era um porra idiota, mas mesmo assim, me irritou. Então seus olhos bateram em mim. Eu vi lágrimas de puro desgosto refletir naquela imensidão verde, antes dela virar o rosto e fingir que nada tinha acontecido.

– Tantas por aí e ele quer logo a minha menina. – Ciro comentou amargo, tomando uma dose mais do que grande de seu copo.

Não dei muito ouvido a conversa que se seguiu, porque minha atenção estava no filho da puta que era Alessio Solini.

E os olhos dele não estavam na menina de Ciro, mas sim na minha.

ANITA DEROSI

Eu podia sentir os olhos de Alessio em mim.

O bastardo não perdeu tempo em se engraçar com outra. E o pior de tudo... o tal noivo de Michela seria ele?

Eu ia vomitar.

Luigi estava certo afinal, eu era tão desesperada por atenção, por qualquer carinho que me deixei levar por palavras bonitas e alguém com uma fachada de homem bom.

Perguntava-me se ele tinha dito a ela tudo o que me disse, se a levou ao jardim de seus avós e lhe contou aquela história. Se prometeu amor, casamento, filhos e uma vida feliz. Será que ele disse que lutaria por ela também?

E mais importante... se ele fez tudo isso, como eu me sentia?

Havia aquele pequeno incomodo, uma inveja por saber que Michela teria um cara romântico como ele ao seu lado. Mas eu não estava sofrendo. Longe disso. Sentia-me aliviada. Se seu amor por mim não era realmente amor, então ele não estaria sofrendo. Eu sempre soube que Alessio encontraria alguém a quem pudesse fazer suas juras e que iria retorná-las a ele de forma sincera.

Eu nunca poderia ter lhe dado isso.

Como seria possível? Eu era tão confusa e tinha tanto drama envolvido. E o único a quem eu podia sentir qualquer coisa era o pior homem possível. O que se esperar de alguém que se apaixona por um assassino e ainda carrega o filho dele?

Era bom que Alessio não tivesse conhecido aquela parte de mim. Para ele eu era apenas a Anita feliz, sincera e inconformada. Ele não me via como todos viam. Para ele eu era apenas... eu.

Eu sorri tristemente. Senti quando Luigi enrolou um braço na minha cintura e me puxou para si, dando um recado claro a Alessio e me entregava outra taça de champanhe. Parecia que fora a minha vida, tudo estava se encaixando bem.

Capítulo 21

"E na morte, é você quem me faz sentir vivo."

The Vampire Diaries

Eu pensei que fosse ficar melhor, mas não ficou.

Quando saímos da casa de Ella pouco depois de Alessio ter aparecido, eu estava preparada para uma briga com Luigi quando estivéssemos de volta no apartamento. O que não aconteceu.

Ele só tirou a gravata e o paletó e deixou num canto. Meu primeiro pensamento foi que ele iria querer sexo.

O que novamente, não foi o caso. Luigi não me deu um segundo olhar quando foi para o banho. Eu continuava apreensiva, esperando, querendo que ele começasse algo. Desse-me alguma reação sobre o que aconteceu na festa.

Eu não estava preparada para aquilo e pela primeira vez desde que nos casamos, ele fez o que eu disse.

Quando não voltou para a cama depois de algum tempo, eu levantei e sai em direção a sala. Apenas para ver que ele já dormia.

No sofá.

No dia seguinte eu acordei sozinha, o que deveria ser um alívio. Mas não foi. Eu sabia que era apenas porque meu corpo estava acostumado a ter outro grudado ao meu, mas mesmo assim não tirou o incômodo. Desde que nos casamos eu vivia constantemente dizendo a ele que queria ter meu próprio espaço, e isso incluía uma cama apenas para mim. Coisa que ele não tinha respeitado até então.

Não foi até passado das sete da noite que eu ouvi o barulho da fechadura na porta. Liguei a TV rapidamente e olhei, tentando fingir que estava simplesmente deitada no sofá passando algum tempo.

Ele parou diante de mim, jogando as chaves e sua carteira em cima da pequena mesa de centro e enfiou a mão no bolso da calça.

– Olá.

Continuei olhando para a TV quando murmurei um "Ei".

– Eu não sabia que você era tão ligada a natureza assim. – Comentou.

Só então eu realmente foquei na tela e percebi que estava no canal sobre bois e vacas. Ainda mantendo o olhar sobre isso, porém agora mortificada, evitei levantar meus olhos a ele. Eu sabia o que acontecia todas as vezes que estávamos sozinhos em algum lugar, e o final nunca era bonito.

Dei de ombros. – Acho legal.

Luigi deu uma risadinha e se sentou perto de mim. Tipo muito perto. A ponto de segurar meus pés e os colocar no seu colo. Cada parte do meu corpo estava tensa.

Eu resolvi evitar fazer sexo com ele de forma tão exibida depois dele ter dito que ganhei alguns quilos. Dali para perceber uma barriga, ou qualquer outra alteração mais nítida no meu corpo seria um pulo. Teria de ser mais cuidadosa até finalmente resolver o que faria sobre a minha questão.

Até então teria que levá-lo sempre para o escuro, ou manter-nos em posições mais discretas e que me escondessem melhor. Usando sempre uma camiseta talvez.

Eu poderia até dizer que era meu novo fetiche transar com uma de suas camisetas, já que elas eram tão largas e folgadas.

–... você não acha? – Ele me cutucou e só então percebi que falava comigo.

– O que?

Ele encarava a TV com verdadeiro interesse.

– O jeito como as mães protegem os filhotes quando acabam de nascer? Eles saem delas e já vão em busca de se alimentar, procurar aconchego nas mães. É legal.

De repente percebi que aquela linha de bate-papo não era uma que eu queria levar com ele. Tudo o que envolvesse mães, crianças, alimentação e aconchego... definitivamente não.

Tirei os pés de cima dele e me sentei, levantando logo depois. Não dei nem dois passos quando ele falou. – Você não consegue ficar perto de mim nem para ter uma conversa, não é?

Encarei seu rosto. Seu bonito rosto. Ele tinha apenas um curvar nos lábios, mas não havia deboche. Ele parecia estar falando sério. Mas então, ele sempre parecia estar quando queria. Por mais de um ano ele me manipulou, usou seu charme e nossa atração sexual para usar esse mesmo rosto e mentir. Não obrigada. Mas já tive o bastante de deixá-lo foder comigo.

Literalmente.

– Isso nunca trabalhou bem pra nós. – Respondi, tentando soar indiferente.

Ele se levantou e cruzou os braços, fazendo com que seus músculos fossem visíveis e

marcados através da camiseta. Foi preciso cada grama de concentração para mover meus olhos de lá para seu rosto novamente.

– Vamos jantar hoje.

Lá estava.

Deixei minha atenção sobre seu rosto, por mais que eu quisesse revirar os olhos e perguntar qual era o jogo que ele estava jogando. Bancando o marido bonzinho. Ele não sabia que eu já tinha tido o suficiente daquilo? Entre meu irmão carrasco e ter o pai mais negligente. Então a minha primeira paixão que brincou comigo durante um longo tempo, satisfeito em foder e ir embora, seguido de um cara que usou palavras bonitas para tentar entrar nas minhas calças.

Lorenzo.

Luigi.

Alessio.

Meu próprio pai.

Porra eu mal tinha vinte e um anos e tinha mais experiência em ser quebrada de novo e de novo que muita mulher por aí. Ele não conseguia olhar para mim e ver que eu estava feita com as nossas brincadeiras de sedução e jogos de preliminares?

– Eu não estou com fome. – Respondi por fim.

No mesmo momento meu estômago roncou. Era um daqueles momentos em que nem mesmo o barulho dos bois e das vacas e seus bebês poderiam ter escondido a evidência de quão faminta eu estava.

O que eu podia fazer?

Não sabia cozinhar nem para salvar minha própria vida. Por Deus, minha massa parecia cimento de tão dura, e eu juro que era impossível acertar o ponto de qualquer coisa.

Luigi me deu um sorriso conhecedor e levantou uma sobrancelha. – É claro que não está.

– *Va bene.* Mas é melhor que a comida seja boa!

Ele sorriu aquele sorriso cheio de intenções. – Será fodidamente incrível amor.

O carro parou na porta do "Listratta", um dos restaurantes mais famosos e caros da Itália. E pela janela do carro eu podia ver os manobristas pegando as chaves dos carros de luxo que estacionavam e as pessoas ridiculamente bem vestidas entrando.

Virei-me para Luigi e o encarei cética. – Sêrio?

Ele franziu a testa. – O que?

– O Listratta?

– É o melhor.

O olhei por alguns segundos antes de perguntar. – Por que está sendo tão clichê?

Ele deu de ombros. – Toda mulher gosta de algo clichê.

– Talvez eu não seja mulher então, porque esse lugar vai me deixar entediada assim como os eventos chatos da Família fazem.

Ele segurou meu olhar por alguns minutos antes de um pequeno sorriso atrevido curvar seus lábios.

Eu senti o meu próprio querer repuxar. – O que foi?

– Você vai ver. – O motor acordou para vida e ele dirigiu por poucos minutos, antes de parar na frente de um prédio azul.

A primeira coisa que me surpreendeu foi que não havia manobrista, então ele mesmo estacionou atrás de outro carro na rua.

– Você vai deixar o carro aqui?

– Nino está logo atrás para ficar de olho.

É claro que ele estaria.

A rua estava deserta de pessoas. Porém haviam muitos veículos. Nós entramos sem a necessidade de dizer nossos nomes ou conferir reservas. Ninguém perguntou se gostaríamos de guardar o casaco ou correu pra puxar nossas cadeiras.

– Luigi, que lugar ... – Fui cortada quando ele abriu as portas duplas e a visão diante de mim tirou meu fôlego. – Oh meu Deus...

Havam pessoas dançando no centro do enorme salão, rodeado por mesas. Quem estava sentado comia, bebia, conversava e aplaudia os dançarinos de plantão.

Minha animação cresceu mil vezes. São então um homem com um terno e sorridente correu até nós e estendeu a mão para Luigi. – DeRossi! Já faz um tempo meu amigo!

– Não tanto tempo. Cesar, essa  minha esposa, Anita. Anita, esse é Cesar Tortilho, chef do lugar e dono do restaurante.

O homem pegou minha mão e deu um beijo respeitoso. – Ah, mas que *bella donna*! Seja bem-vinda, eu espero que se divirta essa noite!

– Oi. Obrigada, tenho certeza que eu vou.

Eu me perguntava se seu rosto não doía do sorriso constante, e além, um verdadeiro sorriso. Imediatamente gostei dele.

– Venham, vamos pegar uma mesa para vocês.

Luigi pegou minha mão repentinamente, e eu não consegui nem mesmo ser grossa ou afastá-lo. Não naquele momento e não com toda a felicidade que rolava por todos os cantos do restaurante.

Nós seguimos Cesar até uma mesa e deixei que ele puxasse a cadeira para mim.

– Comam, dancem, bebam e se divirtam, *per l'amor de dio!*

Eu dei risada de seu entusiasmo enquanto ele se afastava sempre parando nas mesas e conversando com os clientes.

– Oh meu Deus Luigi, como eu nunca conheci esse lugar?

– Cesar é um bom amigo.

Então isso me bateu. Eles só se referiam a "bom amigo" ou "meu amigo" quando se era um associado da Família.

– É um negócio da Família, não é?

Luigi abriu o cardápio e levantou uma sobrancelha para mim, como quem diz "Tem alguma dúvida?"

– Não é nosso. Mas nós demos a ele a maior parte do dinheiro para levantar o lugar.

– Eu não entendo porque alguém iria querer livremente se ligar a máfia, por *Dio*, as pessoas deviam ser mais espertas que isso.

Luigi levantou os olhos do menu para me encarar. – E o que faz delas espertas, amor? Ir até o banco e pegar uma quantidade ridícula de dinheiro, pagar juros exorbitantes e ainda dever para o resto da vida? A Família pelo menos é justa e tem palavra.

– Vai me dizer agora que a Família não cobra juros?

– Você sabe como cobramos débitos em aberto, amor.

Sim, eu sabia.

– Vocês são como ceifadores, sabe disso?

Luigi riu e se recostou na cadeira. – Estou lisonjeado.

Nós fizemos nosso pedido logo depois. Queria apenas por algumas horas não pensar em nada que envolvesse a Família e nossa vida fora de lá. Começamos com uma boa e velha

macarronada com um molho tradicional acompanhado de uma taça de vinho.

Culpada.

Álcool e gravidez e a coisa toda de não beber. Não dei um segundo pensamento a isso. Não estava pronta para admitir que isso realmente estava acontecendo. E se eu recusasse uma taça Luigi iria além de desconfiar. Nós não falamos muito enquanto comemos, principalmente com o quão focada eu estava na grande movimentação constante bem na minha frente. Cada vez que uma música acabava, outra iniciava logo em seguida e um novo grupo de pessoas iria dançar.

Eu me sentia boba observando e querendo estar lá. Sorrindo com uma alegria que não sentia a muito tempo.

– Por *Dio*, vá dançar.

Tirei meus olhos da pista apenas para ver Luigi. – O que?

– Eu vejo como você está babando só de olhar. Vá lá para frente e mostre a eles como o sangue siciliano trabalha bem com esse som.

Voltei-me para o salão, depois para ele de novo. Lambi meus lábios de repente secos, sentindo meu coração acelerar com as vibrações da música. – Mesmo?

Luigi me deu aquele sorriso e assentiu. – Nada vai me divertir mais do que vê-la se balançar lá, amor.

Hesitei novamente e ele bufou. – Lhe trouxe aqui porque sabia que ia gostar, agora vai.

Ele não precisou falar novamente e eu estava fora da cadeira, sentindo como meus pés já batiam no piso no ritmo.

Abriram a roda e eu comecei a dançar. *Grazzie a dio* meu vestido era rodado.

Nós fomos de *Pizzica* a *Tarantella*, batendo palmas, cabelo no rosto e sorrisos em exibição. Em algum momento alguém deu um lenço em minha mão e eu já não sabia mais nada além da dança. Tinha esquecido do prazer que era fazer aquilo. Eu me sentia brilhando. Cantando músicas da minha terra e girando pela sala como se não houvesse amanhã. Não voltei para a mesa pelas próximas duas horas, mal parando para beber água.

E cada vez que eu olhei para lá, ele estava sorrindo para mim.

– *Grazzie, grazzie, grazzie!* – Eu disse a Luigi uma e outra vez desde que saímos do restaurante.

Já passava da uma da madrugada e eu me sentia transbordando de energia.

– Você já disse isso.

– Eu sei! Mas Luigi... foi incrível!

– Fico feliz que gostou. – Respondeu já dando partida no carro.

Aproveitando que ele estava focado na estrada, encostei a cabeça no banco e o observei. Assim, descaradamente. Eu não precisava fazer jogos com ele e fingir ser discreta. Nos conhecíamos melhor do que isso.

– O que gostaria de fazer agora? – Me peguei perguntando.

De repente me dei conta de que ainda não queria voltar para o apartamento. Para nossa... vida real.

Ele me olhou rapidamente e se voltou para a estrada. – Eu estava apenas com fome. Estou realmente satisfeito que você se divertiu.

– Não sou uma das mulheres com quem você precisa fingir gentilezas, Luigi. – Falei suavemente. – Estamos casados, para o bem ou para o mal, estamos presos um ao outro até a morte. Já que estamos passando um tempo juntos... me diz o que você realmente quer fazer agora?

Ele não disse nada por alguns minutos. – Luigi... – Pressionei.

– Eu já fiz tudo o que queria. Viajei o mundo, nadei pelado, fiz muito sexo e por aí vai. Mas e você? Conte-me seus desejos esposa.

Dei de ombros. – Nada de interessante.

Luigi me atirou um olhar duvidoso antes de encostar o carro no meio da estrada deserta. Virou para mim e segurou meu queixo, fazendo-me encará-lo. – Vamos lá amor, sua última chance.

Minha última chance.

E se fosse?

Se eu pudesse, simplesmente pararia o tempo naquela noite. Não conseguia me lembrar da última vez que me senti tão feliz.

Naquele momento nada além do presente me preocupava, e foi por isso que hesitei apenas alguns minutos antes de falar. – Uma tatuagem. Quero fazer uma tatuagem, dirigir por horas em alta velocidade na estrada e só parar quando o sol estiver se pondo. Então eu quero descer do carro, abrir uma garrafa de vinho clássico e beber sentada na areia de frente para o mar.

Luigi tinha um sorriso brincando nos lábios. – Uma tatuagem hein?

Empurrei seu ombro de leve. – Tenho o direito de ser um pouco clichê, não?

Ele me encarou por alguns minutos, então ligou o carro e disse. – Vamos.

– Para onde?

– Realizar seu primeiro desejo.

Observei seu rosto absurdamente lindo, duro e masculino. Que naquela noite estava se mostrando suave e cheio de sorrisos verdadeiros e por um momento me senti como antigamente.

Viva.

Com vontade de fazer algo que me trouxesse a borda, que me mostrasse que eu ainda respirava.

Impulsiva.

Naquele momento, minha mente não me deu espaço para pensar nas consequências do que quer que fossemos fazer.

Impertinente.

Eu prometi a mim mesma. Só essa noite.

Foi por isso que assenti. – Vamos.

Até o momento em que acabamos parados na frente de um lugar com uma grande, porém elegante placa, letras em outro idioma e pessoas claramente de um mundo diferente do nosso, eu não tinha acreditado que ele realmente considerou fazer aquilo.

Luigi não usava seu habitual terno de três peças, ao contrário, vestia jeans e uma blusa cinza de mangas longas e algo parecido com uma bota, ou coturno. Mas ainda sim, parecia que cada um naquele lugar sabia quem ele era.

Estávamos em alguma parte da cidade que eu nunca tinha com toda a certeza nem passado perto.

Eu apostava que estava rolando uma festa, pela quantidade de pessoas reunidas e a música tocando no fundo.

Uma festa na rua. Ótimo.

Parecia sinceramente um beco, e eu podia admitir que se não estivesse com Luigi, estaria me tremendo de nervoso. Nem todos levaram nossa presença bem. Eu vi um homem com uma longa barba e braços cobertos de tatuagem, músculos enormes e os olhos mais escuro atirar seu cigarro na calçada, amassá-lo em seu sapato e cuspir no chão olhando diretamente para Luigi.

Meu marido apenas riu. – Bom ver você também, Thulio.

O homem rosnou e deu um passo para frente, antes de ser parado por um outro quase da mesma aparência. – DeRossi. – Esse cumprimentou.

Luigi levantou o queixo e continuou andando, claramente ignorando a hostilidade ao redor.

Uma morena alta com tatuagens por todos os cantos visíveis e um salto de matar que eu sinceramente, quis para mim, sorriu para ele. – Olha quem resolveu aparecer.

Instintivamente alcancei seu braço e o segurei, levantando uma sobrancelha para ela logo depois. – Ele não tinha qualquer motivo para vir.

– Rena. – O mesmo cara que segurou o tal do Thulio chamou.

Nós seguimos nosso caminho e eu não pude deixar de perguntar o que é que tinha acabado de acontecer lá fora.

– BigBob? – Luigi chamou assim que fechou a porta atrás de nós.

A sala era bonita. Móveis de aparência cara e todo um ar luxuoso. Diferente do que eu pensei que seria um estúdio de tatuagens. Mas minha surpresa não tinha acabado.

– DeRossi! Já faz um tempo que você e seu irmão não aparecem. – Eles se cumprimentaram e eu fui novamente apresentada.

BigBob de “big” não tinha nada. O cara mal chegava a minha altura. E eu era uma vergonha nesse quesito. Calvo, magro com uma pequena barriga de cerveja e o rosto limpo de barba. Definitivamente diferente do que eu imaginei um tatuador.

O homem riu. – Eu vejo que sua menina está embasbacada. Parece que eu a impressionei.

– Você sempre impressiona.

BigBob ficou surpreso quando Luigi disse que seria eu a fazer uma tatuagem. Mas logo sorriu e me entregou um caderno com os desenhos dele.

Eu olhei e olhei mais nada me parecia bom o suficiente. Até que olhei meu marido e decidi.

Disse ao velho o que queria e ele não levou nem dez minutos para esboçar um desenho que quase me colocou de joelhos. Vinte depois, eu estava sentada sentindo a dor de ser furada pela agulha do inferno.

– Diga-me um lugar que sempre quis conhecer. – Ele pediu.

Trinquei os dentes e reprimi o desejo de mandá-lo ir à merda. Doía como uma cadela engessada, mas eu sabia que ele estava fazendo seu melhor para me distrair.

– Alemanha. Sempre quis conhecer o grande festival da cerveja.

Ele sorriu. – Hum... ótima escolha.

– Você já foi, não é?

Ele assentiu. – Fantasias bonitas, pessoas interessantes, bebida boa. E tudo resultou em eu acordar no dia seguinte da festa dentro de um barril.

Arregalei meus olhos. – Dentro?!

Ele bufou uma risada. – Sim. Eu fui com lago e ele pode ser um pouco idiota as vezes.

– Eufemismo do século. – Respondi apertado. – Dubai?

Ele jogou a cabeça para trás e riu. Mas eu logo entendi o motivo, quando ele me contou sobre sua última breve passagem por lá. Nós falamos sobre vários países dos quais eu estava curiosa. E descobri que quando ele disse que viajou o mundo, não foi modo de dizer. Foi uma batida indesejada a mais no meu coração que ele estava compartilhando suas memórias comigo. Suas aventuras.

Ele me deu detalhes que eu sentia quase como se tivesse vivido com ele as situações.

Mal notei quando BigBob desligou a agulha, limpou e disse. – Esta feito.

Fiquei de pé e corri até o espelho na parede.

Minha respiração ficou presa quando vi a beleza que estava marcada em minha pele. A palavra “free” detalhava meu ombro em uma letra romântica e a pequena linha de pássaros que seguia minha clavícula completava perfeitamente.

Era lindo e único.

Luigi apareceu atrás de mim. – E então?

Eu o olhei através do espelho e deixei que meus olhos lhe dissessem o que eu estava sentindo.

Não porque ele me fez ter bons momentos durante toda a noite, mas por me deixar ser livre.

E eu estava caindo por ele, mais uma vez.

Nós entramos no carro sem dizer nada, e foi assim o caminho todo. Fechei os olhos para descansar, pois já davam sinal de cansaço, só abrindo quando percebi que paramos.

Mas não estávamos no prédio dele.

– Luigi?

Ele alcançou uma caixa no banco de trás e tirou uma garrafa de vinho de lá. – Segundo desejo.

– Onde conseguiu isso?

Ele deu um sorriso torto. – BigBob me devia.

Ele desceu do carro e eu o segui.

Ainda muito surpresa para dizer qualquer coisa mesmo quando ele caminhou para a borda da água e me chamou.

– Não vai haver pôr do sol essa hora, amor. A lua terá que servir.

Sentei ao seu lado e mantemos um braço de distância.

A garrafa de vinho foi aberta sem demora. E eu dei no máximo dois goles, minha consciência pesando demais para ir mais longe com a bebida.

Não houve qualquer conversa.

Eu assisti as ondas do mar baterem umas nas outras, e as menores sendo arrastadas.

Era como eu me sentia, basicamente.

Algo dentro de mim lutava contra qualquer esperança que eu ainda ousasse ter sobre o homem ao meu lado. Mas havia ainda aquele ponto suave, que me deixava pensar num “e se”?

E se ele fosse assim todos os dias?

E se nós pudéssemos conversar e conviver sem querer matar um ao outro?

E se ele realmente fosse fiel?

E se ele aprendesse a... me amar?

Estava tão perdida em meus pensamentos que não vi quando ele deixou a garrafa de lado e segurou meu pescoço, puxando-me para perto. Algo que eu sempre gostei em Luigi é que ele sempre ia direto ao ponto. E foi exatamente o que ele fez. Me abaixou sobre a areia e me encheu de beijos urgentes. Chupando, lambendo, mordendo. Eu podia sentir meus lábios inchados de sua fome.

– Não há nada que eu queira mais do que colocar minha boca na sua pequena boceta molhada amor, mas preciso estar dentro de você.

Eu gemi quando ele afastou a calcinha para o lado e começou a me estimular. Jesus! Eu já estava molhada antes mesmo de saber que isso ia acontecer.

– Ver você dançando daquele jeito, sorrindo e brilhando me excitou pra caralho. – Ele gemeu, enfiando um dedo dentro de mim. – Você não sabe como é bonita menina.

Não pude controlar o gemido que me escapou quando seus dedos me exploraram, meus quadris rolando cada vez que ele puxou meu cabelo mais forte para expor meu pescoço ao seu ataque.

Brutal.

Eu senti vindo como uma fina garoa, transformando em uma tempestade quando o orgasmo

explodiu diante de mim. Mal estava pensando quando ele pegou minha perna direita, a colocou em volta de seus quadris e afundou em mim.

Minhas pernas já tinham virado gelatina e minha cabeça estava perdida em algum lugar entre o prazer e a consciência. A razão.

Movi-me com ele, pressionando meus quadris para ir ao encontro das suas estocadas, sentindo meu orgasmo construir mais forte vindo da minha alma e rasgando através de um gemido que ele calou com sua boca.

Luigi sempre teve o dom de me fazer sentir de muitas formas. Como uma puta, uma atrevida, devassa, uma mulher desejada, amada e adorada. Mas eu não sabia como me sentir agora, com ele dentro de mim, segurando minha cabeça com uma mão e minha perna em volta de si na outra. Isso era sexo no seu melhor? Desejo falando mais alto que qualquer coisa?

Talvez eu estivesse muito tocada por tudo o que fizemos e o que ele me deu.

Perguntei-me como seria nos ver ali naquele momento.

Deitados sobre a areia na beira do mar, com as alças do meu vestido caídas pelos ombros e a barra enrolada na cintura. E um lindo homem grande e perigoso no meio das minhas pernas.

Em cima de mim.

Dentro de mim.

Metendo e fodendo com tanta intensidade como não tínhamos feito em muito tempo.

Eu não sabia. E sinceramente?

Estava me sentindo tão bem, que preferi não pensar.

Capítulo 22

"Uma única mentira tem o poder de estragar mil verdades."

Revenge

Meu passeio com o Luigi tinha sido a uma semana. Ainda não podia acreditar que aquilo tinha acontecido. A desconfiança de que tudo foi um ato, apenas para brincar comigo estava presente, é claro, mas eu não podia deixar de admirar a atenção.

Não queria ser dura, mas que a verdade fosse dita, ninguém muda da noite para o dia. Principalmente alguém como Luigi. Quer dizer... o cara vai de solteiro convicto, assumido e arrogante, a marido de ouro em dois tempos? Não, isso não trabalhou bem comigo.

Algo estava acontecendo dentro da família que estava deixando todos agitados, eu pude perceber, por isso não tivemos a chance de nos ver muito. Ele chegava em casa tarde e na maioria das vezes eu fingia estar dormindo quando se deitava, mas era questão de minutos para eu dormir. E quando acordava de manhã, era sempre enrolada em torno de seu corpo forte. O que acarretava a sexo quente e molhado.

Eu deixei que ele me fodesse como queria. Forte, devagar, lento, rápido, suave e duro. Algumas vezes eu não gozei. Porque seu pau alcançava tão profundo dentro de mim batendo no útero, e a dor era demais.

Eu me senti culpada cada uma das vezes, colocando tanta distância possível entre nós quando acabava. Mas não pensei muito sobre isso também. É claro que era injusto com ele não contar que eu estava... Jesus, grávida!

Nino olhou para trás do banco da frente. – Senhora DeRossi?

Balancei a cabeça, tentando limpar meus pensamentos. – Hum?

– Nós chegamos.

– Obrigada Nino. – Sai do carro e caminhei os poucos passos para o restaurante.

Não me surpreendi ao ver um soldado do meu pai me seguindo e outro logo na porta do lugar.

Me virei para ele e perguntei. – Minha irmã já chegou?

Ele assentiu e segurou a porta de vidro aberta. – Sim senhora. E Marcos Berlot também.

Passei por ele já deixando o casaco, e seguindo o garçom para a mesa onde eles me esperavam.

Alessa e Marcos sempre foram amigos, não tão próximos quanto eu e ele, mas o suficiente para ela saber o segredo dele e conseguirmos falar sobre qualquer coisa. Minha irmã estava rindo de algo que ele falava e balançando a cabeça. Seus longos cabelos pareciam ainda maiores, ela fez alguns poucos reflexos nas pontas, o que servia muito bem para nos diferenciar.

Nós éramos tão iguais e tão diferentes ao mesmo tempo.

Enquanto eu era descontrolada e sem papas na língua, ela mantinha o equilíbrio constantemente e sempre sabia o que falar ou não. Não como Abriela, porque Ella era a inocência e a bondade em pessoa, mas Alessa fazia o papel de sua vida interpretando aquela pose. Ela era a classe em forma humana. Fora que, não havia qualquer um que não gostasse dela. Alessa parecia ter um encanto em torno de si. Mas ao mesmo tempo existia um fogo dentro.

Eu juro que não tinha sequer um fio de cabelo fora do lugar, e as roupas eram sempre de marca. Alta costura. Os acessórios? Só assinados. E por Deus se ano passado ela não tinha ganhado um vestido exclusivo assinado pela Versace. Tudo porque usou um dos modelos em um evento beneficente de fora da família e eles acharam que ela era simplesmente uma beleza rara italiana.

Eu estava gratuitamente orgulhosa de expor meu lindo rosto idêntico ao seu pelas ruas naquela época.

– Perdi alguma coisa? – Perguntei no ouvido de Marcos. Ele virou e seus olhos brilharam ao me ver.

Ele provavelmente queria gritar e pular e me abraçar como sempre fazia, mas nós estávamos em público. Então precisávamos conter nosso comportamento.

Bem, ele precisava.

– Minha linda amiga. – Sussurrou ao me abraçar.

– Olá borboleta.

Dei um abraço em Alessa e tomei meu lugar.

– Então, o que estavam falando de interessante?

– Marcos estava tentando me convencer a acompanhá-lo em um evento de caridade da *Tamperano*. – Lessa respondeu, dando uma garfada no bolinho.

– Sim, mas essa criatura divina de cristo não está me dando qualquer moral.

– Qual o problema, irmã? A *Tamperano* não é boa o suficiente pra garota *Versace*? – Provoquei, sabendo o quanto ela odiava aquilo.

– Ora, cale a boca. – Bufou. – Timoty Ganari é um bastardo, se acha o dono do mundo só porque está com as ações majoritárias da *Tamperano* agora. Não sou obrigada a estar em qualquer lugar perto dele.

– Tão doce como feijão azedo. – Marcos reclamou com ela, nos fazendo rir. – Como você está raio de sol? O modelo aqui sou eu, mas você é a única perdendo peso. Tem comido direito? Quero saber como você está princesa!

– Eu estou bem borboleta. Vamos parar de falar de mim, quero saber como foi o resto dos desfiles. Algo importante vem acontecendo?

Marcos tinha se envolvido com a alta classe e os poderosos da moda em Milão alguns anos atrás. Todos acreditavam que era para beneficiar a Família caso fosse necessário e que ele aproveitava dormindo com modelos ao redor do mundo. Mas a verdade era que meu amigo tinha paixão por moda, e como não podia trabalhar com isso, ele aprendeu a se contentar em apenas observar de perto. Não havia uma festa do ramo ou desfile que ele não recebia convites VIP e tinha seu nome na lista.

– Você me conhece, aproveitando o melhor dos dois mundos. – Brincou, mas eu podia ouvir a pontinha de tristeza em sua voz.

– Ainda bem, é tão bom que seu envolvimento na Família ainda não seja tão profundo. Me dá um desespero só de pensar em você indo para o cheiro do queijo.

Alessa engasgou com sua água. – Cheiro do que? Estamos na parte da moda aqui irmã, não gastronomia.

– É uma expressão que eu vi em um filme, significa armadilha. Ou algo assim. – Eu disse rindo da sua cara de confusão.

– Nossa amiga, aposenta essa expressão porque não rolou. O último desfile da temporada foi babado, tinha aquele carinha indiano, alguma coisa Badalah. – Marcos Falou.

– Indiano em? – Lessa riu.

– Qualidade nível mil, mio amore.

Minha irmã sorriu atrevida e levantou uma sobrancelha. – O Texas parecia mais interessante. – Marcos jogou a cabeça para trás e riu.

– Meu amor. – Ele bateu palmas. – Você não faz nem ideia.

Eles conversavam e me contavam sobre o que eu tinha perdido, me atualizando sobre tudo e qualquer coisa. Vez ou outra eu fazia um comentário, mas apenas escutava. Alessa sempre me

jogando olhares estranhos.

– Minha filha, você entrou na suruba você encara a suruba. Tem aquele óleo que esquentava e você nem sente. Aquele cara que saiu, o atorzinho meia boca que estava filmando em Roma, ele tinha um senhor pau, só a cabeça daquele homem já me assou. Eu tinha esse óleo guardado e foi o momento perfeito para usar, tiro e queda. – Marcos contava, olhando para os lados para garantir que ninguém estava ouvindo.

– Não acredito que você saiu com ele, o cara era o maior babaca e ele ser grande é surpreendente.

Diante daquela conversa me veio a lembrança de Luigi falando sobre sexo anal. Deixei uma risada escapar, logo sentindo algo me certar na testa.

Atirei um olhar raivoso em Marcos. – Você sinceramente jogou um amendoim na minha testa?

– Nós estamos falando faz uma hora aqui e você não disse nada, onde está com a cabeça? – Ele chamou o garçom, pedindo duas taças de vinho e um suco.

Eu franzi o nariz para ele. – Espero que esse suco seja seu.

Ele me deu um olhar duro. – Você acha sinceramente que vai beber na minha presença com esse bebê aí dentro? – Bufou. – Poupe-me.

Eu havia contado a ele poucos dias depois de saber. Precisava contar, na verdade. Meu melhor amigo merecia saber, e a muito tempo eu não o via tão animado com alguma coisa.

Revirei os olhos. – Oh *per favore*, não é nada demais.

Alessa parou seu copo no ar. – Você não está bebendo, está?

Dei de ombros, e tirei o casaco dos ombros. – Como eu disse, não é grande coisa.

Minha irmã abriu a boca para provavelmente, começar um de seus discursos, mas parou. Seus olhos estreitando para mim. Ela se inclinou mais perto e puxou o vestido um pouco para o lado, lhe dando a visão de alguns dos passarinhos que eu tinha tatuado.

Se eu não soubesse o que estava por vir, poderia ter rido da expressão de choque em seu rosto.

– Você fez uma tatuagem?

– É o que parece, não?

– Merda. – Marcos murmurou.

– Qual o seu problema? – Ela perguntou com os dentes cerrados, tentando não chamar

atenção, mesmo que eu visse que ela estava muito brava.

– Não venha me dar merda Alessa, você mesmo disse que eu não era ruim por querer tirar a criança, agora vem reclamar de uma tatuagem e um pouquinho de álcool?

Ela arregalou seus olhos idênticos aos meus. – Isso foi porque eu sabia que você não ia tirar! E você estava em choque, mas agora já passou da hora de se conformar e contar para o seu marido!

– Isso é uma decisão minha para tomar irmã.

Ela ficou de pé, seus movimentos leves nada combinando com a raiva evidente no rosto. – Há uma sala vazia nos fundos, eu vou te esperar lá.

Dei um olhar a Marcos, mas meu amigo não estava do meu lado, não dessa vez e logo a seguiu. Eu não tive escolha senão ir atrás dos dois.

Alessa andava de um lado para o outro dentro do que parecia ser o estoque do bistrô.

Logo que fechei a porta atrás de mim ela se aproximou, me apontando um dedo. – Faça o que diabos você quiser por aí a fora, diga que odeia Luigi e qualquer merda que te ajude a se convencer disso. Mas não vou deixar você prejudicar o meu sobrinho.

– Lessa vai com calma... – Marcos avisou.

– Foda-se não! Anita você andou por aí fingindo sorrisos durante todo esse tempo e eu entendo, eu estive com você todos esses momentos, tanto que agora não teria sido diferente. Você tem a mim, tem Marcos, Ella, Giorgia... E ainda assim prefere se afundar do que procurar as pessoas que se importam com você?

– Porra Alessa, calma. Não fala o que vai se arrepender depois. – Meu amigo alertou mais uma vez, mas eu podia ver que estava decepcionado também.

Ela me olhou com lágrimas nos olhos. – Eu deveria ter percebido que algo estava mal, mas estava por aí mal parando em casa pra perceber que minha própria irmã não estava bem.

– Eu estou bem. – Ver lágrimas de decepção e culpa nos olhos dela era pior que tudo.

Uma culpa que não deveria estar lá, porque não era dela.

– Não é o que eu vejo.

Se eu afastasse meus amigos, meus melhores amigos, eu me perderia. Então eu desabei, eu contava entre lágrimas e soluços sobre minhas últimas semanas. Como tudo aconteceu depois de ter convencido minhas irmãs a irem pra uma balada, um dia antes de Abriela se casar.

Sim, eu voltei meses atrás e falei toda a minha história com Luigi. Contei do sexo alucinante e das vezes que o afastei com medo de que ele obtivesse controle sobre mim. Eles se sentaram

cada um de um lado meu e me ouviram como só eles fariam. Quando eu chorei eles me abraçaram e consolaram.

– Estou bem agora. – Eu disse limpando o rosto quando meus soluços acalmaram.

– Bem, então... Vocês levaram essa... relação nada saudável pelo último ano todo? – Meu amigo perguntou.

Eu assenti, não querendo mais falar sobre ele.

Marcos suspirou e me abraçou mais forte. – Querida, eu entendo que pode ser difícil se abrir novamente, e compreendo completamente você ter suas reservas com relação a Luigi, mas esse bebê não tem culpa de nada.

– Eu sei. – Admiti em um sussurro.

Alessa deu um aperto em minha mão. – Então vamos fazer as coisas certo a partir de agora, *bene*?

– Raio de sol, esse bebê será uma nova fase da sua vida. Ele vai ser amado e vai te olhar com adoração. Você já parou para pensar que será alguém totalmente dependente de você? Você vai conhecer o amor mais puro, minha amiga, e eu tenho certeza que ele vai apagar todo o sofrimento.

Minha irmã assentiu. – É verdade irmã. Nós amamos você e é por isso que estamos sendo duros. Eu conheço você Anita, sei o quanto iria se arrepender por machucar seu próprio filho.

Eu enxuguei meus olhos. – Eu sei. Amo vocês tanto. – Envolvi meus braços nos ombros de cada um e puxei o mais apertado que pude.

E finalmente, pela primeira vez, coloquei a mão sobre minha barriga e sorri.

Aceitando que o que estava lá seria o começo de algo novo para mim. E para Luigi, se ele quisesse também.

Assim que Ivy entrou na sala e me viu sentada na maca naquele mesmo dia, ela sorriu.

– Sabia que logo estaria vendo você aqui.

– Como tinha tanta certeza?

Ela deu de ombros. – Conheço bem meus pacientes. Você ficou espantada quando

descobriu, mas é uma reação aceitável quando a gravidez não é planejada, o importante é que agora vamos cuidar desse bebezinho.

Alessa passou a mão pela minha cabeça. – Nós gostaríamos muito disso.

Ivy fez o mesmo procedimento da última vez, passando o mesmo gel gelado pelo o meu estômago e vindo com o aparelho depois. – Algo importante nesses últimos dias?

Eu abaixei a cabeça envergonhada. – Fiz algumas coisas que você deveria saber, provavelmente.

– Tipo...?

– Tipo... uma tatuagem, e talvez eu tenha bebido um pouco.

Ela levantou uma sobrancelha. – Talvez?

– Ok, eu bebi um pouco.

Ivy me deu um olhar reconhecedor. – Querida, nós vamos cuidar disso. Tire essa expressão triste do rosto. Não queremos que o bebê sinta que a mamãe está chateada, queremos?

Arregalei meus olhos, surpresa. – Ele pode sentir isso? – Alessa riu do meu lado.

Ivy olhou para a tela e depois de volta para mim. – Sim Anita. Na verdade, ela pode sentir isso.

Oh.

Dio.

Mio.

Ela.

Segurei a bolsa mais forte em minhas mãos e não pude evitar o sorriso crescendo maior no meu rosto enquanto seguia pelo o corredor na casa de Abriela. O soldado me disse que ele estava no escritório de Lucca, mas eu podia entrar, pois não era uma reunião.

Talvez essa fosse nossa chance.

Uma menina.

A imagem veio do nada, mas de repente pude ver uma menina com cabelos escuros e olhos de uma perfeita mistura do nosso. Ela seria calma? Teimosa? Falaria demais quando aprendesse?

Luigi queria ter um filho, e mesmo que estivéssemos tendo uma menina, eu sentia que ele não ligaria para isso. Eu torcia para que não. E além de tudo, eu queria que ele recebesse bem a notícia.

Estava a dois passos de abrir a porta, mas percebi que estava entreaberta. Apenas uma pequena fresta.

Se não estava trancada é porque eu podia entrar, certo?

Mas parei quando um som alto, seguido de vidro quebrando veio de dentro.

– Quão fodido você está Luigi? É doentio! – Lucca xingou.

– Não foi por isso porra!

Sabia que não deveria estar ouvindo, mas a curiosidade levou o melhor de mim.

– Ah não? Então diga-me porquê.

– Eu realmente a queria Lucca, caralho! Nunca teve a ver com Abriela!

– É uma mentira fodida. Você ficou obcecado com a porra da minha noiva e casou com a irmã dela para... fingir que estava com a minha mulher?

Ouvi o barulho de carne batendo contra carne, e um grunhido.

Então a voz de Dante. – Basta! Quebrar a cara dele não vai adiantar merda nenhuma!

– Você diz isso porque não é a porra da sua esposa!

Eu não podia ouvir mais nada. Continuei ali, sem reação, estática, piscando para ver se aquilo era um pesadelo, mas eu não acordei.

Oh meu Deus...

Eu não podia respirar. Era como se alguém estivesse apertando minha garganta mais e mais forte, impossibilitando que eu fizesse qualquer coisa além de correr. Eu dei o fora de lá tão rápido, tomando todo o cuidado para nenhum soldado me ver.

"Casou com a irmã dela para fingir que estava com a minha mulher?"

As palavras de Lucca rodavam sem parar na minha cabeça. Então foi isso? Eu fui nada mais que uma fantasia? Uma ilusão?

Não, não, não!

Eu me recusava a acreditar que tudo o que tinha acontecido nos últimos meses foi isso para ele. Luigi me usou por todo esse tempo? O homem que foi o meu sonho e meu pesadelo, minha fantasia e realidade. Nós tínhamos nossas fases, mas eram as *nossas* fases. E por cristo, eu fui a única a gostar delas?

Uma garoa fina deu início seguida por pingos mais fortes e mais constantes, enquanto eu me esgueirava para fora do condomínio. Uma dor forte tomou conta do meu peito, soluzei, tentava segurar o choro mais foi em vão, soltei um grito abafado pela chuva e cai sobre meus joelhos, despejando a mágoa de ser traída, o ódio que eu senti pelo homem que eu amei e a raiva por tudo o que ele me fez.

Eu chorei o que não chorava em anos, por papai e sua negligência, por meu irmão mais velho que ao invés de cuidar de mim e me proteger, foi o pior carrasco que poderia existir. Pelos enganos e as puxadas de perna que a vida me deu. Porque do que adiantava ter o dinheiro e o luxo, se não havia se quer um pingo de felicidade no meio de tudo aquilo? Eu só queria ter a minha mãe naquele momento. Para que ele pudesse me abraçar e dizer que tudo ia ficar bem, porque eu não acreditava mais que fosse possível um dia ficar.

Não sei quanto tempo fiquei ali, meu celular dentro da bolsa vibrava sem parar, retirei o mesmo que mostrava mais de trinta ligações e mais mensagens de texto. Eu não queria voltar, queria ficar aqui e chorar mais, mas eu não podia. Desliguei meu celular e quebrei o chip.

Levantei, percebendo que ainda estava na esquina do condomínio, muito fácil de ser encontrada e voltei a caminhar.

Eu não podia suportar mais mentiras e não saber quem estava ao meu redor. Será que era tão difícil assim me amar? Aceitar-me, sem precisar mentir ou me enganar?

Após alguns minutos encarando o nada, um carro preto parou a minha frente e um homem grande de terno preto saiu, outro vestido da mesma forma correu em minha direção. A partir daí tudo aconteceu muito rápido.

Pelo canto do olho eu vi um soldado aparecer do portão traseiro, já colocando a mão no coldre para tirar a arma, mas foi muito tarde, porque um dos que estava na minha frente atirou nele primeiro. Percebendo que seria eu e meu mesma, abri a boca para gritar o mais alto que pude, mas não fui capaz de fazer nem mesmo um som. Porque algo bateu contra a minha cabeça.

Então, tudo ficou escuro.

Capítulo 23

LUIGI DEROSI

*"Você me tem nas mãos e nem sabe o tamanho do seu poder.
Eu me posto como um gigante, mas caio quando estou perto de você..."*
Shawn Mendes - Mercy

Estar com ela tinha sido uma baita surpresa. Vê-la se divertir, sorrir e compartilhar aqueles momentos foi... inesperadamente tranquilo.

Entre os negócios da Família estando cada vez mais turbulentos, a pressão de ter que lidar com um capo preso e Antony fazendo uma porrada de exames, estava cada dia mais exausto. Portanto, quando cheguei em casa e a vi naquela noite, tão entediada quanto eu, resolvi que podíamos ter uma noite de paz. E juntos.

Passar o tempo com ela nunca tinha sido ruim. Ela era engraçada, falava por horas a fio e não tinha problemas em me chamar de idiota se achasse que deveria.

Fiz reservas pessoalmente em um dos melhores restaurantes da Itália e ela imprevisível como sempre, me chamou de clichê. Sim porra, eu estava muito clichê. Então resolvi levá-la no restaurante do meu velho amigo César.

O homem das cavernas em mim queria mostrar pra ela que o dia que se divertiu dançando com o advogado estúpido não era nada comparado a o que ela podia ter comigo. Mas eu não esperava vê-la se divertir tanto.

Ela brilhava.

Anita parecia nas nuvens e dançava como se tivesse nascido para fazer aquilo. Eu disse a mim mesmo que estaria levando-a para dançar sempre que ela quisesse, porque não havia nenhuma chance no inferno de eu estar perdendo aquela visão.

Nossas brigas tinham reduzido, conversávamos mais e um dia desses ela até mesmo dividiu uma lasanha que fez comigo. Estava uma merda de tão horrível, mas eu não disse isso a ela. E quando terminamos de comer ela sorriu para mim. Era um daqueles sorrisos que ela guardava para suas irmãs, Bernardo e Antony.

E foi uma das visões mais bonitas que eu tive em um longo tempo.

– Recebi uma ligação do BigBob. – Dante falou.

Nós estávamos no escritório de Lucca, após uma reunião. Por mais concentrados que estávamos, era difícil manter a cabeça no jogo com Antony chorando no andar de cima e meu irmão dando tudo de si para não quebrar na nossa frente.

Podíamos ver os círculos em baixo dos olhos dele, e só de trocar um olhar com Dante, sabíamos que as coisas estavam piores do que imaginávamos.

Eu tomei um gole. – Isso é bom vendo que vocês são amigos.

Ele me deu um longo olhar. – Os meninos não estavam felizes em te ver lá.

Eu sorri. – É claro que não estavam.

Dante e eu nos aproximamos do pessoal na periferia da cidade no começo dos nossos vinte anos. Tinha sido divertido, nos juntar com os caras da gangue, beber, contar histórias e dividir mulheres. Mas como tudo que é bom dura pouco, eu fui deixado avisado para não chegar perto daquela área da cidade.

O que eu podia dizer? Nunca tomei bem avisos e ameaças.

– Há coisas que não tem volta Luigi, e seu espaço com aqueles caras acabou quando você os desrespeitou da pior forma.

– Eu não fui atrás de me reconciliar irmão. Anita queria uma tatuagem, e eu não confiaria em ninguém além de Big para fazer isso.

Meu irmão coçou a testa e suspirou. – Apenas não volte lá, *bene*? Você deu sorte que Pitolo não estava.

Dei de ombros. – Talvez essa teria sido nossa chance de conversar.

– Porra, não brinca com isso. O cara faria de você uma peneira se te visse perto dela.

Eu franzi o cenho preferindo não responder aquilo, afinal, ele estava certo. Dormir com a filha do líder de uma notória gangue da periferia da cidade não tinha sido minha melhor jogada. Chutá-la quando ela falou que me amava foi pior ainda, e então teve seu pai a vendo me montar na garagem dele.

Definitivamente, não foi meu melhor momento.

– Ela estava lá.

– Rena? – Ele perguntou.

Assenti. – E falou comigo como se toda a merda não tivesse acontecido.

– E Anita?

Eu sorri pensando em como ela tinha ficado possessiva e retrucou com Rena.

– O que é esse sorriso irmão?

Balancei a cabeça. – Ela não é o que eu esperava.

Ele levantou uma sobrancelha. – E o que você esperava?

– Que não fosse aguentar ficar perto dela nem por um minuto.

– *Grazzie a dio.* – Suspirou. – Então a coisa toda de amor pela Ella está superada?

Eu meditei por um minuto naquela pergunta. Dando-me conta que não tinha sequer pensado nela desde... Não sei. Há muito tempo.

Anita ocupava cem por cento da minha mente, nem me dando tempo de considerar outras mulheres. Eu tinha as mãos cheias com ela para pensar em outra.

Dante estreitou os olhos na minha demora. – Responda à pergunta Luigi, *per l'amor de dio*. Ter feito sexo com ela imaginando Abriela é uma coisa, agora permanecer casado para viver uma fantasia é insano irmão. Diga para mim que isso é passado.

– No começo foi por isso, mas...

– Diga-me que não ouvi isso. – Lucca rosnou da porta.

Nós dois pulamos de nossos assentos. Eu mais ainda. Dante já foi se colocando no meio de nós dois.

Lucca não teve dificuldade em empurrar nosso irmão e me segurar pela camiseta. – Olhe nos meus olhos e fale que isso é uma mentira do caralho.

Eu olhei, mas não disse nada.

Os olhos dele alargaram. – Quão fodido você está Luigi? É doentio! – Lucca xingou.

– Não foi por isso, porra. – Falei meio abafado, querendo de qualquer jeito tirar aquele olhar de decepção de seu rosto.

– Ah, não? Então diga-me porquê.

– Eu realmente a queria Lucca, caralho! Nunca teve a ver com Abriela!

Era uma meia verdade. Teve a ver com ela no início, mas eu também queria Anita.

– É uma mentira fodida. Você ficou obcecado com a porra da minha noiva e casou com a irmã dela para... fingir que estava com a minha mulher?

Ele grunhiu, dando o primeiro soco. O primeiro que ele tinha me dado em toda a nossa

vida.

Dante segurou o braço dele. – Basta! Quebrar a cara dele não vai adiantar de merda nenhuma!

– Você diz isso porque não é a porra da sua esposa!

– Eu não queria que fosse dessa forma, mas eu pensei que... eu pensei que eu a amava. Eu queria o que você tinha com ela, eu achei que...

Ele me ignorou, desferindo outro soco direto na minha mandíbula. – A porra da minha esposa Luigi!

– Lucca... – Cuspi segurando o queixo.

Ele envolveu as mãos no meu pescoço e começou a apertar. – A única que trouxe algo de bom para mim, que me amou.

Outro soco. – Eu dividi tudo com você por toda a minha vida Luigi. Fui um pai quando o nosso não foi capaz de ser, e é assim que você me agradece? Desrespeitando a mim e a minha esposa dessa forma?

Outro. – Eu dei o meu filho para você batizar, confiei um cargo ao meu lado!

Dante entrou no meio, segurando Lucca longe. – É o suficiente. Sua mulher e seu filho estão lá em cima, se controle!

Embora eu não queria que ele parasse. Queria ouvir tudo o que ele estava dizendo, porque sabia que era a mais pura verdade.

Lucca me encarou, ofegante, o olhar de ódio, que era apenas para os inimigos da família agora se dirigia a mim. – Se você me trai desse jeito, eu não duvidaria que o traidor que tem causado tantos problemas seja você também.

Foi o xeque-mate.

Eu sabia que ele estava tentando me machucar, e nada melhor para isso do que me acusar de traição. Lucca sabia que minha honra era o que eu mais prezava, e a confiança dele era como um prêmio para mim.

Nós nos encaramos por alguns minutos.

Eu sem muita certeza do que dizer naquele momento, e ele... bem, ele já tinha dito tudo.

– Senhor! – Nos viramos para ver Juliano ofegante na porta. – Nós temos um problema.

Lucca tirou os olhos de mim e focou no seu soldado. – Que problema?

Juliano engoliu em seco quando seus olhos bateram em mim. – Um soldado baleado no porão traseiro do condomínio e, – hesitou ainda me encarando.

Um arrepio correu em meus braços. – E?

– Levaram sua esposa senhor.

Era como se o tempo tivesse parado, bem ali.

Dei dois passos na direção dele. – Repita?

Juliano abaixou a cabeça. – Levaram a senhora DeRossi.

Eu levei apenas uma batida para sair do escritório e caminhar para fora.

Em menos de quinze minutos a frente da casa do meu irmão estava lotada de homens por todos os lados.

Eu não conseguia pensar.

Não conseguia conversar com ninguém.

Não podia planejar um ataque.

E minha fodida cabeça não estava no jogo da forma como deveria estar.

Levaram ela de mim.

Três horas depois e eu já tinha matado dois homens.

Aquela porra não ia dar certo. Eu mando no caralho do país e a minha mulher some e ninguém viu nada. Eu vou para o inferno se ninguém viu onde diabos ela foi parar.

Encostei na parede da sala da minha casa de infância e suspirei. Uma pressão tão forte tomava conta do meu peito, e caralho, eu não sabia o que era aquilo, mas começou desde que ela se foi.

O menino hacker da família teclava seu computador sem parar, mas não estava nos levando a lugar nenhum. Eu não tinha tempo para ele e seus brinquedos.

Tirei meu paletó, o jogando em qualquer canto e bati com as duas mãos na mesa do menino, o fazendo pular no assento. – Você tem dez minutos para eu não rasgar sua garganta.

Ele gaguejou um "tudo bem" e começou a apertar os botões furiosamente rápido, alternando o olhar entre mim e a tela.

Eu fechei meus olhos e abaixei a cabeça. Os possíveis cenários do que poderia estar acontecendo com ela passando em minha mente. Quando os encontrasse seria um banho de

sangue.

Meu rosto bonito e educação de classe nunca me impediram de ser um animal. Não havia moral, e nem arrependimentos. Se ela voltasse com um fio de cabelo prejudicado, eu iria até o inferno caçar quem a levou de mim.

– Cinco. Minutos. – Rosnei.

Ele engoliu em seco.

Juliano entrou na sala, trazendo mais três soldados com ele. – Nada no apartamento Luigi, em nenhum deles. Nem foram prejudicados. Ela era aparentemente o alvo.

Eu segurei a vontade de arrancar sua cabeça do pescoço. – Eu quero homens pelos quarteirões, vá até o aeroporto, coloque homens nas ilhas, na fronteira, em todo o maldito canto. Encontre a minha esposa! – Rosnei.

Juliano assentiu e saiu da sala levando dois homens com ele. Nino fez o mesmo com outros dois, mas um deles ficaria.

– Zito. – Chamei.

Ele lentamente se virou para mim. – Senhor?

Ignorei os olhares dos meus irmãos, minha mãe e minhas cunhadas sobre mim e o empurrei contra a parede. – Onde ela está?

Ele levantou o queixo, sem se abalar. – Senhor, eu não sei.

Respirei fundo. – Onde ela está?

– Eu não sei senhor.

– Onde. Ela. Está? – Rosnei.

Zito balançou a cabeça. – Senhor DeRossi, eu não sei.

Eu vi vermelho. Avancei sobre ele, esmagando meu punho em seu rosto, uma, duas, três vezes.

Ele não tentou se defender e os homens na sala não se moveram.

– Era a sua responsabilidade cuidar dela, *figlio de uma cagna*. Diga-me onde ela está!

Zito tossiu, cuspiendo sangue e um dente junto no chão, a sobrancelha cortada no canto. – Luigi, eu não sei.

Não, ele não sabia. Mas aquilo não mudava nada. Peguei minha arma do coldre, não hesitando nem um segundo antes de puxar o gatilho, derrubando seu corpo sem vida aos meus pés.

Os suspiros e gritos na sala cortaram sobre o ar, mas eu não dei atenção a isso.

Voltei ao menino do computador e coloquei a arma em cima de sua mesa. – Você tem dois minutos.

– Como vamos saber se essa não é um truque dela?

– Thom. – Lucca avisou.

– O que? Ela odeia a Família. Não duvido nada que esteja aproveitando a situação para falar tudo o que sabe e nunca mais voltar aqui.

Eu não me dei o trabalho de levantar o olhar para o meu pai. Já tinha feito estrago o suficiente pelo último dia.

A sala da casa que eu cresci tinha virado algo como um centro de operações.

Eu tinha acabado de voltar do último lugar que poderíamos ter ido dentro da Itália. As gangues de rua não tinham visto nada, nossos policiais na fronteira a mesma coisa, e cada fita de aeroporto estava sendo assistida naquele momento.

Buscando algo que eu sabia que não encontraríamos. Porque quem a tinha pego não usaria meios viáveis e tão fáceis de serem encontrados. Eu sabia, minha mãe sabia, Leon e Bernardo sabiam, e porra, olhar para os meus irmãos era como levar um soco em cada lado do rosto, porque eles sabiam também. Eles a tinham pego.

– Talvez peçam um resgate. – Abriela soluçou em algum lugar do canto da sala.

Sim, não ia acontecer.

Quem estava com Anita naquele momento não queria dinheiro, queria mexer conosco, nos desequilibrar. E quem melhor para seu alvo do que eu?

Lucca protegia Abriela e Antony como um maldito neurótico, nunca os deixando sair sozinho e tendo guarda montada em qualquer lugar que eles iam.

E Dante... bem. Não havia nada que eles poderiam usar para desestabilizar meu irmão. Ele não tinha nenhum ponto fraco.

Mas eu? Eu casei com a mulher mais insana da Família e a deixei livre para fazer o que quisesse, contanto que levasse um soldado claramente inútil com ela. Por Deus, o homem não podia cuidar de uma mulher minúscula como aquela, imagina o que não iria?

Eu cacei o homem que me explodiu dentro da minha Ferrari meses atrás. Impulsivo como sou, eles logo pensaram que seria mais fácil se tirassem algo meu. Eu deveria ter visto isso chegando, não havia nenhum ponto em culpar outra pessoa quando eu comecei toda a merda.

No mesmo momento Juliano entrou na sala, um homem logo atrás dele.

– Senhor... – Juliano começou.

Lucca praguejou. – Não é o momento Pellet.

O detetive Zaza Pellet tinha se tornado uma presença constante e venenosa. O homem estava perigosamente perto de fazer Santino cantar como um passarinho.

Zaza sorriu depois de dar um olhar pela sala toda. – Trago boas notícias.

– Nós estamos no meio de uma situação Pellet, então por que você não volta para o ninho de rato de onde saiu? – Dante falou, a dureza arrepiante na sua voz fazendo as mulheres na sala o olharem com estranheza.

É claro. A parte violenta do meu irmão do meio não era uma qualidade que ele deixava transparecer. Funcionava melhor para ele jogar a cartada do gentleman. Mas eu conhecia aquele olhar em seu rosto. Sempre estava lá quando ele estava prestes a torturar ou matar alguém, e depois disso.

Mamma rapidamente desviou o olhar e se sentou, encarando os próprios pés. Abriela não foi tão rápida. Ela parecia em choque, com olhos arregalados sem piscar, provavelmente duvidando que tenha sido Dante a falar daquela forma.

Alessa estava no canto, costas contra uma parede da sala e os olhos treinados sobre o detetive. O mesmo sorriu. – Sabe Dante DeRossi, eu não me cresceria tanto se fosse você, já que tenho provas da pequena bagunça que você fez em Tor Sapienza em sua última visita lá na semana passada.

Dante nem sequer piscou. – Você vem até a casa da minha família me ameaçar?

– Vocês irmãos DeRossi sempre me vendo como um ameaça. – Ele girou para me encarar. – Eu como um digno homem da lei, apenas vim deixar claro minha satisfação em estar no caso de sua esposa desaparecida.

– Ora, estou agraciado com sua atenção. Mas vou passar. – Respondi.

– Mas Luigi, se ela foi seques... – Abriela começou, mas Alessa chegou a sua frente.

– Vamos levar Tony para pegar um ar lá fora.

Eu encarei Abriela incrédulo que ela estava a ponto de falar dos negócios da Família para um policial que estava tentando claramente, colocar seu marido na cadeia. Qual a porra do problema dela?

Zaza sorriu. – Já que não querem prestar queixa... – Deu de ombros. – Mas vou ficar de olho.

Ele começou a sair, mas parou quando estava na porta, encarou eu e meus irmãos. – Ah... quase me esqueço da notícia que vim dar a vocês. Santino, seu bom, velho e fiel amigo aceitou um

acordo.

Só quando a porta bateu eu respirei novamente. Virei-me para minha cunhada e rosnei. – Você está fodida na cabeça, porra?

Lucca entrou na minha frente, dando-me um empurrão. – Abaixei o tom com ela.

Eu dei uma risada sem graça. – Você está brincando? O que ela ia dizer a ele? "Oh senhor detetive sim, queremos dar queixa, minha irmã foi sequestrada pelos inimigos da nossa Família criminosa"? *Per l'amor*.

– É a irmã dela lá fora em algum lugar, ela tem o direito de estar chateada. – Defendeu.

Eu o encarei frente a frente. – A irmã dela nunca teria colocado a Família em jogo desse jeito.

– Você parece muito crítico com relação a minha mulher nesse momento Luigi para quem apenas alguns minutos atrás proclamava seu amor. – Ele falou baixo, apenas ao meu alcance.

Eu olhei para ela, não vendo nada de especial. Os olhos azuis arregalados não me atraíram em nada.

A única coisa que a presença dela estava fazendo para mim era me irritar.

A empregada da casa apareceu no topo da escada e nos chamou. – Senhores, Gian acordou.

Eu quase suspirei de alívio.

O único que tinha visto o que aconteceu levou um tiro no ombro, perdeu muito sangue e na queda bateu a cabeça forte demais contra o chão. Forte o suficiente para deixá-lo desacordado pela porra do último dia todo.

Eu a segui para cima, ouvindo passos atrás de mim.

Ele estava deitado na cama do quarto de hóspedes, parecendo como o inferno.

Assim que me viu começou a falar. – Senhor DeRossi, eu sinto muito. Tentei alcançá-la, mas estava sozinho, e eles foram rápidos demais. Eu não quis correr o risco de atirar e eles descontarem nela.

Observei a empregada dando água e passando um pano pela sua testa. – O que aconteceu?

Ele começou a contar como estava fazendo uma ronda pela parte de fora do condomínio do meu irmão quando ouviu som de alguém chorando, como a viu correndo da casa para além dos portões.

– Chorando? – Perguntei.

Ele acenou. – Sim senhor, então depois tudo aconteceu rápido demais. Não me lembro de nada depois de ter caído, apaguei completamente. Mas vi o suficiente para saber que eram eles senhor.

– Você tem certeza? – Dante perguntou.

O soldado assentiu. – Era um Vectra Flex preto, vidros escuros, não consegui ver a placa.

Meu irmão assentiu. – Quantos homens?

– Dois saíram do carro, mas alguém estava dirigindo.

– Eu não entendo porque ela estava fora. Não era suposto seus homens a deixarem em casa?

– Aparentemente algo aconteceu e ela veio para cá. – Respondi distraído, pensando no único motivo que ela poderia ter para sair de lá chorando e correndo.

Tive que me sentar por um momento, ouvindo vagamente eles continuarem conversando sobre o que aconteceu. Gian dando detalhes de tudo, contando coisas que eu poderia usar para encontrá-la. Mas minha mente travou na suspeita dela ter ouvido a conversa.

Ela teria entendido tudo errado e eu nem mesmo pude me explicar.

Só podia esperar que houvesse algo que eles quisessem mais do que nos perturbar e entrassem em contato. Porque eu sabia que se ela não voltasse para mim, eu não tinha uma porra de ideia do que ia fazer.

Capítulo 24

*"Você ainda me amará, quando eu não for mais bela?
Você ainda me amará, quando eu não tiver nada além de uma alma que dói?"*
Lana Del Rey – Young and Beautiful

Minha consciência foi voltando aos poucos, acompanhada de um latejar irritante do lado da minha cabeça.

Minha visão não focou imediatamente, mas estava escuro. Ainda podia ver ao redor, mas era confuso. Um gotejamento em algum canto pingava sem parar, fazendo o simples barulho parecer uma dinamite.

– Ora, ora, ora... Veja só quem acordou.

Eu parei. Aquela voz... Não era possível.

Fechei meus olhos os apertando juntos e depois abri. Ela ainda estava lá. O que no mundo...?

Quando meus olhos finalmente focaram pude ter certeza que não estava enganada. –
Você?

Ela sorriu. – Sentiu minha falta?

Evangeline.

O cabelo antes curto, estava num tamanho médio agora. E ela levava um par de peitos que não tinha antes.

– Como você... o que...

– Como estou viva? Como estou aqui? O que pretendo fazer? Tantas perguntas...

– Isso é alguma das suas brincadeiras de mal gosto? – Perguntei irritada. Tentei levantar minhas mãos, mas percebi que estavam amarradas atrás das costas firmemente.

Ela chupou o próprio lábio inferior e bufou uma risada. – Esperei tanto tempo para finalmente colocar você aqui.

– O que? Evangeline, que porra...? Era para você estar morta!

Ela bateu palmas e deu dois pulinhos. – Eu sei! Ah, esse destino.

– Você traiu a Família.

Ela gargalhou. – Não. O seu irmão traiu.

Franzi a sobancelha, não entendendo uma merda do que estava acontecendo. – Mas ele já está morto! E você também deveria estar, Bernardo...

Ela revirou os olhos. – Bernardo disse como ele deu um tiro na cabeça e me enterrou junto com os traidores? – Bufou – Ele não só me deixou viver, como me deu meu passe de liberdade daquela merda.

– Como assim?

– Bem... Se eu morri, então estava livre da máfia. Porém a vida aqui fora é uma merda. Ninguém sabe quem sou então não tem dinheiro, ninguém me respeita, não tenho em quem dar ordens! Não entendo os civis que amam essa miséria toda!

Puxei minhas mãos novamente, uma tentativa falha contra as cordas fortes. – E por que voltou? Se quer o perdão de Lucca está sendo estúpida. Eu e você sabemos que ele não vai te dar.

Ela levantou uma sobancelha, zombando. – Perdão? Voltei? – Seu rosto iluminou. – Oh... Você acha que estamos na Itália.

– Da última vez que chequei, era na Itália que eu estava.

Ela sorriu sombriamente. – É aí que eu continuo contando minha história.

Ela deu alguns passos longe e passou um dedo pela parede. – Eu estava sem dinheiro, e realmente não conhecia nada aqui fora. Sabia que não teria o perdão da *Cosa Nostra* e nem queria. Então, entrei numa boate em Miami, estava pronta pra fazer sexo por dinheiro quando vi uma tatuagem no ombro de um segurança. Era o símbolo da Bratva.

Eu gaguejei. Minha respiração presa. – Evangeline o que você fez? – Rosnei.

– Eu ofereci informações da Família pra máfia russa e eles aceitaram. Então, estou de volta ao luxo e você... – Ela chegou perto e sussurrou contra meu rosto. – Seja bem-vinda a Rússia.

Depois de ter saído da sala, ela me deixou lá sentada, sozinha e amarrada. Minha garganta ardia e eu já não tinha voz de tanto gritar.

Estava fervendo de raiva. Quem aquela *cagna* pensava que era?

Mil e umas coisas passavam pela minha cabeça. E nenhum dos planos parecia bom o suficiente.

A porta abriu de repente. Ela entrou acompanhada de mais dois homens. Eu fiquei tensa. Nós duas nunca nos demos bem, mas jamais pensei que poderia chegar a isso.

– O que pretende fazer Evangeline? – Perguntei tentando soar o mais calma possível.

Ela deu de ombros. – Oh, você sabe. Só passar um tempo juntas.

Eu estreitei meus olhos. – Nós nunca passamos tempo juntas.

– Para tudo existe uma primeira vez! – Cantorolou.

Eu estava me coçando para perguntar se ela estava bêbada ou drogada. Porque não havia qualquer motivo para ela estar tão animada.

– Eu não sou mais apenas a filha de um capo, Evangeline. Me casei com o *Consigliere*, irmão do chefe da família.

Seu olhar se tornou frio para mim. – Eu sei. Tenho minhas fontes mais perto do que Lucca DeRossi pode imaginar. E devo dizer que não fiquei contente quando soube desse casamento.

– O que? Que fonte? – Ignorei sua clara dor de cotovelo.

Ela ignorou minha pergunta também. – Seu irmão foi um tolo indo atrás de Abriela. Eu disse a ele que ela abriria o bico, mas ele estava tão certo que podia convencê-la. Estúpido. Não servia pra nada além de uma foda. Sinto falta tantos orgasmos, porém. Você sabe que meu plano entrou tão fundo na mente dele, que quando ele me fodia ficava sussurrando como seríamos eu e ele no poder.

Agitei-me na cadeira, querendo voar em seu pescoço. – Vocês nunca teriam conseguido. Sua vaca! Manipulou meu irmão, e é culpa sua que ele tenha morrido!

– Não seja ingênua. Ele dizia que mataria qualquer um de vocês se entrassem em nossos caminhos. Agora chega de conversa. Você está falando demais. Eu vou falar agora.

– Lembra-se quando éramos pequenas, e você sempre ganhava os concursos de beleza da família? Como meu irmão sempre gostou mais de você do que de mim. Quando crescemos, os leilões que você sempre era a que mais davam lances. – Ela passou o lado sem corte da faca pela sua bochecha e fechou os olhos. – Anita, tão bonita...

– Evangeline... – Tentei.

Ela se moveu, sentando no meu colo. – Mas vou te dizer algo. A única coisa que as pessoas podem ver em você é seu rosto bonito. Porque você é feita por dentro.

Cada palavra que saía de sua boca escorria ódio. Eu sempre pensei que nossos conflitos eram coisas de duas meninas mimadas desesperadas por atenção. Mas aparentemente, para ela foi mais.

Bem mais.

– Está na hora das pessoas verem pelo lado de fora, o que há por dentro. Eu aceito que você teve tudo o que era para ser meu, menos ele. Ele é meu para sempre.

Não tive tempo de perguntar, pois ela segurou meu rosto firmemente contra o encosto da cadeira e repetiu a mesma coisa que fez no seu. Com a diferença que no meu, ela passou a lâmina do lado certo.

Quando senti a ponta afiada na pele na minha testa, vi seus olhos brilharem, e seu sorriso aumentou quando eu gritei pela primeira vez.

Ela se sobressaltou quando balancei o corpo abaixo do seu. – Você está louca, porra? Evangeline me desamarre *per l'amor de dio!* – Gritei.

Ela olhou por cima da minha cabeça. – Segure a cabeça dela Alex.

Balancei novamente, mas dessa vez o aperto firme de duas mãos grandes me mantiveram no lugar.

Ela chegou mais perto do meu rosto. – Olhe nos meus olhos cadela, e me veja cada vez que se olhar no espelho.

Então ela levantou a mão, e a apertou a lâmina da minha testa, rasgando, parando apenas acima dos olhos. Suas mãos estavam sujas de sangue, e alguns pingos escorriam atrás dos meus cílios. Eu gritei quando tudo começou a latejar. Evangeline não perdeu tempo, voltou a ponta afiada dessa vez bem abaixo dos meus olhos e continuou rasgando. Eu sentia o corte se espalhar e atravessar minha bochecha.

Um olhar doentio em seu rosto. Era mais do que vingança.

Enquanto lágrimas se misturavam e caíam sobre minha roupa, eu sentia o sangue escapar da minha pele.

Ela se levantou e passou a faca pelo meu vestido, fazendo o tecido fino rasgar, colocando meus seios e ventre a mostra. Instintivamente levei meus dois braços a barriga. Ela parou com a faca no ar.

Seus olhos se arregalando. – Fique de pé.

Eu balancei a cabeça, muito perdida em minha própria dor para fazer qualquer coisa além de tentar proteger minha bebê.

– FIQUE DE PÉ AGORA! ALEX, PEGUE ESSA CADELA!

O homem fez como ela disse, me puxando pelos cabelos para meus pés. Evangeline me analisou com um olhar frio.

– Ora, ora, ora... O que temos aqui?

Eu comecei a ficar zozona. Sentia meu rosto arder cada vez mais forte, ficar de pé parecia tão difícil. – Evangeline... – sussurrei.

Seus olhos encheram de lágrimas. – Ele te deu um filho?

Tropecei para trás, caindo direto no corpo grande do tal Alex.

Ela segurou meu rosto, apertando. E eu adoraria nada mais do que levantar meu punho e socar a cadela, mas proteger minha filha era a prioridade.

– ELE TE DEU UM FILHO? EU PASSEI NOITES COM ELE, DESDE QUE EU TINHA IDADE EU FUI A ÚNICA QUE DORMIU COM ELE TODAS AS NOITES! E VOCÊ ACHA QUE PODE CHEGAR E SIMPLEMENTE TOMAR ISSO DE MIM? O BEBÊ DELE ERA PARA SER MEU! SUA VAGABUNDA! – Ela gritava escandalosamente. Avançou sobre mim e terminou de tirar meu vestido, seguindo pela calcinha logo depois.

Tentei falar, mas minha boca parecia dormente, até mesmo abrir os olhos parecia tão difícil.

Eu já estava vendo duas dela, enquanto continuava gritando. De repente ela me pegou pelo cabelo e me jogou no chão.

– Eu tinha planos de matá-la, mas agora vou mandá-la de volta para ele.

Se eu pudesse falar teria dito *grazzie a dio*. Mas meu corpo parecia tão cansado.

Tão exausto.

– Agora sim não há nada pra se aproveitar em você. Russos não são educados como os italianos, e eles podem ser bem... brutos. Alex porque você não faz companhia a nossa convidada? Talvez Izac queira se juntar a você.

Ela se abaixou do meu lado e me fez olhá-la uma última vez. – Eu quero ver você voltar para Luigi quebrada. Sem sua beleza, sem seu espírito e tendo tido seu corpo violado pelos meus amigos aqui. Talvez eles sejam bonzinhos o suficiente para deixá-la com seu filho. – Seu nariz franziu. – Mas eu não apostaria muito nisso.

Então ela ficou de pé, e abriu a porta. – Divirtam-se rapazes! E não se preocupe, eles não vão reparar no seu rosto deformado, Anita DeRossi.

Meu grito por socorro foi nada mais que um sussurro fraco.

Por cima da névoa de dor eu comecei a sentir um desespero descomunal.

Enrolei-me numa bola, mas isso não impediu que o primeiro homem, Alex, me arrumasse de costas e viesse por cima de mim.

Ele puxou meus braços acima da minha cabeça com uma mão e apalpou os meus seios com a outra. Gritei de dor quando ele apertou os bicos e os torceu, fazendo isso nos dois seios.

Ele abaixou o rosto e mordeu, repetidas vezes. Não de uma forma boa. Meus lamentos e as

lágrimas só pareciam animá-lo mais. Mas eu não podia me ajudar.

Alex abriu suas calças e começou a acariciar seu pau duro. — Você não é muito o meu tipo, mas faz tempo que não tenho uma boceta quente em volta de mim.

Eu sabia o que ia acontecer.

E não seria como nos filmes ou livros que eu li. Ninguém aparecia para me salvar. Comecei a gritar descontroladamente, empurrando seu peito de cima de mim, tentando movê-lo.

A única coisa em minha mente era minha filha.

Dio, proteja o meu bebê...

Solucei mais alto. A dor do enorme corte em meu rosto esquecida quando o perigo da situação bateu no meu rosto.

— EU TENHO UM BEBÊ, SEU MALDITO IMBECIL!

Eles riram e acariciaram a si mesmos com mais força, eu virei meu rosto para o lado, vomitando descontroladamente.

— Puta do caralho!

Eles começaram a resmungar em russo.

Eu soluzei. — Por favor, não faça isso. Nós temos dinheiro, meu marido... Ele... Ele pode te pagar, apenas...

— Cale a boca vadia, eu sei quem é o seu marido. Porque você não quer foder comigo quando fode com ele?

Izac riu. — Sim, o que é? Você gosta disso. — Então ele segurou minhas pernas abertas e sem cerimônias se empurrou dentro de mim. Eu gritei de dor. Eles riram em conjunto, gemendo e Izac bateu seus quadris mais rápido e mais forte contra os meus.

Eu vomitei mais uma vez. Meu corpo lutando contra sua invasão. Eu não estava preparada, e a dor foi alucinante.

Ele gozou dentro de mim depois de empurrar mais algumas vezes.

— Caralho, que boceta apertada. Estou pensando seriamente em manter você aqui *princesa*. — Ele falou a palavra em italiano, porém o sotaque me fez ter certeza que eu não queria nunca mais ser chamada daquilo.

Por qualquer outra pessoa. Isso se eu saísse viva.

Alex empurrou Izac pelos ombros, fazendo ele sair de mim com um puxão duro. Eu levei minha mão até o meio das minhas pernas, numa falha tentativa de me proteger. Alex empurrou minha mão e riu no meu ouvido. O cheiro de bebida me nauseando mais uma vez.

Ele me virou para o meu estômago antes de ir atrás de mim. Seu dedo desviando para baixo na minha bunda. —Eu acho que vou comer essa bunda grande.

Izac gargalhou e gritou. — Sim, eu deveria ter pensado nisso!

Alex empurrou seu dedo seco no meu buraco enrugado. Eu tranquei meus músculos involuntariamente. Meu sangue correndo frio de medo.

— Não! Por favor isso não!

— Quieta bebê. — Sua mão pesada desceu sobre a minha bunda. Mas não foi um tapa erótico. Foi duro e machucou, ele fez aquilo várias vezes, enquanto eu sentia seus anéis rasgando a pele.

Então seu rosto aproximou de lá e ele cuspiu no meio das minhas pernas.

Exatamente lá.

— Ah sua mocinha. Está preparando ela para não doer? Que doce. — Izac zombou. — Quando eu comer esse cu vou ter certeza que ele sangre.

Alex apertou minha cintura com força e grunhiu. — Cale a boca. Só não quero machucar meu pau no processo.

Ele não fez nada por vários minutos, então em meio a dormência que já me tomava, senti suas mãos separando minhas bochechas. E uma pressão começou quando ele empurrou.

Lágrimas picaram meus olhos. Ele não era gentil e aquilo machucava.

Ele agarrou minha cintura, suas unhas nojentas afundando minha pele. Suas bolas batendo contra mim repetidamente. Ele me fodeu duro. E Izac estava certo, sentia como se estivesse sangrando. Enterrei meu rosto no chão e gritei. Doía tanto.

—Porra bebê. Voce me leva como uma profissional. Aposto que seu marido come esse rabo todos os dias, hein? —Ele diminuiu seu ritmo, mas bateu-se em mim mais duro. Eu soluçava. — Isso, caralho...ordenha o meu caralho princesa.

— Porra, nós estamos comendo a mulher do *Consigliere* da família cara!

Eles riram. E Alex continuava implacável batendo em mim por trás. Um rastro de fogo queimando de dentro para fora. A dor era tanta.

Eu queria empurra-los e lutar contra eles, mas meus músculos simplesmente não me obedeciam. Será que eu morreria ali? Era isso?

Passei a mão pelo rosto querendo por tudo que aquilo fosse um pesadelo e ao mesmo tempo, tentando me manter acordada, o que era difícil já que meus olhos queriam fechar sozinhos. E foi quando senti algo melado em meus dedos.

— Não... — Sussurrei.

Ao mesmo tempo Alex gritou atrás de mim e se retirou gozando em toda minha coluna.

Mas minha atenção estava em minha mão. A mão que eu tinha colocado entre as minhas pernas.

E nos meus dedos cheios de sangue.

Eu só ouvi Izac dizer. – Porra! Eu vou mais uma vez.

E desmaiei. A escuridão seria melhor que passar por aquilo.

A terra dos sonhos era bem-vinda.

Capítulo 25

LUIGI DEROSI

*"Se lutar com monstros, se transformará em um monstro.
E se olhar por muito tempo para um abismo,
o abismo também olhará para dentro de ti."*
Friedrich Nietzsche

7 da manhã.

Exatamente 51 horas desde que ela foi vista pela última vez.

51 horas desde que eu comi alguma coisa e dormi.

51 horas sem ouvir a voz dela depois de meses dormindo e acordando ao seu lado.

Era tortura.

A Família estava cobrando e oferecendo favores para conseguirmos entrar na Rússia, porque era lá que ela estava.

Eles já tinham pego uma das mulheres da Família, e nós só a vimos novamente através dos pedaços que foram chegando pra cada um de seus familiares. Ela era noiva de um dos nossos soldados, então ninguém havia dado muita importância já que seu nome não era importante.

Mas nós sentimos. Meus irmãos e eu apertamos a segurança a fim de protegê-las, e para nenhum deles ser capaz de as alcançar. Mas eu tinha malditamente falhado em protegê-la.

Só de pensar em tudo que ela poderia estar passando, era pior do que levar um tiro no peito.

O que me deixava mais fodido de ódio, é que eu não podia chegar até ela. A Rússia era uma fortaleza para garantir que os inimigos deles não entrassem. Assim como a Itália era também. A Bratva provavelmente passou um longo tempo planejando esse ataque. Dando dinheiro e cuidando para que chegassem até nós sem sermos alertados. Não conseguiríamos entrar no país sem chamar a atenção, sem planejar algo com antecedência. E se nós morrêssemos no caminho, do que adiantaria?

Mas nosso menino hacker tinha finalmente chegado em algum lugar com suas pesquisas, o que nos levou ao carro que a sequestrou.

Alexei Prictopz era o nome de quem tinha aparentemente alugado o carro em Roma.

Logicamente o nome do homem que eu queria torturar até a morte.

O menino gênio tinha ficado em dúvida se era realmente o cara certo, pelo o fato de não terem nem mesmo escondido o nome ou pegassem um carro sem placa. Mas nós sabíamos melhor. A intenção deles era exatamente essa. Nos deixar saber que a tinham levado e que ela estava definitivamente em perigo.

O que eu não duvidava.

Eu fui até a cozinha e me servi de uma xícara de café, recebendo um sorriso reconfortante de Goretti.

– Ela estaria ficando louca se estivesse assistindo tudo isso agora. – A mulher falou.

– Sim, estaria. – Eu quase podia vê-la gritando com todo mundo, falando o quão entediada estava daquele silêncio e do clima tenso pela casa toda.

– O senhor sabe que quando Abriela ficou grávida, eu fui passar um tempo na casa do senhor Leon, sim? – Eu assenti e ela continuou. – Anita estava sempre me rodeando tirando meu juízo. A pobrezinha não sabia fazer nada para comer, e me importunava para cozinhar besteiras todos os dias. Ela escondia a bucha da louça porque dizia que eu estava trabalhando demais, falava para os soldados que eu estava interessada neles. – Ela riu e seus olhos encheram de lágrimas. – Havia sido um tempo desde que eu dei tanta risada por pequenas coisas.

– Ela vai voltar e eu espero poder vê-la fazendo tudo isso. – Respondi. Talvez mais para mim do que para ela.

Ela parou de cortar seus vegetais e me olhou. – O senhor a...

– Luigi! – Vire-me para o soldado me chamando na porta. – O senhor vai querer vir comigo.

Eu levantei num pulo, não dando tempo de a senhora mais velha terminar de falar. Passei pela sala praticamente correndo para fora, ouvindo uma comoção e gritos. Vi de relance Alessa correndo escada abaixo na mesma direção que eu.

Eu atravessei a porta, mas nada teria me preparado para a visão que me esperava.

Os soldados estavam em uma roda, Nino abaixado no meio deles. Não perdi tempo em empurrá-los fora do caminho. – O que vocês... – Comecei, mas não pude terminar a frase.

Nino tinha o pulso dela nas mãos, e pressionava seu paletó na barriga dela. Ele levantou os olhos para mim e balançou a cabeça. – Calu a encontrou no portão da frente.

Ele começou a explicar o que tinha acontecido, mas eu não estava escutando. Era como se houvesse um tampão nos meus ouvidos, meu foco única e completamente nela. Na minha mulher caída naquele chão, completamente machucada, sangrando e desacordada. Dois fodidos dias longe de mim e ela voltava daquele jeito. Eu me movi em transe, caindo ao lado dela, pegando sua cabeça e apoiei nas minhas pernas. – Anita... – Sussurrei. Minha voz parecia tão estranha.

O rosto dela era uma confusão inchada, cheio de sangue seco. Com um enorme corte irregular atravessando da testa ao nariz e através da bochecha.

Mesmo toda aquela bagunça ela ainda era tão bonita que meus olhos arderam. Seu vestido estava rasgado, com manchas de sangue sobre ele. Mas pior do que isso foi ver as manchas de sangue entre as pernas dela. Fechei meus olhos com força e espantei as imagens dela sendo abusada de todas as formas da minha cabeça. O ódio subindo, indo direto para minha superfície, pronto para estourar.

– Não! ANITA! – Abriela gritou de fundo.

– Leve-a para dentro. – Lucca falou.

Tudo se tornou um pandemônio. Meus irmãos gritando ordens aos quatro ventos, as irmãs dela, minha mãe e as empregadas perdendo suas cabeças em completo desespero.

Suas irmãs caíram ajoelhadas no chão e choraram. Alessa parecia petrificada, como se sentisse cada fio de dor que Anita estava vivendo.

Dante foi para o meu lado e estendeu a mão para tocá-la. Eu peguei seu pulso antes. – Não a toque. – Rosnei.

– Ela tem um sangramento no abdômen irmão, talvez um tiro. Não sei se nosso médico não possa lidar com isso.

– Eu vou levá-la para um hospital então.

– Luigi, é arriscado demais. – Lucca respondeu.

Sim era muito arriscado, eu poderia ser preso, eles poderiam também. E se não conseguíssemos evitar que a polícia fosse alertada, haveria uma investigação que a Família não poderia cuidar. Mas eu os ignorei, passei meus braços por baixo dela e a levantei. Passando pelos corpos que saiam do caminho como o maldito mar se abrindo e a coloquei no banco do primeiro carro que vi pela frente.

Coloquei seus cabelos suaves para trás, meu coração doendo quando percebi que aquele corte era mais profundo do que dava para ver.

Respirando fundo, tentei me controlar para conseguir pelo menos levá-la a um hospital. Então eu voltaria e enquanto minha menina se curava fisicamente, eu iria atrás de quem fez aquilo com ela.

Nem que isso custasse minha vida miserável.

A sala de espera do hospital estava cheia de homens pelos corredores e guardando as portas. A descrição da Família indo para o buraco, afinal, nós não éramos de chamar atenção. As pessoas sabiam quem nós éramos e o que fazíamos, mas não dávamos motivos para falarem demais.

O médico a tinha levado para a sala de emergências a mais de quatro horas e não importava quantas ameaças eu tinha feito, ninguém estava nos dizendo nada. Eles passavam por nós sem dizer uma palavra, alternando olhares de medo e preocupação.

– Eu ouvi uma enfermeira dizendo que nenhum médico queria colocar as mãos nela. – Alessa comentou. Ela tinha sentado do meu lado desde o momento em que chegamos, não falando uma palavra até agora.

É claro que ninguém queria pegar o caso dela, vendo como chegou no hospital e nós entramos logo depois. Quem arriscaria tentar salvar a minha esposa e falhar?

Eu não disse nada em resposta a Alessa porque ela não teria me escutado. Focada como estava em sua própria merda, não tirando os olhos da parede, quase nem piscando. Mas eu também não tinha uma resposta para aquilo.

Não havia como responder nada, na verdade. Olhei para baixo e encarei minhas mãos. O sangue dela entre meus dedos e debaixo da unha fizeram um arrepio correr pela minha pele.

Dois dias depois eu a tinha de volta e ela se encontrava naquela situação. Minha menina rebelde era nada mais do que o corpo quase sem vida do que ela foi um dia. Eu sabia que ela nunca me perdoaria. Não havia uma chance no inferno que aqueles olhos bonitos me vissem da mesma forma que antes.

Esfreguei os dedos juntos, fechando meus olhos e buscando algum lugar na minha mente para afastar aquelas imagens dela. Eu precisava focar na minha vingança. Primeiro eu precisava esperá-la acordar, então ela me diria exatamente o que aconteceu. E haveria sangue.

Um fodido banho dele.

– Parentes de Anita DeRossi? – Um homem jovem, apenas alguns cabelos grisalhos, me chamou.

Eu fiquei de pé, indo direto para ele. – Eu quero vê-la. – Rosnei em seu rosto.

Seus olhos arregalaram. – O se-senhor não q-quer saber como ela está? E de qualquer forma, qual o parentesco com a paciente?

Peguei a prancheta de sua mão com nenhuma delicadeza e busquei a informação do quarto que ela estava.

– Ei, você não pode olhar isso!

Bati o objeto contra o peito dele. – Me impeça doutor, eu posso fazer o que diabos eu quiser. E vou ver a minha mulher. Diga a suas irmãs os seus detalhes fodidos de médico, eu não

quero saber.

Passei por ele e praticamente corri até o quarto.

Precisava vê-la. Ver seu peito subindo e descendo com a respiração, a cor de volta em suas bochechas, seus olhos abertos com vida.

Porra! Tinha que saber que ela estava bem.

Eu não perdi tempo em abrir a porta, apenas para a visão de dentro tomar conta da minha respiração. Minhas pernas enfraqueceram, meu coração começou a martelar, um latejar sincronizado do inferno irritando minha mente.

Em passos lentos eu me aproximei. O barulho das máquinas ligadas a ela e o gotejar do soro no suporte eram os únicos barulhos. Não, na verdade, eu podia ouvir o meu batimento fodido desenfreado. As faixas de gaze enroladas em sua cabeça tampavam o rosto bonito que eu estava acostumado a olhar. Podia ver apenas sua boca. O tecido branco do material dando-me apenas uma mínima brecha, aparecendo o ponto onde a pele foi costurada.

Eu peguei sua mão pequena na minha e fechei os olhos, a culpa, a vergonha pelo o que ela tinha presenciado quase me colocando de joelhos. E por *Dio*, eu merecia cada minuto do inferno apenas por ela estar naquela cama.

Eu não sabia o que dizer. Ela ainda dormia, mas quando acordasse não havia nenhuma dúvida que me odiaria mais do que antes. A Família fez aquilo a ela, nossos crimes, nossas ações, nossos inimigos, nosso estilo de vida.

E acima deles, eu fiz. Porque ela correu para longe de mim.

Que homem miserável eu sou.

– Eu sinto muito amor...

ANITA DEROSI

– *Que porra é essa Evangeline? – No fundo da minha mente, no restante de consciência que ainda me restava ouvi uma voz grossa falar.*

– *Eu convidei minha amiga para nos visitar por um tempo Roman.*

– *Você está fodida da cabeça caralho? É a porra da mulher dos DeRossi?*

– *Roman...*

– Está tentando criar problemas para nós, vagabunda?

– Não! Eu só queria assustá-la um pouco!

– Essa merda é mais do que assustar. Leve-a de volta, agora! Antes que eu resolva colocar você num avião para eles também.

– Você não faria isso Roman Zirkov!

– Me tente vadia. Eu não preciso da merda dos italianos no meu rabo agora. Então a mande de volta!

Alguns minutos se passaram em silêncio, enquanto eu tentava ao máximo acordar. Levantar e lutar com ela. Mas a escuridão parecia tão refrescante e não havia dor.

– ... ele não disse que ela precisava voltar em boas condições. Use-a como uma mensagem. Faça estrago suficiente para que ela volte com apenas um suspiro de vida, eu quero que ele a veja morrer...

– Eu sinto muito amor... – Dessa vez a voz era outra. E parecia mais quieto do que da outra vez.

Mas de repente tudo ficou agitado.

– Ela está tendo uma parada cardíaca!

– Doutor!

– Carregar choque a 260 joules, um, dois, três!

O pi pi pi ficava cada vez mais lento, e comecei a sentir uma leveza. Eu sentia que podia voar. Eu tinha asas agora?

– Nós a estamos perdendo doutor!

Oh não... Quem eles estavam perdendo? Eu lamentei. Queria poder dar os meus sentimentos a família, era sempre tão ruim perder alguém...

– Não! Anita não faça isso comigo amor! Respire para mim, fique comigo.

Aquela voz... eu a conhecia. Mas parecia estar tão distante.

– Senhor tire as mãos dela, preciso que a solte para darmos outro choque.

– Doutor, há sangue saindo pela boca.

– Faça alguma coisa filho da puta! Anita, não se atreva a me deixar porra, não!

Eu queria olhar para ele e dizer que não iria a lugar nenhum, mas alguma coisa me dizia que eu não deveria falar aquilo.

– Senhor DeRossi preciso que a solte!

– Não porra, nunca mais.

– Afastem seu irmão daqui!

Eu estava começando a ficar irritada. Porque no mundo ninguém me dava ouvidos?

Não, na verdade, porque eu não conseguia vê-los?

– Carregar a 360 joules. Preparar a serra para fazer a massagem no coração!

Eu queria dizer ao médico que tudo bem se ele não conseguisse salvar seu paciente. Coisas como aquelas acontecia o tempo todo.

Quantas vidas ele já tinha perdido aquele dia?

Um formigamento se arrastou pelo meu corpo e eu tentei mover minha mente de volta para ouvir um pouco mais daquela voz.

No meio de toda a turbulência na minha mente, eu não tive mais forças para lutar e a escuridão me engoliu.

– Amor...

Capítulo 26

ABRIELA DEROSI

*"Às vezes a última pessoa na face da terra que você deseja estar junto,
é a única pessoa que você não pode viver sem..."*

Jane Austen

Nós observamos Luigi correr furiosamente para dentro dos corredores e nos voltamos para o médico, que tinha um olhar cheio de medo no rosto.

– E então? Como ela está? – Alessa olhou para trás, provavelmente garantindo que Dante e Lucca estavam distantes para não ouvir e perguntou em uma voz firme.

Ainda bem que ela conseguia falar, porque eu não podia nem me colocar dentro de tudo o que estava acontecendo, quanto mais prestar atenção no que o homem dizia.

Ele suspirou. – Eu não precisei fazer muitos exames para entender o que tinha acontecido senhoritas. Ela levou um tiro no abdômen, tinha vestígios de sêmen na região íntima e o corte no rosto... – Ele balançou a cabeça e abaixou a prancheta, nos olhando com pura piedade. – Não sabemos se a causa da morte do feto foi pelo abuso ou o tiro. Já mandamos a amostra de sangue para testar quaisquer doenças sexualmente transmissíveis.

Eu não podia respirar... O aperto de Alessa na minha mão foi ficando mais forte a cada palavra, seu rosto cheio de dor.

–...o corte no rosto foi costurado, e não há dúvidas de que ficará uma longa cicatriz. Logo que terminamos o procedimento da curetagem, colocamos os remédios contra doenças na IV.

– Curetagem?

– Sim, o bebê tinha apenas quatro meses, ainda dava tempo de fazer o procedimento sem precisar da cesárea.

Eu assenti. – Ela ficará bem logo?

– Ela está estável. Não corre riscos de vi... – Ele foi interrompido por uma enfermeira que apareceu no corredor correndo e chamando por ele.

– Doutor, a paciente está tendo uma parada cardíaca!

O médico nos deu um olhar ansioso antes de sair.

– Doutor! – Alessa chamou correndo atrás dele, mas um segurança a segurou.

– Não pode passar sem ser autorizada senhora.

Ela se debateu contra ele, chutando e batendo. – ME DEIXE ENTRAR! É A MINHA IRMÃ, ELA PRECISA DE MIM, ME DEIXE!

– Alessa... – Eu chorei olhando aquela cena e sentindo o desespero completo tomar conta de mim.

– Coloque-a no chão. – Lucca falou atrás de mim.

O homem arregalou os olhos e a afastou, se prostrando na entrada. – A mantenha longe senhor DeRossi, ela não é autorizada.

Lucca deu um olhar a Juliano, e antes que o segurança pudesse dizer qualquer outra coisa, foi tirado do caminho.

Alessa não perdeu tempo e passou por todos correndo atrás de nossa irmã. Eu teria feito o mesmo se meus pés não estivessem grudados no chão. Lucca passou um braço pela minha cintura, não deixando ninguém ver que estava preocupado comigo e ao mesmo tempo, me mostrando que estava ali para mim.

– Eu vou até lá, Luigi deve estar perdendo a cabeça. – Dante comentou já passando por nós e sumindo de vista.

Lucca encostou a boca no meu ouvido. – *Bella mia*, vou levá-la para casa.

– Não. – Sussurrei. – Eu preciso estar aqui e ser forte por ela do mesmo jeito que ela foi para nós.

Lucca me apertou mais forte. – Você é forte *bella*. Ser forte é estar aqui para ela quando ela acordar. Ela vai precisar.

Eu senti uma lágrima escorrer. – Eu sei Lucca. Mas ela está naquela sala lutando pela vida e eu mal posso ir até lá ficar com ela de tão aterrorizada que estou do que vou ver, imagina ter que lhe explicar tudo o que aconteceu.

Lucca apertou os lábios numa linha fina. – Você vai conseguir.

Não. Eu não ia. Suas palavras não eram para qualquer conforto. Ele não sabia como confortar alguém ou dizer as palavras certas, mas só o fato de tentar e se permitir me abraçar em público era mais do que o suficiente. Eu fechei os olhos, tentando ignorar o som dos gritos e a bagunça toda do hospital e pensei na minha irmã mais velha.

Ah, minha doce Anita...

Quem seria tão cruel a ponto de fazer algo como aquilo a alguém? Eu não podia sequer me imaginar sobreviver depois de tudo o que ela passou. A cicatriz para mim seria o de menos, seria apenas uma marca. Mas Anita sempre foi fissurada em sua aparência. A mulher mais segura

de si e que transbordava autoestima. O que aquilo faria a ela?

Agora ser tocada por outros homens de forma tão bruta e violenta e ainda perder o meu bebê me destruiria. Eu tremi e Lucca me apertou mais ainda, como se soubesse cada um dos meus pensamentos. Eu chorei pensando em Antony. Nosso pequeno bebê estava em casa seguro, e mesmo que estivesse passando por uma fase difícil, ainda estava conosco. Eu podia dormir com ele em meus braços, sentir seu cheiro e cuidar dele. Podia ouvir sua risada gostosa e receber seus abraços espontâneos a qualquer momento. Mas minha irmã não teria aquilo.

Pensei na culpa que ela sentiria. O remorso, e a raiva que viria com força total e dez vezes mais forte do que ela já sentia antes.

Alessa voltou para a sala de espera com a ajuda de Dante a guiando, ele segurava seu braço e a ajudou a sentar. Se bem que com o olhar nos seus olhos, eu não duvidava que ela ficaria em pé sem nem perceber que estava.

Dei um beijo no ombro de Lucca e me soltei dele, indo direto para o lado dela.

Puxei seu corpo pequeno para meus braços e encostei a cabeça na dela. – Eles conseguiram fazer o coração dela bater de novo. – Ela sussurrou.

Eu fechei os olhos em puro alívio.

– Luigi sabe do bebê?

Alessa negou. – Nós não vamos dizer a ele.

– Mas Lessa...

– Ela nunca vai ser a mesma Ella. Nunca.

– Eu sei, mas ele merece saber. – Sussurrei, tentando parecer calma.

Lucca e Dante conversavam no canto, mas os olhos dele estavam sempre sobre mim.

– Esta na hora dela fazer as próprias escolhas Ella. E quando ficar bem, se ela quiser partir, eu vou ajudá-la. Não importa qual será minha punição.

Eu olhei nos olhos da minha irmã. – Está falando sério?

Ela assentiu com determinação. – Ela é a outra parte do meu coração, irmã, vocês duas são. Nunca foi nenhum problema para mim garantir que estariam protegidas. – Ela desviou os olhos e engoliu em seco. – Eu vou continuar fazendo o que for preciso para que vocês fiquem bem.

Eu a encarei por algum tempo antes de fitar Lucca. Vendo o olhar de puro amor que ele me deu e voltei minha atenção para Lessa. – Está bem. Ela será livre se quiser assim.

– Isso inclui contar sobre o bebê, ela será a única a dizer.

Eu concordei e Alessa entrelaçou nossos dedos. Eu dei um beijo no nó formado e ela fez o

mesmo.

Era o nosso próprio juramento. Não era sobre o sangue, mas sim pelo o sangue.

E a Família não viria em primeiro lugar daquela vez.

Eu trairia o homem que eu amo, o pai do meu filho e arriscaria minha própria vida por ela. Porque minha doce e rebelde Anita merecia.

Depois de Luigi insistir – na verdade, ordenar – que todos fossem embora, nós estávamos de volta em casa.

Lucca me olhava estranhamente, como se não soubesse o que fazer comigo. Eu entendia que para ele era difícil me ver daquele jeito, mas as últimas semanas tinham sido tão terríveis. Más notícias uma atrás da outra. Não havia como manter um sorriso no rosto se a minha família estava sofrendo.

Ele segurou minha mão na porta de casa e aproximou o rosto do meu. – *Bella mia...* eu odeio vê-la assim.

– Eu sei. Mas o meu bebê não está bem por algum motivo que eu não faço ideia e uma das minhas melhores amigas, a minha irmã está internada e desacordada por conta do que algum infeliz fez.

Lucca olhou para cima, depois para mim novamente. – Eu não sei o que dizer.

Aquilo quase me tirou um sorriso. Ele ainda era o meu menino quebrado e cheio de amor. Mas não sabia o que falar em situações como aquela. Durante muito tempo ele não precisou consolar ninguém, então de repente foi tudo acontecendo como uma bomba e nós não tivemos tempo de lidar.

– Eu só preciso abraçar Antony até ele dormir e depois dormir nos seus braços. Pode fazer isso?

Ele respirou. – *Ti amo mia bella donna.*

Eu assenti e beijei seus lábios. – Eu te amo muito mais.

Nós ainda estávamos no conforto um do outro quando a porta se abriu e minha sogra apareceu com o rosto cheio de lágrimas. – Por que vocês não atendem o maldito telefone, Lucca?!

Meu sangue gelou, sem perder tempo corri passando por ela, ouvindo os dois atrás de mim. Falando e falando enquanto Giorgia chorava suas palavras para fora. Eu cheguei no meio da escada quando ouvi o choro dele. Respirei fundo sem parar e continuei meu caminho até ele. Até o

meu bebê.

Ele estava no berço, seu choro tremendo de tão forte, o nariz vermelho e um tom de azul ao redor dos olhos. Sua respiração difícil como estava sempre ultimamente. E o suor excessivo deixando sua roupinha úmida.

– Pensei que ele estivesse com fome, mas ele tomava a mamadeira e colocava para fora minutos depois, então começou a ficar mole, até que o choro ficou assim.

Eu o peguei nos braços ouvindo suas palavras, mas tentando não me desesperar ainda mais. Sua cabecinha automaticamente caiu sobre o meu ombro, a mão segurando minha camiseta fortemente.

Eu passei as mãos pelo cabelo dele, balançando de um lado para o outro enquanto Lucca ligava para o médico da família.

Era sempre assim. Eu segurava nosso filho e ele lidava com questões que precisavam de calma e controle para serem feitas.

– Posso ficar com ele para vocês tomarem um banho, não há problema.

Eu apertei meu filho mais forte contra meu peito e balancei a cabeça, dando a minha sogra um pequeno e forçado sorriso. – Está tudo bem. – Sussurrei.

– Realmente não...

– *Mamma*. – Lucca chamou. – Vá para a casa descansar. Obrigada por ter ficado com ele hoje.

– Tem certeza que não precisa de mais nada?

– Claro. Vamos ligar caso for necessário. Por que não liga para Luigi?

O rosto dela se contorceu e uma nova corrente de lágrimas caiu. – Vou fazer isso... Ele deve estar precisando de mim agora. Vou até lá querido, mas não hesite em me chamar, sim?

Nós nos despedimos e ficamos em silêncio. Eu me sentei com Antony na poltrona de seu quarto e respirei sua essência. Lucca encostou na parede do outro lado e se deixou deslizar até o chão. Um olhar que era o reflexo do meu em seu rosto.

Antony fez pequenos barulhos e ficou balbuciando, hora ou outra choramingando. Seu corpo gordinho mole e frágil.

– Eu não vou deixar nada acontecer com ele.

– Eu sei. – Sussurrei de volta.

Mas eu não sabia. E ele também não.

Era uma promessa falsa que nenhum de nós poderia cumprir. Eu só pude abraçar o meu

filho mais forte e rezar para que esse pedacinho de felicidade não fosse tirado de mim.

LUIGI DEROSI

Meu telefone tocou no bolso da calça, mas eu não atendi. Não havia nada que precisasse de mais atenção do que o que estava na minha frente.

Ela ainda não havia acordado.

Oito dias no maldito hospital e eu ainda continuava ouvindo a mesma coisa.

"Faz parte do trauma."

"O corpo dela está cansado."

"Ela vai acordar quando estiver pronta."

Se eu fosse depender de ela estar pronta para acordar ia esperar para sempre. Quem no mundo fica "pronto" pra lidar com aquilo? Porra, se fosse eu no lugar dela também ia preferir não acordar. Não ter que enfrentar o que foi feito.

Eu não pedi ao médico os detalhes. Só perguntei se ela corria algum risco de vida. Quando ele disse que não, eu o mandei sair e só entrar quando fosse para vê-la. Eu não ia sentar e ouvir o fodido dizendo o que estava na minha cara.

Fechei os olhos quando as imagens dela sendo tocada por outro homem invadiram minha mente. Isso estava me atormentando.

Dante estava trabalhando sem parar para rastrear e obter qualquer informação sobre quem a tinha levado. Eu já estava pensando em quais ferramentas de tortura usaria nos envolvidos. Pretendia fazer pior do que fizeram com ela. A minha menina pagou pelos nossos atos. Foi levada por conta dos negócios da Família e nossos inimigos. Era o que mais doía em mim.

E se ela não quisesse me ver quando acordasse?

Não quisesse meu toque? E se tivesse ficado algum trauma de tudo o que aconteceu?

Enfie a cabeça nas mãos. Eu teria que fazê-la reviver tudo para poder saber o que aconteceu e buscar nossa vingança. Tirar sangue de quem a fez sofrer, de quem a machucou.

Do futuro cadáver que ousou tocar no que é meu.

Mas ao mesmo tempo um sentimento ruim me envolvia. Como se eu soubesse que mesmo a vingança não a traria de volta. Eu sabia disso, mas não queria aceitar. Era terrível pensar que a menina sorridente, irônica, sarcástica e cheia de atrevimento não acordaria ali naquela cama. Eu

temia mais do que tudo não voltar para casa e ouvir as músicas horríveis que ela gostava, ou sentir o cheiro do esmalte, ou ter que comer a comida ruim que ela fazia.

Eu a levaria para dançar de novo? Teria a chance de ver seu corpo vibrar e as ondas de vida transbordarem dela?

O sorriso teria aquele mesmo brilho? E os olhos? A minha imensidão verde olharia para mim como antes? Ou só haveria ódio e rancor naquele olhar?

Eu suspirei. Não aguentava mais ficar parado esperando ela acordar. Precisava dos gritos dela, das respostas fora de hora, da sinceridade e dos arranhões. Precisava ouvir sua voz de novo.

Levantei e parei de frente para a cama.

Segurei sua mão que levava nosso anel de casamento e dei um beijo lá. Teria sido diferente se eu a olhasse com outros olhos?

Eu não sabia, porque na verdade, eu nunca a quis como algo mais que uma boceta quente para preencher. Ela era toda sobre a boca grande e respostas afiadas e eu queria alguém que não me desse dor de cabeça.

Ela tinha uma rebeldia que fazia com que ficasse ainda mais bonita.

“– Você sendo gentil soa quase fofa, mi amore. Mas eu prefiro sua versão bocuda.

– Você vai ver minha versão bocuda quando eu enfiar a mão nessa sua cara!

– Eu adoraria sua boca para muitas coisas, mas não isso.

– Você é nojento.”

A pitada perfeita de sensualidade para me levar ao limite.

“– Você parece ter coisas mais importantes pra fazer. E não é grande coisa. Não foi o melhor sexo da minha vida para eu querer repetir. – Ela tinha dito fingindo pouco caso.

– E ainda assim está tentando usar seu corpo gostoso contra mim?

– Eu não sabia que meu corpo gostoso tinha tanto poder assim.”

A capacidade dela de nunca abaixar a cabeça para mim, mas jogar no mesmo nível que eu.

“– Você teria preservativos? É que meu marido pegou uma doença sexualmente transmissível me traindo com um travesti seis meses atrás, então preciso me prevenir.

– Obrigado pela compreensão. Eu estava bêbado após pegar minha esposa na cama com a minha irmã.

– Como se você aguentasse passar uma noite sequer longe de mim.

– Coloque na sua cabeça que não é tão irresistível quanto pensa Luigi, e tanto quanto o seu pau pequeno pode fazer, meu vibrador faz melhor ainda."

A risada dela invadiu meus pensamentos, junto com a lembrança do longo cabelo voando com o vento pela brisa do mar.

"– Uma tatuagem. Quero fazer uma tatuagem, dirigir por horas em alta velocidade na estrada e só parar quando o sol estiver se pondo. Então eu quero descer do carro, abrir uma garrafa de vinho clássico e beber sentada na areia de frente para o mar."

Empurrando todas as memórias para fora, abri os olhos pronto para sair um pouco daquela sala. Mas não pude fazer nada, porque assim que abri os olhos ela estava lá.

A imensidão verde me encarando de frente, sem piscar.

– Amor...

Ela não reagiu.

Enquanto ela dormia eu pensei em como seria quando ela acordasse. E bem ali estava minha resposta.

Seria bom ter visto ódio, raiva, rancor... eu estava preparado para isso. O que eu não esperava era... Nada.

Minha imensidão verde estava ali, mas em seus olhos não havia... nada.

Capítulo 27

ANITA DEROSI

"De tanto usar uma máscara, se esquecerá de quem você é..."

Revenge

Abrir os olhos foi uma das tarefas mais difíceis que eu tive em um longo tempo. A confusão dos sentidos e um barulho discreto, porém constante irritava até o último fio da minha paciência. Parecia como se tivessem agulhas pinicando todo o meu corpo.

Meu cérebro estava sendo claramente obstruído por uma névoa de dor e agonia, eu não podia nem abrir os olhos, nem me mexer que o mínimo movimento fazia uma sensação de facas sendo atiradas em mim. Durante todo o tempo eu podia ouvir alguém falando comigo. Nem sempre era capaz de dizer quem, mas não reconhecer o toque dele era impossível.

Com toda minha determinação forcei um olho aberto. A luz que vinha das janelas e as paredes brancas eram como areia nos meus olhos, incomodando. Fechei novamente com uma longa e trêmula respiração. Alguém estava raspando uma telha na minha garganta? Só podia. A quanto tempo eu não bebia água? Uma pontada crua esfaqueou minha cabeça quando abri os olhos de novo. Só podia ver com um, o outro parecia estar tapado.

Mas toda a dor foi esquecida – ou quase – quando me dei conta de quem estava segurando minhas mãos.

Ele tinha a cabeça baixa, falando palavras incompreensíveis para mim.

A barba que diariamente não existia estava lá. A camisa amassada e puxada para fora da calça social de forma largada me fazia parar para pensar se ele passou uma noite maldormida aqui, ou esteve em algum canto com uma enfermeira. A primeira opção era ridícula, claro, Luigi passar a noite em claro em um hospital não era algo provável de acontecer na Terra. Então provavelmente estava com a enfermeira mesmo. Isso era mais a cara dele.

Seus cabelos pretos estavam sujos, mesmo com a vista embaçada eu conseguia ver como malcuidado estava.

O toque dos dedos nos meus era um simples carinho. Como se aquilo fosse normal para nós. Ele me consolando, cuidando, me tocando de forma inocente, mas que acendia cada nervo do meu corpo.

Como se estivesse sincronizado comigo, ele levantou a cabeça, seus olhos batendo diretamente nos meus. Por um momento não falamos nada. Apenas o som dos aparelhos ligados em

mim e sua respiração acelerada.

De repente, em câmera lenta, seus olhos mudaram. Não era fogo, nem desejo e muito menos luxúria que eu via sempre que ele olhava para mim. Era quase... pena. Olhos torturados com compaixão.

De mim?

Então num passe de mágica, tudo me bateu.

Eu correndo para onde ele estava para dar a notícia que mudaria nossa vida. Minha alegria em finalmente ter aceitado aquela pequena parte de nós, a esperança de que tudo mudaria. E então, a facada nas minhas costas que foi ouvir sua conversa com seus irmãos. O amor que eu entendi realmente nunca ter tido e a percepção de que nunca foi por mim. Foi por ela.

Sempre ela.

E depois, Evangeline. Levando-me, ameaçando.

"A única coisa que as pessoas podem ver em você é seu rosto bonito. Porque você é feia por dentro."

A lembrança da fúria em seus olhos, o nojo na voz era tão clara que eu sentia como se estivesse ouvindo ela ao meu lado falando.

– Amor... – Sussurrou. A voz tão cheia de emoção como ele estava. Mas refletia exatamente o que eu pensei. Era como se ele estivesse vendo uma criança indefesa e machucada.

"Está na hora das pessoas verem pelo lado de fora, o que há por dentro. Eu aceito que você teve tudo o que era para ser meu, menos ele. Ele é meu para sempre."

Luigi continuou me olhando, cada pedaço do meu rosto. Eu levantei o braço com muita dificuldade, gemendo de dor no caminho e rocei meus dedos pela minha face. Minha pele só encontrou pano. A gaze que cobria meu queixo. Subi minha mão para a bochecha, sentindo a mesma coisa, então a minha testa, e o olho esquerdo. Fechei os olhos, sentindo as lágrimas apertarem minha garganta junto com a sede excruciante.

Eu não conseguia sentir um só pedaço de pele. Estava tudo coberto. Segurei as lágrimas e olhei para Luigi novamente. Ele ainda segurava minha mão.

– Eu quero ver a Alessa. – Minha voz saiu tão firme que eu quase duvidei que fosse minha mesmo.

Luigi colocou a outra mão no meu ombro. Eu endureci com o toque, vacilando para longe. Ele franziu a testa. – Como você está?

– Bem, chame minha irmã por favor.

Ele assentiu lentamente. – Anita, sou eu, Luigi. Lembra de mim?

– Claramente. Agora se você puder sair e chamar minha irmã eu agradeço. – Respondi e soltei minha mão da dele com dificuldade. Seus olhos acompanharam meu movimento e ele travou a mandíbula.

– Certo.

Sem mais, ele virou e saiu do quarto. Eu suspirei de alívio, agradecendo por estar longe daquele olhar de pêsame e de pena. Eu tirei o lençol de cima das minhas pernas com a maior lentidão possível e as movi polegada por polegada para o lado. Precisava de água e ir ao banheiro, e com toda certeza não ia ficar esperando alguém aparecer.

A cama era alta, então o primeiro impulso dos meus pés contra o chão enviou uma fígada direto por todo o meu corpo. Eu não aguentei ficar de pé, caindo no chão logo em seguida. A dor absurda em cada parte de mim era mais evidente agora que estava acordada. E por *Dio*, como doía.

Ainda estava tentando me levantar quando a porta abriu e a minha cópia perfeita olhou para mim.

Ao contrário de Luigi. O olhar de tristeza dela não me causava o mesmo desconforto.

– O que você está fazendo? – Resmungou de olhos arregalados, enfiando uma chave na porta e trancando, e correu para mim logo depois.

Ela se abaixou perto de mim, e envolveu meu rosto coberto levemente em suas mãos. – Oh minha irmã... O que fizeram com você? – Sussurrou.

Uma lágrima escorreu pelo rosto dela e eu precisei me segurar para não fazer o mesmo. – Estou com sede.

Ela assentiu, passando a manga da camisa cara para enxugar os olhos. – *Va bene*. Vamos subir você para a cama de novo e vou pegar, sim?

– Eu preciso ir ao banheiro.

Ela olhou para a porta do banheiro e para mim novamente. – Irmã...

– Alessa, não. – Respondi. Se ela começasse a me tratar como vidro eu não iria aguentar.

Com muita dificuldade ela me apoiou, ajudando-me a ficar em pé e indo para fazer minhas necessidades depois. – Eu vou ficar aqui e olhar você, caso precise de algo.

Eu bufei. – Você é o que, minha enfermeira agora?

Ela deu de ombros. – Se precisar.

Mover-me mesmo que devagar, até o banheiro foi ruim, sentar no vaso foi um sacrifício, mas quando comecei a fazer xixi parecia que alguém estava enfiando uma faca na minha intimidade. Eu terminei brevemente e continuei sentada ali. Minha cabeça caiu sobre as pernas. A dor manifestada em forma de lágrimas que eu já não conseguia mais segurar.

Alessa não perdeu tempo em ajoelhar diante de mim e me abraçar. – Shi... eu sei, eu sei... – Ela sussurrava. – Eu sei que é difícil agora, mas você vai ficar bem. Eu prometo que vai um dia.

Eu a empurrei longe sem sucesso, apenas sentindo seus braços apertarem mais. – Eu não quero chorar e não quero que você me console, porra!

– Somos apenas nós, como sempre foi. Eu e você contra tudo e qualquer coisa, lembra?

Eu fechei os olhos. – Me ajude a tomar um banho, por favor.

Ela assentiu e me soltou, já ficando de pé. – Me diga qualquer incomodo que sentir, está bem?

– Você não vai chamar uma médica ou alguma merda assim, vai?

Ela me deu um sorriso triste. – Essa situação não é estranha para mim irmã, sei o que estou fazendo. Mantenha a cabeça para fora da água, vamos tentar não molhar seu rosto para não estragar o curativo.

Eu fiquei em silêncio, apenas observando enquanto ela ligava o chuveiro e o deixava numa temperatura boa, me ajudou a ficar em meus pés e segurou minha mão o tempo todo. Não era a primeira vez que Alessa cuidava de mim. Me dar banho ali enquanto eu mal sustentava meu próprio corpo era tão natural para nós quanto fazer qualquer outra coisa.

Ela já tinha me colocado para dormir com medo de monstros inexistentes na infância, me tirado de confusões no início da adolescência, limpado meus machucados por toda a vida, e agora me dava banho depois de ter sido sequestrada, torturada e estuprada. Eu nunca teria conseguido ser forte por ela daquele jeito. Vendo as lágrimas caindo sem parar de seus olhos enquanto lavava cada centímetro da minha pele com delicadeza calculada, se impedindo de se encolher e chorar, porque eu sabia que o que estava doendo em mim, doía nela. E ficaria pior.

Eu não estava em choque, não estava em negação, e nem ficaria me perguntando porque aquilo aconteceu comigo. Afinal, eu sabia bem o porquê. E se tinha algo que eu sentia, era raiva, ódio mais puro que podia existir.

Eu queria encontrar Evangeline e arrancar seu cabelo pelo couro com uma linda faca italiana. Ver seu sangue sendo derramado pelas minhas mãos e esperar que ela sentisse tanta dor quanto eu sentia agora.

Querida encontrar os homens que fizeram aquilo comigo e colocá-los em um lugar trancado, os deixando para ser torturados todos os dias, mas parar a tempo suficiente para que não morressem. E prolongar aquilo até que cada ferida do meu corpo fosse curada, até que cada lembrança se tornasse apenas isso... passado distante e que não me tocava mais.

Mas eles ainda estavam lá fora. Evangeline nunca teria me deixado chegar até aqui, correndo o risco de deixar a Família saber que ela não tinha na verdade morrido. Pelo contrário, estava viva. Tão viva quanto as flores do campo da Sicília.

– Irmã?

Eu voltei para minha gêmea. – Sim?

– Terminamos. – Ela pegou uma toalha e a abriu.

Pisei fora do box do chuveiro e deixei que ela terminasse o que começou.

Incapaz de manter meus olhos nela, torturada daquela forma, olhei para cima, mas fui atraída pelo reflexo na parede da frente. Eu vacilei um passo para trás.

– O que foi Anita?

– Alessa... aquilo... aquilo sou... sou eu?

Ela seguiu a direção que apontei e arregalou os olhos, se colocando imediatamente na minha frente.

– Isso não é importante, vamos vestir você e chamar o médico está bem? Eu nem avisei ninguém que você acordou e isso pode dar algum problema e...

– ALESSA! – Gritei!

Ela balançou a cabeça fechando os olhos. – Eu sinto muito, eu sinto muito...

– Tire.

– Anita, eu não posso... – Sussurrou.

Eu a empurrei da frente e observei meu reflexo bizarro. Apenas um olho a vista, o outro com algum tipo de tampão em cima e faixa por cima de faixa. Eu precisei me apoiar na pia para não cair.

Levantei minhas mãos e puxei com a ponta dos dedos.

– Anita... – Alessa chamou. A voz quase desesperada, mas eu não queria ouvir.

Tinha que ver, precisava ver o que tinha sido feito ao meu rosto.

Ela soluçava a cada pedaço do pano que caia na pia e no chão. O rosto vermelho atrás de mim.

O rosto que ainda era perfeito. Que não havia uma marca sequer, e que eu nunca mais veria quando me olhasse. Quando o último pedaço foi ao chão eu quase fui junto.

"Está na hora das pessoas verem pelo lado de fora, o que há por dentro."

Eu levei a ponta dos dedos na pele enrugada pela linha e estremeci.

"Olhe nos meus olhos cadela, e me veja cada vez que se olhar no espelho."

– Oh meu Deus... – Lessa sussurrou.

Sim. Se é que Deus podia lidar com aquilo.

– Eu vou matá-la. – Declarei.

– Anita...

– Me ajude a colocar minha roupa e chame o Lucca, por favor.

– Irma, eu não acho que...

Eu me virei para ela e coleí nossos rostos. – Você acha o que? Olhe para mim, porra!

– Eu estou olhando.

– Então você está vendo que eu vou descer o inferno nesse lugar se não me ajudar a colocar uma roupa e sair daqui. Pra quem vai andar por aí com o rosto deformado, o que seria sair pelada?

Ela me encarou por alguns segundos e assentiu. Colocando a roupa do hospital de volta.

Eu voltei para a cama no modo automático, me sentando apenas por que a dor de ficar em pé era demais. Quando Alessa saiu do quarto eu reparei que minhas mãos estavam cruzadas sobre minha barriga. Obriguei o pensamento a ir embora, aquele não era o momento de pensar que eu a perdi.

Sabia que me afundaria se ouvisse, quanto mais pensasse naquilo. Eu não precisava que ninguém me dissesse que ela não estava mais comigo. Quando estava naquele lugar eu já sabia que não havia chances da minha bebê sobreviver a tanta violência.

Ela não teve tempo de ficar forte e resistir a tudo. Segurei a onda de desespero que começou a subir e respirei fundo. Precisava de toda a firmeza e concentração para o que estava prestes a fazer.

Minutos depois a porta foi aberta e meu cunhado entrou. Lucca fechou a porta atrás de si e me olhou. E foi a primeira vez na vida que eu o vi vacilar. Ele deu um passo atrás como se tivesse levado um susto.

– Cuidado. Se seus inimigos descobrirem que um rosto feio te assusta vão usar isso contra você.

Ele levantou as sobrancelhas e se aproximou lentamente. – Está fazendo piada da sua situação?

Eu dei de ombros. – O que me resta?

– Qualquer pessoa no seu lugar estaria chorando, por exemplo.

– Eu nunca fui de ficar me lamentando. – Respondi. E cada palavra que saía da minha boca era uma mentira fodida. Eu queria gritar e espedaçar e acabar com o mundo. Mas precisava que ele pensasse que eu estava... bem. Que estava no controle, lidando com a situação.

Ele parou a poucos centímetros de mim, com as mãos nos bolsos e o olhar frio avaliando

meu rosto. – Eu não pensei que você fosse querer me ver tão cedo.

– Você não é minha pessoa favorita, mas é o único que pode me ajudar.

Ele assentiu lentamente, ainda me estudando. – Você ouviu nossa conversa.

Não foi uma pergunta, e mesmo que eu odiasse, a mágoa voltou com força total. – Isso não é importante agora.

– Não é?

– Qual é Lucca? Você está louco para me perguntar o que aconteceu. Vá em frente.

Ele não se preocupou em me contrariar. – Sim, é a única coisa que eu quero de você. Mas sua irmã me fez prometer que não ia te incomodar com isso agora. Ela quer que você descanse.

– Porque você não deixa minha irmã brincando no castelo encantado do amor e cuida dos negócios como deve?

Os olhos dele se tornaram mais frios do que já eram. – Sua irmã não tem culpa do que o meu irmão fez. Você não vai falar dela, ou com ela como se fosse, entendeu?

Eu me inclinei para frente. – Quer saber? Eu estou cheia de homens me dizendo o que fazer, me ameaçando, tentando me intimidar e achando que são donos da porra do meu mundo. Você quer saber quem me levou ou não?

– Cuspa. – Rosnou, nem um pouco abalado com o meu desabafo.

– Certo. Mas antes você vai me prometer algo.

– E o que é?

– Quando você tiver Evangeline Berllot nas mãos, vai me deixar fazê-la pagar por tudo o que fez comigo. Não importa o tempo que levar para pegá-la, mas vai me deixar ter minha vingança.

Lucca ficou em silêncio, atordoado com as minhas palavras. – Evangeline? Mas ela...

– Não. Ela não está morta. Aparentemente meu irmão teve misericórdia dela e eu paguei por isso.

Ele caminhou pelo quarto e colocou as mãos no apoio da janela. – O que você sabe?

– Prometa Lucca.

Ele me olhou e seus olhos brilharam. Era o assassino que estava de frente para mim. O homem que fazia jus as histórias que contavam por aí.

– Pelo sangue, eu juro que você terá sua vingança.

Eu assenti, e então... falei o que sabia.

Capítulo 28

LUIGI DEROSSİ

"Os criminosos nesta cidade costumavam acreditar em coisas. Honra. Respeito. Agora olhe para si mesmo! Em que você acredita?"
Joker

Quando sai do quarto dela não conseguia formar um único pensamento coerente. Minha cabeça estava uma bagunça, não entendia o que estava sentindo e para piorar aquilo nunca tinha acontecido.

Eu já tinha enfrentado ela de muitas formas. Drogada, bêbada, louca de raiva e louca normalmente, furiosa, safada, e quando ficava toda engraçadinha também. Mas nunca tinha sido posto de frente a ela com indiferença. Anita olhou para mim como se eu fosse nada. Menos do que nada.

Como se eu não fosse o cara com quem ela tem uma história. Eu sentia uma angústia quase sem fim em pensar no que ela poderia estar passando. Fiquei com ela durante todo o tempo que ficou desacordada esperando que quando acordasse me visse ali e percebesse que eu estava pronto para consolá-la. Queria que ela se jogasse nos meus braços e pedisse para eu segurá-la, ou que apenas estivesse ao seu lado.

Mas aquilo não aconteceu. Pelo o contrário.

O desprezo e o silêncio foram tão grandes, era como se ela olhasse para mim e não sentisse nada.

A única coisa que eu podia fazer era ficar lá e mostrar a ela que não importava se queria me ver ou não, mas eu não a abandonaria. Não dessa vez.

Alessa entrou e saiu do quarto pouco depois. E mesmo que ela tentasse esconder, eu percebia a tristeza nos olhos.

Ela ignorou a mim e Dante e falou diretamente com Lucca.

– Ela quer falar com você.

Lucca franziu a testa, mas assentiu. Eu dei um passo à frente, pronto para segui-lo, mas Dante segurou meu braço. Alessa viu e lhe deu um rápido olhar, saindo de perto e voltando a cadeira onde estava sentada.

Eu vi meu irmão sumir pelo corredor e debati comigo mesmo entre ir ou ficar.

– Você estava lá e ela quis que saísse, não há porque entrar quando claramente não é bem-vindo.

Eu o ignorei. Sabia que se falasse com ele naquele momento jogaria toda a culpa não lhe pertencia em sua cara. Eu estava com raiva e ela seria descontada em qualquer um.

Foi uma tortura ter que esperar Lucca voltar. Meu lado irracional estava a um fio de ganhar a luta e ir invadir o quarto quando ele apareceu. Trocou algumas palavras com Alessa e disfarçadamente deu um aperto em seu braço.

A proximidade dos dois sempre foi um interesse para mim, mas agora minha curiosidade estava voltada apenas para o assunto que ele tratava com Anita.

Depois de algumas palavras ela caminhou para o corredor dos quartos. Lucca mal me olhou quando chegou perto.

– Então? – Dante perguntou o que eu tanto queria saber.

– Vamos para o cassino sete.

– Não posso sair e deixá-la aqui. – Respondi.

Seus olhos eram frios em mim. – Boni, Nino e Juliano ficarão na porta, Alessa está com ela e há soldados cercando o hospital.

Ele olhou para os lados antes de se aproximar mais. – Você não vai ouvir uma palavra da minha boca em outro momento, então se quiser saber o que houve eu sugiro que coloque a cabeça no jogo e comece a ser racional.

– Você parece estar me confundindo com um dos soldados, irmão.

Um leve curvar de lábios surgiu em seu rosto. Mas não havia humor algum. – Homens insignificantes para mim são exatamente isso. Soldados. Agora, eu tenho que tirar informações de um futuro morto.

Sem mais ele passou por nós e saiu. Dois soldados a sua frente, e dois nas costas a passos de distância.

– Não considere isso, ele está irritado. Sabemos bem o que a raiva nos faz falar e fazer. – Dante falou antes de seguir para fora.

Pouco depois eu os segui. Entendendo que meu irmão deixou claro que não me considerava seu sangue mais.

– Diga a Jimmy para vir ao escritório. – Foi a primeira coisa que Lucca disse a um soldado quando entramos em uma das casas de jogos da Família.

O soldado assentiu, e o perdemos de vista quando adentramos o lugar.

Não eram nem cinco da tarde e as meninas já ensaiavam suas merdas no salão. Música alta, roupa em falta e corpos balançando em cada espaço vazio.

Antes de Anita eu adorava ir aos ensaios. Sentar, assistir e escolher uma, duas ou três com quem pudesse me divertir algumas horas. Na época eu pensava que não podia existir nada melhor que aquilo, que estava tendo toda a diversão desejada por qualquer homem.

Algumas quando me viram, sorriram e piscaram. Acostumadas a fazer aquilo e ter minha atenção. Mas eu sequer podia ligar pra qualquer uma. Elas não me atraíam em nada agora.

Cada um tomou uma cadeira ao entrar no cômodo, e não demorou até o jovem adolescente entrar.

Jimmy tirou a boina da cabeça e olhou para nós numa mistura de medo e admiração. Pobre menino. Ninguém tinha dito a ele que nós éramos o pior tipo de homem que habitava a Terra.

Crescer com um pai que o espancava diariamente o fez fugir e correr direto para nós. Menino jovem, siciliano, e cheio de ambição inocente. Se é que a ambição podia ser inocente.

– O senhor chamou?

Lucca apontou uma cadeira. – Sente-se.

Jimmy nos olhou novamente, mas fez o que foi dito.

– Você foi até a minha casa hoje garoto?

– Sim senhor. A senhora DeRossi me mandou ficar pra almoçar.

Lucca acenou. – Ela sempre manda, não?

Jimmy assentiu. – Eu sou muito grato. Os caras não sabem cozinhar no albergue.

– Jimmy, eu quero algo de você.

O menino sorriu. – Claro! Precisa que eu acompanhe a senhora DeRossi e Antony em algum lugar?

Lucca o encarou por alguns segundos. – Você vai me mostrar sua gratidão Jimmy. A mim e a Família.

O garoto novamente passou seus olhos por nós e engoliu em seco. – Eu... tudo bem, senhor.

Eu tinha que admitir sua coragem. Ele claramente tremia, mas ainda assim não fugiu.

– Eu preciso falar com um homem. E você vai me colocar em uma ligação com ele até amanhã.

Jimmy voltou a sorrir, achando que era fácil apenas discar um número qualquer. Como algum tipo de secretário. – Posso fazer isso. O senhor tem o número dele?

– Não Jimmy, eu não tenho. Mas você vai consegui-lo para mim.

Jimmy assentiu e pegou a caneta que Lucca jogou para ele. – Pode falar o nome dele?

– Roman Zirkov.

Eu pisquei. Jimmy arregalou os olhos para meu irmão e a caneta soltou de seus dedos.

– Acha que pode fazer isso?

Eu olhei para Dante, buscando qualquer indício de que fosse um teste, mas ele estava totalmente sério. Nada surpreso como eu.

– Se-senhor, eu não sei como fazer isso...

– Eu não sabia como puxar um gatilho com dez anos garoto, mas é o que me foi dito para fazer. Você quis entrar e nós demos espaço a você. Se acha que não é capaz de estar entre nós, pegue suas coisas e vá embora, o trabalho de um soldado não é só passear com a mulher do chefe por aí enquanto nossos homens guardam suas costas. – Dante respondeu num tom de voz duro, porém aparentemente calmo.

Jimmy abaixou a cabeça, mas assentiu pouco depois. – Vou fazer isso.

– Bom. Você já pode ir Jimmy. – Ele levantou, colocando sua boina de volta na cabeça e tropeçou no pé da cadeira.

Olhou envergonhado para nós. – *Mi scusi*.

Então saiu.

Eu continuei em silêncio. Estava tão envergonhado de encarar meu irmão que nem mesmo olhei para cima.

– Zirkov vai pensar que é uma armadilha. – Dante falou quebrando o silêncio.

– Ele provavelmente vai. Mas será realmente se ele for culpado.

– Se ele for? – Perguntei. Mesmo que quisesse ficar ali e apenas ouvir não podia me impedir de querer saber o que diabos estava acontecendo.

Fiquei de pé pronto para sair. – Sei que temos negócios da Família para cuidar, se é que ainda tenho um cargo aqui. Mas agora este não é o lugar que preciso estar. Ela precisa de mim, precisa ser minha prioridade agora. Então qualquer problema com Zirkov pode esperar.

Virei as costas, mas Lucca me chamou. – Você sempre tão impulsivo. Por que não senta e escuta?

Finalmente o encarei. – Porque eu preciso que ela saiba que estou lá para ela!

Lucca me analisou. – De alguma forma... Evangeline está com Zirkov.

Aquilo me calou. – Evangeline? – Dante e eu perguntamos juntos.

Lucca assentiu.

– Impossível. Ela está morta há tempos.

– Não. Nós pensamos que ela estava morta, mas aparentemente Bernardo teve dó de matá-la.

– Espere. Bernardo nos traiu? – Dante passou as mãos pelo rosto. – Isso é uma merda.

– Mas ao que tudo indica, Zirkov não estava ciente de que Anita estava lá, só soube quando a viu e mandou Evangeline devolvê-la.

– Ela estava lá? Lá onde, na Rússia?

– Na Rússia, exatamente. – Meu irmão confirmou.

– Merda Lucca, comece do começo. – Dante falou.

Nós nos sentamos e ouvimos pela próxima hora tudo o que minha esposa contou ao meu irmão, mas não disse a mim.

Cada coisa que Evangeline fez, o que os dois homens fizeram. Não só um, mas dois. Ao mesmo tempo. Eu já planejava um milhão de formas de matar a cadela. Os dois russos... eu era especialista em fazer nossos inimigos sofrerem e usaria neles cada forma dolorosa de tortura que conhecia.

– Ela me contou tudo isso, mas com uma condição.

– E qual é? – Rosnei.

– Que eu a deixasse assistir os dois morrerem e permita que ela tenha sua vingança com Evangeline.

Eu fechei meus olhos. Nunca era um bom sinal quando toda a raiva dela se concentrava na vingança. Eu já quis me vingar, tantas e tantas vezes. E sempre fiz. Sem remorso, sem arrependimentos. Mas quem garantiria que com ela seria assim também?

Ela estava ferida agora, furiosa. Mas e quando passasse e ela pudesse enxergar com clareza?

Eu dei um soco na mesa, jogando tudo o que tinha em cima para o chão.

– Luigi. – Dante chamou.

Mas eu não queria ouvir nada do que ele tinha para dizer. Minha cabeça começou a criar o cenário do que ela tinha passado. Evangeline a humilhando, a rebaixando e a machucando. Mandando dois homens a violentarem. E eu não estava lá.

Mais uma vez ela sofreu por minha culpa. Porque além de tê-la deixado desprotegida, eu fui o motivo daquela louca sequestrar minha mulher.

Eu queria machucar alguém. De preferência, um dos três. Mas como estavam longe de mim, ferir aquele que traiu a família e sua própria irmã seria o suficiente.

Com este pensamento eu deixei meus irmãos para trás, pegando a chave do carro que viemos e assumindo o volante. Não esperaria qualquer um para me parar. É claro que meus irmãos iriam atrás de mim, mas não me impediriam.

Eu dirigi tão rápido quanto pude e só parei quando estacionei na frente da grande casa dos Bonucci.

Sai do carro, deixando a porta aberta e a chave na ignição, empurrei o soldado que guardava a porta e a forcei. Até meus ombros doerem. O barulho dos carros freando na entrada não me preocupou. Eram provavelmente Lucca e Dante querendo garantir que eu não mataria Bernardo antes de conseguirem informações.

Eu fui direto para os fundos, encontrando um soldado na cozinha. – Onde está Bernardo?

O homem olhou para os lados e atrás de mim. – No escritório do segundo andar, senhor.

Eu não perdi tempo. Minhas mãos já latejavam para sentir seu sangue. Adrenalina batendo forte.

Pulsando.

Eu abri a porta com tudo, a fazendo bater contra a parede, mas ele aparentemente ouviu o barulho lá em baixo, pois já aguardava com a arma levantada. Quando me viu franziu a testa e colocou o metal em cima da mesa. Imbecil. Mal sabia que deveria tê-la segurado.

Eu fui sem dó para cima dele, dando o primeiro soco. Ele estava tão surpreso que tropeçou para trás, colidindo com a parede.

– Mas que diabos...

Eu bati de novo. Não lhe dando tempo de falar.

– Luigi! Porra...

Segurei sua camisa, o pressionando contra a parede. Nossos olhos alinhados, na mesma altura. O sangue escorrendo da boca.

– *Consigliere* para você, traidor!

Ele empalideceu. Deixando as mãos caírem do lado e abaixou a cabeça.

– Você não vai sequer tentar negar, não é? Fraco como você é, prefere desistir da própria vida do que ser homem e lutar.

– Vocês vão me sentenciar de qualquer forma.

– Sim nós vamos, mas será bem pior. Porque você deveria tê-la matado, se tivesse feito isso ela jamais voltaria e machucaria sua irmã da forma que fez.

Ele arregalou os olhos. – Fo-foi ela? Evangeline fez isso?

– Fez o que? Torturou sua irmã? Mandou que a estupassem e quase a matou? Sim, ela fez. A mulher que você deixou livre quando deveria ter enterrado!

Ele fechou os olhos. – Ela jurou que ia mudar, que queria sair da máfia para ter uma vida normal. O que queria que eu tivesse feito? É uma mulher sozinha e chorava mais do que falava, e...

Eu fiquei mais revoltado do que já estava. – Sim, eu vi sua mudança hoje marcada no rosto da minha esposa.

Ele abriu a boca, mas não queria ouvi-lo mais. Envolvi minhas mãos em torno de seu pescoço e apertei. – Você não é digno do juramento. Merece pagar com a sua vida de merda pela sua traição e mesmo isso não faria jus a sua dívida.

Eu começava a ver as veias do pescoço dele saltando, os olhos ficando vermelhos, a pele branca se enchendo com um tom de morte. E nada me faria mais feliz do que tirar sua vida. Eu queria apertar meus dedos mais forte em torno de sua garganta, ver seus olhos perderem o foco e sentir o cheiro do cadáver encher a sala.

Mas eu tinha feito isso o suficiente para saber que me arrependeria. Me arrependeria de lhe dar uma sentença tão rápida. A morte seria fácil demais. Eu queria que ele vivesse e sentisse a pior dor cada vez que olhasse para o que foi feito a Anita. O que ele fez a ela. Eu viveria para tornar a existência do homem a minha frente uma miséria. Faria ele sentir vergonha de si mesmo a cada dia. Sua traição foi o menor dos males, mas o que as consequências disso trouxe a minha menina seria irreversível.

Dor e culpa me apunhalaram enquanto eu encarava o meu bom *amigo*. Vendo nos olhos dele o mesmo que estava no meu. Nossas escolhas tinham levado a isso.

Ele sendo um fraco, preferindo deixar uma traidora viver apenas por ela ser mulher e sua honra estúpida o impedia de feri-la e eu por ter errado e continuado batendo no mesmo erro até ser tarde demais.

Ele olhou nos meus olhos e sussurrou com a voz fraca. – Não se atreva a parar.

Sua voz era puro desespero. Ele queria aquilo. Queria morrer e ficar livre da culpa que o estava consumindo. Mas eu não me importei, porque queria vê-lo quebrado. O infeliz faria a porra do meu dia cada vez que um pedaço da sua alma fosse perdida para o inferno.

– Você não merece morrer. Não tão fácil assim, nem toda tortura seria o suficiente para pagar o que você fez.

Eu o soltei. Imediatamente seu corpo caiu no chão aos meus pés. – Luigi...

Eu joguei meu punho contra seu rosto. – Você vai viver e eu vou ter certeza que cada minuto seja uma prévia do inferno. Porque não duvide, você vai pra lá.

Não podia mais olhar para ele.

Virei as costas para os homens na sala e caminhei para fora. Precisava de um tempo de toda aquela merda.

Eu sabia que muito em breve, o inferno ia estar descendo sobre a terra, e eu não pouparia um fio de cabelo de quem a prejudicou.

De quem ousou tocar a minha menina.

Capítulo 29

ANITA DEROSI

*"Sua alma está me assombrando
e me dizendo que tudo está bem.
Mas eu queria estar morta."
Lana Del Rey - My Best Days*

– Quando posso sair daqui? – Eu perguntei a Alessa depois de engolir a última fatia do bolo de chocolate.

– Hm... Eu tenho pensado em tornar sua estadia permanente. A nossa, na verdade.

– Nem no inferno. – Joguei o guardanapo amassado nela.

Ela sorriu. – Eu sei, tentar prender você aqui é quase pedir para ser assassinada, mas não posso evitar. Fazia tanto tempo que não ficávamos mais juntas assim.

Dei de ombros. – A culpa não é minha se você não tem tempo para sua outra metade.

Ela me deu uma expressão chocada falsa. – Sua ingrata! Não mereço seu perdão depois de ter contrabandeado bolos e doces todos os dias pra você desde que acordou?

Eu tive que sorrir. Minha irmã estava sendo tão maravilhosa. Não houve um momento que eu acordei e ela não estava comigo naquele quarto.

Ela não me fez perguntas, não me pressionou para falar, apenas ficou comigo, me ajudou a comer, a tomar banho e fazer qualquer coisa que precisasse.

Inclusive, não me tratou diferente apenas por conta de tudo o que houve. Até mesmo brigou comigo porque gritei com uma enfermeira, mas estava gritando com a mesma minutos depois, ao perceber que a mulher me encarava com uma óbvia expressão de "que merda aconteceu com seu rosto?". Aquilo claramente me fez pensar em como seria quando eu estivesse fora do hospital.

Dentro daquele quarto quem me viu foi apenas Lessa, Lucca e Luigi, fora a equipe dos médicos.

Mas do lado de fora, em casa, na Família... seria absolutamente diferente.

Abriela tinha ido me visitar e eu fingi estar dormindo. Podia ser egoísta e infantil da minha parte, mas não estava preparada para vê-la ainda. Ela ficou pouco tempo. Antony tinha uma série

de exames para fazer, pois estava cada vez pior. Parte minha quis abrir os olhos na hora e abraçá-la e depois obrigar alguém a levar o meu bebê até mim. Mas como eu podia sequer segurar Tony depois do que fiz a minha filha, depois do que pensei sobre ela... por *Dio*. Eu não podia nem pensar nela que me sentia desestruturada.

Minha irmã mais nova ainda saiu dizendo a Lessa que pedisse desculpas a mim em nome dela, porque não podia me esperar acordar. E eu apenas a ouvindo o tempo todo.

Aquilo me fez também entender Luigi. O porquê de ele amá-la tanto a ponto de se casar comigo. Abriela era incrível. Se eu fosse homem também me apaixonaria por ela, sem dúvidas disso. Evitá-la agora era terrível, mas abrir os olhos e encarar aquela situação tão cedo... Não estava preparada. Não ainda.

E nem sabia se um dia estaria.

Alessa colocou nossas bolsas nos ombros e chegou perto, me ajudando a sair da cama. – Quem vai nos levar? – Perguntei, torcendo para que não fosse Luigi.

– Até a porta do hospital, eu. Até sua casa... – Ela mordeu o lábio, desviando o olhar de mim.

– O que é? – Ela ainda não falou nada, só balançou a cabeça e saiu do quarto, voltando minutos depois com uma cadeira de rodas.

Eu já comecei a negar. – Não! Nem sequer pense nisso!

– Anita não comece! Eu não aguento te carregar até o carro.

– Eu tenho duas coisas chamadas de pernas! E elas podem me levar a qualquer lugar! – Reclamei já levantando da cama.

– Mas você não está forte o suficiente pra sair andando por aí!

– Eu não vou nessa coisa, porra!

– Pessoas usam cadeiras de rodas Anita, é comum e muito normal!

– Eu sei que é, mas não vou usar!

– Não é nenhuma vergonha admitir que está machucada irmã, por *Dio*, é só até o carro!

– Eu não quero que ele me veja assim! Não vou dar a ele a chance de ver o quanto me machucou! – Gritei, admitindo que o real motivo de não querer depender de uma cadeira de rodas para sair do hospital não era por vergonha, mas sim por odiar a ideia de ele me ver como uma debilitada.

Eu não precisava do olhar de pena que me deu dias atrás.

No meio da discussão houve uma batida na porta. – O que é? – Alessa gritou sem tirar os olhos de mim.

Sem resposta, a porta foi aberta e Dante apareceu. – Está tudo bem?

Eu me escorei na cama. – Por que você não vai cuidar das suas coisas?

Ele nem se abalou. – O hospital todo está ouvindo a gritaria de vocês. Se tiver como serem discretas pelo menos nesse ambiente, eles agradecem.

Minha irmã levantou uma sobrancelha um minuto antes de caminhar até a porta e colocar a mão sobre ela. – Foda-se! – E bateu a porta de madeira na cara dele.

Foi questão de segundos em que eu comecei a rir. Lessa revirou os olhos e empurrou a cadeira para a parede de volta. – Sua grosseria contamina as pessoas. – Resmungou.

– A minha grosseria? – Perguntei, a seguindo para a porta.

– Sim, eu sou fina e educada, passar esses dias com você fez o meu nível de estresse subir a ponto de desrespeitar o subchefe da Família.

Eu ri mais uma vez. – Como se você desse a mínima pra isso. Qual é Lessa, eu aprendi a ser azeda assim com você.

Ela fechou a porta atrás de nós. – Cale a boca. – Passamos pelo corredor e tudo que eu quis foi voltar pra dentro. O lugar estava bloqueado pelos enormes soldados da Família.

De canto a canto havia um e Dante nos esperava na porta do elevador.

Eu girei meus olhos pelo lugar novamente, mas ele não estava lá. O que não me surpreendeu. Porque ele perderia seu precioso tempo com a esposa que para início de conversa, nunca quis? Nós três entramos no elevador e seguimos em silêncio. A caixa descia numa lentidão agonizante, e o aperto de minha irmã nas minhas mãos era mais e mais forte.

Dante não disse nada sobre sua explosão minutos atrás, mas ela parecia tensa.

Quando descemos no térreo, minha cabeça foi se envolvendo na realização de que tinha chegado a hora. Ia começar tudo de novo, mas ... pior dessa vez.

Dante abriu a porta do carro para mim e Nino tomou o volante, me esperando.

Alessa se colocou a minha frente. Ela me deu um beijo na bochecha e um abraço forte. – Eu pensei que Luigi viria te buscar, mas sei que ele vai levá-la em segurança.

– Não quer ir pra lá agora?

Ela balançou a cabeça. – Eu preciso cuidar de uma situação irmã, mas vou te visitar esta noite. Além disso, você não enjoou de me ver?

Eu fingi estar pensativa. – Tem razão, não aguento olhar nem mais um minuto pra sua fuça.

Ela sorriu. – Você ama olhar esse meu rosto bonito. – Logo em seguida seus olhos encheram de arrependimento. – Eu sinto muito, nem sequer pensei antes de falar, eu...

Eu a abracei para fazê-la parar de falar. – Eu sei disso. Vou descansar um pouco, mas nos falamos mais tarde. *Va bene?*

Ela assentiu e se afastou, mas continuou parada enquanto o carro seguia. Depois, virou para falar com Dante.

Comecei a observar as ruas e o tempo todo meu único pensamento era que eu finalmente estava indo para casa. Tirar o sorriso do rosto e parar de fingir que tudo estava bem quando eu sentia que caia mais fundo a cada respiração.

Eu não demorei para descobrir que estávamos indo até a casa dos DeRossi.

Torci para não encontrar Thom e nem Giorgia.

Ele tornaria o meu inferno pior do que já estava e ela provavelmente me faria chorar lágrimas que eu não queria que ninguém visse.

Nino jogou a chave sobre a mesa da entrada e se virou para mim. – Eu vou ver se eles acabaram a reunião e avisar Luigi que a senhora está pronta para ir.

Relutantemente eu assenti. Ele ia voltar a andar, mas parou e estudou meu rosto antes. – Senhora, vai ficar bem?

Engolindo em seco, eu confirmei mais uma vez. – Vou apenas tomar uma água.

– Posso pedir a alguém que lhe traga.

– Pode ir fazer suas coisas Nino, vou ficar bem.

Ele assentiu sem dizer mais nada. Quando ele me deu as costas eu suspirei e segui mais para dentro da casa. Estava prestes a virar o corredor quando alguém segurou meu braço. O medo cortante de que alguém tivesse entrado e fosse me machucar de novo me cegou por completo. Meus olhos fechados e a boca aberta pronta para gritar, respirei fundo e parei.

Eu conhecia aquele cheiro.

Lentamente minha mente foi clareando, o coração ainda acelerado de medo, mas consegui abrir os olhos e encarar o homem a minha frente. Um que eu realmente esperava não ter que ver em um longo tempo, não e principalmente agora. Não assim. Ele tinha sua atenção totalmente no meu rosto, observando a criatura que eu havia me tornado.

E mesmo com a roupa eu me senti mais exposta do que nunca.

Ele não tinha mais aqueles olhos quentes e acolhedores, mas um de pura malícia, maldoso e

acusatório. Eu mal reconheci o bom advogado aparentemente gentil e bondoso que conheci. Um sentimento de puro terror me dominou enquanto ele estudava os pontos na minha pele.

– Solte-me. – Eu pedi sem forçar gentilezas.

Ele engoliu em seco e franziu o nariz. – Não vai acontecer. Não agora que estamos sozinhos e você finalmente pode me ouvir.

Puxei meu braço mais uma vez. – Não tenho nada para ouvir de você Alessio.

Ele me encostou na parede com brutalidade, fazendo a dor no meu corpo que estava sentindo voltar com tudo. – Qual o problema? Antes você não se importava de perder seu precioso tempo comigo.

– Você falou certo, antes, agora me solte ou vou enfiar meu joelho entre as suas pernas e te tornar estéril.

– Muito apressada para encontrar seu maridinho?

– Apenas com pressa de ficar longe de você e suas mentiras.

– Minhas mentiras? Você não tem vergonha, não é?

– Apenas um pouco. – Respondi irônica, tentando buscar um pouco da ousadia que eu carregava em mim.

Mas ele me pegou em um momento tão desprevenida, tão sem defesas.

Ele apertou meu braço mais forte. – Eu me apaixonei por você só para descobrir a vagabunda que é!

– Isso não parece paixão para mim. Você é igual todos esses homens, não duvido que seja pior.

Ele ficou com mais raiva ainda. – Ainda bem que eu não levei nada a diante com você. Além de não valer o chão que pisa, ainda está deformada. Toda sua beleza foi embora, o que sobra agora?

Eu não consegui respondê-lo. Suas palavras me acertavam de forma certa.

– Sua boca atrevida não funciona agora, não é? Nem mesmo seu marido estúpido ia me impedir de te dizer umas verdades, mesmo que ele tentasse.

– O que? – Sussurrei.

Os olhos dele brilharam. – Ah, ele não contou? Fui ameaçado mais uma vez, por sua causa. Por estar cego por você.

– Por minha causa? Eu não tenho nada a ver com os negócios da Família!

– Isso não se trata de negócios dessa Família. Eu estou indo embora, mas queria ver você

antes de ir.

– Você é o mais mentiroso entre todos que conheço Alessio.

– Eu? Eu nunca menti para você, você fez isso comigo. Mas agora que sei da sua índole, porque não vamos no quartinho dos fundos dessa bela casa e eu vou te dar o que você tanto queria quando estávamos juntos? Você não vai nem precisar tapar o rosto, eu sempre quis saber como a bela se sentia em transar com a fera e parece que vou descobrir agora.

Eu estava tão chocada que não consegui nem mesmo responder e num piscar de olhos ele estava longe de mim, sendo arremessado a frente e um Luigi descontrolado estava sobre ele.

– Então que tal se eu apresentar a fera a você?

Nino apareceu com a arma em mãos, Lucca logo em seguida e com um olhar para mim, todos pareciam saber o que tinha acontecido.

– Eu lhe disse para ficar longe dela! – Luigi rugiu, segurando a camisa de Alessio e soltando seu punho no rosto dele.

– Ela precisava ouvir a vagab... – Ele não terminou de falar, pois no meio da palavra Luigi enfiou uma faca no pescoço dele.

Assim, simples e rápido. Sem maiores discussões, sem dar-lhe uma chance de brigar. Ele apenas foi o animal que era e assassinou um homem a olho nu. De forma suja e crua.

Eu não vi nada além do sangue que espirrava em sua camisa branca, as mãos ensopadas do vermelho mais vivo que existia e quando ele me olhou, havia respingos em sua mandíbula e pescoço. Eu ofeguei com a visão, dando alguns passos atrás até me chocar contra a parede. O corpo de Alessio se debateu por alguns minutos antes de finalmente parar e parecia que eu tinha estado ali a minha vida toda. Observando aquela cena se repetir e passar em câmera lenta.

Luigi abaixou os olhos, levando-os longe de mim. – A leve para a casa Nino.

Ninguém além do soldado dele se mexeu. Eu fui levada ao carro de forma automática. Sentindo tudo e nada ao mesmo tempo. Perguntando-me se tinha sido real. Aquilo realmente aconteceu?

Nas histórias eles não contavam aquela parte. Por que eu não estava gritando?

Correndo para longe daquilo mesmo que fossem disparados milhares de balas em minhas costas? Passei a mão para enxugar minhas lágrimas, mas parei. Pois percebi que não haviam.

Naquele momento eu perguntei a mim mesma, que tipo de pessoa vê outra ser assassinada a sangue frio e não tem um colapso, uma crise de histérica ou pelo menos chorar?

Eu tinha minha resposta minutos depois. O tipo de pessoa que está corrompida. Porque afinal, é impossível viver do pecado e impedir que ele faça parte de você.

O mal já estava cravado profundamente em minha pele.

Capítulo 30

*"Escolha suas últimas palavras,
esta é a última vez.
Porque você e eu, nascemos para morrer."
Lana Del Rey - Born To Die*

Algumas semanas tinham se passado e eu continuava da mesma forma, como não podia ser diferente, encontrei na bebida uma companheira e aos poucos ela se tornou minha melhor amiga. Minhas irmãs passaram a ser algo que eu evitava. Sentia-me vazia. Luigi não parecia fazer questão de ficar por perto e eu não me incomodei em pedir. Quando chegava em casa, eu corria para o quarto e me enfiava debaixo das cobertas, fingia sempre estar dormindo. Nós não trocamos uma palavra sequer desde que tudo aconteceu.

Desde o meu sequestro até o que ele fez a Alessio. Ele claramente não se importava, podia pegar uma foto da minha irmã pra continuar venerando ela, não deixaria que me usasse mais.

Talvez eu tivesse finalmente perdido a graça para ele. Não o culpava, porém. Até eu deixei de ver algo interessante em mim.

Quando Evangeline enfiou aquela faca no meu rosto, ela não marcou apenas a minha pele, mas a minha alma também.

Ela arrancou a chance que minha pequena bebê tinha de viver. Uma hora seu coração estava batendo e ela crescia dentro de mim, e na outra... já não existia mais. A dor no meu coração crescia mais forte a cada dia e eu não podia deixar de pensar em como seria se tudo fosse diferente. Será que se não tivesse ouvido aquela conversa de Luigi com seus irmãos, eu teria simplesmente esperado pelo soldado para me levar até o carro e me deixar em casa, então contaria para ele como estava planejando? E o que nós faríamos a seguir? Planos?

Estávamos nos dando tão bem e de repente... tudo desmoronou.

Dizem que quando morremos se formos bons, vamos para o céu. Eu nunca acreditei nisso, mas esperava com todo o meu coração que fosse verdade, porque não queria nada mais do que o céu para o meu bebê. Quão estúpida eu parecia por chorar por alguém que nem mesmo nasceu? Ela sequer existiu... certo?

Como será que aquela pequena parte de mim se sentia? O pensamento fazia com que uma dor alucinante crescesse em mim. Ela sabia que eu não a quis?

– Oh Deus... – Eu chorei com o pensamento.

Eu quis você depois, meu amor. Eu juro que quando cai em mim que você era uma parte minha, eu te amei. Talvez da minha forma deturbada, confusa, mas amei.

Eu teria sido boa para ela. Se ela veio parar dentro de mim, com tantas mulheres por aí, é porque eu aprenderia a ser boa para ela, certo?

Oh meu Deus... quem eu queria enganar?

Nunca tinha sido boa para qualquer coisa. Não consegui nem mesmo lutar pela minha filha.

Eu pensava que viagens, roupas e sapatos caros, joias e o meu rosto bonito eram presentes divinos, mas estava tão enganada. Não haveria nada, nunca, que teria sido melhor do que segurá-la. Eu a escolheria sem pensar duas vezes. Ficar com as lembranças boas dela me chutando, não me deixando dormir, me enjoando e me impedindo de comer o que eu gostava e tê-la no meu coração como o mais bonito e rápido presente que recebi.

Minha maior esperança era que onde quer que ela estivesse, houvesse alguém que cuidasse dela melhor do que eu fui capaz de cuidar.

Eu pensava que tinha conhecido o amor antes dela. Doce engano.

– Me perdoe por ter falhado com você bebê, que você esteja bem, mesmo longe de mim. – Sussurrei.

Levantei meio trêmula da cama e caminhei para o escritório dele. De cara eu vi a garrafa que me aguardava dessa vez. Não perdi tempo em tirar a tampa e tomar um gole do Jack.

O reflexo do meu rosto no vidro não me assustou tanto quanto fazia no começo. Nos primeiros dias tinha sido insuportável a dor pela sensibilidade da pele marcada e saber que aquela era minha nova eu. Joguei mais um pouco da bebida para dentro, ainda encarando a mim mesma. Porque naquele momento, aquela garrafa era a única coisa que podia me fazer esquecer a culpa esmagadora e a dor enraizada no meu coração.

Pelo menos por algum tempo.

LUIGI DEROSI

Dois meses.

Dois fodidos meses que eu enfiei a cabeça no meu próprio rabo e passei a sair de casa mais cedo e voltar mais tarde, só para não vê-la.

Sabia que precisava sentar com ela como dois adultos e explicar tudo o que tinha acontecido. Mas olhar em seus olhos e ver a acusação, ter que assistir todo o ódio que ela ia dirigir

a mim era demais. Eu era um covarde por ignorar meus problemas. Problemas que eu mesmo causei e não tinha forças para resolver.

Existe uma palavra que defina a situação melhor do que "fodido"?

Pois bem, eu estava fodido. Quebrei ela e me quebrei no processo.

Por minha culpa ela foi levada, machucada, torturada, abusada... estuprada. Coloquei a cabeça entre as mãos e deixei um suspiro profundo escapar. Estava tão arrependido.

Perdi a conta de quantas vezes quis puxá-la em meus braços e pedir a ela para comer apenas mais um pouco, pois estava perdendo peso. Dizer a ela que não deveria tê-la usado da forma como fiz. Que estava arrependido de ter levado sua virgindade daquele jeito. De cada vez que duvidei dela, que a descartei como se fosse nada.

Queria dizer que eu não amava sua irmã. Porra, não! Nem de perto.

Eu finalmente podia ver que o que eu pensava que sentia pela minha cunhada nada mais era do que uma ilusão. Eu nunca tinha amado uma mulher, ou sentido qualquer coisa diferente de tesão ou o amor, além da minha mãe. Então confundir afeto e instinto protetor com amor ou paixão tinha sido tão fácil. Cai como um tolo na minha própria armadilha.

Quando Anita foi para o hospital e eu vi Abriela, não senti nada. Não... na verdade, eu senti sim. Raiva. Raiva de mim, delas e principalmente de seus pais por fazê-las tão parecidas. Porque foi aí que eu cai.

Foi colocado diante de mim uma beleza rara, que eu precisava abrir além dos olhos, mas o coração para ver que existia mais do que aquela fachada. E eu a desvalorizei a cada chance possível.

Ela nunca me perdoaria.

Alessa veio em passos lentos e decididos em minha direção. Eu tinha me perguntado muitas vezes ao longo das semanas quanto tempo aquilo demoraria para acontecer. Quando ela finalmente me procuraria, gritaria e me culparia pelo o que sua irmã estava passando. E eu não tirava sua razão.

Alessa tinha um olhar determinado em seu rosto, deixando claro para mim que não importava o que, mas ela estava ali para falar e eu teria que ouvir.

Instintivamente fiquei tenso, esperando o que estava por vir. Um tapa? Um tiro talvez? Isso eu aguentava. Mas não podia negar que o medo de que sua intenção fosse me afastar de Anita era maior do que qualquer preocupação física. A violência eu podia aguentar, mas deixar que meu pouco ar fosse tirado de mim... definitivamente não.

Nós nos encaramos pelo o que pareceu uma eternidade quando ela parou de frente para mim. Nem um sinal do que estava pensando passou por sua expressão. Então ela se sentou. Não na cadeira a minha frente, mas no sofá, bem do meu lado.

A proximidade calma dela foi estranha. Ela era imprevisível.

Nós não falamos nada. Eu não falei nada. Mas sabíamos que viria, sendo ela a começar, ou eu. Meus olhos estavam treinados a minha frente, mas anos de treinamento me deixaram apto a saber o que uma pessoa próxima de mim estava fazendo sem ter que diretamente olhá-la. E o que mais me assustou, foi o quão calma ela parecia.

Estava começando a me perguntar se ela estava esperando que eu dissesse algo quando falou.

– Anita apanhou de papai no dia seguinte do nosso aniversário de onze anos.

Aquilo me surpreendeu. Que ela tivesse resolvido começar aquela conversa com algo tão pessoal delas, mas continuei ouvindo.

– Já passava do meio-dia e eu não conseguia levantar da cama. Tinha sido uma noite... difícil, pra dizer o mínimo. Não recebi o presente que uma garota que está prestes a completar onze anos deseja. E ela ficou no meu quarto enquanto eu chorava o dia todo. Eu dormi em algum momento, mas ela ficou acordada. A exaustão de ter se privado de sono a pegou no dia seguinte, no meio da nossa festa. Ela dormiu e papai achou que aquilo era deselegante com os convidados. Foi o primeiro castigo que ela teve. – Ela balançou a cabeça. – Durante as semanas antes do tão esperado dia, nós fizemos uma lista com o que queríamos de presente. Você sabe o que minha irmã mais quis durante toda a vida dela, mesmo quando ainda era uma criança?

Eu engoli em seco, de repente com receio de perguntar. – O que?

– Liberdade. Simplesmente ser livre. – Alessa sorriu e uma lágrima caiu de seus olhos. – Ela tinha pôsteres dos lugares que queria conhecer nas paredes do quarto quando era mais nova. Guardava tudo e qualquer lembrança de viagens que seus poucos amigos faziam e traziam para ela. Ela tinha certeza que algum dia poderia ir visitar cada lugar da lista, cada cidade colada na parede.

– Alessa...

– Mas isso foi tirado dela. Nós não podíamos nem mesmo ter uma bicicleta, porque isso significava ter controle sobre algo e nós éramos meninas da máfia, feitas para ser controladas e não ter controle. – Ela respirou fundo antes de prosseguir. – Nós tínhamos duas opções. Lutar ou aceitar. Enquanto eu e Ella fomos pelo lado mais fácil, Anita escolheu ser forte. Apanhou, foi humilhada, teve mais castigos do que podemos contar e quando se viu livre dos comandos do nosso pai, foi apenas porque você a aprisionou novamente. Ela só quer ser feliz Luigi e você não pôde dar isso a ela, nunca deu.

– Ela nunca vai me olhar como olhava antes.

Alessa olhou para longe. – O que ela viveu... isso não se supera, sabe? Ela vai acordar todos os dias e pensar naquilo de novo e de novo. Ela teve seu corpo violado, sua identidade arrancada da forma mais brutal que existe, Luigi. É uma marca pra vida toda. Mas com o tempo fica mais fácil, um passo de cada vez. Sobrevivendo.

Franzi a testa. – Alessa, ela te disse que se sente assim?

– Não, ela não disse. – Respondeu ainda olhando através da janela, distraída.

– Então como você...

– Não é importante. O foco aqui é minha irmã. Você sabe como é difícil vê-la se perder cada dia mais? Eu não vejo seu sorriso e não ouço aquela risada desde que voltou.

– Eu sei. – Respondi a contragosto.

– Eu poderia ajudá-la, Luigi. Fugir com ela, ou deixá-la ir embora e...

– Haveriam consequências. – Interrompi de modo mais duro do que queria.

Ela bufou. – Para mim? Acha que me importo com isso quando minha outra metade está morrendo por dentro?

Fiquei de pé, indo para a janela e deixando minhas mãos descansarem lá. – Não posso deixá-la, eu... não posso deixá-la ir embora.

Eu ouvi seu suspiro surpreso. – Luigi... – Sussurrou.

– É o suficiente, Alessa. Vou pedir a Nino para acompanhá-la de volta a sua casa.

Eu não a olhei, não tive coragem. Peguei meu celular na mesa pronto para discar o número do soldado. Qualquer um, apenas para tirá-la de lá e me deixar esquecer tudo o que me disse.

– Eu falhei com ela e nunca vou me perdoar por isso. Assumo minha culpa, eu deveria tê-la salvado de você, dessa vida quando ainda era tempo. Você não pode entender que ela não foi feita para estar onde não quer estar? Ela é um espírito livre, Luigi. Um pássaro. O que acontece quando você corta as asas de uma ave?

Eu fechei os olhos, querendo bloquear tudo o que ela dizia.

– Você é egoísta. É um homem sem escrúpulos, Luigi. Você machucou uma das pessoas que eu mais amo no mundo todo. Eu sempre pensei que exageravam quando diziam que você era ruim. Mas agora vejo que por trás dessa fachada de bom moço há um monstro. Você é muito pior que seu irmão, ele pelo menos mostra o que é de verdade.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, o som dos sapatos dela deixando a sala me impediram. E de qualquer forma, o que eu teria pra falar depois daquilo?

Eu tinha um aperto de aço no telefone, ficando mais forte a cada eco de suas palavras na minha cabeça. Rodando e rodando me fazendo pensar em cada pequena parte da conversa.

"O que acontece com o pássaro quando você corta a asa dele?"

Servi-me de uma dose e joguei para dentro.

"Você não pode entender que ela não foi feita para estar onde não quer estar?"

Sim, eu podia entender. Estava vivendo aquilo. Ela mal queria olhar para mim, imagina estar comigo.

"quando se viu livre dos comandos do nosso pai, foi apenas porque você a aprisionou novamente"

Eu me sentei, deixando a bebida subir e fazer seu efeito calmante. Mas minutos depois parecia que nem meu mais antigo whisky era capaz de me distrair.

Eu estava a ponto de ajoelhar e rezar pela primeira vez na vida, apenas pedindo que de algum lugar viesse uma luz. Uma ideia, algo que me dissesse como conquistá-la novamente.

Como fazê-la me perdoar e nos dar mais uma chance, porque não havia nenhuma maneira de eu deixá-la ir embora. Eu precisava dela.

Comigo, do meu lado, sendo minha por todo tempo que nos fosse dado juntos.

Ela não ia embora, e estava prestes a saber disso.

Eu fui direto para casa. Mal esperei Nino entrar na carona, fui dirigindo eu mesmo.

Ela precisava de mim. Precisava de mim para entender que éramos bons juntos. Que podíamos ser, se nos deixássemos.

O apartamento estava silencioso como sempre. Eu tive que aprender a lidar com a falta da música irritante, o cheiro de comida queimada, de esmalte, vê-la dançando em qualquer lugar e os pares de sapatos em todo canto.

Respirei fundo e fechei a porta atrás de mim. – Anita? – Chamei.

Não houve resposta então fui direto para o quarto. Onde ela geralmente começou a ficar constantemente. Sempre deitada, sempre dormindo. Mas hoje não foi essa a cena que me cumprimentou. Ela estava sentada em frente ao espelho, uma garrafa de whisky presa nos lábios e olhos fundos.

Eu levantei uma sobrancelha.

– Isso é o que você faz quando saio de casa? Bebe até cair?

Ela bufou, e foi decadente ver como saliva escorreu em seu queixo. – O que seria mais agradável pra você, marido? Quer que eu me deite e fique de pernas abertas? Sinto muito, mas... Já tive o suficiente de homens entrando em mim para a vida toda.

Eu vacilei para trás com a agressividade de suas palavras. Mesmo bêbada como estava, ela ainda pingava sarcasmo de sua boca.

E me perguntei o quão doía para ela dizer aquilo.

Ela tinha que saber que eu não queria fazer sexo com ela. Não pretendia deixar meu pau em qualquer lugar perto por quanto tempo fosse necessário. E se ela nunca se recuperasse... eu ainda estaria lá.

Puxei uma longa respiração e me aproximei dela. – Vou ajudá-la a tomar um banho e tirar um cochilo, está bem?

Ela jogou a cabeça para trás e riu. Uma risada forte e amarga. Acabou comigo vê-la daquele jeito.

Eu sabia bem que se esconder na bebida era mais fácil do que enfrentar os problemas, mas ela não sabia. Tudo em sua cabeça estaria leve agora. Um lindo mundo de fantasias que a bebida construía em sua mente.

Sua única saída.

– Você é o que agora? Um bom samaritano querendo me curar da bebedeira? – Perguntou enrolando a frase.

Olhei para baixo. – Só quero que você não se sinta mal.

Eu ouvi o silêncio pouco depois do som da garrafa quebrando na parede soar.

– Me sentir mal? Você não quer que eu me sinta mal?

Finalmente olhei para cima, de volta pra ela. Sua mão esquerda levantou e a primeira coisa que percebi foi uma tesoura fina e pontuda entre os dedos.

Dei um passo à frente. – Anita.

Ela apontou para mim. – Fique exatamente onde está.

Eu paralisei. Muito atento em cada movimento seu, a esperança de que ela não tenha chegado ao ponto de querer se machucar gritando dentro de mim.

Ela envolveu os longos cabelos nos dedos e suspirou. – Como acha que me senti quando soube que estava praticamente toda noite comigo e planejando se casar com Isabela? Como será que me senti Luigi, quando soube que eu era nada mais que uma substituta pra alguém que você não poderia ter? Quão mal eu fiquei quando ouvi você e Evangeline no banheiro transando no dia seguinte de ter tirado minha virgindade?

Uma lágrima escorreu dos olhos dela e pela primeira vez, eu senti vergonha de mim mesmo.

– Eu pareço minha irmã agora? – Ela passou os dedos pela cicatriz e soluçou. – Como se sente sabendo que não foi o único a me tocar Luigi? Eu finalmente sou a vagabunda que você tanto me acusou de ser, não é?

Eu fechei os olhos junto com ela quando a lâmina cortou o tufo de cabelo, tirando do ombro

até a cintura.

Ela soltou os dois juntos, os fios grossos se espalhando pelos pés dela e ali mesmo caiu.

Sentada no meio do quarto onde passamos tantas noites, onde eu a conheci e mesmo sem perceber me apaixonei por ela.

Não pelo sexo, não pelo cabelo que foi embora, não pela virgindade que eu tirei, não pelo rosto parecido com o de alguém, não pelo meu ego.

Eu assisti a minha menina quebrar na minha frente, e a única coisa que pude fazer foi abraçá-la. Seu corpo todo tremia nos meus braços, as lágrimas molhando minha blusa, os soluços enchendo o quarto, deixando aquele momento gravado e me fazendo perceber a maior burrada que fiz na minha vida.

Eu cortei as asas de um pássaro.

— Eu estava grávida. — Ela terminou como uma faca rasgando o que sobrava do meu coração.

E eu vi, que não havia nada que eu pudesse fazer para que ela me perdoasse.

Eu só podia deixar meu pássaro livre.

Eu só podia devolver suas asas, esperar que pudessem serem coladas de volta e deixar que ela voasse pra onde foi feita para pertencer.

Capítulo 31

ANITA DEROSI

“...o motivo pelo qual me mantenho firme é porque preciso fazer este buraco desaparecer.
Você é quem está em ruínas, mas eu era a única que precisava ser salva.
Porque quando você nunca vê as luzes é difícil saber quem de nós está desabando.”
Rihanna - Stay

Eu encarei o convite que minha irmã colocou nas minhas mãos e não acreditei enquanto lia as iniciais. Sem enrolar, coloquei de volta em seu colo e dei as costas a ela, voltando a cozinha onde tinha deixado meu copo.

Antes que pudesse ingerir, ela tentou tirar da minha mão, felizmente fui mais rápida.

Ela colocou as duas mãos na cintura. – Eu não iria por esse caminho irmã, já tentei e não deu certo.

Revirei os olhos. – Não queira comparar qualquer coisa que você viveu com isso. Eu passei pelo inferno, então porque não me deixa em paz de uma vez?

Ela abriu a boca, chocada. – Foda-se. Não dividi o útero com você pra aguentar essa ingratidão. Chega de comer sua própria merda, temos um evento da Família para ir e você vai linda e bela como sempre acompanhando seu marido.

Soltei uma gargalhada e bufei. – Meu marido.

– O próprio.

Dei de ombros, levando a garrafa aos lábios para mais um gole. – Meu marido que é apaixonado pela minha irmã e só se casou comigo pra poder fingir que fode com ela. Fantástico.

– O que você está dizendo?

– Exatamente isso senhorita perfeita.

– Ok, isso é o álcool falando.

– Não Alessa, não é. Eu o ouvi falando com seus irmãos. Ele é apaixonado pela Ella, eu fui só uma forma de fingir que a tinha por perto.

– Anita...

– Eu não vou, e quero ficar sozinha agora.

Ela demorou para concordar, mas parecia entender que eu queria um tempo para mim mesma. Me deu um beijo demorado na testa e segurou minhas mãos. – Ella pediu que eu avisasse quando ela poderia vir te ver.

Imediatamente balancei a cabeça. – Não estou pronta para vê-la. Nem ela e nem Antony.

Ela fechou os olhos e coçou a testa. – Tudo bem. Sabe que pode me ligar em qualquer momento, e eu vou estar aqui. Certo?

Eu assenti, ansiosa para que ela finalmente saísse e eu pudesse ficar sozinha. Entendia que queria me ajudar, três meses na fossa pareciam ser demais para ela. Imagine para mim!

Foi o tempo de a porta fechar e eu estava no escritório dele buscando mais daquilo que estava me mantendo. O infeliz parecia saber que eu faria isso, porque não havia mais nenhuma bebida em exposição como ficava antes. A única que eu tinha se foi minutos antes.

Aquela situação tinha acontecido dias atrás e eu ainda não podia acreditar que além de ter contado a ele de forma tão crua, ainda deixei que soubesse sobre a bebida e me visse daquele jeito.

Luigi não apareceu em casa. Mas também, o que eu esperava? Depois da cena que protagonizei, ele no mínimo percebeu que ficar comigo mais um tempo por paixão não valia a pena. Eu já podia vê-lo passando pela porta e me mandando fazer as malas para ir a um dos clubes. Eu seria descartada. Lutaria, é claro, mas não seria suficiente para aguentar resistir a uma ordem dele se todos concordassem.

Eu só esperava que Lucca se lembrasse de nosso acordo e não concordasse com qualquer coisa que Luigi planejava.

Eu dei a ele informações, contei tudo o que aconteceu que pudesse o ajudar a pegar o traidor e agir com a retaliação pelo o que foi feito a mim. E a única coisa que quis em troca foi ter um momento com a víbora.

Pedi a ele que não matasse Bernardo também. Ele não havia entendido no começo, mas expliquei que meu irmão tinha deixado ela livre por ser um bom homem. E Lucca me deu um rápido e simples discurso que consistia em “Não existem bons homens em nosso meio, existem fracos e seu irmão é um.”

Que seja. Ele foi bom demais pra mim desde que me lembro e eu não posso imaginar ser culpada por sua morte. Mas é claro que isso não significava que eu o perdoei.

Enquanto Abriela era doce e compassiva e Alessa era a moral e o brilho, eu era a raiva e a beleza. E eu tinha aquilo mais do que nunca no momento. Não a beleza, claramente, mas a raiva. Por isso é que eu pedi a Lucca para manter Bernardo longe de mim por enquanto. Eu não responderia pelos meus atos se o visse. Não com as marcas do que foi feito a mim ainda queimando e frescas na minha alma e pele.

Passei a mão pelos meus cabelos agora curtos e puxei uma respiração profunda. Eu nunca tinha cortado o cabelo.

Ouvi o barulho da chave na porta, e fechei tudo antes de sair do escritório dele rapidamente. Seria a primeira vez que nos veríamos desde aquele dia e é eu estava ansiosa pra saber se seria calmo como foi da última vez. Mesmo que eu não estivesse particularmente feliz de me acabar de chorar e acabar nos braços dele.

Eu o encontrei na sala de estar. Tirando o paletó e jogando junto com o celular na mesa de centro. Ele parecia cansado, eu percebi. Mas ainda assim, bonito. Ele era tão, tão bonito.

Eu estava descalça e não fiz barulho, e mesmo que parecesse impossível por estar sempre alerta, ele só se deu conta de que eu estava ali quando olhou para cima. Eu vi isso porque seu corpo ficou parado. Ele parecia nem respirar.

Olhou-me de cima a baixo, seus olhos não demonstrando nada. Arrependimento apenas, talvez. Ou era eu que estava vendo demais. Nós fitamos um ao outro sem desviar por minutos e em silêncio. Mas então, o que havia para falar?

Ele amava minha irmã, se casou comigo por conta disso, sua ex-maníaca me sequestrou, mandou me estuprarem e desfigurou meu rosto, ele matou um homem na minha frente por minha causa e eu escondi nosso filho até que não aguentava mais guardar aquilo para mim mesma.

Nós só fizemos mal um ao outro desde que conversamos pela primeira vez. Se é que aquilo podia ser chamado de conversa. Em que mundo tínhamos alguma chance?

– Você andou bebendo. – Ele disse, do nada.

– Estive, até que você resolveu dar uma de pai e tirou todo o álcool da casa.

– Você acha que isso te ajuda em algo, mas quando vê já está enfiada até o poço e seus problemas só se tornam maiores do que já são. A bebida é um veneno se for usada como escape.

Eu inclinei a cabeça para o lado. – Conheço venenos piores, Luigi. Já provei deles e sobrevivi.

Ele colocou as mãos para cima, uma expressão desesperada tomando conta do seu rosto. – Me desculpa! Está legal? Eu não sei mais o que te dizer pra que você entenda, pra que acredite no quão fodidamente arrependido eu estou! Quer que eu diga que é minha culpa? Tudo bem, é minha culpa! Eu fiz com que você saísse aquele dia, eu quebrei seu coração, usei seu corpo, e foda-se talvez eu tenha até mesmo ferrado sua mente, e...

– Eu não me importo com todas as coisas que você fez, mas eu perdi a minha filha no meio de tudo isso, Luigi! É a única coisa que importa, que eu nunca vou tê-la comigo! – Eu disse. Por mais fraca que me sentisse diante da neblina da bebida minha voz soou forte e alta.

– Filha? – Ele perguntou depois de alguns minutos.

Me virei – Você me ouviu, era uma menina.

Ele fechou os olhos e passou as mãos pelo cabelo, logo depois puxou a toalha da mesa, jogando tudo que estava em cima para o chão. – POR QUE PORRA VOCÊ NÃO ME CONTOU?

Eu pulei de susto diante da súbita explosão dele. Explicações. Eu sabia que lhe devia algumas, mas quem se importava? Eu certamente não. Mas estava tão cansada de guardar aquilo para mim. Eu sabia que era a minha dor para carregar, para levar pra sempre por ter sido tão cruel com o bebê desde o início, mas de alguma forma eu queria feri-lo também.

Eu sabia o quanto ele queria um filho e sabia que nada iria machucá-lo tanto quanto jogar aquilo na cara dele. Dizer as palavras que eu tinha guardado por tanto tempo.

A raiva me cegou mais uma vez. Mas naquele momento, não cai e chorei na frente dele, mas avancei. Batendo meus punhos sem parar em seu peito, e ele deixou. Arranhei seu rosto, pescoço, marcando cada parte visível dele e gritando as palavras com fúria ao mesmo tempo. – Porque você não merecia saber, porque você é um desgraçado, porque eu te odeio! PORQUE ELA ERA MINHA!

– SUA? ERA MINHA TAMBÉM! – Gritou, segurando meus pulsos. – Se você tivesse me dito eu teria cuidado melhor de vocês. Haveriam mais seguranças, você estaria protegida!

– Por *Dio*, agora além de ser o prêmio de consolação eu sou a bolsa que levava o seu filho. Ótimo! Vai me culpar por perdê-la também?

Ele balançou a cabeça e bateu no peito. – Era o meu direito saber Anita. Não importa o que eu fiz, não se tratava apenas de você, era o meu bebê também.

Eu engoli em seco. – Eu estava indo contar, mas agora não importa mais.

Dei as costas, mas ele me segurou novamente. – Importa para mim. Por que não me contou?

Puxei meu braço, mas o aperto dele era firme. – Você não vai fugir, não agora. Ande! Me diga por que não me falou dela?

– PORQUE EU NÃO A QUERIA, PORQUE EU NÃO IA MANTÊ-LA! – As palavras tinham um gosto amargo na minha boca. E saber o quanto elas eram verdadeiras me matava.

Com isso ele me soltou, olhando com toda atenção. – O que quer dizer?

– Você sabe o que eu quero dizer.

Ele balançou a cabeça, uma expressão incrédula no rosto. – Você não teria coragem.

– Não? Eu só não fiz porque sua amada Abriela me vigiava a cada minuto. Mas eu teria feito Luigi, só pra não ter que levar nada de você dentro de mim.

Aqueles olhos sempre tão iluminados com humor, com alegria e o mais puro fogo da paixão, me olhavam com tristeza, com angústia... com decepção. Eu podia ver que minhas palavras o machucavam. Como rasgavam cada pedaço da alma. Mas então, não foi o que ele fez comigo?

Eu estava bem em quebrar seu coração. Talvez aquela era a forma como as coisas

deveriam ter sido desde o começo. Porque o amor é bom, mas o nosso sempre foi venenoso. Ele sempre teve o cheiro da morte para mim e para o nosso azar, era a mais doce fragrância que já senti.

Dei alguns passos em sua direção, até estar frente a frente com ele. – Eu teria feito Luigi, só pra te machucar. Assim como você me machucou.

Seus olhos de repente mudaram e a tristeza que eu via lá não estava mais. Em seu lugar era a expressão do mafioso que todos conheciam. Do homem mau e sem piedade que andava por aí torturando e matando homens.

O homem que olhou dentro dos meus olhos e disse as palavras. – Eu quero que você vá embora.

Eu fiquei o encarando por alguns minutos, nada certa de que ouvi o que pensei. Eu estava provavelmente louca, ou ouvindo vozes.

Ele inclinou o rosto em minha direção e falou com olhos frios. – Não há mais nada para você aqui. – Então tirou a aliança e a colocou em cima da mesa desfeita. – Se me odeia tanto a ponto de querer matar o meu filho, sei que não é aqui que deve ficar. Está finalmente livre.

Eu segurei seu braço. – É isso? Você me destrói e depois simplesmente diz que eu posso ir embora? O jogo perdeu graça, Luigi?

– Eu não deveria ter feito você se casar comigo, não devia ter te forçado a essa vida. Você deveria ter ficado onde estava e continuado saindo com o advogado. Ele sempre foi o homem perfeito pra você, não é? O que você sempre quis. Porque você diz tanto que eu te machuquei, mas nunca se deu conta de que me olhava com desprezo. O assassino, o animal, o sujo, o que não era bom o suficiente pra você. E você está certa, eu nunca vou ser um bom, ou limpo, ou um príncipe. Mas não jogue a culpa toda em mim.

Ele virou as costas para sair, mas eu não ia deixar por isso mesmo. Então eu dei o golpe final. – Porque trazê-lo a conversa agora? Você o matou, porque você destrói tudo o que toca. Como sei que não teria feito o mesmo e machucado meu filho?

Ele parou por apenas um segundo, mas não me olhou. – Nós terminamos. – Declarou e saiu pela porta onde tinha entrado minutos antes.

Dessa vez eu não o segurei, e quando ele saiu pela porta, sequer hesitou seus passos ou olhou para trás. Ele estava certo, decidido e completamente bem com sua própria decisão. E eu? Bem, eu nunca pensei que o dia em que eu fosse ficar livre da Família chegaria. Mas aconteceu, e eu não me sentia como imaginei que fosse me sentir.

LUIGI DEROSI

Eu tinha pensado por dois dias em como fazê-la ir embora sem que pensasse que eu não a queria mais.

Machucá-la estava fora de questão, então tinha que explicar a ela que o melhor seria ficar fora por um tempo. Que seria bom se ela respirasse um pouco longe da Família. Mas quebrei a cabeça à toa, quem diria que era só voltar para a casa que teria a desculpa perfeita?

Ela despejou todo seu ódio e mágoa por mim na minha frente sem se importar em como eu me sentia. Ela foi apenas ela mesma, e deixou que transparecesse tudo o que sua alma gritava.

A minha menina sempre tão verdadeira.

Eu me lembrava de ter dito a Abriela uma vez que alguém teria que quebrar meu coração, e que aquele dia tinha chegado quando ela me disse que amava Lucca. Bufei com o pensamento. Pura bobagem.

Eu sabia agora o que era ter um coração quebrado.

Ela tinha pego suas palavras de pedra e jogado cada uma delas no meu peito, deixando só o fragmento do que eu tinha.

Engraçado que antes eu não tinha nada, passei a ter tudo sem perceber e só me dei conta quando perdi.

Meu irmão, minha mulher, e ela... minha filha.

No dia seguinte eu a observei entrar em um carro da Família, rumo ao aeroporto. Ela realmente não havia perdido tempo.

Eu queria entrar lá e me jogar aos seus pés, implorar a ela que ficasse. Que me deixasse levá-la pra dançar outras vezes porque ela iluminava tudo quando se mexia e sorria daquele jeito. Que cozinhasse todos os dias todas as nossas refeições e prometer a ela que comeria tudo. Que se ela quisesse eu a deixaria até mesmo pintar minha unha com seus esmaltes insuportavelmente fedidos e até a levaria em shows das cantoras que ela vivia berrando pelo apartamento.

Eu queria lhe prometer uma casa nova, cheia de lugares para nós construirmos novas histórias e jurar que encheria a casa de bebês. Dos nossos bebês.

Mas eu não fiz nada disso. Eu só sentei no banco traseiro do carro e a assisti ir embora. Ela não hesitou e quem poderia culpá-la? Depois de tudo o que aconteceu, depois da vida de merda que a Família proporcionou a ela, se não estivesse seria até mesmo estranho.

Sai de casa depois de falar com ela, de dizer as palavras mais difíceis que já pronunciei e não voltei mais. Sequer parei em algum lugar.

Não até receber uma mensagem do meu homem de confiança dizendo que ela estava sendo levada para o aeroporto.

Eu dei a Nino instruções do que dizer a ela e deixei que seguisse seu caminho. Ótima hora para ser altruísta, não?

Para conseguir a liberdade dela eu cobreí favores e assinei dívidas com juros de vida. Enfiei a Família mais profundo ainda no meio das chantagens da lei e irritei meus irmãos mais do que já tinha feito em qualquer outra situação. Mas pelo menos ela estaria segura, bem e... feliz. Já que eu nunca lhe dei nada disso, era justo que ela procurasse sozinha.

Mesmo que levasse um tempo para que pelo menos esquecesse os abusos e a perda do bebê. Da bebê. A minha filha. Por *Dio...* eu não soube o que fazer quando ela me contou. E no fundo, acreditava que Anita nunca seria capaz de machucar um bebê indefeso e ainda por cima, seu filho. Nossa filha.

Será que ela se perguntava como a bebê seria? Porque se eu me questioneei sobre isso diversas vezes em um período tão curto de tempo, imagine ela que ficou meses com nossa menina dentro de si?

Sua risada, como seria o sorriso, a cor dos olhos, do cabelo... a personalidade. Eu conseguia imaginar uma mini Anita correndo pela casa, gritando e pedindo qualquer coisa que fosse. E eu daria.

Eu teria dado tudo a minha filha, se nós tivéssemos tido uma chance. E eu daria a sua mãe também. Era apenas uma desgraça eu ter descoberto que faria tudo por ela, quando foi tarde demais e a menina que era apaixonada por mim, deu lugar a alguém que me odiava. Me repudiava.

Parecia que aquela não seria uma das histórias onde o cafajeste era feliz no final. Porque eu podia estar enganado, mas aquilo parecia um fim e não era nada como a felicidade deveria ser.

– Luigi. – Nino atendeu dois toques depois.

– Me atualize. – Eu mandei. Mesmo que a tivesse visto minutos atrás, queria saber dela novamente.

– Acabamos de embarcar senhor. Estou na quarta fileira atrás dela. Mais dois soldados do lado oposto do avião, um ao lado e um na frente dela.

– Você acha que é seguro?

Ele demorou alguns segundos para responder. – Acredito que sim. Ela escolheu Nova York como o primeiro destino. Vou ter que me manter mais afastado que os outros.

– Sim, ela te reconheceria. Vou avisar a Família de lá que ela está no território.

– Te ligo se houver qualquer problema. – Confirmou.

– Não Nino, você vai me ligar a cada passo diferente que ela der.

– Bene. Você quer fotos?

Eu parei para pensar. Mas não, eu não queria. Seria impossível vê-la e estar longe dela. Eu preferia apenas saber que ela estava segura, bem e vivendo.

– Não. E Nino?

– Senhor.

– Se algo acontecer a ela novamente, o juramento não vai salvar você das minhas mãos. Fui claro?

– Cristalino, senhor.

Eu desliguei depois disso. Segurei nossos anéis de casamento na palma da mão e passei os dedos por cada detalhe ouro e dos cristais cravados. Ela não quis levar nossas alianças e eu não podia culpá-la por isso, por querer se livrar de tudo que remetesse a nós.

Enfiando o dela no bolso do paletó, coloquei o meu de volta no dedo e disquei no celular o número que conhecia e já havia ligado muitas vezes.

Chamou exatamente três vezes e eu desliguei. Como deveria ser feito, então esperei três minutos e liguei novamente.

A mulher atendeu no primeiro toque.

– Berrini odontologia, boa tarde.

– Em quantas vezes posso parcelar? – Respondi.

– Gostaria de marcar um horário?

– Luigi DeRossi.

– Ele vai atendê-lo senhor. – Uma música irritante começou a tocar na espera, e até isso me fez pensar nela.

– Meu bom *amico*! A que devo a honra de sua ligação? – Meu amigo de longa data e assassino profissional saudou.

– Acredito que já lhe disse o quão ridículo é sua chamada.

Ele riu. – Bem, o que mais podia ser? Empresa de segurança, escritório de advocacia ou imobiliária. Consultório odontológico era a melhor das opções. Mas sei que você não ligou nesse número pra reclamar da pergunta de segurança, então o que posso fazer pra você?

– Eu preciso que você encontre três pessoas.

Ele bufou. – Não sou um mercenário, Luigi. Se quiser que eu os finalize, tudo bem. Mas não carrego mercadoria por aí.

– Nem se isso envolvesse russos e uma traidora?

Ele gemeu, como se ouvir aquelas palavras de mim tivesse sido o ápice do seu dia. – Diga-me os nomes.

Capítulo 32

“Se sobreviver a caça, exiba as cicatrizes. Elas são histórias.”

Nana Simons

Eu aterrissei na grande e louca Nova York já dominada pela emoção. Olhava de um lado para o outro e cada vez que não via nada, nenhuma ameaça, era um suspiro de alívio. Tinha certeza que a constante desconfiança de que qualquer um me machucaria levaria um tempo até ir embora.

Minha ficha ainda não tinha caído, mas era real, eu estava sozinha. E em Nova York.

Sozinha em Nova York.

A grande metrópole dos negócios, do dinheiro, das rotinas malucas. Eu fazia parte daquilo agora. Sem soldados, sem ordens sendo gritadas no meu ouvido, sem pessoas com medo de respirar em minha direção temerosas do que podia lhes acontecer. Sem ninguém me bajulando. Sem a família.

Parecia estranho sair de um lugar fechado e ao invés de ver as ruas rochosas e casas antigas, ver pessoas em roupas elegantes e correndo por todos os lados. Foi assim que me senti depois de descer do avião. Vi pelo menos meia dúzia de pessoas esbarrando umas nas outras, nas primeiras, me preocupei de que fossem discutir, mas elas só continuaram andando como se nada tivesse acontecido. E assim foram as seguintes também.

Eu tinha certeza que estava parecendo uma criança pela primeira vez num parque de diversões. E era divertido assistir tudo acontecer.

Fiz todo o procedimento para poder finalmente ir embora e peguei meu celular, abrindo o e-mail que Alessa enviou com o endereço de onde eu ficaria. Aparentemente, eu estaria sem seguranças e em um lugar aleatório. Mas eu sabia bem. Lucca podia até ter me deixado fora da Itália, só que nunca fora dos olhos da Família. Provavelmente ele tinha alguém me seguindo, mantendo o foco em mim, caso eu precise.

E por mim tudo bem, desde que não chegassem a um passo perto sem que fosse necessário.

Quando desci na Fifth Avenue parecia que o caos foi instalado no lugar. Pior do que no aeroporto, mil vezes pior. O sonho dos turistas e o pesadelo dos moradores da região. Buzinas, trânsito, pessoas gritando no telefone, até mesmo uma bicicleta passou por mim em cima da calçada. Mas eu não podia deixar de achar fascinante. Desde o comércio na rua até as vendedoras dando brilhantes sorrisos de bom dia na porta das lojas.

Era tão bom. Estar naquele lugar por mim mesma e ver como o outro lado do mundo

funcionava. Ninguém naquelas ruas estalava o dedo e algo acontecia, dificilmente teriam nascido em berço de ouro como eu. Era tão diferente, refrescante e renovador. Ver a perspectiva de vida de outras pessoas e saber como era ter tudo.

Elas não estavam correndo em saltos e roupas elegantes por diversão, mas porque dependiam daquilo para viver.

– Mega promoção do dia senhorita, venha ao Linda SPA, faça um tratamento no cabelo e ganhe uma massagem relaxante! – Olhei para o lado para ver uma jovem me estendendo um panfleto rosa com um sorriso.

Sem hesitações, sem se mostrar com nojo do meu atual rosto.

Por um momento eu pude até mesmo esquecer que aquilo estava lá. Tantas pessoas desde o avião tinham me visto e é claro que um ou dois encararam, mas a grande maioria apenas olhou para mim como se fosse uma pessoa comum, em um dia comum, viajando como se aquilo fizesse parte da minha rotina. Como se fosse normal.

– Estamos a um mês do grande feriado! – Ela comentou parecendo tão entusiasmada que eu me senti sem graça de não colaborar. Peguei o panfleto e tentei lhe dar um sorriso que parecesse sincero.

– Obrigada. Qual é o feriado?

Ela inflou o peito. – Memorial Day! Os principais pontos turísticos de Nova York fazem festa no comércio para que um dia triste, se torne feliz.

Eu franzi a testa. – Memorial Day homenageia o que, exatamente?

– Nossos veteranos de guerra que partiram em combate, lutando por nossa nação.

– E vocês fazem uma espécie de semana do consumo para homenagear? – Questionei, eu estava realmente confusa com a proposta daquela homenagem. Era um marketing literalmente morto. E muito, muito gótico.

Mas assim que notou a crítica na minha voz a menina perdeu um pouco do sorriso, como se ela nunca tivesse pensado daquele modo. Eu me arrependi no mesmo momento. Só porque minha vida tinha sido triste e um drama atrás do outro, eu não precisava fazer com que a das outras pessoas ficasse da mesma forma.

Coloquei uma mão no ombro dela e sorri novamente. – Por que não me mostra onde é esse salão?

Ela logo se animou e me levou ao salão – rosa – que ficava a um quarteirão de distância. O tempo todo me contando como adorava o trabalho e desabafando um pouco mais daquela semana em especial.

Eu me despedi dela quando chegamos e disse que não tinha um telefone celular quando ela pediu meu número. Eu não pretendia criar laços com ninguém, e aquela garota parecia boa

demais pra se envolver comigo. Assim que abri a porta dupla um sininho tocou, fazendo a atenção de dentro se voltar para mim, mas nem um minuto depois todos voltaram a o que estava fazendo. Eu quase me esquecia. Ali eu era apenas uma cliente comum, procurando cortar o cabelo.

– Bom dia querida, o que vai ser hoje? – Uma ruiva alta e com um corpo de matar se aproximou de mim.

Eu tirei a bolsa do ombro e passei a mão pelo cabelo. – Quero dar um jeito num serviço mal feito que fiz.

Ela deu um rápido olhar, analisando meus fios e assentiu. – Certo. – Comentou – Vamos na estação três dar uma renovada no visual.

Eu a segui e sentei na cadeira que a mesma puxou.

– O que tem em mente?

Eu dei de ombros. – Só faça o que achar que deve.

Ela penteou por alguns segundos. – Foi um corte selvagem o que fizeram aqui. – Comentou.

– Eu estava inspirada.

Ela me olhou pelo espelho e assentiu lentamente. – Eu entendo.

Não. Ela não entendia, mas eu não disse isso. Só assisti enquanto ela colocava a capa de corte no meu pescoço e ombros.

Eu rodei a cadeira de costas para o espelho, sabia que se olhasse demais iria desistir. E tentei focar nas conversas e risadas ao redor, porque se comesse a pensar demais levantaria dali e não olharia para trás.

Minutos se passaram e continuei do mesmo jeito, eu era pedra sentada naquela cadeira enquanto ela mexia e cortava e repicava, e eu só ouvia o barulho incessante das lâminas igualando o trabalho ruim que eu havia feito.

Tami colocou a tesoura para baixo pouco depois e me virou de frente para o espelho.

O meu reflexo era tão diferente que precisei fechar os olhos. Tomei longas respirações antes de abrir um, aquele que ainda franzia quando repuxava demais. Então o outro. Foi um choque, eu tinha que admitir. Meu cabelo sempre tinha sido algo tão precioso. Longo, brilhante, bem cuidado e mágico para mim. Vê-lo batendo um pouco acima do ombro era decepcionante, ao mesmo tempo que renovador. Por vinte anos eu mantive tudo como sempre foi. Cabelo, roupas, atitude. Sempre me escondendo atrás da minha futilidade e a ferocidade. Mas estava na hora de mudar. Já havia passado da hora.

– Linda. – Tami comentou me olhando pelo vidro.

Engoli em seco. – O cabelo, sim, ele está.

Ela sorriu. – Eu não falei só do cabelo.

– Sei que seu trabalho é agradar as clientes que vem aqui, mas não precisa mentir. É difícil que eu possa ser referência para beleza algum dia, sei disso, e me conformo a cada dia mais.

Ela me olhou por alguns segundos, como se soubesse cada pensamento que passava pela minha cabeça e começou a andar para os fundos do salão.

Eu continuei sentada, muito confusa, até que ela parou e me olhou. – Venha comigo garota.

Lentamente levantei e a segui para onde quer que estava indo. O que acabou sendo uma sala, que parecia mais como um lugar de descanso.

Ela se sentou e levantou a saia longa que usava. – Sente sua bunda aí.

Eu coloquei as mãos na cintura. – Perdi a conta de quantas vezes você me mandou fazer algo, o que há com nova-iorquinos e a falta de classe?

Ela levantou uma sobrancelha. – Foi para o brejo há muito tempo. Agora você vai sentar e me ouvir?

Imitei ela e levantei as duas sobrancelhas. – Por?

Ao invés de me responder, ela se sentou e levantou a saia longa até a coxa, exibindo uma prótese que ia dos pés até a virilha. Cai sentada na hora.

– Meu marido e eu completamos dez anos de casamento há quatro anos. – Seus olhos iluminaram com amor quando disse. – Ele me levou a um belo restaurante chinês, que era o meu preferido, e depois fomos dançar jazz, que era o preferido dele. – Ela baixou o olhar e todo o brilho de alegria foi substituído por tristeza. – Um motorista bêbado nos acertou em cima da calçada enquanto saíamos do restaurante. Eu perdi minha perna, mas ele perdeu a vida. Quatro meses em coma até que houve uma parada cardíaca, deixando claro que não voltaria. Por muito tempo eu fiquei deitada na cama e só levantava se alguém me obrigasse a tomar um banho, a comer, ou até mesmo...

– Tami, eu sinto muito... – Sussurrei.

Ela balançou a cabeça e sorriu. – Não, eu não contei isso para chorarmos, eu só quero que você entenda que há vida depois de tudo. Não importa o que. Eu acredito fortemente que meu marido está olhando por mim, e orgulhoso de tudo o que eu conquistei. É mérito meu, porque eu vivi a dor e sobrevivi a ela também.

Ela pegou minhas mãos e me olhou com determinação. – Ela não me venceu garota, e não vai vencer você.

E eu percebi que sim, na verdade ela entendia muito bem.

Assim que sai do salão o barulho e aquela agitação sem fim entraram em minha linha de visão novamente.

Eu não podia explicar o que estava sentindo. Tinha chegado em Nova York poucas horas antes e tanta coisa já havia acontecido. Tantas novidades jogadas em cima de mim, outras linhas de vidas entrando no meu conhecimento sem sequer um convite. Apenas me explicando que havia muito mais do que eu estava acostumada.

E eu estava preparada para tudo aquilo. Para novas experiências, para um novo começo e para nossas perspectivas de vida.

Havia um céu tão grande lá fora e eu finalmente podia voar.

Capítulo 33

"Os bens da Terra apenas servem para escavar a alma e aumentar-lhe o vazio."

François Chateaubriand

A primeira coisa que fiz quando levantei da cama naquela manhã, foi me despir. Estava um calor insuportável e mesmo depois de um banho, já estava suando de novo. Fui até a cozinha atrás de algo para beber e por sorte havia um suco gelado, minha garganta estava seca de sede. Continuei explorando a casa com o copo na mão e quando cheguei no terraço quase perdi o ar. Era perfeito.

A cobertura era além de grande, era luxuosa, moderna, e mesmo parecendo fria, não me fez sentir desconfortável. Havia uma linda vista para a Upper West Side, e o calor infernal me convenceu de colocar um vestido e ir caminhar até o Central Park. Eu peguei meu celular e usei o GPS para me encontrar. A típica turista que usaria o mapa até para encontrar uma lanchonete.

A contragosto, fui até o banheiro com a luz apagada e penteei o cabelo. Havia sido dois dias, e eu ainda não conseguia me olhar no espelho sem chorar. Estava tudo virando uma lamentação sem fim, mas era bom. Eu gostava de ver que não havia mais resquícios da minha antiga aparência. Aquela que fez com que eu me machucasse, que eu usei como defesa, que fez pessoas se aproximarem de mim por querer algo em troca. Eu estava passando pelo processo de me acostumar com o novo cabelo, o novo rosto, a nova cicatriz, os novos sentimentos. Com tudo que era novo.

Passei meu batom vermelho ainda no escuro, onde eu podia ver a sombra do meu corpo e a cicatriz não era tão detalhada no reflexo e deixei o copo numa mesinha do corredor no caminho para a saída. Abri a porta e sai, a trancando atrás de mim.

Aquele prédio parecia vazio desde quando eu cheguei lá. Não que eu saísse muito, mas todas as vezes que deixei a cobertura me encontrei vagando por um lugar e por outro, e não encontrei sequer uma pessoa. O caminho até o térreo foi esse, silencioso e sozinho.

Quando cheguei na rua, atravessei a avenida e comecei a caminhar em direção ao Central Park. Eu sempre via na televisão. Em séries, filmes, e na realidade, a maioria das pessoas que eu conhecia eu convivia já tinham vindo a Nova York. Eu não era leiga sobre os pontos mais famosos e mais visitados. Minha vontade de conhecer o mundo, somado aos relatos que já ouvi e histórias maravilhosamente contadas, eu pesquisei e minha curiosidade só aumentava.

Portanto, naquele momento caminhando passando por ali, vendo pessoas, crianças correndo, cachorros latindo e brincando com seus donos, tornou um sonho mais que real. Era oficial, eu

amava aquela cidade, e ela merecia todo o esplendor que agregavam a ela.

Meu celular começou a tocar em minha mão, e quando vi o nome da minha gêmea na tela não perdi tempo em atender.

– Olá anjinho! – Chamei.

– Ei, minha metadinha! A ligação está um pouco ruim, onde você está?

– A caminho do Central Park.

– Está melhor agora, me conte como andam as coisas por aí!

Eu olhei ao redor e sorri, continuei caminhando e comecei a lhe dar um resumo dos lugares que já tinha visitado, e o que já havia feito nesses três dias.

Ela riu comigo, gritou nos pontos altos das histórias e quando falou novamente eu podia perceber que estava se segurando para não chorar. – Eu queria estar aí com você.

– Lessa... eu queria que você estivesse aqui também. Você se lembra todas as vezes que planejamos viajar o mundo?

Ela riu. – Como eu poderia esquecer? Você me fez ficar acordada tantas madrugadas te ajudando a escolher nossos destinos.

Eu me sentei em um banco e ficamos em silêncio por alguns minutos. – Há duas menininhas brincando um pouco a minha frente, Lessa. Elas estão sorrindo uma para a outra.

– É claro que estão, elas sabem que são preciosas.

– Eu queria poder me aproximar e dizer a elas que são e serão as coisas mais importantes uma na vida da outra, sempre.

Minha irmã fungou do outro lado da linha. – *Dio...* eu sinto tanto sua falta!

– Eu sinto a sua mais do que posso dizer, mas irmã, eu não quero ter que voltar. Por favor, não me peça isso.

– Eu não vou, jamais faria isso com você. Na verdade, estou ligando para dizer que marquei uma consulta para você.

– Consulta de que? – Perguntei temerosa.

Ela não respondeu de imediato. – Dermatologista e um Cirurgião Plástico. Aí em Nova York mesmo, são dois dos melhores na área, não existe nada que não possam fazer.

Ela estava falando tão rápido e eu quase não raciocinei. – Irmã, espere, eu não entendo...

– Eu sei o quanto você ama sua aparência e se olhar no espelho e se quiser ter isso de volta, você pode. Vou enviar o endereço a você por mensagem, vá quando quiser e se quiser, eles estarão te esperando. Sem pressão.

Mais uma vez eu estava sem palavras. Eu sabia que suas intenções eram das melhores, e que não havia nada que ela não faria se eu precisasse.

Mesmo quando nos despedimos e levantei com as pernas tremendo, acenando para o primeiro táxi que vi e lhe passando o endereço, a pergunta que ainda rodava minha mente sem parar era... Eu ainda queria aquilo de volta?

Menos de vinte minutos depois, o carro estacionou na frente de uma fachada de vidro impecável e a logomarca de uma clínica famosa entrou na minha visão, e eu fui encaminhada para a sala de espera. Porque é claro, minha ficha de cadastro já estava pronta. Às vezes eu esquecia como Alessa era implacável e quantos contatos tinha pelos lugares a fora.

Não demorou e eu fui chamada por uma mulher. Ela me levou até a porta de uma das salas e bateu antes de abrir, revelando dois homens, que eu suspeitava serem os médicos.

Eu pensei que ela fosse me deixar lá e sair, mas entrou e se sentou numa cadeira de canto. Não precisei pensar muito para entender que aquilo foi arte de minha irmã também, garantindo que eu não ficaria sozinha com dois homens em um lugar fechado. Eu era grata por ela ter pensado naquilo.

– Senhora DeRossi, sou o médico cirurgião Thompson, é um prazer conhecê-la. – O mais velho estendeu a mão.

O outro, que parecia estar no começo dos trinta fez o mesmo. – Sou Henry Cavana, dermatologista.

Eu lhes dei um meio sorriso e sentei na mesa, de frente para os dois.

Thompson tomou a frente. – Inicialmente, vamos analisar de vista, então conversaremos sobre o que poderia ser feito.

Ele se levantou. – Posso tocar?

Eu assenti e ele passou a mão pela cicatriz ainda quase fresca. – Foi um corte profundo, eu vejo. Quase atravessou seu olho. Foi a pouco tempo, sim?

– Quase quatro meses. – Respondi.

Henry se levantou e olhou mais de perto. – Tem conserto, com certeza. Mas foi muito fundo, e posso ver sua pálpebra tanto inferior quanto a superior, ainda cortadas. Já reparou como sua esclera está vermelha? Como se as veias estivessem constantemente pulsando e irritadas.

Eu assenti e ele franziu a testa. – É de alto risco, não vou mentir. Uma cirurgia tão próxima do olho arriscaria sua visão. E fazê-la só na testa, bochecha e mandíbula compromete o resultado

estético. Pois ainda seria visível os danos perto dos olhos.

– Eu poderia ficar cega?

– É uma possibilidade. – Respondeu cauteloso.

Enquanto o médico continuava olhando para a tela e explicando tudo o que seria feito para consertar – como ele dizia – o meu rosto, eu olhei ao redor, para os retratos pendurados daquelas mulheres impecavelmente belas, com corpos de matar e sorrisos perfeitos e me desliguei da voz do homem.

Então minha decisão do que fazer a seguir estava tomada e eu consegui sentir um pouco do peso saindo das minhas costas. Porque eu finalmente era única.

Quem no mundo arriscaria a visão para ter um belo rosto mais uma vez? A Anita de meses atrás com certeza faria.

Mas agora, pensando e repensando... Não queria ter o rosto como daquelas mulheres, se as minhas marcas eram o que a vida havia me dado, é porque algo eu tinha que ter aprendido com elas. Por quanto tempo eu me preocupei apenas com a minha aparência? Aquela era minha essência agora e não havia nada nem ninguém, que a tiraria de mim. Todas as vezes que eu me olhasse no espelho, veria a cicatriz de uma batalha que eu venci. Só queria ter força todos os dias para superar um pouco mais.

Antes de escolher meu destino eu parei e pensei. Por que Nova York se há tantos lugares no mundo? Então, porque não Nova York? Mas agora eu não podia pensar em algum lugar melhor do que aquele para ser minha primeira parada.

Entrei num pequeno café e me sentei na mesa de canto com o vidro. Eu gostava de assistir as pessoas fazendo suas coisas.

– Boa tarde, senhora. O que posso fazer por você hoje?

Eu olhei para cima para ver uma linda mulher me encarando com uma expressão de tédio. Estava com uma saia curta e a camisa regata não deixava muito mistério do corpo que escondia. O cabelo de um loiro escuro e cumprido, estava preso num rabo de cavalo, mas eu podia ver quão bonito era.

Ela levantou uma sobrancelha. – Senhora?

– Eu vou ficar com um cappuccino e traga também um pedaço de torta holandesa.

Ela anotou no bloco de notas. – Tá. – E virou as costas andando para longe.

Eu continuei olhando-a fazendo seu caminho e vi quando passou por uma mesa com três homens e um deles assobiou. Ela não deu atenção, e continuou andando. Minutos depois ela

reapareceu, trazendo uma bandeja com o meu pedido. O homem da mesa foi além e lhe deu um tapa na bunda dessa vez.

Eu encarei pasma como ela fingiu que nada havia acontecido.

– Aqui está seu pedido. Bom apetite.

Ela ia saindo, mas a chamei. – Você vai chamar seu chefe, certo?

– Para que?

– O que aquele cara fez foi uma merda, vá e chame seu chefe, vou testemunhar a seu favor!

Ela olhou para os homens e engoliu em seco. – Não se preocupe, está tudo certo.

– Porra nenhuma! Eu vi o que o safado fez! Esta te incomodando!

Ela me deu um olhar mordaz. – Não, ele não está.

– Você não parece muito confortável com o que ele fez.

Ela revirou os olhos. – Olha só, essa lanchonete é cara, mas não paga nem metade das fraldas da minha irmã. Então me deixa quieta fazendo o que eu sei fazer de melhor para conseguir essa grana.

– Você não precisa disso, sério, o que ele fez foi horrível e você é tão bonita...

Ela me interrompeu. – Exatamente, sou bonita demais e se minha beleza me dá a oportunidade de sair com um cara rico, vou aproveitar.

Ela ia saindo, mas segurei seu pulso. – Moça...

– Porra! Você é uma daquelas obcecadas por Jesus que está tentando me convencer da salvação, não é?

Eu franzi a testa. – Não.

– Então por que é que está tão preocupada com o que faço da minha vida? Quando você nasce pobre, precisa aprender a usar qualquer oportunidade que a vida lhe dá de melhorar, e esse rostinho aqui, ainda vai me dar o mundo.

Sem mais, ela saiu de perto. Parou na mesa dos homens e pegou disfarçadamente algumas notas que ele lhe deu, enfiando no bolso do avental.

Os homens riram quando ela saiu de perto e continuaram conversando como ela fosse apenas mais uma a quem deram dinheiro. Como se fosse um acontecimento normal, diário para eles. Seduzir meninas inocentes e enganá-las, porque sabem que elas caem em qualquer palavra bonita.

Eu já tinha visto aquilo. Nas boates da Família, entre os homens feitos e era tão comum lá

dentro. Eu só não sabia que era bem pior aqui fora.

Meninas como eu existiam afinal. Tão cegas pelo dinheiro e pelo próprio espelho que fariam qualquer coisa para ter o que queriam. É claro, ela tinha uma irmã para cuidar, mas haviam outras formas e eu não estava a julgando por isso. Só queria sentar com ela e lhe contar minha história. Deixá-la saber que era passageiro, o dinheiro, a atenção, ser o foco, era tudo momentâneo. Eu podia enxergar tudo muito claro, agora.

Olhei para a menina desfilando pelo salão com seu cabelo cumprido, rosto perfeito e corpo do pecado e fiz um pedido silencioso. Esperando que alguma força me ouvisse.

Quando outro homem lhe deu um aperto no quadril e ela sorriu, desejei que um dia estivesse livre.

Livre de si mesma, de seus desejos, de sua vaidade, da futilidade e que um dia eu pudesse estar também.

Capítulo 34

*"Minhas cicatrizes são tatuagens da vida.
Me fazem lembrar que eu fui mais forte do que aquilo que me feriu."*

Rita Lee

Por mais que eu andasse por todos os lados e distraísse a mente com coisas bobas, nem mesmo o fato de estar em Nova York me fez esquecer tudo o que tinha acontecido. E consequentemente me fazia pensar naqueles dois dias, nela, nos homens, o que claro, levava a pensar nele. Quando ele me veio na cabeça cada dia que eu acordei, e cada noite quando fui dormir, eu quis bater com a cabeça e esquecer. Convenhamos que ter uma amnésia na minha situação seria perfeito.

Ele era como uma erva daninha que grudava, como um vírus que instalava, infectava e era quase impossível de tirar. E eu queria. Só eu sabia o quanto precisava arrancá-lo de mim. Mas de que jeito? Se ele estava em cada memória, cada parte do meu corpo, toda vez que eu via a marca da aliança no meu dedo ou encarava aquela tatuagem, se cada uma das vezes que eu fechei os olhos, eu o vi.

Eu precisava de uma escapatória, algo para me tirar daquela avalanche de sentimentos que atacou do nada, e infelizmente, sabia bem o que me faria ir pra outro lugar, longe das feridas pelo menos por um momento.

Noites depois, eu me encarava dentro de um belo vestido, como não usava a muito tempo e relutava comigo mesma em sair ou não. Tami tinha me ligado cedo e me convidado para uma festa naquele final de semana. Eu não pensei que ela levaria a ideia a sério, pelo menos até alguém tocar a campainha e deixar uma caixa com meu nome na porta. Indo contra todo o senso de lógica e inteligência, levei para dentro e abri. Qual não foi minha surpresa ao ver o vestido e um sapato maravilhoso dentro?

Minha recém conhecida amiga tinha pensado em tudo.

A menina festeira e ansiosa por emoção em mim queria que a mulher medrosa e contida vestisse, e vivesse um pouco. Então eu fiz. O motorista passou quase uma hora tocando a campainha e batendo na porta até finalmente eu estar convencida de que iria.

Por isso eu me encontrava a caminho de um dos hotéis mais luxuosos da cidade, concentrada apenas em me sentar no balcão do bar e mandar o garçom descer uma dose atrás da outra. Quem sabe eu começaria a dançar e cantar? A bebida sempre foi conhecida como quebra gelo, uma tiragem de vergonha. Até mesmo as pessoas mais reservadas perdiam a noção por conta dela.

O hotel estava movimentado, muitos carros na entrada, fotógrafos, pessoas chegando e entrando em vestidos caros e ternos elegantes. Eu entrei tentando passar despercebida e claro, consegui. Ali eu não era ninguém. Ninguém tentaria pegar uma foto minha para colocar no jornal local e fazer suposições envolvendo o nome da minha família e suas atividades. Ali eu era apenas mais uma mulher entrando em um hotel caro.

Eu não era o centro das atenções, e na verdade, descobri que gostei daquilo. Momentaneamente, era bom ser ninguém.

Eu sentei no último banco do balcão e sinalizei para o garçom servir uma bebida. Não havia porque perder tempo em começar.

Ainda no caminho, recebi uma mensagem de Thami dizendo que se atrasaria, pois tinha ficado presa no salão. E por mais que eu estivesse ansiosa para ter companhia, ficar sozinha seria muito bom naquele momento. Só eu e algumas bebidas para relaxar minha mente. A tranquilizei, dizendo que esperaria, mas se ela não conseguisse ir estava tudo bem. E realmente estava.

O lugar estava vazio, com exceção de umas cinco ou seis pessoas espalhadas pelos cantos.

– Mais alguma coisa senhorita? – Perguntou, seu olhar demorando demais no meu rosto. Naquela parte do meu rosto.

– É só manter esse copo abastecido.

Ele acenou, mas continuou olhando. Eu levantei uma sobrancelha. – Você perdeu alguma coisa?

– Não, senhora. – Balançou a cabeça rapidamente, limpando a garganta.

– Então continue com seu trabalho.

Ele acenou, voltando a seus afazeres e eu tomei um gole. Era só o que me faltava. O bonito estava achando que eu era o que, atração turística? O bom é que eu nunca fiz questão de ser educada com ninguém. Se ele queria ser desagradável eu seria também.

De repente, meu celular vibrou em cima da madeira cara, ao lado do copo. Eu vi o nome da minha irmã mais nova e mesmo não querendo, abri a mensagem.

Ei, só queria saber como está. Eu e Tony estamos com saudades. – Abriela

Puxei uma longa respiração, lendo uma e outra vez aquelas duas frases tão pequenas e tão certeiras para mim.

Não havia sido a primeira vez que ela tentou falar comigo, tão pouco foi a primeira que

ignorei. Eu tinha que admitir, persistência era o sobrenome dela e isso sempre foi um fato. A saudade bateu forte, principalmente ao pensar em Tony. Eu queria saber se algum dia estaria preparada para pegá-lo uma outra vez. Era o que mais queria, porque aquele homenzinho era todo o meu coração.

Horas depois, eu já tinha perdido a conta de quantas doses de Martini atrás de margarita, depois de whisky puro, seguido de doses e doses de tequila eu pedi ao garçom.

– *Bene, bene!* Eu sei uma! – Eu chamei o garçom.

Ele suspirou, jogou o pano de prato por cima do ombro e me encarou. – Lá vamos nós de novo.

– O que a xícara falou para o pão?

Ele revirou os olhos e coçou a cabeça. – Eu não sei... Ela disse... vem que vou te encharcar?

Eu bati o copo no balcão e dei risada. – Não! A xícara falou para o pão, eu vou mover as montanhas.

Ele inclinou a cabeça. – Eu não entendi essa.

– Ainda não terminou! Você me diz o que o pão respondeu.

– Ok. – Mordeu o lábio. – Ele respondeu que... antes tire uma casquinha?

Eu dei uma risadinha. – Não!

Ele levantou as mãos. – Você não sabe contar!

Revirei os olhos. – A xícara falou para o pão "eu vou mover as montanhas", aí o pão disse "uau, como você vai fazer isso?" aí a xícara respondeu...?

Ele ficou me encarando, com o lábio inferior entre os dentes e uma cara de concentração tão profunda que eu tive que rir mais forte ainda. – Essa é das boas, eu não faço ideia.

– Ela disse “vou mover café”!

Ele me encarou por alguns segundos, balançando a cabeça em negação. – É a pior piada que ouvi na minha vida. – Resmungou.

Capítulo 35

*"Saudade é o inferno dos que perderam,
a dor dos que ficaram para trás,
e o gosto de morte na boca dos que continuam."*
Aguinaldo Silva

Confesso, Nova York estava conquistando meu coração. A vista daquela cobertura me fazia ter consciência do quanto eu passei minha vida dentro de uma redoma e então, ali em cima com a cidade vibrando, eu recebia a informação de uma forma brutal e esmagadora contra o peito: Eu estava livre.

Deixar a Itália para trás foi muito mais profundo do que apenas sair do país. Eu estava deixando a Anita imatura, dependente da beleza e famosa unicamente pela fúria, lá. Me aventurar em destinos sem rumos faziam parte de me encontrar, reconhecer... Crescer.

Nova York havia sido perfeito. Ter passado aquelas semanas lá abriu meus olhos de tantas maneiras e para tantas coisas, que agora despertavam em mim vontades nunca sentidas antes.

E em meio tudo isso eu encontrei uma outra eu. Uma nova e que estava pronta para tudo. Olhei para os prédios altos e imponentes e fechando os olhos, sorri. Era como se o vento e as nuvens naquele céu estivessem me dizendo que havia muito mais para mim.

Nova York tinha sido minha primeira pausa, mas não seria a última parada. Estava com toda a certeza pronta para me aventurar naquele louco mundo. Eu na verdade, não via a hora de me jogar.

LUIGI DEROSI

Eu tirei os olhos da janela a minha frente e peguei meu celular que vibrava no bolso. Suspirei ao ver o nome de Nino na tela. Tive que dar uma aula ao meu segurança, praticamente desenhando o que eu queria e não queria saber sobre o que ela estava fazendo.

Isso porque ele via necessidade em me ligar cada vez que ela tomava um café nas ruas de Nova York e dizia exatamente quantas colheres de açúcar ela havia posto. Fui obrigado a usar toda educação que sabia para explicar para a ele que quando disse para me deixar ciente de

tudo, não estava sendo tão literal. Ele pelo jeito entendeu a mensagem, pois aquela era sua primeira chamada depois disso, é já fazia uma semana inteira.

Eu não sabia se atendia ou deixava tocar. Ele podia me dizer qualquer coisa. Desde “Ela encontrou alguém”, a “A levaram novamente”. Ou seja, nenhuma boa opção. E tudo bem que se fosse para dizer a primeira coisa, eu viajaria para lá na mesma hora, e passaria por cima do infeliz.

– Diga.

– Ela acabou de descer de um táxi no aeroporto.

Eu fiquei quieto por alguns segundos, esperando informação bater. – Primeira coisa, está deixando que ela pegue táxi?

– O motorista é um soldado.

Suspirei aliviado. – Siga ela, veja qual destino e me retorne.

– Sim senhor. – Nós desligamos e eu joguei o celular em cima dos papéis na mesa.

Ela estava indo para outro lugar e eu tinha total certeza que não era para perto de mim.

Era um sábado normal. A Família estava dando uma festa, eu tinha mulheres me ligando e amigos mandando fotos e mensagens me chamando pra farra. Mas nenhuma célula do meu corpo estava atraída com essas ideias. Banalizar o sexo com qualquer uma não estava na minha lista de afazeres, ou de desejos.

Depois de ficar debatendo comigo mesmo por horas sobre o que fazer, finalmente decidi ir procurar meu irmão. Dante não tinha costuma de sair, e eu tinha certeza que se não fosse por completa obrigação, ele nem sairia de casa. Dirigi até o apartamento dele esperando ter uma noite tranquila e abrir uma garrafa, talvez fumar uns charutos e voltar pra casa.

A verdade é que a ideia de ficar naquele lugar sem ela parecia insuportável demais. Cada canto do apartamento tinha seu cheiro, sua marca, seu jeito. E a saudade que eu sentia não poderia ser explicada nem se pesquisadores do cérebro, alma, corpo e mente se juntassem para tentar estudar isso.

Matava-me querer desesperadamente saber se ela estava bem. Se viajar tinha melhorado pelo menos um pouco, ajudado a refrescar suas feridas. Se ela sentia minha falta pelo menos um pouco.

Se já estava pronta para tentar me perdoar.

Dei boa noite ao porteiro e peguei a chave reserva que tinha de Dante. Se ele estivesse em casa nunca me escutaria. Tinha mania de ficar no escritório ouvindo música antiga alta ou deitar em seu quarto e esquecer a vida.

Bati a porta atrás de mim e me virei, pronto para gritar seu nome, quando a cena que peguei contrariava tudo o que esperei. É claro que azarado como era eu tinha que o ver naquela posição.

Amira pulou de seu colo com um grito, tapando os seios com o braço, e segurou a camisola na cintura. Meu irmão ficou alerta na mesma hora. Eu encarei a cena sem acreditar no que tinha presenciado. Quando o olhei em pé, com aquele olhar assassino no rosto e a arma apontada para mim, eu teria sentido medo de morrer, mas o pau pendurado para fora do terno caro denunciando o que fazia a poucos minutos, me fez encostar na parede e fazer o que não havia feito há dias.

Rir.

Eu não podia segurar a gargalhada que explodiu. Amira olhava incerta de um para outro. Como se temesse o que podia acontecer.

Dante tirou o preservativo e jogou a arma no sofá. – Amira, saia. – Ela não perdeu tempo em fazer o que ele disse, e não fugiu de mim o olhar magoado que deu a ele.

– Puta merda! – Exclamei entre o riso.

Ele ajeitou seu amigo dentro da roupa e arrumou o paletó. – Quero que devolva a minha chave.

Eu o ignorei. – Amira Cardinale? Porra cara, você não perdeu tempo, hein?

Ele me ignorou e caminhou em direção ao seu escritório. – Cale a boca Luigi.

Eu o segui rindo. – O senhor celibato finalmente resolveu entrar em uma calcinha?

– Garanto que você vai ser o próximo a aderir o celibato se não calar a boca, pois eu mesmo corto seu pau fora.

Cai dramaticamente em uma das poltronas do cômodo escuro e suspirei. – É meu irmão, não a quem resista a uma boceta.

Ele me ignorou mais uma vez.

Conversar com Dante era difícil, mais do que com Lucca na maior parte das vezes. Onde Lucca conversava com palavras grossas e por vezes, era mal-educado, Dante nem mesmo respondia.

Vi um embrulho em cima da mesa e o peguei, analisando. – Virou artesão?

– Antony vai fazer aniversário. Amira estava embrulhando um presente.

Eu sorri, pensando no garoto lindo que estava se tornando cada dia mais. – Vou passar lá

para vê-lo, vai comigo?

– Lucca e Abriela vão dar um pequeno jantar, só para nossas duas famílias. Antony não está muito bem pra aguentar a agitação de uma festa estilo da família.

– Não estava sabendo.

Ele finalmente tirou os olhos dos papéis e parou de escrever. – Ele não pretende te chamar. Abriela está tentando fazer sua mente, mas você o conhece.

Eu fiquei em silêncio por uns minutos. Sem saber o que dizer. – Eu entendo. – E fazia, realmente.

Dante continuou me olhando, como se sentisse pena de mim. – Você pode ir vê-lo outro dia. Posso pegá-lo e te encontrar. Você é padrinho dele, Lucca respeita isso, só não quer você perto dela.

Eu assenti. – Seria bom.

– Sinto muito irmãozinho, mas tem coisas que nem eu posso consertar para você.

Dessa vez eu decidi ignorá-lo. Não tinha o que discutir. Lucca estava puto comigo, mas ia passar, se demorasse demais eu mesmo iria dar a ele um choque de realidade.

Coloquei o presente de volta e lhe devolvi um sorriso irônico. – Pretende levar Amira?

Ele me fuzilou com o olhar. – Como anda a vida de solteiro? – Perguntou, devolvendo a ironia na mesma moeda.

– Não estou solteiro e como você vê, anda tão agitada que vim te procurar num sábado à noite.

Ele não disse nada por alguns minutos, me olhando como se estivesse incerto de ser sincero. – Ela está seguindo, Luigi, e pelo o que estou vendo, não vai parar.

– E daí? – Questionei, irritado que a cada vez ele dizia a mesma coisa.

– Daí que o avião que ela vai pegar não é para a Itália. Ela não está voltando, até quando vai persegui-la?

Respondi, sem nem querer saber como ele sabia que ela estava indo para outro lugar. – Eu sei que ela não está voltando e vou segui-la onde for, se você não está contente, pare de perguntar e pare de tocar no assunto. – Me levantei, já saindo quando ele disse:

– Ela está livre irmão, mas e você?

Ainda de costas, não precisei nem pensar para responder. – A minha liberdade é a felicidade dela. É assim que é.

Ele não disse mais nada e não lhe dei tempo para falar. Deixando a chave em cima da

mesa de centro da sala, caminhei em direção a porta e do meu canto de visão a vi de pé na cozinha, me olhando como se tivesse cometido o maior crime.

Eu parei apenas por um segundo. Vendo como seus olhos diziam tudo o que sentia. – Se cuide Amira e não espere demais dele.

Ela baixou a cabeça e uma lágrima escorreu enquanto assentia. Então sai.

Enquanto esperava o elevador do lado de fora, coloquei a mão no bolso e alisei o pequeno aro de ouro e cristais. Quando a do meu dedo bateu na solta, fazendo um pequeno barulho de tilintar, encostei a cabeça na parede e fechei os olhos. Aquilo era música para os meus ouvidos.

– Sou paciente, mas não me faça esperar demais, amor...

Não houve uma resposta, eu já sabia. Mas esperava que assim como nossas alianças juntas no meu dedo e bolso, houvesse algo que nos ligasse e a fizesse voltar para mim.

Capítulo 36

LUIGI DEROSI

“Amizade e dinheiro, são como água e azeite.”

O Poderoso Chefão

Quatro meses.

Era esse o tempo que eu estava sem ela. E a vida passou a ser dormir abraçado ao seu travesseiro, o que me surpreendeu muito, já que nem com travesseiros eu dormia — tanto que em todo o apartamento tinha apenas um, que era o dela e agora meu — E implorar a Alessa que me desse detalhes sobre sua vida. Implorar literalmente, a porra da mulher me fazia rastejar para dizer três palavras.

“Ela está bem”.

Então eu aprendi a viver com migalhas. Migalhas dela e de meu irmão, que também não parecia nada disposto a me perdoar. Ele falou comigo como se eu fosse um estranho, como se ao invés de seu irmão, eu fosse um dos capos que precisava aguentar. Estava tudo uma merda.

E para piorar, eu estava a caminho de uma reunião com ele, da qual eu só sabia o básico, porque ele ligou e não fez questão de falar muito. Já previa que se tudo desse certo, o dia seria apenas turbulento, caso contrário, iria ser sanguinário.

O pai de Amira havia ligado para Lucca, dizendo que era o suficiente do castigo dela, que já tinha pago por tudo o que fez. Meu irmão duvidava da palavra dela no dia que nos contou tudo o que passou, mas achou impossível não ver a verdade na história diante da ligação tão avulsa de seu pai. Principalmente vendo como a Família foi usada de fachada para abusar de uma das filhas.

Não era necessário dizer que Lucca estava a ponto de matar alguém por isso. Afinal, saber que um de seus homens de “confiança” prostituiu a própria filha apenas para ajudar a Família e em nosso nome, era absurdo. Todos nós nos sentíamos da mesma forma e seria um circo do caralho se alguém além de nós descobrisse.

Eu cheguei no galpão onde íamos nos reunir uma hora antes. Sempre fui aquele que todos taxaram como viciado em adrenalina, inconsequente e mortal nas atitudes. Mas eu era bem mais cauteloso do que viam. Não havia uma coisa sequer que eu fizesse sem estar cem por cento certo de que seria seguro, e se não fosse, que pelo menos saberia lidar com isso.

Os carros da família já estavam lá, os dos meus irmãos também. Soldados a postos, esperando, ansiosos. Era assim que ficavam sempre que a Família tinha uma reunião.

– Eles não chegaram. – Nino confirmou.

– Não, mas meus irmãos sim.

Ele acenou. – Te aviso ou deixo que entrem?

– Você sabe como Cardinale é intrometido, mas aqui não é Miami, o coloque em seu lugar e diga que espere.

Nino deu apenas um levantar de sobrancelhas. – Sabe que ele dará um show como fez da última vez, certo?

Bati em seus ombros e sorri antes de começar a caminhar para dentro. – Estou ansioso por isso.

Cumprimentei alguns soldados pelo caminho e assim que entrei vi meus irmãos conversando com Juliano, e pela cara de ambos a conversa não era agradável.

– O que eu perdi? – Perguntei me aproximado.

– A hora, pelo jeito. – Lucca comentou sem nem me olhar.

– Ah sim, me desculpe *chefe*, mas eu tive muita instrução vendo como você me ligou e disse “Galpão 9 ao norte pela manhã” e desligou na minha cara.

Ele virou para mim e deu um sorriso irônico. – Você nunca precisou das minhas instruções para qualquer coisa. E se não está feliz com a forma que está sendo, passe a cadeira, DeRossi.

– Senhor, eles estão aqui. – Um soldado chamou, levando a notícia a Lucca.

Ele não perdeu tempo quando passou por mim, batendo seu ombro no meu, em uma clara provocação. – Segure-os dez minutos e deixe que entrem.

Estiquei o braço para segurar o dele, mas antes que pudesse, uma outra mão me impediu. Não foi preciso nem tirar os olhos de Lucca para saber quem era. – Dante, solte-me.

– Não hoje e não agora.

Sacudi fora de seu aperto. – Quando? Quando então?

– Não vê que ele está testando você?

Eu ri, incrédulo. – Testando o que? Minha paciência? Meu limite? Então eu falhei na prova irmão, ele me tira como tolo e me faz parecer um merda na frente dos soldados!

– Por que levaram Anita? Por que não Abriela, Alessa, Isabela, Mirela ou qualquer outra mulher da Família? Porque você é impulsivo, você mostra demais. A primeira coisa que ensinamos a nossos iniciados é a ter paciência e pensar antes de agir. Você não entendeu isso ainda?

– Isso não é sobre ter paciência ou não, é sobre nosso irmão sendo irracional!

Dante levou um minuto para me encostar na parede, as mãos em volta do pescoço de forma que nem eu conseguia lutar com ele para soltar. – A razão é dele. Você fez uma merda do caralho e sequer pediu desculpas. Foi um canalha Luigi e eu estou do lado dele desta vez.

Nós ouvimos passos vindo do corredor e ele me soltou. Cai no chão tossindo e buscando o ar novamente. Dante era um inferno de um bom lutador, eu não tinha nenhuma chance com ele.

– Se recomponha irmão, nosso visitante está chegando.

Bloqueei sua ironia da minha mente e me forcei a ficar de pé.

–Obrigado pelo lembrete, Hulk.

Segundos depois quatro homens e Lucca adentraram na sala.

Cardinale tomou a frente, enquanto os dois soldados encostavam na parede, acenando brevemente para nós. – Luigi, Dante! – Cumprimentou com um sorriso cheio no rosto. – Como vão meus amigos?

– Cardinale. – Respondi sem o mesmo entusiasmo.

O homem olhou para Dante esperando que fizesse o mesmo, mas meu irmão mantinha a postura de “estou pronto para matar alguém”. Deixando claro o desagrado que sentia. Eu o entendia, claro, afinal, ele estava comendo a mulher – filha – que Cardinale prostituiu usando o nome da Família. Eu estava puto de precisar ter uma reunião civilizada antes de vê-lo morrer, e tenho certeza que se Lucca fosse capaz de sentir algo por alguém, estaria da mesma forma.

Alberto Cardinale olhou em volta, depois para cada um de nós, desconfiado, e engoliu em seco. Eu já sentia o cheiro do medo. Sabia que não ia demorar para que percebesse que havia algo errado. Primeiro, porque não estavam todos os capos ali, segundo, porque se tinha alguém propenso a ser desrespeitoso a ponto de não cumprimentar um capo seria eu ou Lucca, não Dante.

Dante era o mediador entre nós, sempre querendo manter a ordem, e resolver as coisas de forma rápida. Mas não hoje. Hoje ele estava preparado para atacar o homem a nossa frente sem hesitar.

Lucca tomou sua própria cadeira, e respeitando a hierarquia, eu me sentei ao seu lado, Dante do outro, como deveria ser. Nós não pegamos nossos anéis e nem fizemos o juramento. Aquela não era uma reunião para decidir questões da família, mas para deixar claro o destino de um homem que envergonhou nossos nomes.

– Como vai Alberto? – Lucca perguntou acendendo um cigarro.

O homem fez o mesmo. Parecendo completamente relaxado onde estava. – Estou bem, meu amigo. E você?

– Não muito. Sabe como é... Polícia me perseguindo, sangue me traindo, capos me enganando.

Ele deu uma franzida na testa. – Bem, – riu forçado. – Sabe que hoje em dia nem todos são leais como antigamente.

Lucca assentiu lentamente. – Mas e você, como anda sua lealdade com a Família, Cardinale?

– Fiel, meu amigo. Minha total e verdadeira fidelidade a Família.

– Sabe que se estiver mentindo para mim, não hesitarei em ir à Miami e ter respostas usando sua esposa e seus outros filhos, não?

– O que é isso, DeRossi? Ameaçando minha família sem qualquer motivo. Você tem sua esposa e filho, sabe como é mexer com essa veia de um homem.

– Posso me casar outra vez e posso fazer outro filho. Eu teria matado minha esposa ainda grávida. Por que não faria o mesmo com você?

Nós sabíamos que dizer aquelas coisas era difícil para Lucca. Ele amava Antony e Abriela com toda sua vida, mas era melhor que pensassem que ele não se importava. Era mais seguro.

Alberto olhou para seus soldados. O homem buscava uma saída de todo o canto. – Eu juro Lucca, juro que minha lealdade é com a Família.

– Não é o que sua filha diz.

Ele engoliu em seco, nos olhando com choque, mas tentou disfarçar. – Amira? Por *Dio*, ela sempre foi mentirosa e manipuladora.

– Sem essa. – Dante falou. – Você a prostituiu para homens da Família, considere que ela ainda esta fazendo isso e pare de insistir em levá-la.

– Dante, por *Dio*, eu jamais faria isso! Só quero levar a minha menina de volta para casa!

– Então vá até o meu apartamento e a tire da minha cama Cardinale. Só assim você vai levá-la de volta.

– O que?

– Dante. – Lucca advertiu.

– Sua filha é a minha prostituta agora, meu *amigo*. Ela é das boas. Só volta pra você quando eu cansar de ter aquela boca no meu pau e aquela boceta quente rebolando e escorrendo em cima de mim.

Foi a ruptura dele. Cardinale afastou sua cadeira a fazendo cair para trás, e voou em cima do meu irmão. – *Figlio di una cagna! Maledeto!* É a minha filha! Você vai se casar com ela, vai fazer dela uma mulher honrada! – Deu um soco na mesa e gritou. – Eu exijo isso como o capo de Miami! Você me deve italiano filho da puta!

Dante ficou de pé. – E quem foi que disse que você é o capo de lá?

– O que?!

Lucca ainda sentado acenou para Juliano e momentos depois Iago Joseni, meu amigo de Nova York, uma versão mais nova minha, abotoou o terno e nos brindou com o maior sorriso que já vi em seu rosto. Juliano levantou a cadeira que Alberto derrubou e Iago com toda sua ironia estampada no rosto se sentou nela. Eu encarei meu irmão de um lado e um dos meus melhores amigos do outro, incrédulo e me perguntei quando aquele acordo tinha sido feito.

Alberto estava a ponto de surtar novamente.

Iago pegou o copo que o estenderam e bebeu, levantando em um brinde de pura provocação. – Nada pessoal, Cardinale, mas que fique com a cadeira o melhor.

Alberto, nosso ex-capo abriu a boca, mas Lucca se manifestou primeiro. – Tirem-no daqui, antes que comece a falar de novo.

– LUCCA! – Ele chamou, enquanto era arrastado para fora por um dos homens.

Meu irmão trouxe seu cigarro. – Já sabem o que fazer.

Eu me levantei e fui atrás deles, alcancei Alberto e arranquei seu celular de sua mão. – Ficarei com isso.

Ele não teve tempo nem de reagir, pois foi empurrado dentro de um carro. Pensei que depois daquela reunião tudo estaria resolvido, só que mais do que nunca, sai do galpão com a sensação de que tudo estava indo ficar muito pior do que já estava.

Nino já me esperava com o carro do lado de fora. Depois de fechar a porta para mim e se acomodar no motorista, ele olhou pelo retrovisor e falou. – Dante não quer uma carona?

Eu segui seu olhar, vendo meu irmão caminhar até seu carro. Minutos depois entrou em movimento, e quando passou do nosso lado, eu vi por uma pequena fresta da janela aberta, um flash de cabelos loiros. – Não, ele está bem.

Eu queria ir até meu irmão, chacoalhá-lo e perguntar que porra ele pensava estar fazendo. Banida e expulsa pelo pai ou não, Amira ainda era uma menina da Família e agora que seu pai sabia que Lucca havia livrado ela de sua punição, podia exigir coisas, até mesmo um casamento se desse algum problema no meio dessa brincadeira dele.

E eu sabia bem que não havia qualquer chance de isso acontecer, não com Dante. Então por que porra ele estava brincando com a garota?

– Para a casa, Nino.

Ele assentiu e no mesmo momento meu celular começou a tocar. – DeRossi. – Respondi.

– Rodovia 9, costa da ilha. – A pessoa do outro lado disse apenas aquilo e desligou.

– Nino, vamos para outro lugar.

Quando Nino estacionou no local, eu não fiquei surpreso. Já tinha ido lá, mas apenas para torturar homens. Era afastado e nunca havia ninguém por perto.

Um homem nos esperava, e me entregou uma foto. O serviço foi feito, ele espera a sua ligação.

Nino pegou a imagem e me encarou. – É o que estou pensando?

Eu apenas assenti, digerindo que aquele momento finalmente havia chego.

– Você tem poucos minutos, Luigi. Nós precisamos ir. – Eu assenti, mesmo não tendo certeza se poderia ser rápido naquilo.

Tinha esperado demais por aquele momento, e ao entrar na sala, soube que precisaria de dias, até que ele tivesse sofrido o bastante e ainda assim, não seria o suficiente.

– Ora, ora, ora... O que temos aqui? – Perguntei, observando um homem sentado nu e outro corpo jogado numa poça de sangue apenas alguns passos de distância.

Eu lhe dei um sorriso vitorioso, vendo como estava tão vulnerável naquela cadeira, nu, e ereto devido os remédios que mandei serem injetados nele. Afinal, eu precisava que seu pau estivesse bem acordado para sofrer a dor que estava por vir.

Segurei a cadeira do canto da parede, arrastei fazendo um barulho irritante até sua frente e me sentei. Cruzando as pernas e os braços. – Alexei Prictopz. Estava ansioso para conhecê-lo. Você e seu amigo na verdade, mas ele parece ter tido um contratempo.

Alexei olhou de canto para o morto no chão e engoliu em seco. – Isso é um engano.

Eu sorri. – Ah, claro. Você é apenas um professor do primário que estava no lugar e hora errada quando foi pego?

Ele assentiu. Abriu a boca para falar, mas o cortei. – Ou você é aquele que rouba, mata, manipula e abusa de mulheres que não deveria sequer pensar em tocar.

Seus olhos alargaram, e vi o primeiro sinal de medo quando começou a tentar puxar as mãos amarradas.

Eu fiquei de pé, e caminhei até a mesa de materiais do meu trabalho, voltando apenas com um anel genital. Feitos com arame especialmente por meus soldados. Ele olhou aquilo e terror puro sacudiu em seu rosto antes que começasse a se debater no assento.

Mas ele estava bem preso, por estar duro, eu não tive qualquer dificuldade em colocá-lo lá. Quando estava já na base, comecei a puxar a pequena linha que apertava. Ele gritou. Um grito

apavorante, aterrorizante e que teria arrepiado até minha alma se não fosse tão divertido de ver.

Só parei quando de cada um dos buracos escorreu uma linha de sangue. Ele já estava machucado, porque meus homens odiavam russos, aqueles que faziam mal a nós então, pior ainda.

Cruzei as pernas novamente e suspirei. – Agora vamos conversar. Seu amigo está morto, eu estou com raiva e você é o único aqui que pode pagar pelo o que minha esposa sofreu.

– Eu não sei do que está falando cara, pelo amor de Deus, tire esse negócio! AH! – A frase começou fraca, e terminou em um grito.

– Você estuprou a minha mulher, e vai pagar por isso. Porém, eu não tenho muito tempo para me divertir com você. Então me diga onde Evangeline Berlot está.

– ELA FOI EMBORA! – Ele gritou.

– O que disse?

Ele puxou longas respirações, ainda que fracas e tossiu, o chão enchendo cada vez mais com seu sangue. – Ela roubou uma mercadoria de Roman e fugiu. Ele está procurando, mas não tem nem vestígios dela, porra!

Peguei-o pelo pescoço e apertei. – Eu tenho cara de idiota?

– Não! – Falou com a voz rouca.

– Então me diga onde ela está! – Gritei, desferindo um soco atrás do outro. Seu rosto já era uma confusão de cores, sangue e inchaço.

Ele tossiu e puxou uma respiração longa. – Eu ju-juro, ela foi em-embora quando conseguimos roubar!

Eu me recostei na cadeira, a fazendo ranger sob meu peso e o encarei por alguns minutos. Seu olho já não era mais visível por conta do inchaço, as bochechas estavam rasgadas, e os fios de sangue escorriam da boca onde eu tinha arrancado alguns dentes sem parar. Era toda uma obra de arte fodida, tão bem-feita que faria Picasso e os grandes da pintura parecerem alunos do jardim de infância.

– Você tem uma irmã, Alex?

Ele arregalou os olhos e balançou a cabeça rapidamente. Já não era mais necessário que respondesse com a boca.

Eu sorri aquele sorriso que fazia com que minhas “vítimas” soubessem exatamente o que estava pensando. – Você tem.

Fiquei de pé, caminhando até a bancada atrás dele e peguei o maçarico novo. Assobieei. – Ual Alex, olha só isso aqui, cara! – Soltei uma gargalhada. – Nós vamos brincar um pouquinho. E se você não me disser o que quero saber, meus amigos lá na sua casa vão fazer com sua irmãzinha quatro vezes pior do que você fez com minha esposa.

– Não! DeRossi ela é uma menina, ainda é pura! Tenho cuidado dela desde que é uma criança, nós perdemos nossos pais cedo! Não tive uma escolha!

– Poxa... Isso me surpreendeu. – Seu rosto pareceu um pouco aliviado. – E me fez pensar que... Eu não me importo nem um pouco.

Eu comecei a rir, apenas uma risada fraca no início, mas aos poucos foi se tornando uma gargalhada que ecoava por todo o galpão vazio, e os soldados me acompanharam, fazendo parecer um fodido filme de terror.

O alívio se foi, e no lugar deu a ele uma expressão de completo pânico. Era incrível estar ali, frente a frente com a pessoa que fez mal a mulher que eu amava. Que a marcou de formas tão profundas e irreversíveis. Eu fechei meus olhos por apenas um momento e fiz visível na minha cabeça a imagem que tinha bloqueado por tanto tempo. O dia que a encontrei quase morta.

O pau dele continuava duro e apontado para cima, mesmo tendo o arame em volta, amarrando e fazendo sangrar.

Eu liguei o maçarico e sem perder tempo cheguei perto dele. O grito que soltou arrepiou até as raízes da minha alma.

E foi fodidamente incrível.

Eu segurei seu pescoço e o trouxe para perto do meu rosto, levando a boca em seu ouvido. – Você devia saber melhor a consequência de mexer comigo, Alex. E não devia nem mesmo pensar na minha menina.

Eu não tinha mais nada a dizer.

Enquanto o observava se contorcer, e o cheiro de carne queimada subia, eu senti um contentamento.

Era claro que fazer aquilo não impedia que ela sofresse com as lembranças, ou que na madrugada acordasse pensando e tendo pesadelos com aquilo.

Torturá-lo não traria nossa filha de volta. E além, não a traria de volta para mim.

Mas eu não me importava. Não, nem um pouco.

Quando peguei a faca e comecei a escrever as siglas da Família, ele gritou mais alto ainda e me olhou como se estivesse vendo o próprio diabo em sua frente. Eu não podia fazer nada, se não lhe dar boas-vindas. – Te vejo no inferno.

SUAS ASAS A TROUXERAM DE VOLTA

1 ANO E 8 MESES DEPOIS



*"Nada melhor do que olhar um ferimento que já se tornou cicatriz,
e dizer que já doeu muito, mas passou, e eu estou curada"*

Os Vigaristas

*"Eu que sonhei por tanto tempo em ser livre
Me prenda em seus braços
É o que eu te peço. "*

Ana Carolina

Capítulo 37

ANITA DEROSI

*“Às vezes, o amor não é o bastante, e a estrada fica difícil.
Ele me admira; o jeito que sou, uma errante.
Ele me machucou, mas pareceu amor verdadeiro.”*
Lana Del Rey

Depois de passar dois anos fora, era estranho estar de volta à Itália. Ainda não estava cem por cento certa de que deveria estar ali, mas tinha certeza que precisava voltar e amarrar pontas soltas que ficaram pendentes.

Dois anos viajando sem parar, conhecendo pessoas, culturas, lugares e ares diferentes. E havia sido há uma semana, enquanto eu relaxava em uma espreguiçadeira de frente para uma ilha do Caribe, que Alessa ligou e conseguiu finalmente me convencer a voltar.

Não lhe prometi que seria definitivo, mas além de todos os problemas que eu fugi, havia uma prioridade. Tony. O meu bebê estava completando dois anos e eu ainda me culpava por não estar presente em seu primeiro aniversário. Aquilo não podia se repetir. Mesmo com Ella dizendo que estava tudo bem, que foi só um jantar simples e pelo sorriso de Antony cada vez que me via pelas câmeras, tinha certeza que ele também esqueceu aquilo, eu sabia que precisava estar lá.

Ainda me lembrava bem das fotos que Alessa me enviou. E como não só elas, mas também Giorgia foram incríveis me mantendo a par de tudo o que me importava.

Eu sabia que Bernardo havia sido rebaixado e humilhado, e agora não era mais um futuro capo, foram dadas a ele obrigações de um soldado. Ou seja, ele passava seus dias arriscando a própria vida e sabe Deus mais o que, como castigo por ter sido ele mesmo.

Alessa me contou que estava impossível continuar morando em nossa casa de infância, pois papai perdeu o senso de moral e respeito completo. E ela se deu conta disso quando chegou e havia uma mulher vestida com sua camisola e deitada em sua cama, mas mesmo assim ela insistia em ficar lá, dizendo que ele precisava de alguém, que era compreensível já que em tão pouco tempo, ele perdeu dois filhos.

Bernardo e Lorenzo eram seus meninos, mas um morreu e o outro foi deserdado. Era triste.

Na verdade, elas me atualizavam sobre quase tudo.

Havia alguém que não tocavam no nome nem se fosse o último dia do mundo e eu estivesse

com um excelente humor.

Eu soube dele treze meses depois de ter ido embora, através de uma fofoca na Internet.

“Atriz é flagrada com empresário bilionário italiano”.

Lembro-me de ter inconscientemente chorado por toda a noite, mas entendi que ele seguiu em frente. Desde então, mesmo que a curiosidade e a vontade de pesquisar seu nome na Internet fosse grande, eu passava longe das fofocas. E não tive mais notícias suas.

Incontáveis vezes me peguei pensando em tudo o que ele disse e concordei que o desprezei e me desfiz dele em diversas vezes. Mas ele fez isso a mim também. E as dúvidas eram demais, as perguntas que não podiam ter respostas, a saudade que não me deixou dormir noites a fio, tudo o que me lembrava ele.

Era insuportável aguentar sozinha, então eu fui atrás de um psicólogo. É claro que mudando os fatos, os cenários e excluindo a máfia completamente, contei a Doutora Sophia tudo sobre mim, e aos poucos ela me ajudou a entender que nada do que eu passei foi por minha culpa.

Era normal eu não aceitar a bebê de primeira. Foi resultado da maldade de uma sociopata meu rosto estar daquele jeito. Nunca foi sobre mim, meu jeito ou a minha aparência. É só que minha vida estava fadada a ser traumática, violenta. Desde o ventre de minha mãe foi esperado que eu fosse algo que nunca poderia ser.

Quando contei a ela entre prantos o que sofri na mão dos dois homens, eu vi sua indignação se esvaindo de cada poros, sua raiva era quase palpável e nós trabalhamos aquilo. Eu conseguia dormir à noite sem me preocupar que um dos dois entraria pela janela e me faria mal e não andei mais na rua sempre olhando para trás, porque o medo que estivessem me seguindo foi embora.

Eu não causei nada daquilo. E foi refrescante descobrir. Por último, eu me olhava no espelho e não via mais uma marca que me deformava e tirava minha beleza.

Ela me completava.

Eu nunca fui comum, nunca fui típica ou normal. Eu era um furacão nas ilhas mais calmas e uma tempestade nos dias de verão.

A vida era bela, e eu... Eu entendi que era tão bonita quanto ela.

A festa de Tony estava programada para começar em duas horas e eu tive tempo de passar em um salão antes. Meu cabelo já havia crescido seu comprimento normal, e eu tinha que confessar que a vontade de cortar era grande. Mas me faltou coragem, então fiz algumas luzes e o resultado foi incrível.

Eu liguei para Alessa naquela tarde e contei sem enrolações que já estava na Itália desde manhã. É claro que minha irmã, rainha do chique, me deu um discurso dos motivos pelo qual eu deveria ter ligado e avisado que cheguei, incluindo que ela queria me ver antes de todos e passar um tempo comigo. Foi só depois de toda a conversa que ela se acalmou e conformada, avisou que mandaria um carro para me buscar.

Então eu esperava, sentada em uma praça, que minha carona chegasse para me levar a festa que provavelmente já começara. Segurava nas mãos o presente de Tony, um par de sapatos xadrez e uma touca de urso. Mesmo Lessa me mandando incontáveis fotos e vídeos dele usando várias que ela mesma deu, e eu mandei de qualquer lugar que estivesse, queria entregar uma também. Não via a hora de poder segurar o meu menino nos braços, abraçá-lo, beijá-lo e agradecer por ele estar em nossas vidas mais um ano. E por fim, depois que matasse a saudade, sentaria com minha irmã e deixaria que ela me explicasse o que ele tinha. Foram meses até que os médicos conseguissem descobrir o que o deixava sempre tão doente. E acabou conosco quando os resultados saíram.

Eu olhei para a frente ao ouvir uma buzina, certa de que era um dos soldados e não estava enganada. Só não esperava ver quem vi.

Quando Nino desceu do carro e abriu a porta de trás para mim, meu coração quase saiu pela boca. Era cedo demais, eu não estava pronta para vê-lo. Desconfiava na verdade, que nunca estaria, mas não planejei que fosse daquele jeito. Juntos dentro de um carro, sem mais ninguém além de Nino, que era como sua sombra.

Percebendo minha hesitação, Nino abriu mais a porta e acenou para dentro. – Sou só eu.

Foi como se todo o ar voltasse a Terra. Eu levantei, peguei minha bolsa e fui a passos lentos até ele. – Olá, Nino.

Ele quase sorriu, e eu nunca tinha o visto fazer aquilo. – Senhora De...

– Não. – Eu o cortei. – Não estou pronta para ser bombardeada com esse nome ainda.

Ele assentiu. – É claro, senhora. Podemos ir?

– Claro. – Acomodei-me no banco e esperei que ele entrasse também. – Pode colocar uma música?

Nino me olhou pelo retrovisor. – Desculpe senhora, sai com pressa da festa e não vim preparado.

Eu dei risada. – Minha irmã te colocou na missão, hein?

– Era isso ou acompanhar Goretti no mercado para abastecer as frutas que acabaram.

Eu bufei. – Pensando por esse lado eu não sou tão ruim assim.

Depois disso não dissemos mais nada. Passamos por vários lugares e todo o caminho era nostálgico. Tinha esquecido o quanto amava a Itália. Não demorou e nós estacionamos na frente

da grande casa dos DeRossi.

Nico saiu e me esperou com a porta aberta. – Tem muita gente? – Perguntei.

Ele olhou para a casa, depois para mim e só por seu olhar eu já tive a resposta. – Como sempre.

Assenti e comecei a caminhar em direção a entrada. – Senhora? – Ele chamou. Eu parei, e voltei minha atenção a ele. – Bem-vinda de volta.

Sorrindo, eu agradei. – Obrigada, Nino.

Todas as pessoas na festa provavelmente sabiam que eu havia chego antes mesmo de entrar pela porta da frente, pois o burburinho e os olhares atentos a mim conforme eu andava pela casa eram típicos da Família. Das mulheres da Família. Não demorou e comecei a ver os rostos conhecidos me olhando com surpresa, dó ou indignação.

É claro que a história havia sido exposta, todos sabiam o que aconteceu, por isso a dó. Indignação por eu ter ido embora, mesmo que ter nascido na máfia fazia de mim alguém que sempre pertenceria àquele lugar, era como se eu estivesse renegando meu berço. E surpresa, por eu ter voltado. Não podia culpá-los, até eu estava chocada que voltei.

De primeira, ninguém falou comigo, e nem falaria. Eu era manchada agora e nenhum deles me receberia de braços abertos. Cheguei ao salão principal da casa, onde a maioria das pessoas estavam e nem sinal das minhas irmãs.

Continuei andando, mas parei. Mais afastada eu vi Melissa e sua mãe, Aida, junto com Belinda e é claro, Isabella. As quatro pareciam um quadro. Perfeitas mulheres elegantes e bem vestidas. O rosto era preenchido com uma expressão de choque total, e o foco era eu.

Eu dei a Isabella um sorriso completamente irônico, que ela respondeu com um apertar de lábios e um passo à frente, mas sua mãe a segurou discretamente. Eu conseguia imaginá-la dizendo algo como "Não se preocupe com essa desonrada, filhinha." E era patético. Ela provavelmente nem sabia o tipo de coisas que sua filha fazia para tentar segurar um homem, ou sabia, não sei, talvez até mesmo pudesse ter ensinado o que a filha sabe.

– Você não tem jeito mesmo, não é? – De repente as quatro mulheres foram esquecidas e eu só pude me virar e me jogar nos braços de Alessa sem qualquer delicadeza.

– *Dio santo...* – Sussurrei em seu cabelo.

Ela riu e me apertou mais forte ainda. – Não acredito que esta aqui.

Eu me afastei e segurei seu rosto, analisando cada traço. – Dois anos e eu finalmente posso te abraçar de novo.

Lessa sorriu, seus olhos enchendo de lágrimas quando me pegou pela mão e começou a andar para longe. – Vamos tirar você de perto dessa gente e ir ao que interessa.

– Onde está Tony? – Perguntei rindo. – Não vejo a hora de vê-lo.

Seu rosto iluminou. – Ella está trocando ele agora.

– Ele não recebeu os convidados?

– Antony acabou de acordar, foi um trabalho árduo fazê-lo sair da banheira e colocar uma roupa quando finalmente saiu da cama.

– Eu imagino o falatório.

Ela bufou. – Você sabe que eles não são loucos de dizer algo que vá magoar Abriela tendo Lucca por perto. E quem se importa se falarem por trás, vão falar de qualquer forma mesmo.

Nós paramos em frente a uma porta, mas antes de entrar minha gêmea passou as mãos pelo meu rosto e me abraçou mais uma vez. – Esse é o melhor dia de todos.

– Muita comida boa na festa, hein? – Brinquei.

Ela riu. – Não só isso, mas minha outra metade está em casa.

Bufei e lhe dei um empurrãozinho. – Sua cadela. Eu fiquei horas tentando fazer uma maquiagem descente para você me fazer borrá-la em minutos.

Alessa abriu a porta e mandou um beijo, ainda sorrindo. – Não tenho culpa se a emoção de me ver é tão grande que você até chora.

Revirei os olhos e fechei a porta atrás de mim. Quando olhei para dentro do quarto precisei me encostar na mesma, ou com certeza cairia.

– Tony, por favor filho, as pessoas estão esperando. – Ella implorava ajoelhada na cama, segurando uma camisa, enquanto o menino pulava na cama e ria.

– *Supisóio* não, *mamma*! – Eu quase chorei ao ouvi-lo falar. Por *Dio*, da última vez que o vi de tão perto ele ainda era um bebezinho.

Abriela olhou para cima e quando foi descer da cama, nos viu parada a observando. – Anita?

– *Madrina*! – Antony gritou e pulou mais ainda na cama, esticando os braços para mim.

Não consegui mais segurar, eu corri até o meu pequeno homem e o tomei em meus braços. Não havia palavras para descrever o sentimento quanto ele colocou seus bracinhos no meu pescoço. Pouco depois senti minhas irmãs se juntarem a nós, e o que era uma comemoração virou um show de lágrimas e emoção.

Afastei-me e encarei Tony. – Você está a coisa mais linda do mundo todo, bebê.

Ele riu. – O pequeno homem do papai! – Fez graça, balançando a mão no ar como fazíamos na Itália.

Nós três caímos na risada o observando. Alessa o pegou de surpresa e jogou na cama. – Agora chega de brincadeira mocinho, vamos colocar o suspensório!

– *Supisolio* não! – Repetiu.

– Suspensório, sim!

Eu tirei meus olhos dele e voltei-me para Ella. Minha irmã já estava chorando, me encarando como se eu não estivesse ali bem na sua frente. – Você vai me dar um abraço?

Ela assentiu e me apertou tão forte, a ponto de sufocar. – Eu sinto tanto, tanto. Não tive tempo de estar com você quando tudo aconteceu, nem de explicar que eu jamais, nunca faria nada para...

– Ella. – A cortei. – Acabou. Você pisou em uma formiga quando éramos pequenas e chorou por horas. Como seria capaz de magoar sua própria irmã?

– *Mamma!* – Antony gritou de fundo. Alessa estava o entretendo em um ataque de cócegas, e ele queria a mãe para tirá-lo de lá.

Ella sorriu. – Você colocou o suspensório?

– *Supisorio* si! – Gritou ainda rindo.

Eu segurei as mãos dela. – Eu estou bem Ella. Talvez era disso que precisava. Passar um tempo longe, conhecer lugares, pessoas, outros jeitos e outras histórias. Mas eu me conheço agora, e isso é tudo o que importa.

– Esta enganada. Tudo o que importa é que você está aqui de volta.

– Sim! E que nós vamos querer ouvir sobre todos os lugares que passou! – Alessa completou.

– Tia Lessa, pode comer doces agora? – Antony perguntou, distraído com a corrente no pescoço dela.

Minha irmã o levou para fora. – Muitos doces, mas eu vou comer todos eles primeiro...

– Anita. – Ella chamou quando ficamos sozinhas. – Sabe que ele está aqui, certo?

Eu suspirei. – Ele é padrinho do Antony, tem que estar.

Ela franziu a testa. – Na verdade, isso não é muito considerável, vendo que no aniversário de um ano, Lucca o proibiu de vir.

Eu fiquei boquiaberta. – O que?

– Lucca tem um sério problema de não ouvir ninguém, as vezes nem mesmo eu posso fazê-lo mudar de ideia. E desde que tudo aconteceu ele cortou Luigi como irmão.

– Mas... Ella, Antony é seu afilhado!

– Eu sei, Dante vem pegar Tony e o leva de volta toda semana. Pelo menos um dia Luigi sempre fica com ele.

Eu precisei me sentar. – Não sei o que dizer.

Ela se ajoelhou na minha frente e apoiou o queixo na minha perna. – Eu estou feliz. – Sussurrou.

Eu sorri e me inclinei, deixando um beijo na ponta de seu nariz. – Eu mais ainda.

Ela ficou quieta por alguns minutos. – Quer perguntar algo sobre ele?

Eu queria? Na verdade, sim. Mas o que? Se ele estava bem, se estava com alguém, se continua o mesmo de sempre.

– Sei que vou acabar vendo-o em qualquer momento. Mas, não. Não estou curiosa sobre ele.

Ela me encarou com aquele olhar de quem sabia que eu estava mentindo e assentiu. – Certo. Vou pegar meu vestido no quarto de Lucca e já volto. – Levantou e correu para fora, ainda gritando. – Tenho que terminar de me arrumar.

– No quarto de Lucca? E esse aqui é de quem?

Ela já estava longe, provavelmente nem me ouviu.

Eu levantei da cama e abri a porta da varanda, saindo para receber a brisa do lado de fora. Estava uma linda noite. Estrelas no céu, tempo fresco, lua grande e brilhante. Tão calmo e sereno, completamente diferente de como eu me sentia. Fechei meus olhos e puxei uma longa respiração. Estava apenas começando. Era bom que estava tendo aquele momento para pensar e me preparar para tudo o que estava por vir, pois eu seria bombardeada com tudo de uma vez.

Um vento forte passou por mim, levando alguns fios de cabelo ao meu rosto, e uma borboleta pousou em cima da minha mão.

– Anita?

Aquela voz. Eu a reconheceria entre gritos histéricos e mil pessoas falando ao mesmo tempo. Foi como se ele tivesse passado as mãos pelos meus braços, porque cada pelo se arrepiou. Cada célula do meu corpo voltou a vida e meu coração pulsava.

Deus, como eu tremia.

A adrenalina, misturada com saudade, raiva e lembranças eram uma combinação maldita.

Eu lentamente me virei, e fui levantando a cabeça passando meus olhos por todo seu corpo gradualmente, até finalmente chegar em seus olhos. Cada batida do meu coração mais descompassado que a outra.

Forcei minha voz a sair firme e convicta, uma vez que parecia estar entalada na garganta.

– Luigi. – Seus olhos brilharam e por um momento, eu esqueci como respirar.

– Olá, amor.

Capítulo 38

*"Ele é tão alto e impossivelmente lindo, ele é tão mau mas faz do jeito certo
Já dá para ver o fim, enquanto isso começa
Minha única condição é... diga que se lembrará de mim
Ali parada, em um lindo vestido e encarando o pôr-do-sol, baby
Lábios vermelhos e bochechas rosadas, diga que irá me ver de novo
Mesmo que seja apenas em seus sonhos mais loucos..."*
Taylor Swift - Wildest Dreams

Eu o encarei sem piscar. Mal acreditando que realmente estava ali.

– Não me chame assim, idiota. – Respondi, repetindo a frase que disse anos atrás, na noite em que tudo começou.

Ele sorriu. – O que está fazendo aqui? – Continuou e eu fiquei impressionada que ele também lembrava.

– Você sabe... não é da sua maldita conta.

– Bem... Você está na casa onde eu cresci e na varanda do meu quarto de infância. Isso torna da minha conta.

A brincadeira tinha acabado. Não havia mais frases daquela noite que se encaixavam ali.

– Luigi. – Eu repeti.

Ele piscou, me olhando tão intensamente e era tudo tão surreal. – Você está aqui.

– Não podia perder mais um aniversário de Tony. – Respondi.

– É claro. Tony...

– Luigi? Você está aqui? – Nos viramos para ver Isabella aparecendo por entre a cortina da sacada. – Oh. Não sabia que estava ocupado.

Ele olhou para ela com uma expressão completamente contrária do que olhava para mim e voltou sua atenção para meu rosto novamente. – Anita...

– Anita! – Alessa chamou da porta. E eu dei graças a Deus pela desculpa de sair de lá.

– Com licença. – Pedi, mas Isabella continuou na frente, me olhando como se fosse tirar uma

arma e me dar um tiro a qualquer momento. – Saia *Isabelli*.

Ela abriu a boca e deu dois passos para o lado. Eu revirei os olhos. – Esqueci que com você tem que ser curta e grossa, feche a boca, boneca inflável.

Não dei tempo de nenhum dos dois falar nada, e peguei minha irmã pelo braço, saindo o mais rápido possível de lá.

– Por *Dio*, está indo para o salão! – Lessa exclamou, e começou a me puxar na direção contrária. Por fim, paramos em um outro quarto e ela encostou a porta. Eu virei de costas para ela, encarando a janela. – Você está bem?

Eu estava? – Sim.

– Se eu soubesse que estavam conversando não teria entrado lá, perdão irmã.

– Não se preocupe, ele também parecia ocupado quando saímos.

Alessa balançou a cabeça. – Eu devia ter tirado *Isabella* junto e deixado vocês dois.

Eu balancei a mão no ar, em falso desdém. – Não tem problema, não é grande coisa.

– É claro que é! Vocês precisam conversar.

Eu ri sem qualquer humor. – Conversar... essa é boa.

– Sim, conversar. Esclarecer, perdoar, tentar de novo.

– Ele mentiu para mim. Todo o maldito tempo ele mentiu! Perdoá-lo seria como trair a mim mesma e essa possibilidade não existe!

– Eu não iria tão longe. Vocês não podem viverem em pé de guerra e ele está realmente mudado.

– Ele é dissimulado, sempre foi! *Dio*! Eu odeio apenas olhar para cara dele!

– Você está assim porque o que ele fez te machucou mais do que você podia imaginar. Mais do que quer admitir.

– Não estou ferida. Só com ódio, como sempre.

– Não, você não odeia.

– EU ODEIO! – Gritei. – Pensei que todo esse sentimento tivesse ido embora e eu chegaria aqui e tudo que ia sentir era indiferença, mas por *Dio*, eu sinto mais raiva ainda.

– Escute a si mesma, é difícil para você aceitar, mas você não o odeia, irmã.

– Mas que droga! Você tem uma incrível mania de apoiar a pessoa errada!

– Eu?

– Sim! Primeiro com Ella, sempre defendendo Lucca e agora com Luigi!

– Não estou defendendo! Ele não precisa da minha defesa. Só estou dizendo que enquanto você estava fora, ele mudou. Eu vi acontecer. Cada vez que ele me ligou querendo saber de você, todas as vezes que caiu bêbado e algum soldado o levou para a casa. Ele sofreu.

– E quanto a mim? Eu não sofri?

Ela abriu a boca, mas quem falou não foi ela. – Eu sei que sofreu.

Eu fechei meus olhos, irritada que ele ouviu toda a nossa conversa. Me virei para encará-lo.
– É falta de educação ouvir a conversa alheia, escondido.

Ele me olhava sem piscar. – Alessa, deixe-nos ter um momento por favor.

Lancei a ela um olhar. – Não se atreva a sair.

– Sinto muito. – Sussurrou, passando por mim.

Ela me deu uma última verificada antes de sair. – Traidora. – Acusei.

Finalmente meu marido falou. Meu “ainda” marido. – Eu me perguntei inúmeras vezes quando nós finalmente teríamos essa conversa.

– Não há nada para falar, Luigi.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e bufou. – Vai insistir nisso?

– Você é quem está insistindo. Bola para a frente, quem vive de passado é museu e eu estou bem atualizada para isso.

– Não há bola para a frente entre nós. Isso é o que é.

Coloquei as mãos na cintura e inclinei a cabeça. – O que foi Luigi? Querendo um flashback?

Ele sorriu aquele sorriso que me fez me apaixonar por ele anos atrás. – Você mudou.

Dei de ombros. – Você continua o mesmo.

– O que posso dizer? Não tive tempo de tirar férias como você fez ainda. Talvez quando acontecer eu mude em algo.

Eu o encarei em silêncio. Observando como ele me olhava diferente. Como mexia as mãos mesmo dentro do tecido da calça. Como tentava me dar aquele sorriso ousado, mas tremia. Luigi parecia inseguro, mas ainda assim gostoso. Seus ombros eram mais largos, a barba estava por fazer, e mais grossa do que ele costumava deixar. O cabelo era o mesmo, e os olhos... Aqueles olhos que me faziam sentir como se estivesse nua em sua frente ainda eram os mesmos.

E mesmo que sua aparência fosse absurdamente bela, sua atitude extremamente máscula e suas palavras ainda fossem descontraídas, não havia como ficar ali e ter uma sessão de bate-papo com ele como se fossemos dois conhecidos. Dois colegas que se encontraram depois de algum

tempo e precisam colocar o papo em dia.

Ele queria conversar, muito bem. Eu não estava com cabeça para entrar em assuntos dramáticos ou reviver o passado, mas não tinha outra saída. Nós adiávamos aquilo demais.

– Eu estava pronta. – Soltei do nada.

Ele piscou, confuso. – O que?

– Eu finalmente estava pronta.

– Pronta para o que?

– Para abrir meu coração. Eu conheci você e nós passamos meses juntos. Mesmo que eu fosse o seu segredo sujo da madrugada...

Ele soltou uma risada amarga. – E eu não era o seu? Não seja hipócrita. Era você quem saía de fininho quando pensava que eu tinha dormido. Foi você quem virou o rosto cada vez que eu fui te beijar. Eu nunca fiz, mas você também nunca tocou no assunto de me assumir.

Eu o ignorei. – Mesmo sabendo que nunca daria certo, você tirou de mim o direito de dizer para quem eu daria o meu "Sim", por um capricho. Já parou para pensar no quão humilhada eu fiquei em saber que era uma substituta para você sonhar com a minha irmã?

Ele deu um passo atrás e fechou os olhos. – Eu já disse...

– Foda-se o que você já disse! Você nem mesmo nos comprou uma casa nova Luigi. Eu dormi na cama que você dividiu com outras mulheres!

Ele arregalou os olhos, surpreso. – Como eu ia saber que isso importava? Você nunca me disse!

– O QUE? ISSO NÃO É ALGO QUE É NECESSÁRIO DIZER, IDIOTA! VOCÊ SE CASA E COMPRA UMA CASA PARA VIVER COM QUEM CASOU!

Ele deu um passo à frente, seu corpo quase colado no meu. – AH, ME DESCULPE SE EU ERREI AQUI DONA ESPERTA, MAS EU NUNCA TINHA ME CASADO ANTES!

– Você é inacreditável. E NÃO GRITE COMIGO!

Ele levantou as mãos. – Você gritou primeiro, porra!

Eu me afastei. Seu cheiro, seu corpo e tê-lo perto demais era prejudicial para mim e o meu juízo. – Então nós começamos a levar nosso tempo tendo encontros e nos divertindo, e eu estava finalmente certa de que podia confiar em você. Deixá-lo me ver e realmente me conhecer.

Ele balançou a cabeça. – Anita...

– Mas então você me destruiu. Você pegou meu coração e o apertou Luigi, a ponto de eu não poder respirar. Você pisou em mim em cada chance que teve e ainda não foi suficiente, então

eu fui burra e ingênua e te perdoei mais uma vez. Eu deixei que você usasse seu charme cafajeste e seus dons sexuais, porra, e cai por você em cada oportunidade que tive. Eu devia ter desconfiado desde que você mentiu na nossa primeira vez juntos.

Ele franziu a testa. – Do que está falando?

– O acordo.

– O que? Espere, eu não menti!

Revirei os olhos. – Eu dei a minha virgindade e em troca você não diria a Lucca que nós estávamos na boate. E quando minhas irmãs e eu chegamos em casa, adivinha? Seus irmãos estavam lá.

– Eu não contei a Lucca.

Bufei. – Acredito. Já parou para pensar que Lucca podia ter matado minha irmã por aquilo?

– Eu não contei. Não duvide da minha palavra. De qualquer forma, isso não importa mais, não é? Você foi embora e voltou decidida e bem resolvida do que quer.

– Não jogue a culpa em mim! Você me mandou ir embora, foi você quem me colocou para fora!

– PORQUE ERA O QUE VOCÊ QUERIA!

– O que eu queria?

– Sim porra! Você vivia dizendo sobre ser livre e viajar e deixar a Família para trás!

– Isso foi antes, eu...

– Eu era o vilão da história. Prendendo você contra a sua vontade e a privando do que queria. Que outra escolha eu tinha?

– Ficar do meu lado.

Ele se aproximou e segurou meu rosto. Dio... como eu sentia falta daquele toque. – Você estava destruída. Eu jamais teria sido o suficiente.

Eu olhei em seus olhos, vendo toda a verdade que as palavras diziam. – Eu... – Comecei e parei. Eu o que? O que eu queria dizer a ele?

– Nós somos ruins, Luigi.

Ele analisou cada traço do meu rosto com os olhos, e seu polegar alisou levemente minha bochecha. – Nós somos péssimos. – Concordou.

Eu senti meus olhos enchendo de lágrimas. Coloquei minhas mãos em cima das dele, e as puxei fora da minha pele lentamente. – Você é um homem ruim e eu sou uma garota má.

Ele abriu e fechou a boca, como se debatesse consigo mesmo e por fim. Apertou os lábios juntos. – Nunca teria dado certo.

Alguém tinha dado um soco no meu peito, tirando todo o ar quando ele disse aquilo. Mas ele estava apenas concordando com tudo o que eu disse. Levantei a cabeça e assenti. – Vou dar a você o divórcio, agora que estou aqui e bem... vou ficar por uns dias, então acho que dá tempo dos papéis ficarem prontos.

Ele me olhou em silêncio, e por fim, assentiu. – Então... é isso.

– É isso. – Concordei.

Ele olhou atrás de nós, para o chão, e por fim, nos meus olhos mais uma vez. – Seja feliz.

Eu assenti. Um soluço engasgado, pronto para sair. Luigi virou as costas e começou a caminhar para fora, e a cada passo, era como se eu visse uma imagem de nós dois juntos. Involuntariamente me peguei o chamando de volta. – Luigi!

Ele parou abruptamente, e me encarou. Engoliu em seco e deu um passo a frente. Só mais uns passos e nós estaríamos grudados um no outro. – Sim?

Eu abri a boca, fechei, abri de novo e a fechei novamente e nada saiu. Ele deu mais um passo. – Anita, diga.

Ele estava perto demais, tão perto... E de repente, a imagem de Isabella indo até seu quarto procurá-lo, sua voz e a intimidade com que disse.

"Luigi, você está aí?"

– Anita! – Sua voz era torturada, e pura tortura para mim também.

Só mais dois passos e eu o sentiria junto a mim. Ele fez um movimento e eu falei. – Seja feliz também.

Fechei meus olhos para não ver a expressão em seu rosto, e me perguntando porque diabos eu tinha dito aquilo quando tudo o que queria era pedir a ele que ficasse. Mas era tarde demais, porque os passos que ele avançou, retrocedeu logo depois das minhas palavras.

A última coisa que ouvi de sua boca e foi tão baixo que se o quarto não estivesse em completo silêncio, eu teria perdido aquilo. – Adeus... amor.

E quando a porta bateu se fechando foi o barulho mais alto, mais baixo e mais agonizante que eu ouvi. A esperança havia enraizado, e naquele momento foi embora sem dizer tchau. O único adeus que tive foi o dele. Doeu mais do que qualquer coisa que senti e a culpa daquela vez, era somente minha.

Capítulo 39

*"Amando e lutando, acusando e negando
Não consigo imaginar um mundo em que você se foi
A alegria e o caos, os demônios de que somos feitos
Eu estaria tão perdido se você me deixasse sozinho
Você pode me ouvir gritando por favor, não me deixe?
Eu ainda te quero, eu ainda preciso de você
Me deixe pegar a sua mão, eu vou consertar tudo
Juro te amar por toda minha vida..."*
Chord Overstreet - Hold On

– Como você soube que amava Lucca? – Eu perguntei a minha irmã.

Estávamos nós três deitadas na cama do quarto de hóspedes de sua grande casa. Tony havia dormido depois de um dia e tarde toda de brincadeiras e Lucca se ocupava em seu escritório.

Ella apoiou o rosto nas mãos e fechou os olhos, sorrindo. – Não sei como começar a descrever. Às vezes eu penso que o amei desde o começo, outras já nem tenho certeza.

– E como sabe que realmente o ama?

– Ele é meu primeiro pensamento pela manhã. Eu anseio por seu toque, ou apenas estar perto dele. Não posso sequer pensar em querer esconder algo e nunca senti necessidade de mentir, porque ele me passa uma confiança sem igual. Ele é o meu porto seguro, a minha casa e o meu consolo, ao mesmo tempo em que tira o meu juízo. Tudo ao mesmo tempo.

– Parece intenso. – Lessa resmungou, distraída.

– É mais do que isso. É como se nós estivéssemos conectados, entende?

Minha irmã balançou a cabeça. – O amor é bonito de se ouvir falar.

Ella sorriu e se jogou em cima dela. – Ele é mais bonito ainda de sentir e de experimentar. Todas as noites!

Eu soltei uma gargalhada e um grito de surpresa, jogando uma almofada nela. – Mentira que a pequena inocente Abriela disse uma coisa dessas?

Lessa riu. – Onde está nossa irmãzinha que tapava os ouvidos ao nos ouvir dizer... pau!

Abriela colocou as mãos no rosto e nos acompanhou rindo. – Deixei escapar, Lucca me faz dizer coisas absurdas e... Oh *dio*! – Nós rolávamos na cama de tanto rir de seu embaraço.

Eu fiquei de pé no colchão e comecei a pular, cantando. – Ella e Lucca embaixo da árvore...

– Em cima da escada! – Lessa continuou.

– No corredor! – Continuei.

– Nessa cama! – Ella concluiu, nos fazendo soltar um grito de nojo fingido e caindo no tapete felpudo do chão, uma do lado da outra.

Lessa estava no nosso meio e pegou nossas mãos. – *Santo Dio*... nós temos sete anos outra vez.

No mesmo momento a porta abriu e Lucca invadiu o quarto, seus olhos procurando freneticamente até pararem na minha irmã. – Pensei ter ouvido algo.

Minha irmãzinha ficou de pé e foi até ele, ficando na ponta dos pés e disse algo em seu ouvido. Eu quis jogar meu chinelo nele quando vi sua mão boba descer até o quadril dela e lhe dar um aperto. Logo depois eles se soltaram e Ella voltou para nós com o rosto vermelho.

– Boa noite senhoritas. – Ele desejou e saiu.

– Agora desembucha, por que fez aquela pergunta?

Eu dei de ombros. – Curiosidade.

Alessa bufou. – Mentirosa.

– Vocês parecem felizes, fiquei curiosa, afinal, o casamento de vocês nem sempre foi flores.

Ella inclinou a cabeça. – E ainda não é. Lucca está longe de ser flores.

Alessa se sentou, cerrando os olhos para ela. – Mas ele não é o mesmo dos primeiros dias, ou é?

Ella sorriu. – Não. Ele mudou e Antony foi um anjo, ensinando a ele coisas que eu não poderia ter ensinado. E o casamento é isso, não é sobre ser feliz o tempo todo e viver o retrato da família feliz. Mas é saber que ele nunca vai dizer que me ama em público, que nunca vai me dar beijos apaixonados na frente de alguém, é saber que ele dirá qualquer coisa sobre nós para nos proteger e que se for necessário vai fazer parecer que não se importa. Mas quando somos só nós três dentro dessa casa, eu posso ver o homem por quem me apaixonei. – Ela suspirou. – Ele é um marido incrível, pai espetacular e o homem que eu sei que mamãe sonhou para mim.

– É um assassino também. – Eu não me contive e Alessa me deu um chute na coxa. – Ai!

– Cale a boca.

– Só dizendo a verdade aqui. – Resmunguei.

– Sim, ele é um assassino. Um criminoso e cada vez que ele chega em casa eu preciso esquecer o que quer que ele tenha feito da porta para fora e me lembrar de quem ele é para mim e o nosso filho. A moral, irmã, e os costumes da sociedade me dizem que eu sou tão ruim quanto ele por amá-lo e não condená-lo por tudo o que faz. Mas a moral e os costumes são tão falhos e o meu coração não é. Eu faria qualquer coisa por Lucca, e isso inclui vê-lo além do mafioso, além do assassino. Meu coração me faz ver que ele tem um coração. – Ela olhou diretamente em meus olhos. – E Luigi tem um também.

Eu revirei os olhos. – É um motim.

Alessa imitou meu gesto. – É a verdade que sua cabeça burra e insensata não entende.

Eu fiquei de pé, dando alguns passos em direção a porta, mas voltei. – Sabe o que a minha cabeça me diz? Que ele estava se divertindo com aquela cadela enquanto eu estava me recuperando do que uma outra cadela me fez.

Elas se levantaram também. – O que?

– Por favor Alessa, não venha querer defendê-lo agora. Você viu Isabella em seu quarto ontem.

Ela cruzou os braços. – E você já deduziu mil e uma coisas?

Dei de ombros. – Estava claro para mim.

Ela levantou os braços em frustração. – Eu cansei. Cansei de vocês dois e essa brincadeira de gato e rato vai acabar.

– O que quer dizer com isso? – Franzi a testa a observando enquanto deixava o quarto.

Ela nem sequer me olhou. – Espere e verá.

Eu encarei minha irmã mais nova, que também parecia mais confusa do que eu e balancei a cabeça. – Eu deveria estar preocupada?

Ella apertou os lábios. – É Alessa focada em um plano, então... provavelmente sim.

Sim, eu provavelmente deveria passar a noite pensando no que minha gêmea estava tramando. Mas quando deitei a cabeça no travesseiro aquela noite, só consegui repassar as palavras de Ella uma e outra vez.

"Mas a moral e os costumes são tão falhos e o meu coração não é."

Aquelas palavras de acertavam e mexiam de forma que ela nunca iria sequer imaginar.

"Eu faria qualquer coisa por Lucca, e isso inclui vê-lo além do mafioso, além do assassino."

Eu me perguntava se conseguiria algum dia, dizer aquilo. Declarar-me de forma tão aberta, sincera e com tanto amor quanto havia em suas palavras.

"Meu coração me faz ver que ele tem um coração também."

Eu sonhei com um homem de preto aquela noite, e no meio de toda a escuridão que era o sonho, eu podia ver olhos azuis brilhantes, olhos que me faziam duvidar de tudo o que eu lutei contra, por tanto tempo.

Acordei naquela manhã com uma sensação estranha. Parecia um déjà vu e um sonho tudo ao mesmo tempo. Mal despertei e já planejava passar o dia todo com Antony, afinal, tinha saudade acumulada para uma vida toda a matar com ele.

Tomei um banho rápido e descí, estranhando o silêncio da casa, já passavam das dez e aquele horário, pelo o que pude perceber da rotina da casa, Tony já estaria acordado praticando terrorismos e fazendo minha irmã correr atrás até cansar. Mas aquele dia foi diferente, meu bebê não chorava e o barulho do bule fervendo no fogão não soava.

Continuei andando e parei ao ouvir algumas vozes vindo do escritório de Lucca. As lembranças de dois anos, quando resolvi xeretar e cuidar de assuntos que não eram meus, vieram à tona. E lembrei de tudo o que aconteceu depois de ouvir os três conversando naquele mesmo lugar.

– Você não vai dizer a ela Lucca, ela acabou de voltar! – A voz de Abriela era baixa, mas nítida.

– Eu prometi que a vingança seria dela.

– Isso não importa mais, não vê como ela está bem? Ela não deve nem se lembrar Lucca, por *Dio*, eu não quero perder minha irmã de novo!

– Você acha Bella que não importa, mas não sabe como ela se sente. Eu jurei pelo meu sangue e minha palavra é uma só.

– Então durma com sua palavra essa noite e o resto de sua vida, porque se...

– Ella. – Me peguei falando. Quando dei por mim já estava dentro do escritório.

– *Dio*... Anita... – Sussurrou.

Eu olhei para Lucca. — É o que estou pensando?

Ele confirmou em um aceno.

Ella se colocou na minha frente. – Eu disse a ele que tudo bem esquecer essa coisa de vingança, que você vai ficar e...

Minha irmã continuou falando, mas eu já não ouvia mais a sua voz. O pensamento de estar no mesmo lugar que aquela mulher me enjoava, deixava-me doente.

Eu olhei para os dois e balancei a cabeça. – Não posso ficar aqui.

Comecei a sair sem mais e minha irmã vinha atrás gritando, chamando-me.

– Anita, por favor! Não vá embora, nós precisamos de você. Eu, Lessa, Tony... Por favor.

Eu encarei seus olhos torturados com dor no coração. – É muito. Eu tinha esquecido como ela me machucou, não posso... eu não...

Corri para fora sem nem conseguir terminar a frase, ainda ouvindo ela gritando e Lucca a chamando atrás. Havia alguns soldados no portão de entrada, e um carro entrava também, aproveitei a deixa e corri em direção à rua. Da última vez que fiz aquilo, me lembrava bem de como tinha acabado e a cena se repetia mais uma vez.

Eu esperei anos para olhar nos olhos de Evangeline e quando finalmente tive a oportunidade, surtei e fugi. Bela mafiosa eu era. Dei sinal a um táxi que passava e entrei, apressando o motorista a acelerar.

Meu celular estava no bolso, e era a única coisa que eu tinha pego. Sem passaporte, sem dinheiro, sem malas. Eu não tinha um plano. O mínimo e a única escolha que tinha era ligar para Alessa, e implorar que levasse para mim enquanto me escondia de Lucca e seus soldados. Cerca de quinze minutos depois o homem estacionou e eu pulei para fora do carro.

– El RAGAZZA! Meu dinheiro! – O taxista gritou.

Eu o olhei pela janela. – Volte naquela casa e cobre de Lucca DeRossi.

O homem arregalou os olhos e pisou no acelerador como se eu fosse o ceifador com a foice a sua frente. Eu corri para dentro, disfarçando quando passei pelos seguranças, ansiando chegar no banheiro e ficar lá antes que Lucca chegasse até mim. Mas foi tarde demais, pois quando virei no corredor, Juliano estava lá. Dei um passo atrás e colidi com outro corpo grande.

Meu cunhado pegou meu braço e me virou. Ofegante, cabelo bagunçado e terno amarrotado. – Que porra você está pensando? Isso aqui é um filme agora, caralho?

Eu bati meu braço fora, me soltando dele. – Eu não pedi a você que viesse até aqui.

– Não, mas sua irmã pediu. Porque se importa e se preocupa com você. Mas me pergunto quando ela vai perceber que a recíproca não existe.

– Não é porque não gosta de mim e acredite Lucca, eu não suporto você também, que pode ficar insinuando que não amo minha irmã.

– Então pare de correr para longe e corra para ela. Para ela e Alessa, porque a porra do mundo, viagens e o que quer que você tenha feito fora não vai te dar o que você quer ou procura.

Eu bufei. – Você não sabe o que eu procuro.

– Sim, eu sei. Porque por dois anos eu vi Luigi fazer o mesmo, a diferença é que ele não podia sair daqui pelo compromisso com a Família.

– Até você com essa história. Não percebeu ainda. Nenhum de vocês percebem que eu e ele somos passado? Acabou!

– Acabou para você, porque ele ficou aqui caçando e torturando quem te machucou, usando a aliança de um casamento que só ele levou a sério e carregando a sua no bolso como um imbecil.

Eu parei com aquilo. – O que? – Sussurrei.

Lucca riu amargo. – Incrível como essas coisas ninguém conta, não é? Quer saber, foda-se o que você faz. Cortei ele da minha vida e vou mostrar a sua irmã como cortar você também. Chega de ela sofrer e chorar a noite por você. – Ele virou as costas, mas eu corri e entrei na sua frente.

– Conte-me isso direito, sobre... sobre Luigi!

Ele analisou meu rosto lentamente e cerrou a mandíbula. – Eu não sou cupido. Se quer saber o que aconteceu, vá até ele e pergunta. Não fuja pela primeira vez na sua vida.

LUIGI DEROSSI

Eu nunca havia batido em mulheres, mas a vontade de esganar Isabella era tão grande e tão forte que mal podia controlar. A cadela tinha mesmo que aparecer no pior momento? Dois dias após a festa e nem sequer um sinal dela. Da minha esposa e a mulher que fazia minha cabeça girar.

A expressão em seu rosto quando viu Isabella entrando no quarto que eu tinha acabado de dizer que era meu foi clara. Ela pensou que eu segui em frente. E eu não segui. A esperança de que ela voltaria era pequena, mas se manteve acessa ao longo dos anos que ela ficou longe. E nem mesmo a noite de bebedeira e recaída que tive com Isabella, me fez repensar em esperar Anita. Era fodido, eu sabia. E fazer Isabella entender que não haveria nada entre nós se mostrava mais difícil a cada dia, e eu fui claro. Arrependimento era algo que eu sentiria pelo resto da vida ao lembrar da manhã que acordei sentindo braços e pernas em volta de mim e um cabelo ruivo espalhado pelo meu peito.

Passei as mãos no rosto ao lembrar. Eu era um idiota.

Meu celular tocou no bolso, e estranhei ver o nome de Alessa brilhando na tela. Geralmente quem ligava para ela era eu, sempre querendo informações de sua irmã, não o contrário.

– A... – Comecei, mas ela me cortou.

– Minha irmã acabou de sair da casa de Lucca. Ela está indo embora Luigi, levante a sua bunda de onde quer que esteja e corra até ela!

Eu fiquei quieto por alguns segundos, tentando processar o que ela disse. – O que disse?

– Você é surdo ou o que? Esta bêbado de novo?

– Você não está fazendo qualquer sentindo, fale direito.

– Você é o homem mais idiota do mundo todo! E olha que existem muitos, muitos homens idiotas nesse planeta! Anita está indo embora mais uma vez, vá encontrá-la e a faça ficar *per amor de Dio* Luigi, chega dessa confusão de vocês!

– Porra! Ela não quer me ver!

Ela soltou um grito irritado. – VOCÊ TEM UM ÓRGÃO FEMININO ENTRE AS PERNAS?

– O QUE?

– Não, você não tem! Então escute a mulher aqui e faça o que eu digo! Se ela sair desse país Luigi, não vai voltar mais. É isso o que quer?

– É claro que não!

– ENTÃO PEGUE UM MALDITO CARRO E VÁ PEGAR SUA MULHER!

– VA *BENE*!

Ela gritou alguns xingamentos e desligou na minha cara. Não que eu merecesse tratamento melhor, claro, mas estava impressionado com aquela versão de Alessa. Parecia que eu falava com sua irmã gêmea, de tão idênticas e tão iguais naquela ligação. De repente eu parei, me dando conta de que a oportunidade que eu tanto quis estava bem na minha frente. E era naquele momento ou nunca. Eu precisava chegar a ela e dizer tudo o que sentia. Tinha que ser sincero e fazê-la ver a verdade em meus olhos e ouvir a sinceridade saindo de cada palavra.

Mesmo que minha ficha estivesse destruída para ela, a esperança estava ali, vendo que até mesmo suas irmãs estavam do meu lado. Eu não tinha garantias, apenas aquele fio de esperança e precisava me agarrar a ele.

Dei partida no carro e praticamente voei para fora, caindo na estrada. Eu sorri. Estava na hora de deixar a minha menina saber algumas coisas.

Eu oficialmente odiava aeroportos.

Estava cheio, era uma confusão maldita e eu parecia nunca chegar em seu portão de embarque. Quando finalmente vi a grande fila parada, quase ajoelhei e comecei a rezar, e se acreditasse em santos provavelmente teria feito.

Sai em disparada, andando lado a lado com as pessoas enfileiradas, olhando cada uma e esperando cada segundo até chegar nela. Era uma missão quase impossível, e mesmo com meus soldados procurando junto comigo, parecíamos nunca a encontrar.

Meu celular tocou e não perdi tempo atendendo a ligação de Nino. – Encontrou?

– Fui até todos os portões de embarque Luigi, todos os voos saíram a cinco minutos, os que estão aguardando são os próximos. Se ela não está aqui...

– É porque já foi. – Completei.

– Nós podemos procurá-la, ligar para o... – Tirei o telefone da orelha e desliguei, saindo daquela porra de lugar sem avisar ou esperar qualquer um.

O que eu esperava? Que fosse como nos filmes, onde eu chegaria lá e a pegaria ainda na fila de embarque, diria algumas palavras bonitas e ela iria voltar comigo para casa? Jesus que tivesse piedade da minha alma, porque nem palavras bonitas eu sabia dizer. Aquele era realmente o fim para nós então, quando eu disse aquele adeus não havia levado tão a sério. Mas ela levou, e muito.

Peguei um táxi de volta para o apartamento e odiei ter que voltar para lá. Me lembrei dela dizendo que nem uma casa nova para nós eu havia comprado e me perguntei de que outras formas eu podia e com certeza falharia se tivéssemos continuado juntos.

Paguei o homem e entrei no prédio. Observando bem agora, não era grande coisa. Eu devia realmente ter comprado uma casa na costa de uma das ilhas para ela. Ela amava o mar.

Enfiei a chave na fechadura e entrei naquele lugar silencioso, chato e monótono. Fui até a estante de bebidas e me servi de um copo. Estava prestes a encher mais uma vez quando parei. Anos de treinamento haviam me ensinado a perceber facilmente quando havia mais alguém além de mim num mesmo local. E se não fosse só aquilo, seu cheiro inconfundível era sentido em todo o cômodo.

Eu deixei o copo na mesa e me virei, falando em alto e bom som. – Sei que está aí.

Passou alguns minutos e pode ser que a terra tenha até mesmo girado mais devagar, mas ela saiu de onde estava e apareceu bem na minha frente, a distância toda nos separando.

Ela me olhava com lágrimas nos olhos e a boca entreaberta, como se tivesse corrido até chegar lá. O rosto vermelho. Cabelo já não curto como eu havia visto da última vez, se possível, era maior do que costumava deixar, e a cor era diferente também. A cicatriz presente passando por todo o rosto era um contraste e ela ainda estava absolutamente linda. Tão linda como a primeira vez que a vi, e tão linda como eu sabia que seria pela eternidade.

– Você me amou? – Perguntou do nada.

Eu franzi a testa. – O que?

Ela engoliu em seco. – Em algum momento, nem que seja por um minuto, durante uma transa ou um sonho... Você sentiu algo por mim?

– Anita...

– Não! Por favor só... só me diga que este sentimento que me corrói, que toma cada fibra de mim, diga que você sentiu nem que seja por um segundo.

Eu me aproximei, sem hesitar mesmo quando ela fechou os olhos e uma lágrima escorreu. – Amor... – Segurei seu rosto entre minhas mãos e sussurrei. – Minha pequena menina quebrada e única. Como fazê-la acreditar em sentimentos que nem mesmo eu aceitei por tanto tempo?

Ela fechou os olhos ao meu toque e sua mão foi para cima da minha. – Luigi...

– Ela é tão perfeita e nem sabe o efeito que causa em mim. Nem sabe quantas vezes eu me arrependi de tudo, me perguntei como consertar, quis buscá-la. Ela nem imagina que revirou minha cabeça.

Ela suspirou. – Ele não entende o medo que ela tem de se machucar mais uma vez, porque a dor é tudo o que conhece.

– Ele, eu... Nós, temos te amado por um longo, longo tempo.

Ela soluçou e por *Dio*, era tortura vê-la daquele jeito. – Por que me deixou partir, então?

– Eu deixei você ir, mas torcendo para que suas asas te trouxessem de volta.

– E se elas não fizessem isso?

Eu sorri. – Então eu seria o homem mais egoísta da Terra, mas buscaria você, amor. Ou a Família que me perdoasse, mas eu deixaria tudo e passaria a vida atrás de você, viajando de país em país para te ter.

Ela mordeu o lábio e sorriu. O sorriso que eu não tinha visto em um longo tempo. – Eu teria voltado.

– Tem certeza?

– Absoluta.

– Como?

Ela me encarou com aqueles lindos olhos verdes. – Porque você é minha casa. Como eu poderia não voltar?

Minhas mãos foram de seu rosto ao cabelo, e eu encostei minha testa na dela. – *Ele* vai beijá-la.

– *Ela* está ansiosa por isso.

– Dois anos e eu finalmente vou fazer isso. Dois anos e você é finalmente minha. – Sussurrei.

– Você não entendeu, não é? Eu fui sua desde aquela noite, anos atrás. Há muito a ser dito e nós temos que...

Eu aproximei seu corpo mais ainda do meu e deixei minha boca a centímetros da dela. – Eu te amo.

Ela arregalou os olhos, seu queixo tremeu, e as lágrimas continuavam caindo. – Eu amo você... – Sussurrou.

Sem esperar mais nada, nenhuma outra palavra, nenhum outro gesto e torcendo para que não fosse um sonho, eu desci minha boca sobre a dela. Suas mãos apertaram meu braço enquanto eu fazia um trabalho impaciente de invadir sua boca. Ela era tão macia quanto eu me lembrava, tão quente e só de encostar, eu queria muito mais.

Eu amava aquela mulher, e sabia que lamentaria o resto da vida por tudo o que fizemos um ao outro. Mas quando ela separou sua boca da minha e sussurrou. – Eu quero você. – Não havia espaço para pensar, eu só podia continuar encantado em ter a minha menina nos meus braços.

Nós finalmente nos encontramos e foi tão perfeito como deveria ter sido, desde a primeira vez.

Capítulo 40

*"Eu quero me divertir e estar apaixonada por você
Eu sei que eu causei problemas com meu cabelo longo
E meu bronzado, vestido curto, pés descalços..."*
Lana Del Rey - Lolita

Luigi sentou sobre o tapete da sala e me estendeu a mão.

Eu franzi a testa. – Aqui?

Ele deu de ombros, culpado. – Nada de cama onde outras estiveram. Ou sofá.

– Você resolveu ser romântico senhor *Consigliere*?

Ele colocou as mãos atrás do meu joelho e puxou para frente, me fazendo cair em cima dele. Eu caí com um grito. – Sabe que tenho me achado ultimamente?

Eu abri a boca, mas Luigi foi mais rápido. Segurou minha nuca com as duas mãos e bateu sua boca na minha. Por alguns segundos eu fiquei parada, mas não demorei a lhe dar espaço. Beijá-lo era tão bom, e eu me lembrava exatamente como era. Meu marido não tinha um beijo esquecível e prova disso foi eu ter sentido cada fôlego daquele contato me acendendo. Ele mordeu meu lábio, puxando o inferior a ponto da dor e sorriu contra minha boca. – Gostosa.

Eu não podia perder mais tempo, já tinha sido demais. Comecei a empurrar o paletó de seus ombros, querendo desesperadamente vê-lo sem nada mais uma vez, e poder finalmente tocá-lo como sempre desejei, observar, amar e adorar aquele corpo. Era o momento de ter tudo dele e deixá-lo ter tudo de mim. Meu corpo queimava, e quando ele deu um leve levantar de quadril, fazendo minha boceta se encontrar com ele, eu gemi. Aquilo foi seu ponto.

Ele contornou meus lábios com firmeza, beijando e mordendo, e chupando minha língua e parecia nunca ser o suficiente. Ele me soltou por apenas um momento, tempo de tirar o resto do paletó e ficar só com a camisa. Sem demorar segurei a camiseta e a abri, fazendo os primeiros botões soltarem. Luigi gargalhou. Uma risada rouca, sexy e cheia de luxúria. – Alguém está ansiosa.

Desci minhas mãos, indo direto para sua braguilha e levantei uma sobrancelha. – São anos de espera e frustração. Será que o Luluzinho pode lidar com isso?

De repente ele me virou, deitando-me de costas sobre o tapete felpudo e ajoelhou entre as minhas pernas. Ele puxou a camisa por cima da cabeça e minha boca encheu de água. Seu corpo

era perfeitamente moldado, exatamente como me lembrava, e eu recebi a visão de abdominais trincados e o 'v' convidativo aparecendo, maior do que eram antes. Senti meus mamilos ficarem duros, eu era incapaz de tirar a imagem da minha cabeça. – Você não virou um daqueles ratos de academia, né?

Ele jogou a cabeça para trás e riu. – Não amor, só tive tempo de sobra e muita, muita frustração sexual acumulada. Precisava gastar de alguma forma.

Olhei para baixo vendo o volume que se projetava em suas calças. – Estou vendo.

Luigi pegou a barra do meu vestido e subiu, mas parou meio caminho. – Sem calcinha?

Eu dei de ombros e puxei o resto da roupa fora ficando completamente nua em sua frente. Os olhos dele brilharam e senti seu pau forçando contra minha coxa. Ele levou as mãos quentes e grandes em meus seios e apertou. – Os mais bonitos que já vi, sabe o quanto senti falta deles? Agora me responda, porque está sem calcinha?

– Uma mulher tem que estar preparada. – Respondi sem fôlego.

Ele riu. – Sabia que íamos fazer isso?

– Tinha minhas esperanças.

Em resposta, ele terminou de tirar a calça e ficou na minha frente, nu em toda a sua glória. Com aquele corpo grande, forte, musculoso, cada coisa em seu devido lugar. Não tive muito tempo de olhar, pois ele logo se deitou sobre mim, tomando minha boca mais uma vez.

Engasguei ao sentir seu membro encostando no meio das minhas pernas. Por um momento eu tremi e não foi de prazer, mas a lembrança daquele dia terrível atacou na minha memória na pior hora e eu não podia fazê-la parar.

Luigi percebeu e se afastou, mas o puxei de volta. Ele analisou meu rosto, ofegante. Pulsando onde eu mais queria senti-lo. – O que foi?

Eu balancei a cabeça e fechei os olhos. – Nada apenas...

– Amor, você tem certeza? Não precisamos fazer isso agora. – Perguntou com o rosto torturado de agonia.

Eu assenti. – Se eu pedisse para parar, você iria?

Sua feição suavizou, compreensão enchendo seu rosto. – Eu teria que ficar uma semana longe de você para diminuir o inchaço do meu pau. Mas é claro que pararia.

Eu tive que rir. – Você estragou todo o momento.

Luigi sorriu. – Sem chances menina, ele está prestes a ficar muito melhor.

– Então pare de falar e faça algo com isso.

Ele segurou minhas mãos no chão, de cada lado da minha cabeça e guiou a si mesmo na minha abertura. Enquanto empurrava lentamente para dentro Luigi deixava beijos molhados sobre o meu rosto. Minha testa, minhas bochechas, têmporas, meus olhos, nisso, involuntariamente eu beijei a ponta de seu nariz.

Ele gemeu e fechou os olhos, seus músculos tensos, e eu ansiava por mais, ao mesmo tempo que rezava para não doer como doeu da última vez. – Luigi... – Implorei.

Ele sorriu preguiçosamente com a boca colada no meu rosto. – Você está louca pelo meu meninão aqui.

Uma risada escapou de mim, mas parou com um único impulso que ele deu para dentro. Eu me sentia plena. Podia me lembrar de cada vez que ansiei, cada noite que fantasiei e me perguntei se algum dia sentiria aquilo de novo. Nós gememos juntos, e ele começou a balançar seu corpo junto comigo. Sua boca não parava, me mordendo onde quer que alcançasse, beijando, chupando, lambendo, ele estava frenético e eu fervia por aquilo, por ele.

Luigi acelerou, nós não podíamos sequer desviar o olhar um do outro. Os meus olhos deveriam parecer uma floresta selvagem naquele momento, e os dele... bem, os dele eram exatamente como o mar em dias de tempestade. Ele bateu em mim, forte. Como eu não sentia há muito tempo, e não parou por aí. Eu sentia cada pulsar de seu pau, minha excitação escorrendo entre nós, cada ondulação dele e cada vez que ele deslizava pelo meu ponto doce, era melhor que a anterior.

– Luigi, – gemi – Mais! Eu preciso... eu...

Ele ficou de joelhos, segurando minhas pernas no ar e começou a me foder forte, incansável, buscando e querendo aquilo que nós dois ansiávamos.

Ele rosnou, seu rosto franzido, buscando força para se controlar. Eu sabia que ele queria ir mais rápido e mais forte, e se segurava apenas por mim, pensando em mim, e aquilo me fazia amá-lo ainda mais.

O orgasmo não veio lento e de ponto em ponto, mas como uma correnteza, e levou cada pinga da minha sanidade. Algumas batidas depois e ele grunhiu, resmungando e se derramando em mim. – Porra!

Sim, porra... era a coisa mais bonita que eu vivi.

– Você se divertiu? – Ele perguntou, enquanto ainda estávamos deitados no chão. Eu deitada de lado, apoiando a cabeça em seu braço, e ele tomando uma bebida.

– Agora?

– Não, agora eu sei que sim. Digo nas viagens.

Eu bufei. – Você é tão convencido. Mas sim, eu me diverti.

Ele riu. – Buenos Aires, novembro do ano passado foi a primeira vez que eu não resisti e fui atrás de você.

Eu arregalei os olhos, mas permaneci quieta para ele não perceber minha reação. – Mesmo?

– Mesmo, e sabe o que encontrei?

Levantei a cabeça para olhá-lo, já sabendo a resposta e ainda assim perguntei. – O que?

– Você tomando café com um cara, em algum momento ele segurou sua mão e sabe qual foi a única coisa que me impediu de ir até lá e socar a cara do imbecil? – Balancei a cabeça e ele continuou. – Você estava sorrindo para ele. Eu fiquei sentado como um maricas e assisti outro homem ter a minha menina.

– Ele não me teve Luigi. Na verdade, ... nenhum outro homem além de você me teve, a não ser...

Ele se sentou e me puxou para seu colo, cortando minhas palavras. – Eu sei disso. E quando você estiver preparada, vamos falar sobre esse assunto, *bene*?

– Não há o que falar, já me machucou demais, só quero esquecer. Eu falei sobre isso dois anos, tive acompanhamento médico, isso aqui... o agora é o começo de algo novo para nós.

Ele me encarou por alguns minutos em silêncio. – Como quiser. Só preciso que saiba que eu estou com você agora. Pode me dizer qualquer coisa e quero fazer o mesmo com você.

Eu o olhei e sorri, me mexi sobre seu colo, passando as mãos pelos cabelos. – Você consegue acreditar que estamos aqui, desse jeito?

Ele desceu suas mãos da minha cintura ao quadril, deu um aperto e pela primeira vez eu reparei a aliança que ainda usava. – Eu acredito no que vejo.

Peguei sua mão e dei um beijo em cima da aliança. – Obrigada por ter me esperado.

O sorriso dele vacilou por um momento e desviou o olhar. Eu franzi a testa. – O que foi?

– Nada. – Balançou a cabeça e me puxou para mais perto.

– Luigi?

– Amor... – Balançou a cabeça. – Está tudo bem.

– Começo de algo novo, não comece mentindo para mim.

Ele fechou os olhos e os abriu, me olhando com incerteza completa. – Não faz nem horas desse começo e já estou estragando.

– Você está estragando por manter algo de mim. Vamos, me diga!

– Porra... – Hesitou, e por fim, suspirou. – Eu segui você e o cara do café em Buenos Aires e os vi entrando no seu hotel.

Revirei os olhos. – Não preciso nem dizer que ele só encostou em mim e me arrependi na mesma hora, pedi a ele para ir embora. E então?

– Fiquei louco de raiva, voltei para a Itália, bebi em um dos bordéis da Família e... merda Anita!

– Luigi, não pare! Continue! – Ele não falou nada, só lambeu os lábios. – Seu cachorro não me diga que você dormiu com uma prostituta enquanto usava a minha aliança?

– Com Isabella. – Soltou sem eu estar preparada.

Eu sai de seu colo, ficando de pé na frente dele. – Você fez o que?

– Dormi com Isabella. Mas que culpa eu tenho? Você levou o cara pro seu quarto primeiro!

– AH, ENTÃO É MINHA CULPA QUE VOCÊ COMEU AQUELA VACA?

Ele ficou de pé se elevando sobre mim. – Eu estava bêbado, bravo, com raiva, ciúme e não pensei direito. A primeira boceta que apareceu eu me afundei!

– Você disse que ela era virgem. – Falei com desconfiança, deixando a raiva transparecer na voz.

Ele jogou as mãos para o alto. – Ela era... Até esse dia.

Eu abri a boca, chocada. – Você tirou a virgindade dela?

Ele me encarava cheio de arrependimento, os olhos preocupados, a boca numa linha fina apertada. – Amor... – Deu um passo à frente e eu um para trás.

– Não encoste em mim! Esse é seu modo de fazer as coisas, não? Evangeline, eu, Isabella. Quem mais Luigi? Você deveria ser o oficial desonrador da Família, vem fazendo isso muito bem!

– Nenhuma delas importa, por Deus! E como eu ia saber que você chutou o cara?

– Se tivesse ficado e assistido teria visto, agora me assista ir embora!

Virei as costas, mas ele me segurou, me prendendo num abraço que só ele dava. Comecei a lutar contra, tentando me soltar de todas as formas, mas era inútil, ele era enorme. – LUIGI! – Gritei irritada. – Me solte agora, porra!

– Se você ficar e prometer que vamos conversar, eu solto.

Eu estava sem qualquer paciência. Ele apenas confessou ter dormido com aquela ordinária e queria que ficasse tudo bem? Não mesmo. Levantei meu pé e pisei com tudo no dele, aproveitando que seu aperto diminuiu, comecei a empurra-lo, arranhando seus braços e barriga, e

quando tentei dar um tapa em seu rosto, ele segurou minha mão no ar. – Sem violência, esposa.

Puxei meu braço e gritei. – Foda-se, seu prostituto! – Tentei correr e conseguir dar poucos passos a frente antes de ser pega. Ele me puxou pelo cabelo, praticamente jogando-me na parede. O impacto foi tão forte que soltei um grito. – *Maledetto!*

– Eu sou amor e você é louca. – Falou baixo, o rosto colado ao meu pescoço.

– Tanto que me casei com você.

Ele deu aquele sorrisinho sacana, que prometia mil e umas coisas sujas. – Diz que me ama.

Cerrei os olhos para ele, porque o imbecil não tinha noção de quão brava estava. – Vá pedir a Isabella.

Ele riu e desceu sua boca sobre meu pescoço. Luigi beijou da minha orelha até o topo dos seios, mordendo um mamilo enquanto apertava o outro. Depois colou a boca em meu ouvido. – Eu te amo, amor. O que teria acontecido se você chegasse aos finalmente com o cara? Hum?

– Eu não teria!

– Não? Como eu poderia saber? Você não me queria, lembra? Eu sequer me lembro da noite com ela, foi insignificante.

– Foi traição. – Sussurrei. Lutando com a consciência de que deveria bater sobre ele estar errado, e resistir aos ataques de sua boca talentosa.

Luigi enganchou minha perna em seu braço e a levantou, eu estava apoiada em uma só e a parede quando ele enfiou um dedo dentro de mim. – Então partiu as duas partes.

Eu gemi, arranhando seu pescoço, lutando para me manter firme e de pé. – Você foi o único que gozou com outra.

– Mas você tentou seguir em frente primeiro.

Eu abri a boca, mas foi tarde demais, ele retirou o dedo e se afundou em meu corpo mais uma vez. Levantou minha outra perna, a enganchando em sua cintura e escorregou pela parede, sentando-se, e aprofundando mais ainda seu corpo no meu.

– Caralho! – Gritou quando rebolei em cima dele, apertando seu membro dentro.

Eu coloquei minhas pernas em sua cintura mais ainda e segurei seu rosto. Seus olhos ainda estavam fechados, a boca aberta de prazer. – Luigi, olhe para mim.

Ele gemeu e me encarou, seu corpo ainda em movimento. – Devagar. Lento e devagar. Faça amor comigo. – Sussurrei.

Ele piscou, desacelerando o ritmo e buscou minha boca num beijo faminto, ao mesmo tempo que era lento e tão intenso como só ele podia ser.

Houve um dia em que eu olhei nos olhos de um homem e senti medo. Ele me fez pensar que o inferno existia e até aquele momento eu pensava que sim. Eu conheci a dor, o pecado, a maldade, a tortura, a indiferença e a solidão. Eu conheci o meu lado mais feio e tive nojo de olhar no espelho e continuar o vendo refletido lá.

Mas então eu conheci aqueles olhos azuis. Ele me fez doer, me fez pecar, me fez ser maldosa e cometeu maldades contra mim, ele me torturou emocionalmente, me mostrou sua indiferença e me deixou sozinha quando precisei que estivesse comigo.

Que homem miserável ele era. Afundei minhas unhas em seus braços, o fazendo soltar um gemido desesperado, enquanto ainda se afundava sem parar em mim, e sussurrei. – Olhe para mim.

Ele fez, e naquela imensidão azul eu vi a miséria ir embora. O que era a dor, o pecado, a maldade, a tortura, a indiferença e a solidão, quando aquele belo homem me olhava com tamanha adoração?

O que era o rancor, e o ressentimento, quando cada célula do meu corpo gritava por ele, quando minha mente buscava por ele, meu coração pulsava por ele e a minha alma estava completamente ligada à dele? Havia perdão até para os mais terríveis homens, e as manchas eram limpas e as feridas curadas quando havia amor.

Eu envolvi meus braços em seu pescoço me permitindo ficar ali enquanto ele traçava beijos pelo meu ombro, meu pescoço, meu rosto, ainda enterrado dentro de mim. Porque pela primeira vez, eu não estava com medo de estar nos braços de um homem. Entregue e a sua mercê, abrindo mão do meu controle. Eu me abri a ele, porque sabia que ele cuidaria de mim.

Capítulo 41

"Você pode se vingar do mal, sem se tornar parte dele?"

Joker

Nós tínhamos nos resolvido a uma semana, e nesses dias, muitas coisas mudaram. É claro que nossas brigas, as discussões e as sessões de sexo eram as mesmas. Essa última em particular, até mesmo mais intensa, afinal, agora nós não nos preocupávamos mais em precisar esconder o que sentíamos. Ele conhecia minhas falhas, e eu conhecia as suas, até antes de tudo acontecer, mas tudo era mais real agora.

E algo que eu andava vendo muito, era como sua relação com Lucca estava decaída. Dias atrás ele recebeu uma ligação, saiu do apartamento e quando voltou minutos depois, estava com Antony. Sim, ainda vivíamos lá, porém, dormíamos em um colchão no chão da sala, coisa que ele fez questão. E quando questionei sobre nos mudarmos de vez, ele me ignorou e sorriu, me distraíndo com outra coisa. Foi ali que vi o quão ruim a situação dos dois estava. Ele me explicou que nos últimos dois anos, não era autorizado a ir na casa da minha irmã, portanto, alguém pegava Antony uma ou duas vezes na semana e o levava para ele, ou ele esperava no portão enquanto um soldado buscava nosso afilhado.

É claro que eu dei um show digno de mim, a rainha do drama ao saber daquilo. E não era pra menos, Lucca era um imbecil sem tamanho, mas cortar relações com seu próprio irmão por algo que Abriela nem mesmo ligava e eu já havia praticamente esquecido em prol da nossa descoberta de que não podíamos ficar separados, era absurdo.

Por isso eu me encontrava sentada em seu escritório, esperando que ele chegasse em casa. Alessa e Ella haviam saído com Tony, e eu dei uma desculpa para as duas de que ficaria em casa pois estava com dor de cabeça. E lá me encontrava, esperando que aquilo não se tornasse a quarta guerra mundial, vendo que eu e Lucca sozinhos, no mesmo lugar, era provável que tragédias acontecessem.

Estava distraída olhando pela janela, esperando seu carro chegar, quando a porta bateu me fazendo dar um pulo da cadeira. Coloquei a mão no coração o vendo parado ali como se tivesse surgido no nada. – Por *Dio*! Dê um sinal de que está chegando!

– Ah, vou pensar nisso da próxima vez que for entrar no meu próprio escritório. – Respondeu ironicamente.

– Vim aqui para falar sério com você, Lucca.

Ele me encarou por alguns segundos e assentiu, caminhando até sua estante de bebidas. – Estou curioso.

Encheu um copo, e depois um segundo, trazendo para mim. – Não estou bebendo. – Respondi tentando não respirar fundo só para sentir o cheiro do álcool.

Lucca inclinou a cabeça para o lado e tomou o líquido dos dois, de uma vez na minha frente. – Eu sei.

Revirei os olhos. – Imbecil.

Ele afundou em sua cadeira e cruzou as mãos sobre o colo. – Deveria me agradecer, te testei e você passou.

– Não vim aqui para falar dos meus problemas, mas dos seus.

– Não vejo em que eles podem ser da sua conta. – Respondeu.

– É da minha conta quando meu marido acorda de madrugada para observar uma foto dele e seus irmãos pequenos, segura o telefone o tempo todo e no fim desiste de ligar, porque está sentindo sua falta e sabe que você é um insensível de merda para querer se acertar com ele.

Ele estreitou os olhos. – Ainda não é da sua conta.

– É infantil Lucca! Você sabe que Luigi nunca foi apaixonado por ela, e mais, Antony é nosso afilhado e minha irmã vive aqui. Quando eu vier jantar com ela, não com você, mas com ela, vou trazê-lo. Quando quiser que ela vá em casa, ela vai e ele estará lá.

Ele sorriu torto. – Nem nos seus sonhos.

– Você pode fazer o presidente do Iraque abraçar o da China, mas não vai impedir minha irmã de ir a minha casa.

Ele olhou para suas mãos ainda no colo e assentiu. – Você é uma ótima porta-voz.

– Luigi não me mandou aqui Lucca. Porém eu vejo como ele sente sua falta. Não me pergunte porque, já que eu estou com você a menos de quinze minutos e já quero enfiar uma faca no seu cérebro.

Dessa vez ele riu, uma risada alta e verdadeira, tão que eu até me assustei. Por fim, coçou o queixo e me encarou com a cabeça meio abaixada. E se eu não o odiasse tanto, até admitiria que ele era bonito. – Obrigado pela sua preocupação. Vou dizer a Giorgia para tomar cuidado, ou o cargo de cuidadora do Luigi será tomado.

– Você merece o prêmio de idiota do ano, do mundo. Quem te escolheu para ser o chefe de tudo isso? Era tão idiota quanto você, eu suponho.

Ele ainda sorria, por um milagre que fosse. – Bem, foi meu pai, então talvez eu deva concordar com você.

Daquela vez eu quis sorrir, senti meu lábio quase se contorcendo, mas virei o rosto para que ele não visse. – Vai pensar no que eu disse?

– Poderia, mas já esqueci metade do que falou.

Eu sabia que estava querendo apenas me irritar. – Estou vivendo uma nova fase da minha vida Lucca, e vou passar a ignorar você e suas pérolas.

– Por que não começa essa nova fase indo visitar quem eu deixei guardada para você desde que encontrei?

Eu hesitei diante da mudança brusca de assunto. Sabia do que ele estava falando. – Não sei se estou pronta para isso.

Seus olhos escureceram, e soltou uma risada sombria. – Pronta para o que? Se vingar? Derramar o sangue de quem fez atrocidades com você? Tem razão, que cruel estaria sendo. – Respondeu sarcástico.

– Você pensa que é fácil, não é? Ficar frente a frente com ela depois de tudo o que me tirou?

Ele nem se moveu, continuou sentado lá como se estivesse entediado. – Mais uma razão para fazê-la pagar. – Suspirou. – Não me importo com você, nem com ela e menos ainda com o que vai fazer. Estou apenas cumprindo minha parte no acordo que fizemos aquele dia, tempos atrás. – Apontou para a janela. – Quando sair daqui, terão dois carros estacionados, o que Cosmo está vai levá-la para a casa e o outro, com Juliano, para onde ela está. Faça sua escolha.

Eu me levantei, engolindo em seco e comecei a sair, mas antes que chegasse na porta Lucca me chamou. Eu parei, sem olhá-lo. – O que?

– Eu não lhe devo mais nada.

Eu ri ironicamente, e o encarei brevemente. – Como se eu estivesse muito ansiosa para cobrar do diabo. Tchau, imbecil.

Assim que sai da casa, o que me esperava era exatamente o que ele disse. Os dois homens me encaravam e era tão estranho ter que decidir aquilo. Queria poder ligar para Alessa e pedir sua ajuda sobre o que escolher, minha irmã era sempre tão sensata, porém eu sabia que aquela escolha era minha para fazer. Se eu fosse para a casa, me arrependeria eternamente e sempre me perguntaria o que teria sido se escolhesse ir com Juliano. E se optasse por ir com ele, estaria frente a frente com o meu pesadelo, mais uma vez.

Era fodido, qualquer uma das opções me deixava confusa e tão, tão nervosa. Mas eu sabia, desde que Lucca falou sobre ir vê-la, qual seria minha escolha. Independentemente do que fosse acontecer depois. Eu queria olhá-la mais uma vez, só mais uma e esperar para ver se realmente superei aquilo ou ela seria para sempre, uma sombra na minha vida.

Juliano parou em frente a uma porta e me entregou uma chave. – Ela está aí.

– Sozinha? – Perguntei.

Ele assentiu. – Há câmeras lá dentro. Você ficará bem.

– Não estou preocupada com isso. – Resmunguei, e era verdade. Se ela tentasse qualquer coisa, eu não estava amarrada, me defenderia como não pude anos atrás e seria tão cruel como ela foi.

Peguei a chave de sua mão e enfiei na fechadura. Juliano se afastou. – Você grita e nós entraremos, se quiser sair, nos chame.

Eu o ignorei e empurrei o ferro pesado, me dando passagem a um lugar escuro, malcheiroso e frio. Eu sentia arrepios pela minha pele apenas de estar ali. E no meio da sala estava ela. Fechei a porta atrás de mim e a encarei. Por longos minutos, nós apenas olhamos uma para a outra. Ela, parecendo surpresa, o cabelo era maior e mais escuro, como se ela tivesse tentado mudar. E deveria, já que haviam duas máfias caçando ela. O rosto continuava o mesmo, o mesmo rosto que me assombrou por tanto tempo, que me fez ter pesadelos e andar olhando sempre para trás.

Ela levantou o queixo, como se precisasse ser superior a mim mesmo que estivesse claramente, em uma situação mortal. – Não se livrou do meu presente. – Comentou, se referindo a cicatriz.

Eu permaneci quieta, e ela sorriu. – Você não podia, não é? Eu cortei exatamente onde você precisaria escolher entre enxergar ou ficar bonita de novo.

– Eu sou bonita. – Respondi, tentando manter a calma.

Ela jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Era forçada, mas ela queria me intimidar, pensava que eu ainda era a mesma de antes, que me atacaria falando sobre minha vaidade, estava tão enganada. – Você é Tiffany, a noiva do Chucky depois de ser atropelada por um caminhão. E o pequeno bebê? – Fez um bico. – Tão peque... – Eu dei dois passos a frente, a fazendo pular para trás, porque ela podia dizer o que quisesse, mas nunca falaria da minha filha.

E aquele momento eu percebi. Ela não queria me intimidar, mas sim mascarar seu próprio medo. Ela arregalou os olhos ainda se empurrando para trás, querendo se afastar de mim. O terror estampado em seus olhos agora que as palavras cruéis pararam.

– Por dois anos eu pensei em como seria se te visse outra vez. O que eu diria, o que faria, se teria vontade de machucá-la como você fez comigo. Cogitei jogar ácido pelo seu corpo, arrancar dente por dente, arrancar suas unhas e lhe dar choques. Tantas coisas passaram pela minha mente. Mas vendo você agora, percebo que não quero isso. Não há ódio, raiva, amargura ou qualquer outra coisa. Eu sinto nada por você Evangeline, e é um nada tão grande que não

tenho sequer desejo de tocá-la para dor.

Seu rosto aliviou, ela respirava com dificuldade, olhos arregalados de medo. Realmente nunca imaginou que estaria naquela situação.

– Por que me olha assim? Está com medo agora? Sabe quanto medo eu tive de você? Nada. – Aproximei-me, segurando nos braços da cadeira e olhando no fundo dos olhos dela. – Olhe para mim, cadela, e me veja quando estiver pensando em tudo o que fez de ruim nessa vida de merda. Pense na vida maravilhosa que eu vou levar e nos anos que eu tenho com o homem que me ama, enquanto você apodrece.

Ela estremeceu, seus olhos piscando de fúria, mas o medo era maior que qualquer palavra que ela queria dizer. Eu dei risada. – Você parece um gato assustado. Não se preocupe, não vou te tocar, eu não preciso disso. Não sou suja como você.

Caminhei até a porta, mas antes de sair eu a olhei uma última vez. – Obrigada e tenha uma bela morte.

Quando passei pelos soldados e entrei no carro que me esperava, pude finalmente suspirar e deixar de me perguntar o que seria quando aquele dia chegasse. Eu havia acabado de colocar outro monstro para dormir. Sorri, plena na certeza de aquele não acordaria nunca mais.

LUIGI DEROSI

Eu assisti Anita sair da sala e esperei que ela entrasse no carro, e quando o soldado disfarçadamente acenou para mim, eu entrei. Tinha ouvido cada palavra que ela disse, e se fosse possível, eu estava mais apaixonado do que nunca.

Fechei a porta atrás de mim com um baque, e encarei o soldado que guardava a segunda sala. – Vá buscá-las.

Ele concordou e saiu, me dando livre acesso de onde eu encontraria a mulher que por algum tempo destruiu minha vida. Sem demoras e sem prolongar um momento que eu tinha pressa que acabasse, entrei e assim que ela me viu, congelou na cadeira. Seu rosto antes cheio de raiva, agora tinha dado lugar a uma expressão triste, saudade talvez, e uma lágrima escorreu de seus olhos.

– Luigi... – Sussurrou. – Você veio, eu sabia que viria me buscar, eu sempre soube!

Eu permaneci quieto, cruzei os braços e encostei na porta de ferro atrás de mim, apoiando um pé na mesma. Ela pulou na cadeira, começando a chorar mais e mais forte, tentando soltar suas mãos do arame que prendia, e eu sorri. Porque a ideia de ter colocado arame farpado para conter seus movimentos tinha sido minha, e vê-la sangrar me deixou orgulhoso disso.

– Tire-me daqui antes que aquela louca obsessiva volte! Veja o que ela fez apenas porque sabe que você me ama!

– Nunca foi sobre ela, não é? – Perguntei.

Evangeline parou de se mover e me olhou confusa. – Não há nada sobre ela aqui, somos só nós dois e o fato de que está perdendo tempo. Me solte e vamos embora Luigi, você pode me salvar de seus irmãos e o que estão pretendendo fazer comigo, sei que veio para isso! – Implorou desesperada.

– Foi sobre eu ter te rejeitado. Porque eu não me casei com você, mas com ela. Sobre eu ter dado um filho a ela, mas nunca deixei nem você me chupar sem uma proteção. É porque você via quando eu a olhava que eu a amava, você soube antes mesmo que eu me desse conta!

– NÃO! – Gritou, balançando a cabeça e se mexendo descontroladamente na cadeira. – NÃO, NÃO, NÃO, VOCÊ SEMPRE ME AMOU!

Eu me aproximei, fiquei atrás dela e sem que ela percebesse, envolvi minha mão em seu pescoço, sufocando e a deixando imóvel. Colei minha boca no ouvido e falei. – Você é nada. Você é a escória suja que eu mando varrer para fora de casa e a raiz podre que cresce nos campos da Sicília. Você nunca foi e nunca vai ser digna do amor como Anita é. Enquanto ela é a criatura mais bonita da Terra, você é o estorvo da qual eu desejo incansavelmente me livrar.

Soltei seu pescoço, jogando a cabeça dela para frente. Dei a volta e me ajoelhei, segurando seu queixo, a fazendo me olhar. – A bondade e a misericórdia que ela mostrou a você só partem dela. Você sabe que eu não sou e nunca fui um homem bondoso, Evangeline.

Ela soluçou, me olhando como se todos os seus piores pesadelos estivessem a encontrado e não houvesse qualquer saída, não havia para onde correr. – Luigi...

Eu me levantei e abri a porta. – Meninas, entrem.

Uma por uma, doze das prostitutas da Família entraram. Sorrindo como se o dia tivesse acabado de ficar perfeito. – *Consigliere*. – Elas saudaram.

Eu encarei aquela mulher com honestidade, mostrando a ela todo o nojo e repulsa que ela me causava. – Pensou que estaria livre da dor e da tortura?

– Senhor. – Uma das meninas me chamou, estendendo uma faca. Eu a peguei de bom grado, e três delas seguraram Evangeline na cadeira, impedindo qualquer movimento.

Ela arregalou os olhos. – Luigi...

– Você fingiu sua própria morte, conspirou com outro membro, passou informações para o nosso maior inimigo e matou uma criança da Família. Você nos traiu e sua punição é a tortura e a morte.

Enquanto as mulheres a seguravam, eu coloquei a ponta da faca sobre o coração e afundei a ponta em sua pele, ela soltou o primeiro grito no momento em que uma gota de sangue

surgiu, e as meninas começaram a apertá-la cruelmente forte, deixando seu couro cabeludo tão esticado quanto poderiam. Eu sorri, e entre gritos e soluços vindo dela, esculpi as iniciais da Família.

Quando terminei, ela era uma confusão de choro, e estava a ponto de desmaiar. É claro que não teve tempo, pois uma das prostitutas jogou um balde de água em seu rosto. Evangeline deu um pulo da cadeira e me encarou de olhos arregalados. – POR FAVOR! – Gritou rouca.

– Tenho certeza que Anita te disse a mesma coisa, e o que você fez?

Ela balançou a cabeça. – Eu juro que fiz por...

Eu me aproximei, empurrando sua cabeça no encosto da cadeira, a segurando firmemente no lugar e gritei em seu rosto. – O QUE VOCÊ FEZ? HEIN? QUANDO ELA LHE IMPLOROU PARA PARAR, PARA PENSAR EM NOSSA FILHA? O QUE VOCÊ FEZ?

Ela tremeu, soluçando. – Eu sinto tanto...

Eu a soltei, sentindo nojo de até mesmo tocá-la e me perguntei onde estava com a cabeça quando fiz no passado. – Mesmo? – Abotoei dois botões do terno. – Pois prove do seu próprio veneno.

Olhei para as mulheres que a encaravam com sorrisos de pura maldade no rosto e acenei. – Eu quero os gritos dela, cada fio de cabelo arrancado, não é cortado, puxem fora. Cortem sua língua. Façam estragos meninas. A Família conta com vocês.

Sorri e elas sorriram de volta. Lola, uma das mais antigas e duras que estava no meio piscou para mim. – Nada me faria mais feliz do que fazer essa vagabunda pagar engolir cada vez que foi até as casas da Família nos humilhar.

– Vou adorar devolver em mil vezes mais o tapa que ela deu no meu rosto cinco anos atrás. – Outra falou.

Uma por uma, enquanto falavam, Evangeline se encolhia mais e mais na cadeira. E eu não tinha um pinga de dó. – Se divirtam garotas. – Eu disse e sai de lá, as deixando para ter seu divertimento.

Esperei que Nino parasse o carro na frente do prédio e antes de sair o chamei. – Volte lá e garanta que Evangeline pare de respirar quando o corpo já não sentir mais dor. Espere que ela sofra e a mate. Entendeu?

Meu soldado e homem de confiança assentiu. – Luigi... por que mandar as meninas? Por que não ficar você mesmo e cuidar daquilo?

– Todas aquelas mulheres vão fazê-la sentir medo como ela nunca sentiu, vai pagar por tudo o que fez, e mais, as meninas gostam de Anita pelo seu jeito de ser. Estão honradas de fazer isso. – Eu suspirei. – Anita precisa de mim aqui agora, eu não estive com ela da última vez que

encontrou essa mulher, mas agora estou.

Eu ia saindo quando ele falou. – Vou fazer isso, e chefe, cuidei do que me pediu.

Eu sorri e encarei o prédio onde ela me esperava. Ansiando para saber qual seria sua reação quando eu a levasse para ver o que planejei desde que voltou.

Nós tínhamos muitos fantasmas do passado, mas sabia que juntos, um a um, nós os derrotaríamos. Sim, juntos, porque eu não precisava poupar a minha menina de nada. Ela era tão forte que me surpreendia cada vez que eu me lembrava por tudo o que passou. E aquilo só me fazia amá-la e querer lutar nossas batalhas, ainda mais.

Capítulo 42

*"Venha e dê um passeio pelo lado selvagem
Deixe-me te beijar intensamente na chuva
Você gosta de garotas insanas..."*
Lana Del Rey - Born To Die

– Tem certeza que não quer vir? – Minha irmã mais nova perguntou do outro lado da linha pela terceira vez.

– Tenho irmãzinha. Luigi vai me levar para sair mais tarde. – Respondi, colocando o outro par do lindo brinco de diamantes que havia encontrado dentro de uma caixa do lado do colchão que estávamos dormindo na sala.

Não tinha nenhuma carta, nem café da manhã. Apenas a caixa de veludo e a linda joia dentro. Meu marido podia ser romântico às vezes e se cada vez que ele acordasse naquele espírito eu fosse recompensada com joias, não reclamaria nunca.

Ella suspirou. – Vocês são o casal mais fofo. Fico tão feliz que finalmente viram o que eu já sabia há tanto tempo.

– Não deixa que ele te ouça o chamando de fofo. – Dei risada e houve uma batida na porta da frente. – Olha, preciso ir. Alessa já deve estar impaciente me esperando e o soldado já está me aguardando.

– *Va bene*, mas me ligue quando puder, sim?

– Eu vou. Quando é a próxima consulta do Tony?

Suspirou. – No próximo mês, nós vamos iniciar um novo tratamento com o pediatra especializado.

Eu parei o que estava fazendo e ignorei o soldado. – Vai ficar tudo bem irmãzinha, tenho certeza disso e você precisa ter também.

– Eu tenho fé irmã, muita fé. Mas agora vá antes que Lessa mande uma equipe de busca atrás de você.

Nós rimos. – Sem dúvidas de que ela faria. Beijo, eu amo você.

– Te amo! – Cantarolou e assim que desligamos, eu agarrei minha bolsa e corri para fora,

pegando os saltos pelas tiras na mão e corri para fora.

Nino me aguardava com tranquilidade, como se não tivesse esmurrado a porta minutos atrás. — Podemos ir?

Eu bufei, passei por ele e segui até o elevador, ouvindo seus passos atrás de mim. Ele apertou para o térreo e cruzou os braços, olhos focados nas portas.

— Você sabe de Luigi?

— Está tratando de negócios da Família.

— Que tipo de negócios? — Perguntei curiosa.

— Creio que a senhora deva perguntar a ele quando estiverem juntos, senhora.

Cerrei os olhos para ele, tentando parecer ameaçadora. — Quando ele chegar de madrugada, como tem feito nas últimas semanas? É claro.

O elevador apitou e parou e nós saímos seguindo para o carro que me levaria até onde Lessa pediu que eu fosse encontrá-la. Nino abriu a porta traseira, mas antes de eu entrar, o encarei e falei de perto. — Se ele estiver em algum bordel da Família, vou castrá-lo.

O canto dos lábios dele subiu e acenou, tentando disfarçar. — Positivo senhora.

Ele dirigiu por cerca de vinte minutos, e todo o tempo eu segurava o celular. Estava entre lhe mandar uma mensagem ou esperar que ele mandasse. De repente, nós paramos de frente a uma trilha que eu conhecia muito bem. Me inclinei para frente. — Foi aqui que minha irmã disse que estaria?

Nino não respondeu, saiu do carro e abriu a porta para mim, me entregando uma lanterna. — A senhora pode seguir até o final da trilha. — Dito isso, voltou para o carro e me deixou lá, saindo logo depois.

— NINO! — Gritei, mas ele já não me escutaria mais.

Eu fiquei parada por alguns minutos, olhando a lanterna, tentando adivinhar se Nino tinha de repente me levado a uma armadilha. E se ele fosse um traidor? No mesmo momento meu celular apitou.

Siga a trilha logo! — Alessa

Eu pensei em lhe responder da pior forma, mas preferi deixar para quando estivesse frente a frente com ela. Caminhei por volta de cinco minutos, o caminho todo jurando uma morte lenta a minha gêmea caso o motivo de ter me levado até lá não fosse dos bons. Mas para minha surpresa, assim que cheguei no fim da trilha, não encontrei Alessa me esperando.

Luigi estava de costas, em seu traje de mafioso, terno e sapatos caros e encarava o mar. Um pouco mais a frente, a ponte onde ele havia realizado meu último desejo anos atrás. Uma tatuagem, beber uma garrafa de vinho e transar assistindo ao pôr do sol, que no nosso caso, foi a

lua.

De repente, ele olhou para atrás direto para mim e ficou parado. Nós permanecemos nos olhando, e nos olhos dele tinha um brilho cheio de amor. Ele me olhava como eu queria ser vista. Com amor, com adoração.

Em passos lentos ele se aproximou, enfiou a mão no bolso e tirou de lá o pequeno objeto que eu havia me perguntado desde que nos acertamos, quando ele me devolveria.

– Eu não vou ficar de joelhos, não sou um príncipe, amor, e não vou fingir ser um. Não sei fazer a coisa toda do romantismo e muito menos como provar a você o quanto te quero, te desejo e preciso de você. Sou uma vergonha com palavras bonitas, minha mãe se envergonharia se visse que nem decorei o lugar.

Eu dei risada, logo seguido de um soluço que ficou entalado na garganta. – Continue assim, está perfeito.

Ele balançou a cabeça e enfiou a mão no bolso mais uma vez, tirando uma chave. Então abriu as duas mãos e em cada palma havia a aliança e na outra o objeto prateado. – Nós já somos casados, mas eu não fui decente ou esperto o suficiente para te dar o nosso próprio lugar, ou pedir o seu “sim” da forma certa e se você quiser, eu juro que agora...

Eu o cortei, pegando a aliança e enfiando no meu próprio dedo e em seguida a chave. Ele ficou boquiaberto. – Anita!

Dei de ombros, sentindo que se ele não parasse com todas as palavras não intencionalmente bonitas, eu iria as lágrimas mais rápido do que nunca. – Você vai me fazer chorar!

Ele levantou as mãos para o alto. – Essa é a intenção!

– Quer me fazer chorar?

– Alessa falou que se você chorasse era um bom sinal e eu deveria dizer o que estava sentindo, sem dar o meu sorriso. Ela chamou de "quebra barreiras Anita".

Eu joguei a cabeça para trás e ri. – Você pediu conselhos a minha irmã?

Ele bufou, desviando o olhar. – É claro que não. Sou um homem feito.

– Ah, como pude me esquecer que Luluzinho já é completamente capaz de me dar uma aliança e uma casa sem fazer uma terapia no modo Alessa, antes?

Os lábios dele contraíram. – Você estragou um momento que deveria ser digno de um filme do Nicholas Sparks.

– Você não entendeu ainda, "amor" que nós nunca fomos Nicholas Sparks?

Ele olhou para trás rapidamente. – E aquela casa atrás de mim? Ela é digna de um filme romântico?

Eu soltei um grito, mal acreditando quando vi a imensa casa sobre as pedreiras de frente para o mar. – ESTÁ BRINCANDO?

Os olhos dele brilharam para mim. – Se eu estivesse, depois dessa sua reação daria um jeito de comprar a casa por qualquer preço.

Eu inclinei a cabeça. – Então, não é minha?

Ele deu de ombros. – É claro que é. Mas eu espero ter um espaço lá também, você sabe... já que somos casados e tudo mais.

Eu sorri e me joguei nos braços dele, distribuindo beijos por todo o seu rosto. – Vamos entrar agora e eu te mostro o quão espaçoso é para nós dois lá dentro.

O soltei, ouvindo sua risada e comecei a caminhar na direção da grande e clássica casa de dois andares. A vista parecia um quadro. E poderia facilmente ter sido pintada pelos grandes nomes da arte. Eu me perguntei em que momento Luigi procurou aquele lugar, e me senti culpada na mesma hora, pois havia ficado tão irritada com sua ausência que sequer cogitei que estivesse fazendo algo para nós.

Dei poucos passos, quando ele envolveu seu braço na minha cintura e colocou minhas costas em seu peito, sussurrando no meu ouvido. – Ainda não amor. Nós temos um lugar para ir antes.

Eu virei para ele. – Quero conhecer nossa casa.

Ele sorriu mais uma vez, fazendo as poucas linhas de expressão nos olhos aparecerem. – Eu sei, você é sempre tão ansiosa.

Abri a boca, mas ele me calou com um rápido beijo, para me distrair e me puxou. – Vamos. – Esperei para ver e finalmente segurei sua mão, aceitando que ele me levasse até a beira do mar, onde um barco estava.

Luigi me pegou no colo repentinamente, fazendo-me agarrar a ele e soltar um grito surpresa.

– Está pretendendo me jogar no mar para se livrar de mim?

Ele inclinou a cabeça. – Você me ofende em pensar que sou tão clichê a esse ponto. Se fosse para matar minha esposa eu seria mais criativo, não?

Eu dei risada e me segurei quando me colocou sentada dentro. Luigi se sentou na minha frente, puxou a corda do motor e cruzou as pernas, olhando ao redor. – Pode acreditar que vamos acordar com essa vista todos os dias?

Inclinei-me para ele e sussurrei. – Já parou para pensar que temos liberdade para nadar completamente nus?

Seu olhar desceu até meu decote, subindo logo depois. Ele mordeu o lábio e desviou. – Você testa a paciência de um santo e o controle do mais habilidoso jogador.

Fiz menção de ficar de pé, mas ele segurou minhas coxas e passou o polegar por elas. – Espere.

– Quero me sentar com você!

Ele balançou a cabeça. – Tudo a seu tempo.

– Me negando Luigi. – Resmunguei e ele se aproximou, me dando um selinho.

– A pressa é inimiga da perfeição amor, do prazer e da ansiedade.

– Ansiedade não é algo bom.

– Ela se torna quando você prolonga a vontade ao ponto de quase não aguentar e quando finalmente chega lá... tudo é melhor, mais forte e mais intenso.

Eu o encarei chocada e maravilhada com suas palavras. – Eu amo você.

Ele parou de falar e de me dar seu sorriso com aquelas palavras, segurou meu rosto, colocando todo meu cabelo para trás e respirou fundo. – Diga de novo.

Levei minhas mãos nas abas do paletó e sussurrei. – Eu amo você.

– Eu te amo, amor. Porra, vou viver para ouvir isso o resto da vida.

Eu sorri e me afastei, o deixando confuso. – A pressa Luluzinho... sem beijos e sem toques exagerados.

– Querendo ditar as regras no meu jogo?

Dei de ombros. – Você quem começou.

Ele sorriu mais uma vez e assentiu, e era incrível como a cada vez que eu olhava ele parecia mais e mais bonito que a última. Enquanto nós atravessávamos a distância da nossa nova casa até onde quer que ele estivesse me levando, foi me explicando o que havia ao redor. Passaram-se poucos minutos quando o barco parou e ele saiu, pisando nas pedras que eu bem conhecia.

– Luigi? – Perguntei.

– Sim? – Respondeu sem me olhar e sem parar de andar.

– O que estamos fazendo aqui?

– Vai me dizer que nunca estive aqui?

– Já, mas quero entender o que nós estamos fazendo aqui a essa hora. Está deserto!

Ele me olhou e piscou. – Essa é a intenção.

Luigi segurou minha mão e me puxou, começando a guiar-me para dentro de um dos mais

antigos templos do mundo. O Vale de Agrigento era um dos lugares mais turísticos e esplendorosos da Sicília, e eu amava aquilo.

Assim que adentramos no templo, ele soltou minha mão e parou no meio do lugar, me olhando. – Quanto tempo faz que não dança, *la mia bella donna*?

O olhei confusa, mas respondi. – A última vez foi quando me levou a aquele lugar.

Assim que terminei de falar, um homem entrou no templo com um pandeiro, dando leves batidas no instrumento. Do outro lado, um outro o seguiu com uma viola a mão, tocando levemente as cordas, o lugar era completamente aberto, mas eu já podia ouvir o som da sanfona se aproximando, juntamente com a flauta. Pouco a pouco os sons começaram a harmonizar um com o outro, a melodia tomou conta do espaço e meus pés pareciam querer correr, pular... dançar naquela noite.

Luigi me olhou e sorriu como se soubesse exatamente o que eu pensava, eu olhei para o lado quando uma mulher se aproximou de mim e começou a cantar, me entregando um lenço azul e voltou para perto dos outros. Senti um toque na minha mão e olhei para ele. Quando pensava que não podia amá-lo mais, ele tirou o paletó, arregaçou as mangas da camisa e tirou os sapatos. Luigi pegou o lenço da minha mão e o pendurou no meu pescoço. Um convite clássico para deixá-lo me guiar na dança.

Mas é claro, que na nossa situação não era apenas um convite para a dança.

Ele pendurou o lenço no meu pescoço e se eu comesse a dançar, aceitaria que ele guiasse meus passos e cuidasse de mim como meu marido, meu amigo e provedor. Mas eu não era aquele tipo de mulher. Por isso, eu tirei do meu pescoço, enganchei meu braço no dele e dei duas voltas no lenço, de forma que pendia pendurado em nós dois.

Ele olhou para o pedaço de seda esvoaçante por alguns minutos antes de me encarar, envolver sua outra mão no meu pescoço e me puxar para um beijo de tirar o fôlego. Então me olhou mais uma vez, e sussurrou. – Juntos amor, eu sei.

Ele havia entendido. Eu sorri e comecei a dar os primeiros passos quando a música foi ficando mais e mais rápida. Ele me acompanhou e eu o acompanhei também.

Luigi era controlador, não obsessivo louco a ponto de não querer que eu usasse uma roupa ou falasse algo, mas do tipo que achava que a única opinião que bastava e deveria ser ouvida era a dele. Mas naquele momento, deixei claro que seríamos dois em um só, um conjunto.

Decisões, planos, diálogos, opiniões e tudo o que aparecesse seria compartilhado. Nós decidiríamos juntos. Ele não me guiaria e nem eu a ele, mas nós dois rumaríamos juntos.

A música de *Ballati Tutti Quanti* de Sponganese, foi ficando mais e mais agitada. Até chegar a parte onde apenas o violino e o pandeiro eram ouvidos, trocando um pé pelo outro, dando pequenos pulos, eu girei em volta dele segurando o lenço no ar. Luigi riu, ajoelhando com um joelho no chão e batendo palmas no ritmo da música.

– "*Si sta sposando e non la vedo più in città. Dov'è la bella ragazza di Roma...*" – Eu cantei,

dançando para trás, o olhando provocante. Ele levantou e colocou as mãos para o ar, seguindo meus passos e girando, imitando meus movimentos, até me alcançar.

Luigi me segurou perto e encostou sua testa na minha, segurando a mão que apertava o lenço. – Minha *bella ragazza* está aqui mais uma vez, dançando para mim e é a mais linda de todas que já vi.

Eu coloquei os braços no pescoço dele e sorri. – Você dança muito bem para um mafioso.

Ele fez uma cara de chateado, claramente fingindo. – Desde quando minhas habilidades como um criminoso podem anular meus dotes artísticos?

Franzi o nariz e ele sorriu ao ver. – Mafiosos não deveriam dançar.

– Ah amor, você nunca assistiu *O Poderoso Chefão*?

– É claro que já e me senti tentada a contestar o que eles retrataram.

Luigi riu. – Mesmo?

De fundo, eu percebi que eles mudaram a música, começando a tocar "*Amore amore amo*".

– Eu amo essa música. – Sussurrei.

– Você ama todas.

– Praticamente. E mafiosos ainda não dançam.

– *Don Corleone* dançou.

Revirei os olhos. – *Don Corleone* foi uma tragédia Luigi, se nossa vida fosse como aquele filme eu estaria feliz em ficar aqui.

Seu sorriso ficou fraco de repente, mas tentou disfarçar. – E não está?

Diminui a velocidade dos passos e apenas o segurei, deixando que ele nos balançasse de um lado para o outro. Olhei em volta, para os músicos dançando e cantando, felizes. O templo tão famoso e visitado que estava ali há anos e anos antes de meus bisavôs nascerem, olhei para o céu cheio de estrelas brilhantes, e sorri.

Encostei a cabeça no peito dele e respirei fundo, sentindo seu cheiro invadir meus sentidos. – Eu senti falta da Itália, desses lugares, da nossa música e de dançar. Isso me faz feliz, obrigada.

Minha cabeça estava exatamente sobre seu coração, e eu senti quando ele começou a bater mais forte. Dei um beijo ali e o encarei. – Você me faz feliz.

Meu lindo marido me olhou com olhos brilhantes tirou os fios de cabelo do meu rosto, que o vento balançava. – Obrigado por ter voltado, amor.

A banda começou a tocar "*Masiricoi*" e ele se afastou voltando a dançar. – Venha, vamos aproveitar essa noite fazendo o que você ama e depois vamos para a casa fazer o que eu amo.

Eu sorri e olhei para o céu mais uma vez, no mesmo momento uma estrela brilhou mais forte do que todas as outras, eu me arrepiei e uma lágrima escorreu dos meus olhos. Era ela, eu tinha quase certeza. Dei um beijo na ponta dos dedos e toquei meu nariz, querendo mais do que tudo sentir um dos beijos que ela me dava lá, quando me colocava para dormir. – Obrigada mamãe. Eu espero que esteja orgulhosa de mim.

– Vamos amor. – Luigi chamou, seguido de uma risada gostosa, a qual eu estava completamente fissurada em ouvi-lo dar.

E eu fui, porque com ele, não havia um lugar sequer no mundo que eu não iria.

Capítulo 43

*“...As garras da felina me marcaram o coração
Mas as besteiras de menina que ela disse, não...”*
Caetano Veloso

Depois de tudo o que passamos para poder finalmente nos reencontrar, Luigi achou que merecíamos um descanso e um momento nosso de paz. Mas é claro que nós dois e paz não combinávamos em nada. Por isso, ele não me disse para onde íamos, apenas subimos no avião da Família e eu tive que esperar para descobrir. Qual foi minha surpresa quando horas depois, pousamos em Ibiza?

Primeiro, eu tive um ataque de risos a ponto de ter que me sentar para respirar fundo, depois, não aguentei esperar para chegarmos onde ficaríamos, e o arrastei de volta para o avião, para mostrar minha felicidade em estar ali. Ele tapou meus olhos enquanto descíamos a escada do jato e foi me guiando até que pisamos em terra firme.

– Luigi! Pra que tudo isso hein?

– Eu já disse que é uma surpresa.

– Diz logo, eu vou saber de qualquer jeito mesmo!

Ele riu. – Você é a mulher mais apressada, impaciente e ansiosa que conheço.

Estava pronta para protestar, mas ele tirou as mãos dos meus olhos e eu dei de cara com a incrível vista de dois anos atrás. Fiquei de boca aberta encarando o lugar onde nosso primeiro tudo como senhor e senhora começou.

– Luigi... – Sussurrei.

Ele passou os braços pelos meus ombros, me dando um beijo na têmpora. – Amor, nós recebemos uma nova chance e ela precisa ser aproveitada da melhor forma.

– Sem Ecstasy, arranhões, insultos na recepção e tudo o mais?

– Sem Ecstasy e insultos com certeza, agora os arranhões...

Eu sorri lhe dando um tapa no braço. – Idiota.

Era nossa segunda lua de mel, junto com a segunda chance, uma nova chance de fazer tudo certo daquela vez.

– Não me venha com gracinhas, você ter dormido com aquela vaca ainda não me sai da cabeça.

– Amor, para com isso, esquece. Já foi, é passado.

Sentei-me na espreguiçadeira da nossa piscina particular do hotel e olhei para ele sobre as lentes do óculos escuro. Ele usava apenas uma bermuda, seu peito e braços fortes em plena exibição, mostrando o quão bem ele ficava bronzeado.

Tomei um gole da minha água de coco. – O passado neném, estará bem próximo quando voltarmos e aquela prostituta ficar me mandando olhares maliciosos.

Ele revirou os olhos, tirando seus próprios óculos e se inclinou para mim. – Ela não vai fazer nada disso.

– Vai, vai sim. Sabe por que? Porque ela teve você, imbecil. E ela vai adorar jogar na minha cara que por uma noite usou e abusou desse seu corpinho.

Ele me deu um sorrisinho torto e segurou meu pé. – Você realmente está incomodada ou só quer brigar mesmo?

Dessa vez quem tirou o óculos fui eu e deixei o coco de lado. Fiquei de pé, segurei seus ombros e afundei minhas unhas nele. – Escuta aqui amorzinho, se eu quisesse brigar teria mil e um motivos, talvez até mais. Não traria aquela víbora à tona só para brigar com você.

Ele espremeu os olhos e tentou chegar para trás, mas eu o segurei mais forte. Ele enrolou um braço na minha cintura e grudou meu corpo no dele, ainda sentado.

– Tire as garras de mim gatinha selvagem, está machucando seu homem.

Estreitei os olhos para ele. – Devia fazer pior seu sacana. – Afastei minhas mãos de sua pele me senti em seu colo. – Mas essa paisagem me inspira, então só pelo tempo que ficaremos aqui eu vou esquecer isso, mas quando voltarmos para casa se ela olhar para você, irei matá-la. Entendeu? E vou matar você logo em seguida.

Ele tentou esconder o sorriso, mas falhou e assentiu. – Você fica tão gostosa fazendo essas ameaças. Eu me sinto como se tivesse uma policial sexy me prendendo e...

Dei-lhe um tapa. – Anda sonhando com alguma policial, Luigi?

Ele me olhou surpreso. – O que? Não!

– Então de onde surgiu essa de policial sexy?

Luigi jogou a cabeça para trás e soltou um lamento, me apertando mais ainda em seus braços e riu logo em seguida. – Ah, mulher... eu tinha esquecido de como você é louca!

Fim...

Epílogo

TRÊS MESES DEPOIS

*“...Essa é a luta das nossas vidas
Você e eu, nós fomos feitos para prosperar
EU SOU O SEU PASSADO E EU SOU O SEU FUTURO
Eu morri todos os dias esperando você, querida, não tenha medo
O tempo todo eu acreditei que te encontraria
O TEMPO TROUXE O SEU CORAÇÃO PARA MIM
O tempo fica parado e há beleza em tudo que ela é
Terei coragem, não deixarei nada levar embora
O que está na minha frente
Cada suspiro, cada momento trouxe a isso
Eu te amei por mil anos e eu te amarei por mais mil...”
Take On The World / A Thousand Years*

Nós revezamos nosso tempo em Ibiza entre ficar no quarto o dia todo, passear pela praia, conhecer o máximo de lugares e ilhas possíveis, e sair para tantas festas quanto aguentávamos. Não houve um momento de tédio, e quando ele não estava comigo, não passou um segundo sem que eu sentisse falta. Eu conheci mais de perto cada parte dele, cada um de seus humores, cada mania, cada pequena coisa que o irritava e o deixava calmo. E descobri que era apaixonada por cada uma delas, cada simples detalhe me fazia amá-lo mais.

Mas como tudo que é bom dura pouco, estávamos em nosso último dia naquele paraíso distante. É claro que teríamos ficado muito mais, mas agora eu entendia que Luigi tinha suas obrigações e três meses foi o máximo que pôde se ausentar. O que eu particularmente, achei estranho da parte de Lucca. Ele nunca liberava Luigi ou Dante por sequer uma semana, imagine meses, mas estávamos felizes que tinha feito.

Foi naquela última manhã, que eu acordei mais uma vez enjoada.

Há semanas não me sentia bem, e eu era bem grandinha para saber o que estava acontecendo. Porém, diferente da última vez, eu não estava assustada. Na verdade, estava, mas de pensar que poderia não ser o que esperava. Por isso, esperei Luigi sair e pedi a Nino que me levasse na farmácia mais próxima, e quando voltei, ele estava sentado na cama do quarto, olhando para seu telefone com a testa franzida.

Eu fui a mais silenciosa possível, mas é claro que ele percebeu minha presença assim que entrei.

– Onde Nino te levou? – Perguntou sem me olhar.

Eu tomei uma longa respiração. – Da última vez que fiz isso você não estava por perto e eu quero que agora seja diferente.

Ele franziu a testa. – Estou preocupado.

Eu sorri. – Não fique. – Tirei a mão de trás das costas e mostrei a ele o que eu segurava com tanto medo e ansiosa ao mesmo tempo.

Seus olhos arregalaram e ele ficou paralisado antes de levantar e se aproximar de mim. – Você acha que está?

Dei de ombros. – Eu ainda não sei, não quis descobrir sem você.

Ele finalmente sorriu e me beijou levemente. – Obrigado, amor.

– Nós ainda nem sabemos, porque está me agradecendo?

– Por ter me esperado para isso. Não importa o resultado, nós temos a vida toda para cuidar disso.

Eu assenti e caminhei para entrar no banheiro, quando ia fechar a porta ele a empurrou e entrou junto.

– O que está fazendo?

– Vou ver. – Respondeu simplesmente.

– Quando eu disse para fazermos juntos, quis dizer sair e te mostrar e não você ficar e me ver fazendo xixi.

Ele riu. – Eu não vou sair amor. Se apresse, quero saber logo.

Eu revirei os olhos, sabendo que tentar lutar contra ele era uma batalha perdida. Aliás, sempre tinha sido. Posicionei-me da forma como a moça da farmácia havia me instruído e coloquei o palito na direção certa. Ela me disse que se fosse difícil fazer xixi, eu podia ligar a torneira, mas assim que liberei a coisa ele saiu sem qualquer dificuldade. Eu estava com a cabeça baixa, olhando para garantir que tudo sairia nos conformes.

– Precisa de ajuda para fechar essa torneira amor? – Perguntou.

Eu olhei para cima, vendo um sorriso cheio de humor em seu rosto. Soprei os fios de cabelo para longe. – Cale a boca.

Ele riu, meio nervoso, balançando em seus pés, roendo as unhas, algo que eu nunca o tinha visto fazer. Coloquei o palito no chão, em cima de um pedaço de papel e me ajeitei, abaixei a tampa e sentei em cima. Fechei os olhos, tomei uma longa respiração e depois o encarei.

Ele olhava para o chão, na direção daquele mesmo objeto que eu.

– Quanto tempo leva?

– Cinco minutos.

Nós ficamos ali, ele em pé, eu sentada. Nos olhando, dividindo um momento tão importante na nossa vida. Se não o mais importante e pareceram horas até que ele disse. – Cinco minutos.

Eu não conseguia levantar, muito menos pegar o teste. Por isso, quando viu que eu ficaria travada no lugar, meu lindo marido pegou ele mesmo. Depois foi até a caixinha e olhou as instruções atrás, depois me encarou, sendo o primeiro a saber se teríamos não um filho. E pela expressão em seu rosto, eu já sabia o resultado.

Luigi teve a reação mais inesperada. Imaginei que ele ficaria sem palavras, me olharia sem saber o que fazer ou qualquer outra coisa do tipo. Mas ele simplesmente me pegou no colo, correu de volta para o quarto e me colocou de costas na cama. Tirou minha camiseta rapidamente e deu um beijo na minha barriga, olhando para meu corpo como se estivesse tentando decifrar cada pedaço da pele. – Não posso acreditar que fizemos isso.

– Um bebê?

– Nós montamos uma pessoa juntos. – Respondeu, ainda encarando.

Eu dei risada. – Sim, um pequeno bonequinho para nós.

Ele distribuiu beijos delicados por toda minha barriga e subiu, ficando com seu rosto a centímetros do meu. – Eu te amo e amo nossa pessoinha.

Eu engoli em seco, não querendo chorar naquele momento tão feliz, mas era impossível. Levantei minhas mãos que antes seguravam seu cabelo e tapei meu rosto. Ele parou sua sessão de beijos e segurou meus pulsos, tentando ver meu rosto.

– Amor, o que foi? Não... não está feliz?

Com lágrimas escorrendo sem parar, eu o fitei. – Sim, mas eu me sinto a pessoa mais egoísta do mundo todo.

Ele me olhou confuso. – Por que?

– Porque aprendi a me aceitar assim Luigi, com esse novo rosto, mas você... olhe para você...

Ele balançou a cabeça, se afastando um pouco. – Vamos a esse assunto de novo? Eu já disse...

– Sei o que disse, mas ainda assim, existem tantas...

– Anita, pare. – Sua voz foi firme, me fazendo calar na mesma hora. – Existem meninas lindas no mundo todo, ok. Que adorariam estar no seu lugar, ok. Da mesma forma que elas existiam anos atrás e ainda assim eu escolhi você.

– Eu ainda era...

– Você ainda é. Ou se esqueceu que te esperei por dois anos? Se eu quisesse outra a não ser você teria ficado com elas. Mas o negócio aqui meu amor é que... eu quero você. Quis anos atrás, quero hoje, vou querer amanhã e para sempre também. Ou você esqueceu que só fica longe de mim diante da morte?

Passei meus braços por seu pescoço e o puxei para mim, o abraçando forte e deixando que ele me segurasse também.

– Esses são os famosos hormônios da gravidez?

Eu dei risada, ainda com o rosto em seu pescoço. – Você acha que ela está bem, que ela... que ainda existe?

Ele levantou a cabeça, analisou meu rosto e deu um beijo no meu nariz, sorrindo levemente por fim. – Ela está vendo tudo amor. E sabe de uma coisa? Ela teria sido o ser humano mais lindo da Terra e agora é a estrela mais bonita do céu.

Agarrei-me mais forte ainda a ele depois daquelas palavras e abri minhas pernas o acomodando ali. Luigi abaixou sua bermuda, tirou meus shorts e entrou em mim. Selando aquele momento da forma mais linda que poderia existir.

Com amor.

Um dia, muito tempo atrás, ele havia me prometido que me daria a aventura mais incrível da minha vida e ele cumpriu.

Ele fez uma menina amadurecer, me ajudou a enxergar além do que eu queria ver e me mostrou que o amor e ódio andam sim lado a lado, e podemos dar uma chance a isso. Teria dias que eu acordaria e me perguntaria onde é que estava com a cabeça de me permitir amar um homem tão ruim. Alguém que matava sorrindo e sequer se arrependia depois.

Nós brigávamos mais do que nos daríamos bem, mas terminaria sempre da mesma forma, na nossa cama e declarando o quanto nos amávamos. Ele me machucou, e eu o machuquei duas vezes mais. Eu chorei por ele e fiz com que chorasse por mim. Juntos nós provamos o gosto do amargo e sofremos até descobrir que o doce estava em nos acertarmos, em deixar que nossos sentimentos falassem por nós.

E eu, que nunca fui fã de histórias de amor, podia sim ver um final feliz para nós.

Na verdade, era mais perfeito do que qualquer outro que poderia sonhar. Nem nos livros que li a mocinha foi tão feliz quando ele me fazia ser.

Um mês depois de termos voltado para a Itália, eu decidi que era a hora de contar a nossa família. Nós acordamos cedo naquele dia e fomos comprar algumas coisas para a casa nova, e rumamos para dizer a novidade a Giorgia. Eu já imaginava como ela ficaria em saber que seria avó.

Luigi estacionou em frente a grande mansão e abriu a porta para mim. Fomos de mãos dadas até a porta e ele pegou sua chave do bolso, abrindo e entrando comigo logo atrás.

Passamos pelo o corredor, mas assim que adentramos a sala, o sorriso em meu rosto morreu. Abriela estava sentada com as mãos na cabeça e seus soluços podiam ser ouvidos de longe. Ouvindo o barulho do meu salto, ela olhou para cima e levantou. – Santo *Dio*, nós estamos tentamos falar com vocês dois há horas! – Ella soluçou.

Eu corri e segurei suas mãos que tremiam. Vendo Goretti e Giorgia entrarem com um copo de água cada. – Ei! Calma, respire e me conte o que houve!

Ela tentou falar, mas não conseguia de tanto que chorava. Giorgia se aproximou e me abraçou antes de dizer. – Alessa entrou em contato com você?

Franzi a testa. – Não. Não nos falamos há uns três dias.

Lucca surgiu do corredor com Dante seguindo atrás dele e se serviu de uma bebida na estante, depois me encarou. – Sua irmã deixou uma carta dizendo que não podia mais ficar aqui. Então se você sabe de alguma coisa, diga agora.

– O que está dizendo?

Luigi se aproximou de mim, segurando meu ombro.

– Alessa foi embora. – Lucca respondeu. – Eu vou caça-la até o inferno e descobrir o que aconteceu, e Deus tenha misericórdia de quem a fez fugir, porque eu não terei.

O mundo naquele momento parou, qualquer coisa que me dissessem ou fizessem eu não poderia dar a mínima, concentrada apenas naquelas palavras.

"...deixou uma carta dizendo que não podia mais ficar aqui"

No mesmo momento, Dante desencostou da parede e começou a caminhar em direção a porta. – Tenho que ir.

Eu o encarei uma última vez antes de sair, e por um segundo ele quase parou, me olhando, mas desviou o olhar como se eu não estivesse ali e bateu a porta.

– Lucca? – Abriela perguntou o que eu queria, porém, as palavras não saiam. – Como vai encontrá-la?

Ele chegou perto dela. – Não se preocupe. Eu apenas vou.

Eu esperava que sim, porque sem minha irmã, eu não sabia o que fazer.

Continua...

AGRADECIMENTOS

Essa história conquistou corações e fez com que leitoras sorrissem, chorassem e se apaixonassem em cada página. É uma das coisas mais importantes e especiais que já escrevi. Espero que tenha te cativado também.

Agradeço a Deus, por me dar a oportunidade de recomeçar todos os dias.

Aos meus pais, pelo apoio.

E as minhas leitoras, minhas Monstrinhas, que são sempre de um apoio e carinho incondicional comigo.

Espero que eu possa continuar tocando corações com cada coisa que escrever.

Um grande beijo e até o próximo.

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

O Monstro Rendido, é o terceiro volume da série e apresenta a história de Dante e Alessa.

O Monstro Liberto, é o quarto e último volume. Conta a história de Anthony.

Caso queira saber mais sobre o meu trabalho:

Instagram: @NanaSimonss

Facebook: /AutoraNanaSimons

Até o próximo!

